**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA**

**TERRITÓRIO E ESTRATÉGIA DE ASSENTAMENTO
GUARANI NA PLANÍCIE SUDOESTE DA LAGUNA DOS
PATOS E SERRA DO SUDESTE-RS**

Rafael Guedes Milheira

**Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Arqueologia, do Museu
de Arqueologia e Etnologia da Universidade
de São Paulo, para obtenção do título de
Mestre em Arqueologia.**

Orientadora: Profa. Dra. Elaine Farias Veloso Hirata

Linha de Pesquisa: Espaço e Organização Social

**São Paulo
2008**

Dedico este trabalho a todos aqueles que compreendem a importância das sociedades indígenas e se dedicam à causa destas minorias sociais.

Dedico também à memória dos índios Guarani, massacrados cultural e fisicamente pelo Estado Nacional repressor, que buscou silenciar a história indígena neste País ao longo dos séculos.

AGRADECIMENTOS

Os últimos três anos foram bastante trabalhosos, exigiram muita dedicação e estudo para que esta pesquisa pudesse ser desenvolvida. Embora tenha sido um caminho cansativo, tenho certeza de que muitas pessoas ajudaram-me a trilhar, sendo antes de tudo um trabalho coletivo, feito a dezenas de mãos. Com isso não quero me isentar de responsabilidades sobre os resultados, pelo contrário, quero na verdade valorizar o trabalho de dezenas de pessoas que auxiliaram na pesquisa em diferentes etapas. Algumas destas pessoas contribuíram de forma tão significativa, que tenho certeza de que o trabalho não teria sido realizado sem sua participação. Algumas outras auxiliaram em menor proporção, mas mesmo assim devem ser lembradas por terem dado sua contribuição como puderam.

Gostaria de agradecer imensamente a minha orientadora, a Professora Elaine Farias Veloso Hirata, que percebeu a importância desta pesquisa para a arqueologia Guarani no sul do Brasil, aceitando orientar sobre um assunto um tanto distante de sua produção acadêmica. Sua participação na pesquisa foi de extrema importância em vários momentos. Além das exaustivas leituras, correções e mais correções, sua presença foi fundamental quando se tratou de dar um incentivo, um “empurrãozinho” em algumas situações de confusão e dúvida. “Foi um prazer compartilhar e aprender”.

Gosto de dizer que tive outros dois orientadores. Um deles é o Professor Paulo DeBlasis, que atuou no desenvolvimento desta pesquisa como um co-orientador. Sua contribuição foi muito além de algumas dicas. Suas idéias germinaram o projeto, rechearam a pesquisa em todas as esferas, fazendo fluir a discussão para os aspectos da arqueologia regional. Suas leituras e sugestões quanto aos caminhos que a pesquisa deveria tomar foram influências que embasaram a pesquisa desde o princípio, sem as quais nada teria sido feito. “Uma grande inspiração, um grande arqueólogo”.

Sobre meu outro orientador, o Professor Fábio Vergara Cerqueira, fica difícil dizer alguma coisa que não seja elogiosa. Simplesmente posso defini-lo como um exemplo de profissional, inspiração desde o início da graduação. Devo agradecer ao Fábio não somente o companheirismo desde os primeiros momentos da pesquisa, mas também todo apoio relativo à estrutura de pesquisa do LEPAARQ-UFPEL. “Orientador sempre”.

À minha esposa Raquel Menezes Vaz não devo apenas agradecer, mas fazer uma reverência. Exemplo de pessoa, profissional dedicada, grande mulher, inspiração, força, paciência (muita paciência), orgulho, compreensão, carinho, amor. São apenas algumas palavras que resumem a sua pessoa. E como se não bastasse além de tudo isso ainda trabalhou em várias etapas de campo, escavando embaixo de sol, no frio e na chuva, peneirando, plotando, registrando sítios, etc. Enfim, auxiliando como pôde. Por isso, não tenho palavras para agradecer e mostrar o quanto eu fico feliz em tê-la ao meu lado. Além da Raquel todos os meus familiares merecem um grande agradecimento,

pois foram pessoas fundamentais no dia-a-dia, nas horas de necessidade, compreendendo a minha ausência e incentivando a cada vez ir mais a fundo no trabalho.

Da mesma forma agradeço a todos os colegas, amigos, pesquisadores e estagiários do LEPAARQ-UFPEL que contribuíram de alguma forma para a pesquisa, seja nas atividades de campo ou laboratório: Jorge de Oliveira Viana, Jonathan Duarte Marth, Ângela Tavares, Eliete Henrique das Neves, Anderson Marques Garcia, Carla Aldrighi, Luciana Peixoto, Luis Carlos da Silva Junior, Priscilla Ferreira Ulguim, Rafaela Ramos, Jaqueline da Silva Belletti, Luisa Maciel, Mariciana Zorzi, Antonio Vergara, Bianca Sainz, André Garcia Loureiro, Estefânia Jaeckel da Rosa.

Foram de fundamental importância também os colegas, amigos e pesquisadores que vieram de outras instituições para participar das atividades de campo, assim como aqueles que apoiaram a pesquisa com informações e análises: Jones Fiegenbaum (UNIVATES e UNISINOS), Patrícia Schneider (UNIVATES), Fernanda Schneider (UNIVATES), Neli Terezinha Galarce Machado (UNIVATES), Ximena Villagran (MAE-USP), Cledir San Martin (FURG), Charles Miranda (FURG), Maritza dos Santos Dode (FURG), Luis Alberto Silveira da Rosa (FURG), Rodrigo de Oliveira Torres (FURG), Beatriz Thiesen (FURG), Deisi Schunderlick (UNISUL-GRUPEP), André Osório Rosa (UNISINOS). Ao informante da pesquisa e amigo Sérgio Raffi, por ter percebido a importância da pesquisa arqueológica para a história indígena regional.

Cabe aqui um agradecimento especial aos meus amigos e companheiros nesta empreitada. A gurizada que este presente em praticamente todos os momentos da pesquisa, em campo e laboratório. Galera que me aturou durante estes três anos falando quase que diariamente sobre a mesma coisa no trabalho, viajando pelo interior do Estado em pesquisas do LEPAARQ-UFPEL. Agradeço muito aos pesquisadores Aluisio Gomes Alves, Welcsoner Silva da Cunha e Dagoberto Lopes - amigos incansáveis mesmo. “Parceria é parceria e era isso”.

Aos professores Carlos Appoloni (UEL) e Paulo Parreira (UEL) agradeço muito pelas análises arqueométricas na cerâmica da margem leste da Ilha da Feitoria que enriqueceram a pesquisa, assim como agradeço ao Professor Edney Koester (Geografia-UFPEL) pela leitura e sugestões sobre as descrições das fontes de matéria prima lítica. Da mesma forma, agradeço à professora Janine Fernandes Garcia pelo auxílio na realização dos croquis dos sítios arqueológicos.

Agradeço muito também aos meus amigos do MAE-USP pela calorosa acolhida e grande coleguismo: Danilo Assunção, André Penin, Eduardo Bepalez, Francisco Forte, Juliana Santi, Bruno Moraes, Ricardo Chirinos, Carolina Kesser, Fabiana Belém, Tânia Ferraz, Gilberto Franco, Arkley Bandeira, Abrahão Sanderson, Paula Nishida Barbosa, João Aires, Camila Moraes, Ângelo Corrêa, Flávio Calippo, Manuel Gonzalez, Ao pessoal da secretaria e da biblioteca, muito pacientes e competentes.

Enfim, a estas pessoas vai meu muito obrigado por terem auxiliado na pesquisa e acreditado em mim. Qualquer palavra aqui será pouco para demonstrar minha gratidão, mas espero não os ter decepcionado, ao menos não muito.

RESUMO

A dissertação Território e Estratégia de Assentamento Guarani na Planície Sudoeste da Laguna dos Patos e Serra do Sudeste - RS teve como objetivo central realizar um estudo de arqueologia regional, em que se buscou compreender as relações sistêmicas de ocupação Guarani no espaço que engloba as terras baixas da margem sudoeste da Laguna dos Patos e as terras altas da Serra do Sudeste. A partir de uma abordagem regional, buscou-se identificar e analisar sítios arqueológicos, mapear e compreender suas situações de conservação, bem como estudar as estruturas arqueológicas e os conjuntos artefatuais, para então pensar a ocupação Guarani nas suas relações de distribuição territorial e seus significados funcionais, econômicos e simbólicos. Neste sentido, a articulação dos dados da distribuição espacial dos sítios arqueológicos, da sistematização das análises tecnotipológicas, da composição dos sítios arqueológicos e das informações etnográficas e etnohistóricas, permitiram constituir um panorama histórico de longa duração, em que se constatou que os grupos Guarani empreenderam estratégias de manutenção de redes sociais e contatos inter-culturais, constituindo um domínio de território que se articula entre os distintos estratos ambientais da região.

Palavras chave: Arqueologia Guarani - Arqueologia regional - Sistema de assentamento - Território de Domínio – Organização social

ABSTRACT

The dissertation Guarani Settlement Strategy and Territory on the Southwest Plain of Laguna dos Patos and Southeast Mountain Range - RS has had as the central aim to make a study of regional archaeology, which it has been searched to comprehend the systemic relations of Guarani occupation on a space that takes the low land from Laguna dos Patos southwest border and the high land from southeast mountain range (Serra do Sudeste). From a regional approach, it has searched to identify and to analyze archeological sites, to survey and to comprehend their conservative situation, as well as it has aimed to study the archeological structures and artifact ensemble, so then we can realize the Guarani occupation on its territorial distribution and their functional, economical, and symbolical meanings. On this way, the association of the archeological settlement spatial data distribution, of the techno-tipological analyses systematization, of the archeological sites composition and of the ethnografic and ethnohistorical information, it has allowed to build up a long duration historic view, in which was realized the Guarani groups undertook social web maintenance strategies and intercultural contacts, constituting a territory dominion that articulates itself between the distinct environmental stratum of the region.

Key-words: Guarani Archeology – Regional Archeology – Settlement system - dominion territory – Social organization

SUMÁRIO

Introdução.....	01
-----------------	----

Primeira parte: Teorias, revisão bibliográfica e elementos para uma arqueologia Guarani

Capítulo 1: Arqueologia e História indígena: assumindo uma postura teórica.....	05
Capítulo 2: Elementos para uma arqueologia Guarani.....	15
2.1. Formas de expansão e ocupação do espaço.....	15
2.2. Funcionalidade das estruturas arqueológicas e indicadores de permanência.....	22
2.3. A organização do território Guarani.....	27
Capítulo 3: Revisão bibliográfica: a ocupação Guarani e suas áreas de domínio.....	30
3.1. A ocupação Guarani no Rio Grande do Sul.....	30
3.2. Histórico das pesquisas sobre a ocupação Guarani no litoral.....	33
3.3. Um breve balanço das pesquisas.....	37

Segunda Parte: Área de estudo, método de pesquisa e discussões tipológicas

Capítulo 4: Enfoque teórico-metodológico.....	40
4.1. Caracterização física da área de estudo.....	40
4.2. Metodologia de campo.....	45
4.3. Metodologia de laboratório.....	53
4.3.1. Método de análise do material cerâmico.....	54
4.3.2. Método de análise do material lítico.....	82
4.3.3. Método de análise do material arqueofaunístico.....	90

Terceira Parte: Do sítio ao contexto: a relação intra e inter-sítio e a composição de uma história de ocupação regional Guarani

Capítulo 5: Arqueologia do Litoral e da Serra: Relatório das atividades de campo e dos sítios arqueológicos.....	97
--	----

5.1. Sítios do litoral.....	97
5.1.1. Ilha da Feitoria.....	97
5.1.2. Comunidade de pescadores do sul da lha.....	98
5.1.3. Sítio PT-01- Sotéia: Sede da Sotéia, Casa Queimada e Sítio Guarani.....	99
5.1.3.1. Sede da fazenda Sotéia.....	99
5.1.3.2. Casa queimada.....	101
5.1.4. PT-02-Cerrito da Sotéia.....	101
5.1.5. Margem leste e sul da Ilha da Feitoria.....	102
5.1.6. Sítio Guarani PT-01-Sotéia.....	110
5.1.7. Sítio Guarani PT-05-Lagoinha.....	115
5.1.8. Sítio Guarani PP-01-Hospital.....	119
5.1.9. Sítio Guarani PSG-17-Las Acácias.....	120
5. 1.10. Sítio Guarani PS-01-Arroio Sujo.....	125
5. 1.11. Sítio Guarani PS-02-Camping.....	126
5. 1.12. Sítio Guarani PS-03-Totó.....	138
5. 1.13. Cerritos do Valverde.....	162
 5.2. Sítios da serra.....	 165
5.2.1. Sítio Guarani PSGPA-01-Raffi 1.....	166
5.2.2. Sítio Guarani PSGPA-02-Schwanke 1.....	169
5.2.3. Sítio Guarani PSGPA-03-Rutz.....	171
5.2.4. Sítio Guarani PSGPA-04-Ribes.....	173
5.2.5. Sítio Guarani Raffi 2.....	182
5.2.6. Sítio Guarani Schwanke 2.....	182
5.2.7. Sítio Guarani Dummer.....	183
5.2.8. Sítio Guarani Fouchi.....	184
5.2.9. Sítio Guarani Magalon 1.....	185
5.2.10. Sítio Guarani Magalon 2.....	186
 Capítulo 6: Discussão de um modelo regional de ocupação: o contexto sistêmico do teko'á do arroio Pelotas.....	 187
 Conclusão.....	 201
 Bibliografia.....	 204

Índice de anexos

Anexo 1. Tabela de datações dos sítios arqueológicos da região da Laguna dos Patos, Lagoa do Quintão e Serra do Sudeste

Anexo 2. Mapa arqueológico do município de Pelotas

Anexo 3. Prancha de fotos com pasta cerâmica

Anexo 4. Modelo de representação das bordas

Anexo 5. Tabelas de quantificação de materiais líticos dos sítios do litoral: lascas e instrumentos

Anexo 6. Sítio PT-01-Sotéia: Croqui de sítio, topografia e delimitação aproximativa do sítio com dispersão de materiais e sondagens.

Anexo 7. Sítio PT-05-Lagoinha: Croqui de sítio, topografia e delimitação aproximativa do sítio com dispersão de materiais e sondagens.

Anexo 8. Sítio PS-02-Camping: Croqui de sítio, topografia e delimitação aproximativa do sítio com dispersão de materiais e sondagens.

Anexo 9. Sítio PS-03-Totó: Croqui de sítio, topografia e delimitação aproximativa do sítio com dispersão de materiais e sondagens.

Anexo 10. Sítio PSGPA-01-Raffi 1: Topografia do setor leste do sítio

Anexo 11. Sítio PSGPA-04-Ribes: Croqui do sítio

Anexo 12. Prancha de projeções de bordas e potes da margem leste da Feitoria

Anexo 13. Prancha de projeções de bordas e potes. Sítio Sotéia

Anexo 14. Prancha de projeções de bordas e potes. Sítio Lagoinha

Anexo 15. Prancha de projeções de bordas e potes. Sítio Las Acácias

Anexo 16. Prancha de projeções de bordas e potes. Sítio Camping

Anexo 17. Prancha de projeções de bordas e potes. Sítio Totó

Anexo 18. Prancha de projeções de bordas e potes. Sítio Raffi 1

Anexo 19. Prancha de projeções de bordas e potes. Sítio Schwanke 1

Anexo 20. Prancha de projeções de bordas e potes. Sítio Rutz

Anexo 21. Prancha de projeções de bordas e potes. Sítio Ribes

Anexo 22. Dados de datações químicas. Sítios Camping, Totó e Ribes

Anexo 23. Tabela dos sítios arqueológicos do município de Pelotas: UTM, elevação e intervenções.

Introdução

A pesquisa *Território e Estratégia de Assentamento Guarani na Planície Sudoeste da Laguna dos Patos e Serra do Sudeste - RS* tem como objetivo realizar um estudo de arqueologia regional para identificar e analisar sítios arqueológicos, mapear e definir as situações de conservação dos mesmos e, com isso, entender o sistema de ocupação regional Guarani na área que compreende a margem sudoeste da laguna dos Patos e Serra do Sudeste, no município de Pelotas-RS.

A pesquisa foi desenvolvida sob a orientação da Professora Dra. Elaine Farias Veloso Hirata do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE-USP) e auxílio intelectual do Prof. Dr. Paulo DeBlasis, além de contar com o apoio institucional e logístico do Laboratório de Ensino e Pesquisa em Antropologia e Arqueologia da Universidade Federal de Pelotas (LEPAARQ-UFPel), coordenado pelo Prof. Dr. Fábio Vergara Cerqueira que também assessora do ponto de vista intelectual o desenvolvimento da pesquisa. O projeto também contou com o apoio financeiro do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), através de bolsa de mestrado.

A região de estudo foi primeiramente pesquisada pela arqueologia ainda na década de 60, através das pesquisas do PRONAPA (Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas), quando dezenas de sítios foram identificadas e pesquisadas. Após um hiato de aproximadamente duas décadas sem trabalhos relacionados à arqueologia (entre os anos 80 e 90), o levantamento arqueológico vem sendo desenvolvido desde o ano de 2001, através do Projeto de Mapeamento Arqueológico de Pelotas e Região, em desenvolvimento pelo LEPAARQ-UFPel.

Mapear sítios arqueológicos, registrar áreas de ocorrência e compreender o processo de ocupação regional a partir de uma perspectiva sistêmica têm sido os principais objetivos desta pesquisa. Há a necessidade de uma atuação desse tipo, pois o município de Pelotas e seu entorno é uma área praticamente intocada do ponto de vista das pesquisas arqueológicas: os trabalhos arqueológicos anteriores não se voltaram para estudos sistemáticos e amplos. Nota-se, no entanto, que a região tem um potencial de pesquisa bastante amplo, tendo em vista sua localização geográfica, que se configura como um ecótono ambiental e também pelos muitos achados arqueológicos e informações da comunidade local.

A área de estudo do Projeto se situa na porção meridional da Laguna dos Patos, mais especificamente na sua margem sudoeste e porção sul da Serra do Sudeste. As atividades de mapeamento, registro e identificação permitiram a localização de 37 sítios arqueológicos pré-históricos, todos situados nos municípios de Pelotas, sendo 20 sítios Guarani e 17 Cerritos (ver mapa arqueológico em anexo 2).

No litoral da Laguna foram identificados sete sítios Guarani. Destes, dois se localizam na Ilha da Feitoria (PT-01-Sotéia e PT-05-Lagoinha). Um se localiza na margem do canal São Gonçalo sobre um cordão de dunas fósseis (PSG-17-Las Acácias), outro na margem da Laguna também sobre dunas fósseis (PP-01-Hospital) e outros três na Praia do Totó, denominados PS-01-Arroio Sujo, PS-02-Camping e PS-03-Totó .

Na Serra do Sudeste foram identificados outros treze sítios Guarani, sendo três situados na região da Colônia Maciel, município de Pelotas, próximos do Morro Farroupilha, denominados de Sítio Tico-Tico, Sítio da Escultura e Sítio do seu Maneco. Os outros dez sítios Guarani foram localizados nas proximidades do vale do arroio Andrade e arroio Correntes, próximos do morro dos Três Cerros e denominados Sítios Magalon 1, Magalon 2, Sítio Dummer, Sítio PSGPA-03-Rutz, PSGPA-01-Sítio Raffi 1, Raffi 2, Sítios PSGPA-02-Schwanke 1, Schwanke 2, Sítio PSGPA-04-Ribes e Sítio Fouchi.

O presente trabalho foi desenvolvido em três partes e seis capítulos que têm como resultado a proposição de um modelo interpretativo sistêmico relativo à ocupação regional Guarani. Esta hipótese se assenta em pressupostos teóricos expostos inicialmente e aplicados ao conjunto de dados resultante das atividades de pesquisa nos sítios arqueológicos, descritas também nesta dissertação.

No primeiro capítulo apresentamos a base teórica do trabalho, a partir de um breve balanço das práticas arqueológicas desenvolvidas no Brasil desde as pesquisas do PRONAPA, - enquadradas como histórico-culturalista - até as pesquisas realizadas a partir dos anos 80, que resultaram em uma nova e mais complexa maneira de fazer arqueologia Guarani. A partir desta avaliação buscamos apresentar nossa visão de arqueologia, numa perspectiva historicista e antropológica, em que se articulam diferentes fontes para compreender a história indígena Guarani.

No segundo capítulo da dissertação é sobre a revisão bibliográfica que nos debruçamos, trazendo para a discussão elementos para uma arqueologia Guarani, que serão então a base para as discussões e proposição do modelo de ocupação regional. Na revisão estão presentes dados sobre as formas de expansão e ocupação territorial das populações Guarani, que se referem às noções de território e organização social. Estas noções de expansão e território Guarani divergiram e se complexificaram ao longo das pesquisas arqueológicas, sobretudo com a utilização de fontes que vão além dos dados arqueológicos, como por exemplo, fontes etnohistóricas e etnográficas.

Ainda neste capítulo apresentamos os conceitos de estruturas arqueológicas, surgindo aqui como critérios necessários a serem aplicados sobre os dados empíricos. Das estruturas arqueológicas, que se caracterizam por ocorrerem numa esférica micro-contextual, partimos à definição de áreas de atividade mais amplas (acampamentos e aldeias), que compõem parte do macro-contexto

espacial Guarani. Estes dados serão importantes para pensarmos mais adiante o modelo de ocupação sistêmica, em que se articulam diferentes espaços dentro da área de domínio territorial Guarani.

No terceiro capítulo damos continuidade à revisão bibliográfica, agora com a apresentação de dados sobre as pesquisas desenvolvidas no Rio Grande do Sul, buscando-se entender, através dos aspectos cronológicos e de áreas de ocupação, o processo de ocupação territorial desde o interior do estado até a região litorânea, onde se deu o último momento de ocupação Guarani. No último item da revisão bibliográfica compõem-se um histórico das pesquisas em sítios Guarani do litoral, discutindo-se os dados, os objetivos, os resultados e as lacunas, que surgem aqui como problemas de pesquisa a serem desenvolvidos.

O quarto capítulo inicia-se com a caracterização da área de pesquisa nos seus aspectos físico-ambientais, partindo então à discussão de critérios metodológicos das atividades de campo e das análises de laboratório. Em campo, a metodologia da pesquisa é embasada no método de Múltiplos Estágios (Redman 1973) e se caracteriza como um trabalho de Levantamento Arqueológico por Amostragem Probabilística Estratificada (*cf.* Araujo 2001; Dias 2003). Neste sentido, para identificar os sítios arqueológicos realizam-se levantamentos arqueológicos sistemáticos e assistemáticos, bem como levantamentos oportunistas a partir das informações provenientes da comunidade local. Procede-se posteriormente ao levantamento, às intervenções intra-sítio, como sondagens e escavações arqueológicas.

Em laboratório nos debruçamos à análise tecno-tipológica dos artefatos cerâmicos, em que se buscou a análise quantitativa e qualitativa dos fragmentos e a projeção de vasilhas através das bordas, para então refletir sobre aspectos funcionais dos sítios, diferentes estratégias de assentamento e domínio territorial, contextos sociais de ensino-aprendizagem e produção cerâmica, entre outras questões. Da mesma forma, a análise de materiais líticos permitiu, da mesma forma, discutir a amplitude do sistema de assentamento Guarani e refletir sobre produção, uso, descarte e investimento de obtenção de matéria prima lítica. O material arqueofaunístico, por sua vez, possibilitou uma breve discussão sobre consumo e dieta alimentar, bem como traz à luz dados importantes sobre a relação entre os sítios arqueológicos do litoral.

O quinto capítulo da dissertação é um amplo relatório das atividades de intervenção em cada sítio arqueológico. São apresentados os dados sobre a implantação dos sítios na paisagem, metodologia aplicada nas pesquisas de campo em cada contexto, a presença ou ausência de estruturas arqueológicas e a sistematização dos estudos tecno-tipológicos dos vestígios materiais coletados em campo. Além disso, discutem-se aspectos funcionais de cada sítio arqueológico, buscando-se, com isto, trazer elementos para uma discussão sistêmica em que se articulam sítios arqueológicos destinados a diferentes funções.

Ao discutir problemas de pesquisa oriundos da revisão bibliográfica; enquadrar a pesquisa nos seus aspectos teóricos; apresentar critérios de análise de campo e laboratório e relatar as atividades de intervenção em cada sítio arqueológico; no sexto capítulo busca-se a composição de um modelo de ocupação regional Guarani que se articula entre as terras altas da serra do Sudeste e as terras baixas do litoral da Laguna dos Patos. Trata-se da sugestão de um modelo de um sistema de assentamento Guarani constituído por redes sociais, em que são percebidas diferentes estratégias de ocupação territorial.

Primeira parte

**Teorias, revisão bibliográfica e elementos para uma
arqueologia Guarani**

Capítulo 1

Arqueologia e História indígena: assumindo uma postura teórica

Assumir uma postura teórica em Arqueologia nem sempre é tarefa fácil, sobretudo quando se trata como no nosso caso, de um estudante em formação. Ao mesmo tempo em que não é tarefa fácil, sempre ouvimos e aprendemos de professores e colegas que há a necessidade quase imediata de que se assuma uma ou outra teoria, mesmo que, por vezes, nem mesmo os mais sabidos saibam muito bem o que isso quer dizer.

Uma postura teórica implica em uma série de questões a serem discutidas, sobre as quais nem sempre é possível se aprofundar com propriedade. Entretanto, é necessário termos uma visão geral dos problemas que uma posição teórica pode trazer e quais os empecilhos com os quais os estudantes se deparam para tal tarefa que se torna difícil talvez por uma série de razões, das quais duas considero fundamentais.

Em primeiro lugar, a partir das leituras de arqueólogos e antropólogos experientes, percebe-se que o fato de assumir uma postura frente a uma teoria, antes de um simples “querer” é, na verdade, o resultado de uma posse de uma erudição, que não se limita somente a leituras bibliográficas e documentais de fontes primárias e secundárias, mas é o resultado de um processo que combina essas leituras e o processamento e sistematização das mesmas com experiências qualificadas de campo. Isso traz à tona uma reflexão: para assumirmos uma postura teórica é necessário ter assimilado muitas leituras e ter exercido *alguns anos de estrada*.

Em segundo lugar, o meio acadêmico, se por um lado impele à necessidade de se posicionar frente às teorias, por outro lado, é bastante crítico com os que se dispõe a esta tarefa de forma “equivocada”, sem base erudita ou mesmo sem a devida experiência. Nesse caso, a Academia é um espaço de trabalho que incita ao posicionamento, mas que consome os pouco cautelosos. Talvez seja esse um dos motivos que leva alguns profissionais e estudantes a preferirem, pelo máximo de tempo possível, se manter o mais próximo da neutralidade, mesmo sabendo que essa é uma postura utópica.

Não se pretende aqui fazer uma teoria da assimilação de postura teórica, nem traçar os percalços e peculiaridades de se assumir uma posição no meio acadêmico da arqueologia brasileira. Pretendemos sim, demonstrar como o presente trabalho foi sendo recheado ou moldado através de um posicionamento teórico, sendo este o resultado de escolhas provenientes de um leque de possibilidades e leituras. Nem tampouco se pretende desestimular o leitor a assumir uma postura teórica. Pelo contrário, objetiva-se colocar que o estudante deve ter em mente alguns critérios e inspirações e que

esses sejam resultantes de reflexões individuais embasadas na literatura disponível e nas suas experiências profissionais.

Apresenta-se, neste item a discussão sobre a definição da arqueologia, sendo esta pensada ao longo da história da disciplina como antropologia ou como história. Para isso, serão apresentados alguns dados da origem dessa discussão na arqueologia americana e como a arqueologia foi tratada no Brasil desde seu período de profissionalização com a implantação do Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA). Objetiva-se com isso, refletir sobre a perspectiva teórica adotada por esse Programa e sua influência no *fazer arqueológico* nacional.

Após um balanço da influência do PRONAPA na arqueologia brasileira, pretende-se demonstrar como foi estimulada, nos anos 1980, por teóricos estrangeiros a ponto de assumir, ao menos no que se refere à arqueologia dos povos Tupi-guarani, uma postura historicista bastante marcada, que levou em consideração não somente o estudo do registro material das sociedades ameríndias, mas também a perspectivaêmica.

Essa discussão se constituirá na base sobre a qual se assenta a postura científica presente neste trabalho, que é tanto histórica como antropológica. Com isso queremos dizer desde já que consideramos frutífera a perspectiva histórica, que leva em consideração a noção de continuidade e valoriza a análise na perspectiva da longa duração e os princípios teóricos processualistas, que contemplam uma visão sistêmica das culturas.

✓ **O Histórico-culturalismo e suas diferentes vertentes**

O primeiro fator a se considerar aqui é a discussão entre a arqueologia ser história ou antropologia. Essa é uma questão amplamente discutida no meio acadêmico em nível internacional e parece ter sido iniciada nos anos 60, com o advento do paradigma teórico processualista. O texto hoje clássico de Lewys Binford: *Archaeology as Anthropology*, publicado no ano de 1962 apresenta em sua primeira colocação, no primeiro parágrafo, que a arqueologia é antropologia ou não é nada¹. Binford chama atenção em seu texto para os objetivos da antropologia e da arqueologia, considerando que ambas têm semelhanças por serem disciplinas que se debruçam ao estudo das culturas humanas. No entanto, considera que a arqueologia não tem dado muitas contribuições ao conhecimento das sociedades passadas em função de se debruçar em leituras de eventos do passado, enquanto que a antropologia, por sua vez, se dedica a estudos sistêmicos de estruturas de referência (*systemic frames of reference*) (Binford 1962: 217).

¹ Partindo de uma inspiração em Willey & Philips (1958), Binford apresenta a seguinte frase: “It has been aptly stated that ‘American archaeology is anthropology or it is nothing’” (Binford 1962: 217).

Um bom exemplo dessa discussão, em nível internacional, entre os *arqueólogos tradicionais* e os *novos arqueólogos*, está registrado em Flannery, datado de 1967. Assim, aproveitando uma discussão do livro de Gordon Willey², o arqueólogo Kent Flannery apresenta elementos de um debate recorrente no ambiente acadêmico estadunidense, e tenta sistematizar, talvez até de forma muito simplista, os argumentos da vertente teórica histórico-culturalista *versus* a vertente processualista. Apresenta as diferenças entre as duas escolas teóricas, considerando que a primeira se dedica ao estabelecimento de panoramas espaço-temporais gerais (*time-space grids*), enquanto a segunda se debruça ao estudo de comportamentos humanos coletivos em articulação com o meio ambiente (*Systemic approach*).

A partir desse momento se dá um embate teórico bastante profundo e profícuo, que redefiniu, por algum tempo, as formas de produção científica arqueológica em nível internacional. . No Brasil, porém, como bem constatado por Noelli (1993) e Noelli & Ferreira (2007), essa discussão só é colocada em pauta mais de 20 anos depois. Este atraso se deveu, segundo estes autores, à implantação e à influência política, teórica e institucional do PRONAPA. Com a instituição desse Programa em nosso país, os princípios teóricos histórico-culturalistas tornaram-se hegemônicos e seus adeptos viram nesta proposta generalista e empiricista uma estratégia adequada para o desenvolvimento da pesquisa arqueológica no Brasil. O objetivo principal do Programa foi tentar estabelecer um quadro geral da ocupação do território brasileiro, já que 99% do território brasileiro era *terra incógnita* do ponto de vista arqueológico,³ embasando-se, para isso, em um esquema cronológico de datações relativas e absolutas (Gaspar 2000: 21).

O viés político do Programa, que assumia ares de neutralidade, veio a formar um grupo de arqueólogos que, de certa forma, desvinculou o fazer arqueológico das discussões indigenistas da época. Percebe-se a partir de uma análise comparativa da história de desenvolvimento da arqueologia e a da antropologia que, num dado momento do seu processo de implantação enquanto ciência houve uma desconexão teórica das propostas e objetivos de produção de conhecimento de ambas as disciplinas sobre as sociedades indígenas, e mais especificamente sobre os grupos Tupi-Guarani. Se por um lado, a antropologia dos anos 60 se preocupou em se inserir num contexto de atuação em que profissionais passaram a desenvolver uma ciência engajada, por outro lado, a arqueologia se voltou a um grau excessivo de “neutralidade” política, abrindo mão de uma atuação de inserção social politizada. Nesse sentido, entende-se que houve uma ruptura, ao menos do ponto de vista acadêmico, nas formas de atuação dos pesquisadores de ambas as disciplinas no que se refere à descrição e constituição da história e cultura indígena (Santos 1997).

² *An Introduction to American Archaeology, Volume I: North and Middle America*. Além deste autor, destacamos o livro de Bruce Trigger, datado de 1989, em que o autor apresenta uma ampla e madura discussão epistemológica sobre o surgimento da nova arqueologia e suas críticas ao histórico-culturalismo.

³ Ver mais detalhes em Dias 1994, 1995, 2003; Soares 1996; Noelli 1993; Noelli & Ferreira 2007.

Voltando ao PRONAPA, além dos aspectos institucionais e políticos, um problema preocupante do Programa foi o modelo de organização do conhecimento gerado a partir dos trabalhos de campo e laboratório. O esquema de generalização do processo de ocupação foi definido através dos conceitos de tradições e fases (sistematizadas em Terminologia 1976). A organização desses conceitos empiricamente elaborados promoveu uma ruptura entre o registro material das culturas indígenas pretéritas e presentes. Nesse sentido, as tradições e fases desvincularam, por exemplo, os Tupi-Guarani pré-históricos dos Tupi-Guarani históricos. De forma explícita, foi pensada uma dissociação entre cultura material e língua, nomeando-se a Tradição Ceramista *Tupiguarani*, que passou a ser escrita *sem hífen*, em contraposição à língua *Tupi-Guarani* que continuaria a ser escrita *com hífen*. Essa perspectiva está relacionada ao pressuposto de que o registro material proveniente dos sítios arqueológicos pré-históricos não tem correlação necessária com as populações indígenas do período histórico. Desta forma houve uma tentativa de desarticulação do processo histórico indígena através do isolamento de dois períodos - anterior e posterior ao contato - sem levar em consideração a continuidade histórica, pois, conforme Noelli (2008):

“O princípio norteador da Tradição Tupiguarani não tem por objetivo estabelecer a continuidade entre contextos arqueológicos e culturais, seguindo o pressuposto ‘tratar a cultura de uma maneira artificialmente separada dos seres humanos’, enunciada por Meggers (1955: 129)” (Noelli 2008: s/p).

A noção de descontinuidade histórica das populações indígenas pode ser interpretada como a gênese de uma arqueologia desprovida de significado social. A arqueologia desenvolvida sobretudo nas décadas de sessenta e setenta do século XX, constituiu-se em um campo de pesquisa que não levou em consideração a memória dos grupos indígenas nem as preocupações políticas de proteção aos índios, como vinha sendo feito pelos antropólogos. Os arqueólogos passaram a estudar as populações indígenas pretéritas, exclusivamente através do registro arqueológico sem utilizar outras fontes como a etnohistória e a etnografia. Dessa forma, a arqueologia produziu conhecimento sobre as populações indígenas através de categorias objetivas (éticas), em que possíveis contribuições das próprias populações indígenas enquanto categorias êmicas foram relegadas a um segundo plano. Temos então a constituição de modelos interpretativos desprovidos de significado histórico-social, visto que as análises descritivas e empiricistas, baseadas em procedimentos comparativos de atributos estilísticos e tecnológicos, permitiram tão somente a composição de classificações e estudos taxonômicos que dão conta de diferenças formais dos objetos e dos sítios arqueológicos, mas pouco contribuíram para o conhecimento da história e da cultura indígenas.

A adoção da perspectiva da descontinuidade histórica foi responsável pela organização de um esquema teórico que vislumbra os sistemas sociais indígenas como estruturas fechadas em si

mesmas, separadas e cristalizadas em *bolhas*, sendo uma formada pelo período anterior ao contato e a outra pelo período pós-contato. Neste esquema, o contato (ou processo de colonização européia) é o bloqueio entre as duas bolhas, um marco de referência temporal isolante de duas metades. Essa metáfora pode ser encaixada naquilo que (Viveiros de Castro 1999) chama de estereótipos sociais vinculados aos conceitos de *índio naturalmente selvagem* e *índio civilizado*.

Nesse sentido:

“(...) o mundo social ameríndio anterior ao contato com os europeus é visto em ermos descontínuistas, estáticos e naturalizantes. Como se a história só começasse, para esses povos, a partir do momento em que eles comessem a se transformar em apêndices do Estado nacional. É só a partir dali que eles se tornam objetiva e subjetivamente ‘desnaturalizados’, isto é, históricos, situacionados (...). Dá-se com isso, a impressão falsa de que os índios viviam, ‘de certo modo’, dentro de universos sociológicos e cognitivos insulares, sem nenhuma noção de alteridade e nenhum dispositivo interétnico até o advento desnaturalizante dos europeus” (Viveiros de Castro 1999: 167).

Segundo Fausto (2001), o indígena não contatado, ou aquele que não foi inserido no *sistema nacional* insere-se no mito do *Bom Selvagem*. Esse mito, originado ainda entre os primeiros viajantes e conquistadores europeus e cristalizado na filosofia de Rousseau ainda no século XIX é carregado de uma visão romântica de que a pureza, e também a pura maldade, das sociedades humanas estaria exemplificada (ou mesmo fossilizada) na natureza das sociedades primitivas como as ameríndias. Ainda de acordo com o Fausto (2001), essa visão estereotipada e cristalizada na sociedade brasileira atual resulta na noção de que o índio é um ser distinto por natureza e as sociedades ameríndias têm uma história particular, que se desenvolve em paralelo ou marginalmente à das sociedades nacionais.

Forma semelhante de compreender as sociedades indígenas parece ter sido a dos idealizadores do PRONAPA. A descontinuidade histórica e cultural indígena, o rompimento entre o período anterior e posterior ao contato, constituída em parte, pela forma empiricista e descritivista de pensar a cultura material indígena, levou os pesquisadores a comporem estereótipos sociais que não levam em consideração a história indígena em larga escala ou, em outras palavras, uma história indígena de longa duração. Além disso, segundo Noelli e Ferreira (2007), o PRONAPA permitiu aos seus idealizadores e coordenadores reestruturar os fundamentos de uma arqueologia colonialista, inaugurada ainda no século XIX. Essa reestruturação teórica, na verdade, teria somente efetivado uma releitura das obras evolucionistas vigentes no Brasil imperial e republicano, dando continuidade à uma postura “degeneracionista”⁴.

⁴ Segundo Noelli e Ferreira (2007), o “degeneracionismo” diz respeito ao modo como as sociedades indígenas foram compreendidas no processo histórico brasileiro e mesmo latino-americano. A degeneração social e cultural indígena foi uma premissa teórica clara entre os cientistas dos séculos XIX e XX, que viram, em primeiro plano, na estrutura cultural indígena

Pois bem, se constatamos que o PRONAPA instaurou um modo de fazer arqueologia que teve como pressuposto a descontinuidade entre o período pré e pós contato ou, mais ainda, um esquema que deixa em segundo plano a história cultural e social indígena a fim de constituir um *fazer arqueológico* embasado na dissensão entre cultura material e os homens, fica a pergunta: **como pode-se dizer que o PRONAPA foi um programa histórico-culturalista?**

Antes de responder a essa pergunta, consideramos que ainda um outro panorama teórico deve ser traçado, mesmo que de forma breve, para que possamos aqui comparar perspectivas teóricas diferentes e, com isso, refletir a ascensão das diferenças teóricas da arqueologia Guarani.

Nos anos 1980, uma forma nova de pesquisa em arqueologia passou a tomar corpo no cenário nacional brasileiro. Com uma perspectiva histórica vertical que busca uma relação direta entre as populações ameríndias do período pré e pós contato, o arqueólogo José Proença Brochado, inspirado nas idéias de seu orientador, o arqueólogo norte-americano Donald Lathrap, busca constituir um panorama histórico e cultural das sociedades ameríndias no vasto território sul-americano. Considera-se a tese de Brochado (1984), nunca publicada, mas amplamente difundida no meio acadêmico, um marco referencial para uma nova abordagem arqueológica. Essa tese, além de ter efetuado uma ampla sistematização dos dados sobre as sociedades ameríndias de grupos ceramistas, passou a ser vista como uma inspiração importante, sobretudo para os pesquisadores que se voltam para o entendimento do passado das sociedades Tupi-Guarani. Em seu trabalho, Brochado objetiva claramente estabelecer uma conexão direta entre o passado das sociedades indígenas - anteriores ao contato com as sociedades européias - e as sociedades indígenas atuais. Para tanto, retoma o uso de fontes etnográficas e etnohistóricas cotejadas com a documentação arqueológica. Diante da fragilidade de um panorama de datações e da ausência de estudos sistemáticos de história que lhe permitisse aprofundar as questões relativas à origem e dispersão das sociedades Tupi-Guarani, Brochado se valeu de estudos da lingüística-histórica.

A tese de Brochado, em síntese, re-inaugura o *fazer arqueológico* com base em analogias etnográficas. Para o autor, a relação histórica direta entre o período pré-colonial e colonial dos grupos Tupi-Guarani deve ser buscada e a pesquisa arqueológica deve primar pela busca da história indígena. Esta perspectiva fez escola no Brasil; desde então, boa parte dos arqueólogos interessados em estudar a arqueologia Tupi-Guarani fazem uso das fontes etnográficas e etnohistóricas em suas pesquisas e não mais abordam a história indígena de forma descontinuista⁵.

o cerne da involução sócio-cultural a que esses se mantinham e, em segundo plano, nas barreiras ambientais, o empecilho ao desenvolvimento sócio-cultural. Além da análise epistemológica, o que preocupa ainda mais os autores é que essa premissa ainda circula na produção acadêmica contemporânea, sendo necessário degenerar a teoria degeneracionista.

⁵ Ver, por exemplo: Noelli 1993, 1999-2000, 2004; Noelli & Ferreira 2007; Soares 1997, 1999, 2002; Silva 2000, 2000a; Monticelli 1995; La Salvia & Brochado 1989; Assis 1996; Assis & Garlet 2002.

Assim, com estes arqueólogos a perspectiva *etnohistórica* começou a ser integrada à pesquisa arqueológica. Viveiros de Castro em sua resenha do livro *História dos Índios no Brasil* (1993), assim reflete sobre a etnohistória:

“(...) o saber desta ou daquela sociedade a respeito de sua inscrição na temporalidade, dos métodos que usa para ordenar e preencher a série temporal (narrativas tipologicamente diferenciadas sobre o passado, marcadores lingüístico-retóricos evidenciais ou citacionais, crônicas genealógicas, cronologias e calendários, mitologias, relíquias e troféus.), dos eventos que retém e elabora, daqueles que ignora ou oculta. (...)”

Pode-se dizer ainda ‘etno-história’, do que seria melhor chamar de etnofilosofia da história, isto é, aquelas concepções (explícitas ou implícitas) mais abstratas ou gerais sobre as propriedades da série temporal: tratamento do evento por dispositivos conceituais de explicação e classificação, distinções entre ‘tempo mítico’ e ‘tempo histórico’, orientação para a origem ou o fim da história, gêneses, ciclos e escatologias cósmicas... Podem-se, finalmente, definir como etno-históricas aquelas investigações que procuram elucidar os modos pelos quais as sociedades indígenas administram ideológica e praticamente o contato com a sociedade ocidental. (...)”

Trocando em miúdos: ‘história indígena’ possuiria um sentido possessivo (quando é uma ‘metadisciplina’, uma etno-história no sentido próprio) e um sentido genitivo – ou, como diriam alguns antropólogos, inspirando-se na distinção entre os níveis fonêmico e fonético da língua, um sentido ‘êmico’ e um sentido ‘ético’ -, cujo cruzamento é um problema, não uma evidência” (Viveiros de Castro 1993: 25).

A partir destas muito breves reflexões sobre a pesquisa arqueológica na construção de uma história indígena, reitera-se como importante a retomada de uma arqueologia engajada e que se utilize de fontes etnohistóricas na construção do conhecimento a respeito dos Guarani. Assim, dentro das limitações dessa pesquisa, nos valem de alguns trabalhos etnoarqueológicos para a construção de um modelo regional de ocupação Guarani⁶.

Voltando novamente ao PRONAPA, mas agora com uma perspectiva de análise já mais avançada, consideramos útil realizar uma distinção entre o histórico-culturalismo, efetivado pelo Programa, e o histórico-culturalismo re-inaugurado nos anos 1980, tendo como marco de referência a Tese de Brochado (1984). Acreditamos que o fator fundamental para traçar a distinção entre as duas vertentes esteja na noção de história, assumida de forma distinta pelas duas perspectivas. Trata-se

⁶ Pensa-se que seriam enriquecedoras atividades de coleta de dados entre comunidades indígenas, como foi realizado por Monticelli (1996), na problematização das tecno-tipologias das cerâmicas arqueológicas. Fica então como sugestão para trabalhos futuros uma experiência de observação participante (*Living Archaeology*) que permita ampliar os conceitos e as noções de território e espaço, função de assentamento e a relação com as estruturas e tipologias materiais.

efetivamente aqui de duas abordagens históricas totalmente divergentes. A primeira, *descontinuista*, que compreende a história indígena a partir de rupturas e desconexão entre o passado “arqueológico” e o presente “etnográfico”, enfatiza o *evento* - no caso o *contato* com o europeu – como o fator determinante deste rompimento. A segunda, *continuista*, tem a base historicista conectando ou relacionando diretamente o mundo ameríndio anterior e posterior ao contato e assim privilegiando a noção de *processo*, a ótica da longa duração tão cara aos pesquisadores dos Annales.

Tentando demarcar as fronteiras entre as duas perspectivas, propõem-se uma classificação diferenciada para essas duas abordagens histórico-culturalistas, que diz respeito ao modelo com que as sociedades indígenas foram tratadas através da produção científica arqueológica. No primeiro caso, o PRONAPA parece ter tido um interesse muito claro em classificar, descrever e compor um panorama geral dos processos migratórios e cronológicos das sociedades ameríndias, se utilizando, para isso, de análises comparativas e exaustivas do registro material, em detrimento das fontes etnohistóricas e etnográficas. Nesse caso, é interessante enquadrar este momento da arqueologia brasileira como o período *histórico-culturalista* com uma ênfase exaustiva num esquema *histórico-classificatório*, citado em Noelli (2008), que diz respeito ao período de predomínio da arqueologia tradicional na arqueologia americana.

No segundo caso e em direção oposta, a arqueologia *continuista* de Brochado e dos arqueólogos que nele se inspiraram parece ter sido voltada para o estudo da história indígena numa estrutura de longa duração, levando-se em consideração não somente a relação direta entre o período pré e pós contato, mas também a relação entre cultura material e sociedades indígenas. Considera-se aqui, que sua postura teórica historicista permite adequar seu trabalho a uma perspectiva realmente *histórico-culturalista*, mais engajada e menos descritivista. Podemos notar, de forma sintética, qual a visão de Brochado sobre a arqueologia e sua relação com a história indígena no seguinte trecho inicial de sua tese:

“Gostaria, nesta tese, de contribuir no sentido de que as futuras histórias da América pré-colombiana possam oferecer uma visão mais integrada e significativa do que a mera descrição de formas culturais e do seu arranjo em sistemas de referência geográfica e cronológica. Portanto, a primeira coisa que considerarei aqui é que a arqueologia do leste da América do Sul deve ser vista como a pré-história das populações indígenas históricas e atuais. Se não forem estabelecidas relações entre as manifestações arqueológicas e as populações que os produziram, o mais importante terá se perdido. Assim, as conotações etnográficas das tradições e estilos não devem ser evitadas, mas, pelo contrário, deliberadamente perseguidas” (Brochado 1984: 1).

✓ **Por uma história indígena de longa duração: Arqueologia, História e Antropologia**

Com base na discussão apresentada, que deve ser compreendida como um breve balanço de momentos da arqueologia brasileira, e, mais especificamente da arqueologia Tupi-Guarani, talvez já tenha ficado clara a postura teórica a que esse trabalho pretende adotar.

Para a realização dessa pesquisa, nos pareceu interessante considerar que o estudo da ocupação regional dos grupos indígenas, mais especificamente Guarani, na margem sudoeste da Laguna dos Patos e Serra do Sudeste deva ser encarado como o estudo da história dessa ocupação humana. Com isso, chama-se atenção para uma história regional de longa duração, em que se estabelece uma relação direta entre os grupos indígenas do período pré e pós contato. . Essa posição teórica nos permite assumir uma definição clara frente às possibilidades interpretativas e de construção de discursos arqueológicos e possibilita a utilização de categorias variadas de fontes que venham a enriquecer o conjunto de informações disponíveis.

Reiteramos que esta abordagem de cunho historicista em nada se aproxima, no entanto, da perspectiva histórico-culturalista-descritivista da arqueologia brasileira dos anos 1960 e 1970. Procura-se, com esse trabalho, abordar a arqueologia Guarani de forma ampla e com uma postura teórica aberta, em que muitas vozes possam convergir na construção da narrativa arqueológica sobre o passado e a cultura indígena, sejam essas vozes provenientes da etnografia ou da história.

Ao enfatizar a história e a cultura, buscamos aproximar essa pesquisa, ao menos do ponto de vista teórico, daquilo que Marshal Sahlins chamou de uma Antropologia Estrutural Histórica. Em sua brilhante obra denominada *Ilhas de História*, Sahlins 1990 [1985] afirma que as fronteiras práticas entre a antropologia e a história não são mais tão claras e que, portanto, devemos buscar a aproximação entre essas duas disciplinas para que a combinação entre os estudos de estruturas e eventos possa ser frutífera. As palavras do autor são bastante claras sobre essa relação frutífera entre história e antropologia, como vemos abaixo:

“Os antropólogos elevam-se da estrutura abstrata para a explicação do evento concreto. Historiadores desvalorizam o evento único em favor das recorrentes estruturas subjacentes. E também paradoxalmente, os antropólogos têm sido tão diacrônicos em pontos de vista quanto os historiadores têm sido sincrônicos. (...) O problema agora é o de explodir o conceito de história pela experiência antropológica da cultura. A história, até há pouco obscura, de ilhas remotas, merece o seu lugar ao lado da autocontemplação do passado europeu – ou da história das civilizações – por contribuições próprias e notáveis a uma compreensão histórica. Assim, multiplicamos nossos conceitos de história pelas diversidades de estruturas e assim, de repente,

há um mundo de coisas novas a serem consideradas” (Sahlins 1990 [1985]: 93-94).

De forma semelhante, Viveiros de Castro (1993) através de uma lúcida discussão sobre a relação entre a antropologia e a história, trata essa questão como um drama teórico oriundo de uma visão elitista e euro-cêntrica, em que, de um lado, encontram-se os povos ameríndios - ‘infantis’ -, dispondo apenas de etnografias e, de outro lado, os povos civilizados - ‘adultos’ -, que maduros, são dignos da história. Buscando uma antropologização da história, inspirado em Sahlins, o antropólogo Viveiros de Castro também vem a considerar que a antropologia deve ser história e vice-versa. *“Trata-se, mais que de qualquer outra coisa, de desdramatizar a questão: se o humano, bororo ou francês, só se revela na história, não é preciso, como diria Paul Veyne, entrar em transe por causa disso”* (Viveiros de Castro 1993: 23).

Considerando que a arqueologia, em nosso caso, seja o estudo da história e da cultura indígena, constituídas através da análise acurada do registro material e das fontes etnográficas e etnohistóricas, podemos compreender que a arqueologia seja, então, história e antropologia⁷. Para isso, é necessário que consideremos que a história não seja somente o estudo de eventos, nem a antropologia seja somente a compreensão das estruturas abstratas. Trata-se, no caso, de um *fazer arqueológico* que é imerso num cabedal de informações e fontes que permite relacionar potes com mitos, sítios com paisagens, “terra preta” com casas e lixeiras, seixos de pedra com território, bolotas de argila e miniaturas de vasilhas com estruturas de ensino-aprendizagem e de produção cerâmica. Trata-se de uma forma de produção de conhecimento que se articula entre o material e o imaterial, entre o passado arqueológico e histórico e o presente etnográfico; uma forma de produção que leva em consideração o máximo de fontes com o intuito de compreender a história e a cultura indígena de maneira holística.

Trata-se ainda, de considerar que a arqueologia tem como objetivo básico “fazer história indígena” e não paleoetnografias (cf. Neves 1999: 320)⁸ ou, ainda, segundo Viveiros de Castro (1993) fazer “histórias ameríndias”. Mas, neste caso, enfatizamos mais uma vez que é um fazer histórico que transcende a esfera da modernidade e ultrapassa a dicotomia do antes e depois do contato, ou seja, é uma história de longa duração, que visa explodir metaforicamente a “bolha” isolante e busca, na verticalidade da analogia etnográfica compreender os grupos indígenas como atores num processo de ocupação que deixa suas marcas na cultura material, visto que estamos lidando com indivíduos que foram silenciados pela historiografia tradicional (Fausto 1992; Monteiro 1992; Heckemberger 2001; Heckemberger & Franchetto 2001).

⁷ Em outros termos, uma história antropológica, se vista por historiadores ou mesmo antropologia histórica, se vista por antropólogos.

⁸ Não tratamos aqui de considerar que ao pensar a arqueologia como antropologia e história, o objetivo do *fazer arqueológico* seja de fazer paleoetnografias, pois ainda conforme Neves (1999), a arqueologia não se presta a essa função, dada a natureza de sua fonte primária – a cultura material – que condiciona as possibilidades de produção da história indígena.

Capítulo 2

Elementos para uma arqueologia Guarani

2.1. Formas de expansão e ocupação do espaço

Para compreender o processo de ocupação Guarani na região da Laguna dos Patos e Serra do Sudeste é importante que sejam apresentados alguns dados contextuais, que digam respeito, por um lado, à cronologia de ocupação regional e, por outro, ao modo como os grupos Guarani tradicionalmente ocupam o espaço. Para isso, serão utilizados dados bibliográficos que permitam compreender como esse processo foi constituído ou interpretado pela arqueologia, levando em consideração os pressupostos teóricos que nortearam as interpretações e quais as principais fontes de embasamento dos modelos interpretativos. A revisão apresentada aqui toma importância na medida em que se objetiva refletir sobre as formas de ocupação do espaço e a constituição do território Guarani para então compreender as estratégias de ocupação desse território em nível regional. Logo, compreender como esses conceitos foram percebidos ao longo do desenvolvimento da arqueologia, em articulação ou não com a etnologia, possibilita conhecer um conjunto de possibilidades teóricas e daí então, afinar o modelo de ocupação regional que vem sendo proposto.

Com base em informações de comparações lingüísticas, como a glotocronologia e do mapeamento e movimentações recentes desses grupos nos séculos XIX e XX, alguns etnólogos propuseram diferentes locais de origem e migração/mobilidade dos grupos Tupi-Guarani no território da América do Sul. Por outro lado, as migrações e processos de ocupação territorial foram estudados pela arqueologia, mais a fundo, somente a partir da década de 1960, quando da implantação do PRONAPA. Realizando uma síntese analítica dos modelos teóricos relativos à origem e mobilidade dos grupos Tupi-Guarani no território americano, Soares (1999) classifica os modelos de expansão em duas categorias: aqueles modelos baseados em dados lingüísticos e etnográficos e aqueles baseados em dados arqueológicos. De forma semelhante, Noelli (1993) classifica essas duas categorias como o momento de *imperialismo etnológico* e período de *domínio arqueológico*.

Interessa-nos aqui, mais especificamente, a discussão relativa ao modo como a arqueologia concebeu a noção do território Guarani, a velocidade de expansão territorial, os motivos de deslocamentos dos grupos para ocupação de novos espaços e como a arqueologia se apropriou (ou deixou de se apropriar, em alguns momentos) das informações etnológicas para a constituição desses modelos. Nesse sentido, cabe aqui uma breve revisão de como a arqueologia concebeu esses conceitos a partir dos anos 60, quando se deu a implantação do PRONAPA, momento esse que pode ser

considerado um divisor de águas na forma de produção de conhecimento científico no campo da arqueologia.

A busca pelo centro de origem das sociedades Tupi-Guarani foi um tema central nas pesquisas do referido Programa. Não nos interessa aqui, num primeiro momento, discutir as rotas e as teorias sobre a origem desses grupos,⁹ mas não podemos deixar de notar que em meio a essas teorias migratórias fica clara a noção de velocidade de ocupação do território, sendo o fator ambiental a principal explicação como motor dos deslocamentos dos grupos para novos espaços. Como um primeiro modelo a ser aqui apresentado sucintamente, que diz respeito à origem Tupi-Guarani e à velocidade de expansão territorial temos o trabalho de Meggers e Evans (1977: 34-36), em que “*estabelecem o surgimento da Tradição Tupiguarani ao oeste do Estado do Paraná no período 500-1000 d.C. e, mesmo reconhecendo que esta tradição está associada aos falantes do Tupi-Guarani, continua desvinculando a Tradição arqueológica dos grupos historicamente conhecidos*” (Soares 1999: 115). Devido à inspiração nos trabalhos do etnólogo Alfred Métraux, os coordenadores do PRONAPA pensaram um movimento de dispersão como um processo rápido e relativamente recente, que tem sua origem nas terras altas em direção às terras baixas da América do Sul até o litoral do Brasil. Note-se que aqui os motivos da expansão não são bem explorados pelos autores, sendo as rotas o principal interesse. Ademais, as rotas migratórias são lineares, sem que se levasse em consideração que o domínio territorial se dá através do mapeamento dos recursos, reconhecimentos das possibilidades de uso do espaço e convivência com outros grupos humanos.

Esse modelo é uma síntese das idéias do PROPANA, em que é apresentado um horizonte cronológico, empiricamente estabelecido. Nesse momento, além da inspiração em dados etnológicos da década de 1920, nenhuma problematização sobre a cultura Guarani foi além de comparações descritivas de tipos cerâmicos e localidades de sítios. Nesse sentido, como já mencionado por diversos autores, como Dias (1995) e Soares (1997), esse período da arqueologia brasileira ficou conhecido como um momento descritivista e empiricista, em que não se buscou articular os dados arqueológicos com os dados etnográficos e etnohistóricos;

Em contrapartida, no campo etnológico o trabalho de Susnik (1975 *apud* Noelli 1993) deve ser destacado pela constituição de um modelo que veio a ter influência significativa no meio arqueológico, sobretudo a partir dos anos 80. Nesse trabalho a autora se utiliza da combinação e comparação das fontes etnográficas, etnohistóricas e as datas arqueológicas disponíveis até o momento e propõe que os motivos das migrações Tupi-Guarani seriam variados e caracterizam a complexidade da dispersão territorial. A expansão territorial se daria então por motivos simbólicos e sócio-econômicos, como: a) crescimento demográfico e subsequente divisão de aldeias; b) busca de novas terras para o

⁹ Esse tema já foi discutido com muita propriedade em Brochado 1984; Neves 1998; Noelli 1994, 1998; Schmitz 2000.

desenvolvimento do plantio; c) guerra e fuga; d) divisões geradas por diferenças pessoais e de poder dentro do sistema de parentesco; e) pelo esgotamento das terras ocupadas.

O esquema proposto por Branislava Susnik se dá muito em função da proposta ecológica, que vê no esgotamento das terras um motivo para buscar novos espaços. Há nitidamente, segundo Noelli (1993) uma influência da etno-botânica para a compreensão desse modelo complexo de ocupação da Bacia Platina, pois se percebe que o espaço é ocupado conforme as necessidades de abertura de novas roças e exploração de novos recursos. Os trabalhos de Branislava Susnik contribuíram para as reflexões sobre a noção de espacialidade e a multiplicidade dos motivos de movimentação e ocupação de novos territórios. Influenciada por conceitos da etno-botânica, a autora compôs um modelo que congrega aspectos simbólicos, econômicos e sócio-culturais. Essa perspectiva holística da sociedade Guarani inspirou os arqueólogos, a partir dos anos 1980 a testar suas hipóteses no campo da cultura material. Tomo como exemplo a obra de Brochado (1984), que inspirado por Susnik, pensou no processo de ocupação territorial Guarani como do tipo “*enxameamento*”. Noelli (1993), também teve forte influência da autora para propor hipóteses ecológicas para a ocupação Guarani. Soares (1997), por sua vez, considerou em seu trabalho que as estruturas sociais e de parentesco, baseadas em valores de prestígio, são fatores fundamentais para a definição de novos espaços de vivência e constituição territorial.

Nos anos 1980, o trabalho de Brochado (1984) realizado com base em uma síntese dos dados arqueológicos referentes a datações radiocarbônicas, na dispersão dos sítios arqueológicos na América do Sul e nas discussões sobre as rotas de migrações e dispersão das culturas Tupi-Guarani, oriundas tanto da esfera etnológica como arqueológica, permitiu a constituição de um modelo em que os grupos indígenas em questão teriam origem amazônica. Nesse modelo, os grupos Tupi, seguindo o curso do rio Amazonas, chegariam até a costa litorânea pelo norte do Brasil. Enquanto isso, os grupos Guarani seguiriam pelo rio Paraguai e Paraná, até a foz do rio da Prata, voltando-se mais tardiamente para o litoral e daí para o norte novamente. Conforme o modelo de Brochado, há um ponto de intersecção ou fronteira na região de São Paulo, onde se encontram sítios arqueológicos das culturas Tupinambá e Guarani¹⁰. Esse processo então se daria num período mais profundo que anteriormente fora suposto, visto que as datações químicas chegam há aproximadamente 3.000 A. P., sendo esse, um processo de expansão mais lento.

A proposta de Brochado vai mais além do que a discussão da origem desses grupos e sua dispersão espaço-temporal, atingindo o centro de nosso interesse. Inspirado em Branislava Susnik, Brochado sugere que a forma de ocupação do espaço dos grupos Guarani se dá de forma “radial” a partir de um ponto central em busca de novos terrenos para o plantio e captação de recursos. Essa

¹⁰ Ver essa discussão também em Scatamacchia (1990) e Noelli 1993, 1998.

influência teórica, proveniente também da etno-biologia permitiu ao autor denominar esse modo de ocupação do espaço como “*enxameamento*”.

A partir de então, a arqueologia passou a ter uma preocupação redobrada em explicar não somente quais as rotas de origem e dispersão dos grupos Guarani, mas também em refletir como esses grupos dominam o espaço, como os sítios arqueológicos estão relacionados entre si e com o meio ambiente e quais os processos culturais que embasam essa organização sócio-espacial. A partir de então, uma discussão que abordou trabalhos etnológicos e arqueológicos, teve como pressuposto básico a perspectiva sistêmica de ocupação do espaço num sentido ecológico.¹¹

Trazemos aqui para elucidar a discussão uma crítica pertinente de Noelli (1993), comentando o trabalho de Susnik (1975), sobre as formas que os grupos Guarani ocupam o espaço. Essa crítica traz à tona a discussão sobre o sistema de assentamento Guarani e seu processo de expansão territorial. Discussão essa, que, como vimos, entrou em cena, sobretudo a partir dos anos 80 pelos modelos arqueológicos:

“A falta de profundidade temporal das referências bibliográficas compulsadas, fez com que a etnóloga desse importância para um possível esgotamento dos solos, que forçaria os Guarani a buscar frequentemente novas terras. Concomitantemente, entendia que a mudança de sítio significava um abandono simples do antigo lugar para o novo. Estas mudanças, no entendimento de Susnik, decorrente do esgotamento dos solos e vegetação, fariam com que rapidamente os Guarani pudessem conquistar a Bacia Platina, repetindo as hipóteses de Métraux e Nimuendajú. Se avançavam relativamente tão rápido, quem ficava para trás nos territórios continuamente ocupados?” (Noelli 1993: 55. grifo nosso).

Com a pergunta de Noelli, frisada acima, se nota uma preocupação e uma incitação clara do autor sobre o tema espaço e território. Seguindo este novo eixo de pesquisa ou mesmo dizendo, esta instigante problemática científica, os arqueólogos brasileiros passaram a discutir um tema já instaurado na arqueologia internacional: a Arqueologia Espacial. Transposto para a discussão da arqueologia Guarani, o conceito de espaço rapidamente foi pensado de duas formas, que não são em nada excludentes, senão complementares: espaço como *ambiente* e como *território*. Nesse sentido, um número cada vez maior de pesquisas se voltou a mapear as fontes de exploração de recursos, como as fontes de matéria prima lítica, vegetação, bancos de argila, etc. A busca pelo mapeamento ambiental

¹¹ Destacamos como fonte de inspiração para os trabalhos em arqueologia Guarani dos anos 80 em diante, as obras de Binford, embasados na teoria dos sistemas e o trabalho de Posey (1986). É claro que esses dois autores abordam perspectivas distantes, sobretudo na forma de definição de contexto sistêmico, pois enquanto Binford procura a cientificidade da produção arqueológica em fatores objetivos, por outro lado, Darrel Posey se volta para a dinâmica social Kayapó para o entendimento do manejo florestal realizado com base em um mapeamento mental dos recursos e do ambiente em geral. Nesse sentido, enquanto o primeiro busca fatores objetivos enquanto categorias éticas, o segundo busca as categorias êmicas para explicar o processo sistêmico de ocupação do espaço, mas nota-se que a busca de ambos os autores é a pela explicação do contexto de ocupação do espaço.

incitou os arqueólogos a dialogar com os etnólogos novamente e, com isso, discutir os domínios de território e fronteiras, buscando no registro arqueológico indicadores para definir esses elementos culturais. Da mesma forma, buscaram-se estudos de padrão de assentamento que permitissem discutir as áreas preferenciais para a exploração do espaço e domínio territorial.

Nesse sentido, as fontes etnográficas e etnohistóricas passaram a ser revisitadas. Agora com a preocupação em se obter informações sobre a estrutura social e a organização dos grupos em meio ao ambiente em que estão inseridos. Como exemplo disso temos o trabalho de Soares (1999), que percebe entre os Tucano da Amazônia a mesma compreensão de ocupação do espaço como do tipo “*enxameamento*”. Por outro lado, nos últimos anos vem aumentando o número de trabalhos etnoarqueológicos em meio aos grupos indígenas. Esses trabalhos buscam através de uma observação participante compreender, entre outras coisas, as noções particulares de dominação e uso do espaço, a fim de extrapolar conceitos aos modelos de ocupação pré-histórica (por exemplo: Silva 2000, 2000a)

Como exemplo da busca pelo domínio territorial e seguindo o breve histórico de como o espaço e o modo de ocupação Guarani foi interpretado ao longo do tempo, destaca-se o trabalho de Schmitz (1985), que propõe uma discussão sobre o movimento de uma ou talvez duas aldeias num determinado território de domínio. Com base em seriação do material cerâmico e na análise distribucional dos sítios no vale do Médio e Alto Jacuí - RS, o autor propõe que as aldeias Guarani seriam ocupadas por um período de aproximadamente 30 anos. A ocupação do espaço se daria de forma “*centrípeta*”, ou seja, a aldeia se movimentaria circularmente, neste caso, com todo seu grupo de pessoas em direção a um novo local, distando não mais de 1 km em geral. “*Seriam movimentos curtos e alternados entre as várzeas, caracterizando um território muito bem definido*” (Rogge 1995-1996). A movimentação se daria então por motivos econômicos, visto que a ocupação de um mesmo local por muitos anos acarretaria na escassez dos recursos, sendo necessário buscar novos locais de moradia e captação de recursos para exploração. Na visão do autor, o território é constituído pelo espaço onde as aldeias se localizam constituindo um “Território de Domínio” regional.

O trabalho de Rogge (1995-1996) retoma as teorias adaptacionistas como o *forrageio ótimo*, acrescentando dados à discussão e propondo que o domínio territorial dos grupos horticultores Guarani no médio rio Jacuí seria condicionado pelas questões climáticas e de fronteiras inter-culturais. Na sua visão, o clima permite ou impede o cultivo e a exploração de recursos ambientais de forma mais ou menos intensa, sendo necessário o domínio de novos territórios conforme a escassez do terreno e dos recursos ambientais. Por outro lado, as relações fronteiriças entre os grupos Guarani e não-Guarani também são fatores condicionantes para a determinação do assentamento, pois possibilita ou não otimizar a exploração dos recursos ou transpor o território de domínio a outros ambientes.

Em outra forma de compreender o território Guarani, Noelli (1993), faz um estudo que articula fontes etnográficas, etnohistóricas e dados arqueológicos. Faz um balanço desses dados, tanto

do ponto de vista epistemológico, como teórico-metodológico e traz várias questões para reflexão que são extremamente interessantes para pensar o contexto sistêmico de ocupação e o domínio de território. Seguindo a proposta de Brochado (1984), o autor propõe que os grupos Guarani como conhecemos atualmente têm ligação histórica direta com os Guarani pretéritos (ou pré-históricos) e, indiferente de sua origem, são integrantes de uma sociedade que teve um processo de expansão lenta e constante, baseada no modelo de ocupação tipo ‘*enxameamento*’.

Falar em “*enxameamento*” nesse caso é o mesmo que dizer que os grupos Guarani ocupam o espaço de forma sistêmica, atuando socialmente, politicamente e economicamente em vários locais ao mesmo tempo. Segundo o autor, os grupos Guarani tradicionalmente inserem plantas no ambiente a fim de enriquecer a paisagem com recursos próprios para exploração otimizada. Nesse sentido, o autor propõe que a ocupação Guarani não seja condicionada, em primeiro plano, pelos recursos ambientais, mas sim, que os indígenas exerçam uma influência na paisagem a ponto de romper com o condicionante ambiental. Com a inserção de espécies antrópicas na paisagem, os Guarani vão modificando a fisionomia vegetal dos locais ocupados e transformam o ambiente conforme as necessidades sócio-econômicas. Realizam um manejo agro-florestal a partir dos espaços conhecidos e explorados tradicionalmente. A expansão do território Guarani se daria por motivos de pressão ou crescimento demográfico. A partir de aldeias centrais para os acampamentos periféricos, os Guarani atuariam nesses espaços aumentando a demanda por novas terras a medida em que há um crescimento populacional.

A discussão sobre a expansão territorial também é o foco do trabalho de Soares (1997). Também inspirado na perspectiva de ocupação sistêmica do espaço, o autor propõe que a expansão dos grupos Guarani em busca de novos territórios se daria não somente pelos fatores econômicos e ecológicos. Buscando explicar os movimentos através da perspectiva social, o autor considera que é na esfera das relações sociais dentro da aldeia, entre aldeias e entre grupos Guarani e não-Guarani, que devemos compreender o processo de expansão territorial. O fator de agregação social Guarani e que determina o processo de expansão é o prestígio social dos chefes. Sejam eles líderes políticos ou religiosos (*Karai*), exercem influência em larga escala, condicionando decisões sobre as questões políticas, sociais, econômicas e religiosas do sistema cultural. *No que se refere à organização social*, Soares propõe que o sistema cultural Guarani possa ser denominado Kindred, que seria então: “(...) grupo de parentes ligados por laços sangüíneos e de afinidade em torno de uma pessoa de prestígio. A formação do Kindred obedece à ancestralidade, porém, baseia-se sobretudo nos valores sociais de prestígio, como valor guerreiro, bom falante, bom caçador, com muito parentes, etc.” (Soares 1999: 133).

O prestígio social é fator determinante para a definição dos locais de assentamento. A sugestão de Soares é que os locais de maior quantidade e variedade de recursos seriam ocupados

preferencialmente pelos grupos liderados pela chefia de maior prestígio social. Em contrapartida, os locais periféricos seriam ocupados pelos grupos com menor prestígio, como por exemplo, aldeias menores em áreas de fronteiras com sociedades não-Guarani ou grupos recém guaranizados através de *cuñadazgo*¹². Com isso, o autor sugere que a individualidade seja um elemento de coesão e/ou dispersão social e territorial e que o processo de expansão seja determinado, ao menos em parte, pela influência e tomada de decisões das lideranças. A estrutura social de parentesco e de relações de amizade são fatores que determinam o grau de prestígio das lideranças e de suas respectivas aldeias. Denominadas relações de reciprocidade, são elementos culturais fundamentais que fortalecem os laços sociais agregando os grupos em comunidades, dando continuidade ao *ethos* ou modo de ser Guarani (*ñande reko*). Nesse sentido, a organização social Guarani se volta para a tradição, pela boa vida passada, em que a obtenção de prestígio é uma norma cultural e o que reforça a continuidade dos costumes e da cultura Guarani, inclusive o modo de expansão territorial.

Um outro trabalho que deve ser destacado por ter tido foco na espacialidade numa perspectiva sistêmica é a dissertação de Assis (1996). Em sua obra, a autora propõe um estudo sobre a espacialidade Tupinambá com base em fontes etnohistóricas, através das quais é possível perceber os níveis de organização territorial Tupi em seus desdobramentos micro e macro-espaciais: desde a casa até o território regional. O espaço aqui é caracterizado como território de domínio, onde se distribuem eco-zonas relacionadas aos locais de vivência, como a aldeia, acampamentos de roça, pesca, coleta e caça. Apesar de o trabalho ter como foco a sociedade Tupinambá, a autora considera que suas reflexões cabem ao estudo de sociedades Guarani devido à semelhança das fontes e da continuidade cultural entre os grupos Tupi e Guarani (Assis 1996: 23).

O diferencial dos modelos propostos a partir dos anos 1980, que se baseiam claramente nas fontes etnográficas e etnohistóricas para explicações do registro arqueológico é que a noção de ocupação territorial é contextual ou sistêmica. Com isso, queremos dizer que não se pensa em movimento ou expansão de aldeias com todo grupo, pois o assentamento seria organizado em forma de um sistema integrado, em que uma aldeia central teria uma série de sítios anexos, que são acampamentos como os de caça, pesca e roça. Nessa proposta se percebe que não há o abandono simples dos espaços de vivência na medida em que os grupos expandem seu território, mas sim, compreende-se que há a reocupação permanente do mesmo espaço. Com a ocupação sistêmica do

¹² “Dentre as relações entre parentes afins, a mais conhecida é a do *cuñadazgo*. Consiste na forma como um chefe ou homem de prestígio faziam-se parentes dos europeus, através da entrega de uma mulher para que o europeu se tornasse cunhado do índio. (...) Desta forma explicam-se os parentes que são agregados por laço de parentesco que não pertençam à cultura Guarani, sejam europeus ou não-Guarani. São inimigos que se tornam cunhados, ou ‘faço-me seu cunhado’. (...) a palavra que designa cunhado deriva de ‘inimigo’ e possui outras traduções, como cunhado, ‘tovaja, aquele que está em frente’ e possui uma alusão ao limite do território ou o que pode ser cooptado por alianças e laços de parentesco e tornar-se parente. Nas fronteiras étnicas, tanto a guerra como a aliança podem servir como ampliadores do território, sendo que na aliança pode se incorporar o adversário/inimigo que se transforma em cunhado, ao mesmo tempo em que se ampliam as redes de parentesco” (Soares 1999: 134-135).

espaço territorial, o processo de movimentação e expansão não é linear, mas radial ou centrípeto, sendo o ponto central as aldeias com maior prestígio social devido as suas lideranças políticas e religiosas.

2.2. Funcionalidade das estruturas arqueológicas e indicadores de permanência

Após a apresentação de dados e discussões relativas ao modo como a arqueologia percebeu a expansão dos grupos Guaraní pelos seus Territórios de Domínio, considera-se importante apresentar os critérios teóricos, as conceituações em que se apóia a pesquisa para pensar a funcionalidade dos sítios arqueológicos, assim como a organização espacial do território Guaraní, o que irá subsidiar a discussão final sobre a territorialidade Guaraní e as estratégias de assentamento em um determinado contexto territorial.

Abordar os sítios arqueológicos através da perspectiva funcional passou a ser um fator de extrema importância para a pesquisa. Na medida em que o nosso objetivo central é propor um modelo regional de ocupação, que envolve a discussão de territorialidade, não somente a identificação de sítios arqueológicos, mas também a definição da funcionalidade de cada um deles é um elemento importante para pensar o sistema de assentamento em que atividades distintas são realizadas, ou seja, onde ocorre uma *especialização de espaços*.

A funcionalidade dos sítios arqueológicos é determinada pela confrontação de dados etnohistóricos e etnográficos, por um lado, e pelos dados empíricos gerados pelos estudos arqueológicos, por outro lado. É importante ressaltar que a metodologia padronizada para o ataque dos sítios arqueológicos é imprescindível para pensar a funcionalidade das estruturas arqueológicas, visto que a flexibilidade exacerbada da metodologia pode acarretar na constituição de um conjunto de dados de difícil comparação. São levados em consideração para definição da funcionalidade dos sítios arqueológicos, os aspectos formais e composicionais dos mesmos como: ocorrência de estruturas arqueológicas (arquitetônicas, funerárias, de combustão ou de deposição de refugos); dispersão dos materiais no terreno do sítio; localização geográfica do mesmo; dados das análises tecno-tipológicas e a ocorrência de variabilidade de tipos de vasilhas, como aquelas que sugerem atividades coletivas, como é o caso das vasilhas do tipo *cambuchí*. Estes elementos são tratados como indicadores de permanência no assentamento, conduzindo as interpretações sobre alta ou baixa mobilidade dos grupos indígenas.

a) Estruturas arquitetônicas: representadas em geral pelas “manchas de terra” formadas pela decomposição dos materiais orgânicos depositados no solo pela ação humana. São manchas em formato circular ou elíptico, com dimensões que vão desde 5 a 40 metros de diâmetro e até 50 cm de profundidade, com espessuras que variam de 5 a 40 cm. Por vezes, essas manchas são

dispostas em conjunto ou individualmente. É normal que sejam encontradas na escavação dessas manchas elementos como: marcas de estacas, concreções, fogões, contextos cerâmicos, líticos e arqueofaunísticos, esteios e postes indicadores da presença de cabanas e estruturas arquitetônicas (cf. Pallestrini & Morais 1984; Noelli 1993; Assis 1996; Soares 1997, 2005; Carle 2002).

A presença de “manchas de terra preta” nos sítios arqueológicos é geralmente tratada pelos pesquisadores como vestígios de unidades habitacionais que em conjunto formariam a planta baixa de uma aldeia (Terminologia 1976; Assis 1996; Carle 2002; Soares 2005). Esse conceito de mancha preta como unidade habitacional pode ser elucidado nas pesquisas no interior de São Paulo, na região do Projeto Paranapanema. Sobre a evidenciação das áreas habitacionais do sítio Prassévichus em Itaberá-SP, Pallestrini & Morais (1984: 160), comentam que “(...) *as manchas de terra preta correspondem ao que restou de antigas casas: com o abandono e subsequente queda de madeirame de sustentação e da cobertura vegetal, ficou no solo uma mancha enegrecida, rica em carbono residual e outros elementos resultantes das atividades humanas*”. Conforme o esclarecimento de Noelli (1993), essas manchas são contextos bem definidos e, além de ser unidades habitacionais, podem ser unidades funcionais da aldeia, como estruturas anexas para processar alimentos, lazer, depositar e manufaturar objetos.

b) Estruturas funerárias: a estrutura funerária é o conjunto formado por restos humanos dentro ou fora de vasilhas cerâmicas, acompanhadas ou não por anexos funerários considerados objetos votivos. As estruturas funerárias Guarani podem ser encontradas dentro ou fora da unidade habitacional, bem como podem ocorrer em enterramento primário ou secundário (Noelli 1993). Sepultamento primário, segundo este autor corresponde aos restos humanos não sepultados dentro de recipientes cerâmicos. Por outro lado, Enterramento secundário corresponde aos restos humanos sepultados dentro de recipientes cerâmicos, sendo o tipo de enterramento mais comum em sítios Guarani (Noelli 1993: 102).

Jacobus (1994) chama a atenção para a diferença entre estrutura funerária e sepultamento. Para este autor, o sepultamento envolve um ritual, é o momento simbólico em que a comunidade *dos vivos* procede às ações tradicionais em relação ao morto e que, via de regra, envolve um aparato material que constitui um contexto funerário. Além disso, com base nos relatos de Branislava Susnik (1983 *apud* Jacobus 1994) e Eurico Miller (1969 *apud* Jacobus 1994), o autor ainda considera a possibilidade de que o sepultamento primário também pudesse ocorrer com o enterramento do indivíduo recém morto em urna funerária, ao contrário do que foi proposto por Noelli (1993). Neste caso, a classificação de sepultamento primário estaria relacionada ao procedimento inicial do enterramento, indiferente do suporte: cova ou urna funerária. Neste mesmo caminho, Douglas Ubelaker (1978 *apud* Jacobus 1994), também considera que a classificação esteja relacionada ao procedimento,

pois o enterramento secundário se caracterizaria pelos remanescentes ósseos não articulados em sua posição anatômica original e da mesma forma, não considera que o suporte seja o diferencial.

c) Estruturas de combustão: essas estruturas geralmente são encontradas em três locais conforme Noelli (1993): dentro das unidades habitacionais, fora das unidades habitacionais, ou dentro das estruturas anexas. São encontradas nessas estruturas terra queimada, cinzas, fragmentos de carvão, cerâmica, lítico, vestígios faunísticos, ossos humanos, vegetais, etc.

d) Estrutura de refugos: as estruturas de deposição de refugos são as lixeiras que evidenciam um comportamento de higienização, tanto das unidades habitacionais, como de estruturas funcionais não habitacionais, como as descritas acima. As estruturas de deposição de refugo, tratadas por Soares (2005) como áreas de descarte, foram descritas como espaços de evacuação doméstica e de detritos de fabricação (Soares 2005: 13).

Essa quantidade de estruturas, evidenciadas no registro arqueológico são indicadores funcionais, representativos de áreas de atividades específicas. Entretanto, sua delimitação leva a crer que durante a escavação arqueológica, por vezes, se pode escavar uma área em que ocorra um contexto multifuncional, pois em uma unidade habitacional pode-se encontrar uma estrutura de combustão ou funerária ou, até mesmo, um contexto com deposição de refugos domésticos ou de manufatura de artefatos. Da mesma forma, fora da unidade habitacional, estruturas funcionais podem ocorrer combinadas, demonstrando multifuncionalidade do espaço.

A presença ou ausência de estruturas arqueológicas indicam também os níveis de permanência de uma ocupação Guarani nos sítios arqueológicos. Partimos do princípio que o registro arqueológico é mais complexo, diversificado e denso num espaço ocupado com maior intensidade e por mais tempo. Nesse espaço encontra-se com mais frequência estruturas arqueológicas em contexto e maior quantidade e diversidade de materiais arqueológicos. Por outro lado, num sítio com ocupação menos intensa, os vestígios materiais são menos frequentes, inclusive as estruturas arqueológicas ou são pontuais ou são inexistentes no registro arqueológico. É claro, que devemos levar em consideração a complexidade dos processos de formação do registro arqueológico e averiguar se a ausência de estruturas não tenha ocorrido por fatores de impactação dos sítios por processos naturais ou antrópicos (*cf.* Schiffer 1972, 1987).

Estes princípios são considerados aqui orientações teóricas para o desenvolvimento das pesquisas em campo e para as interpretações dos dados empíricos. A intensidade de ocupação pode ser um indicativo de que um dado sítio arqueológico possa ser considerado, do ponto de vista funcional, uma aldeia (ocupação permanente) ou área de acampamento (ocupação rápida ou semi-permanente) (*cf.* Rogge 1997, 1999).

Outros indícios além das estruturas arqueológicas devem ser levados em consideração para a interpretação funcional e a intensidade de ocupação dos sítios. Os tipos de vasilhas mais

recorrentes nos sítios e suas dimensões também são fatores importantes que, correlacionados com a ausência ou presença de estruturas e com a localização geográfica dos sítios formam um *tripé* que permite analisá-los a partir de seus dados empíricos. Os dados métricos e estilísticos da cerâmica, sistematizados, são importantes para pensar a funcionalidade dos sítios e de suas áreas com atividades especializadas. Esses dados devem ser correlacionados, por sua vez, à identidade funcional dos potes indicada, em nosso caso, pela forma dos mesmos, constituída pela projeção ideal de seu contorno realizada a partir das bordas. As formas das vasilhas cerâmicas indicam se houve ou não armazenamento de alimentos no sítio, bem como se ocorreram atividades coletivas que podem sugerir hipóteses sobre a demografia do assentamento.

A ocorrência de potes de grande porte, relacionados ao armazenamento de alimentos foi apontada por Shapiro (1984) como um indicador de alto grau de permanência nos sítios arqueológicos. No caso da arqueologia Guaraní, os potes denominados ***cambuchí***, utilizados para o armazenamento de água, para a produção de bebidas alcoólicas (***cauim***) e também para servir como urnas funerárias são de grande porte em comparação com os outros tipos de vasilhas utilizadas por este grupo (Brochado & Monticelli 1994; Brochado, Monticelli e Neumann 1990; Rogge 1997, 1999; Soares 2005). O ***cambuchí***, além de ser um pote multifuncional de grandes proporções, pode ser interpretado como um indicador de processos de agregação social: a produção do ***cauim*** nas sociedades Guaraní está diretamente relacionada a eventos festivos coletivos, em que participam comunidades de diferentes aldeias, favorecendo a algumas o acúmulo de prestígio social e o fortalecimento de laços de parentesco (Noelli & Brochado 1998).

A presença do ***Cambuchí*** no registro arqueológico como urna funerária indica a realização de atividades coletivas visto que enterrar e saudar os mortos é um ritual coletivo nas sociedades Tupi-Guarani, assim como na maioria das sociedades antigas e atuais. Temos como fonte iconográfica importante a documentar este comportamento xilogravuras de Staden (2007 [1557]), em que mulheres choram seus parentes mortos em conjunto e os enterram próximos ou dentro da aldeia (ver figura abaixo).

Outros dois tipos de vasilhas, as tigelas para beber e os pratos de comer também indicam práticas coletivas de comilança e bebereagem. Assim como os **cambuchí**, aqueles potes também fazem parte da tralha domestica usada nas festividades rituais coletivas que fortalecem os graus de parentesco e o prestígio social da aldeia e suas lideranças. Neste sentido, a presença no registro arqueológico desses potes de grande e médio porte é um indicador de que o espaço tenha sido ocupado com maior intensidade e pouca mobilidade, sugerindo a existência de grupos grandes de pessoas para quem eram armazenadas quantidades significativas de bebidas. Segundo Rogge (2006), para inferir sobre o grau de permanência de um sítio:

“(...) é importante observar a presença e/ou ausência de certos tipos de vasilhas cerâmicas, tais como as grandes vasilhas usadas para estocagem de alimentos e produção e armazenamento de bebidas fermentadas, indicadores de um baixo grau de mobilidade, com ocupação prolongada do assentamento, o que denota uma grande estabilidade (...)” (Rogge 2006: 185)¹³.

¹³ Fica a dúvida aqui sobre qual a fonte arqueológica ou etnohistórica que Rogge (2006) usa para assegurar que os potes grandes, como os **cambuchí guaçu** seriam usados para estocagem de alimentos secos. Parece-nos que o autor se baseia no modelo de Henricson & MacDonald (1983), que trata de um estudo de observação participante em meio a uma sociedade nativa norte-americana, o que não necessariamente se adequa às culturas Tupi-Guarani. Nesse sentido, tratamos o referido pote como um elemento confeccionado para o armazenamento de líquidos, mais especificamente água e cauim, como consta na literatura corrente. Porém, a constatação de que esse pote seja um indicador de alto grau de permanência num determinado assentamento se mantém, indiferente do alimento para qual tenha sido utilizado.

A perspectiva de alto grau de permanência e de baixa mobilidade no assentamento compreendida pela ocorrência de panelas de grande porte pode ser entendida também através da informação de uma índia Mbyá-Guarani sobre o uso de um *cambuchí* que lhe pertencia e foi quebrado:

‘Só as mulheres sabem fazer. Eu não sei fazer, mas minha mãe sabia (...). Eu me lembro da mulher, chamava-se Francisca, ela fazia panelas muito boas! Fazia Kambuchi, cântaro, panelas grandes com pernas, para por chinha. Depois de fazer com sua mão, ela mesma queimava (ohapy), punha fogo ao seu lado... não se quebrava. Estas coisas fizeram até a chegada da colônia, depois tudo mundo ficou com medo e fugiu. Os brasileiros eram muito maus, a colônia. Chegava nas casas e matavam os índios, (...) com isto se acabaram nossas panelas.’ (...) *‘Mas Francisca fazia panelas grandes, era difícil carregá-las, por isso fazia também rodas, ‘rueda’, ‘pineu’, no extremo de um eixo de aruera, para levar a panela até o fogo ou até a vizinha que pediu emprestado (...)’.* *‘é começou a quebrar-se, então eu peguei um machado e quebrei de vez’.*

‘Dos seus ossos fez gente de novo, gente de barro, fez do jeito que se faz as panelas de boca grande (...)’ (Monticelli 1995, grifo nosso).

2.3. A Organização do território Guarani

Pretendemos agora apresentar alguns dados sobre a organização territorial dos grupos Guarani com base na revisão bibliográfica de pesquisas de caráter etnoarqueológico, envolvendo o cotejamento de dados arqueológicos, etnográficos e etnohistóricos. Estas pesquisas são de fundamental importância por terem modificado a forma de fazer arqueologia Guarani no Brasil ao permitirem a ampliação de fontes e a proposição de modelos teóricos que percebem o território de uma forma sistêmica. Esta perspectiva estabelece a disposição de áreas de atividades com funções específicas, articuladas entre si, compondo um território amplo mapeado cognitivamente ao longo de gerações. Este território é também uma área de captação de recursos, bem como é a região de domínio, onde se organizam redes sociais e políticas. Os dados aqui apresentados foram exaustivamente discutidos pela literatura arqueológica. Por este motivo consideramos que uma breve descrição do modelo de organização territorial Guarani já permite a constituição dos dados necessários para o desenvolvimento de nosso trabalho (para mais detalhes sobre a organização territorial Guarani ver: Noelli 1993, 1997, 1999-2000, 2004; Soares 1997, 1999; Assis 1996; Fausto 2001).

A organização territorial Guarani se faz presente através de diferentes dimensões espaciais, desde a casa, onde reside a família nuclear, até o *guará* o território Guarani, no seu nível mais amplo, o *guará*. Por definição o *teko’á* se constitui como o conjunto de aldeias e acampamentos que formam então um território de domínio e influência, limitado por acidentes geográficos como rios, morros,

arroyos, etc. Estes limites, além de serem definidos pelos aspectos simbólico-religiosos são também estabelecidos através das alianças políticas que determinam graus de prestígio e status social nas relações entre aldeias (Noelli 1993; Soares 1997, 1999). Outros limites sócio-políticos são conhecidos na organização social dos grupos Guaraní que formam o cacicado e suas áreas de abrangência: a família extensa ou *teýy*, a aldeia ou *amundá*, o conjunto de aldeias inseridas em um território ou *teko'á* e o conjunto de *teko'á* que forma um território amplo, como uma nação, *guará* (Noelli 1993; Soares 1997).

Além dos macro-espacos que constituem o território Guaraní, são conhecidas áreas de funcionalidade específica, voltadas para a exploração de recursos, referenciadas pela literatura arqueológica como micro-ambientes ou ecozonas. Aí se desenvolvia a captação dos recursos ambientais e a produção de bens materiais. Nesses assentamentos voltados à caça, pesca, roça e coleta, denominados de *acampamentos* por Assis (1996), os grupos indígenas construíam abrigos utilizados pelo tempo necessário à execução de cada atividade. Voltados para pesca e caça, esses acampamentos são denominados pelos Guaraní como *tapýi* (Cadogan 1992 *apud* Assis 1996), e se localizavam geralmente às margens dos recursos hídricos, elemento da maior importância para a economia Guaraní. Durante todo ano ou em períodos de maior abundância de produtos ambientais, grupos de pessoas de uma ou mais aldeias deslocavam-se de suas residências e acampavam às margens dessas áreas de assentamento para exploração destes recursos. Nos acampamentos construíam estruturas necessárias ao convívio cotidiano e utilizavam instrumentos para o abate, manipulação, armazenamento e transporte dos alimentos.

Além de serem usados para caça, os *tapýi* eram utilizados também para pesca, tendo estruturas auxiliares para o controle dos recursos na paisagem, para coleta de moluscos e manipulação de alimentos. Suas estruturas composicionais simples deixavam poucos vestígios, o que se dava também em função de que o objetivo estratégico de ocupação do acampamento era o de abastecer a aldeia principal, gerando poucos vestígios materiais no solo. Nesse sentido, podemos perceber que os acampamentos de caça e pesca eram áreas de atividades específicas que tinham estruturas arquitetônicas bastante simples e sub-áreas de atividades bem definidas. Os acampamentos de caça e pesca tinham importância fundamental para a constituição do espaço territorial Guaraní e para sua economia coletiva, através dos quais era possível captar uma série de recursos para alimentação e fabrico de instrumentos.

No gráfico abaixo apresentamos uma idealização gráfica de um *teko'á*, adaptada do trabalho de Assis (1996), onde constam algumas de suas unidades funcionais, como a aldeia central (*amundá*), os *tapýi*, os abrigos e áreas de roça, concheiros e armadilhas de pesca (*pari*). Chama-se atenção para a importância dada à amplitude espacial do *teko'á* e sua localização geralmente em meio a mata e ao longo de grandes rios e córregos. Aqui se trata então de uma idealização, mas essa importância paisagística da espacialidade do *teko'á* foi constatada no campo etnográfico por Fausto

(2001), cujos dados demonstram que o sistema de assentamento dos *Parakanãs orientais* segue os principais rios e afluentes. Ademais, este autor, constatou que os locais de aldeamento, assim como os espaços em torno destes são mapeados ao longo de gerações; são locais que fazem parte do sistema simbólico por serem referências históricas dos grupos *Parakanã*. Sendo assim, são espaços frequentemente visitados para exploração de recursos (como é o caso da roça, por exemplo) e reocupados após um determinado tempo de abandono, constituindo-se um sistema de ocupação e reocupação do território ao longo das gerações, demonstrando o não abandono do espaço “antigo”, mas a apropriação de novos locais para moradia e vivência.

Capítulo 3

Revisão Bibliográfica. A ocupação Guarani e suas áreas de Domínio

3.1. A ocupação Guarani no Rio Grande do Sul

Nesse item será apresentada uma síntese dos dados das pesquisas arqueológicas sobre o processo de ocupação Guarani no estado do Rio Grande do Sul. Busca-se aqui os dados cronológicos e espaciais que permitam compreender as vias de movimentação e expansão deste grupo pelo território desde o interior até o litoral. Estes movimentos, suas direções e cronologias foram bastante discutidos ao longo das últimas décadas. Poderíamos dizer que dos grupos indígenas pesquisados, ou mesmo das tradições arqueológicas registradas no território brasileiro, aquela que mais existem informações é a tupiguarani. Entretanto, não cabe aqui apresentar uma síntese completa e exaustiva, visto que esta tarefa já foi realizada com sucesso e muita propriedade em outros trabalhos (ver Brochado 1984, 1990; Scatamacchia 1990; Noelli 1993, 1998, 1999-2000, 2004; Schmitz 2000; Rogge 2004). Optamos então por direcionar os dados aos objetivos da pesquisa, no intuito de historicizar o processo de ocupação Guarani ao longo do amplo território gaúcho, para então enquadrar a ocupação Guarani no sudoeste da Laguna dos Patos e Serra do Sudeste neste processo, regiões estas pouco pesquisadas pela arqueologia.

Várias teorias existem sobre a origem dos grupos Tupi-Guarani, incluindo teses provenientes da etnologia e da arqueologia (Noelli 1993; Soares 1999; Schiavetto 2003), porém é a Tese de Brochado (1984) que teve maior impacto nos últimos anos no meio acadêmico da arqueologia. Esta Tese passou a ser considerada o principal modelo de origem e expansão Tupi-Guarani pelo território da América do Sul. Não se pretende aqui discutir em profundidade os problemas ou acertos desse modelo, visto que esse não é o foco desta pesquisa. Além disso, entendemos que este modelo é válido e responde, ao menos em parte, a origem amazônica dos grupos Tupi-Guarani. Esse modelo explica o processo de expansão Tupi-Guarani indicando que houve um deslocamento populacional proveniente da Amazônia há aproximadamente 3.000 A.P. A explicação para este fenômeno estaria ou em transformações climáticas, especialmente uma ocorrência de seca gerando uma crise ambiental na Amazônia e nas massas florestais do continente, ou então ocasionada por pressão populacional (Brochado 1984, 1990; Noelli 1998; Schmitz 2000). Seguindo os grandes cursos fluviais, os grupos em questão dominaram, numa velocidade relativamente rápida, territórios distantes que se estendem do Atlântico até a borda inferior dos Andes e do Mato grosso do Sul até o Rio da Prata, compreendendo partes da Bolívia, Brasil, Paraguai, Argentina e Uruguai (*cf.* Brochado 1984; Schmitz 2000; Noelli 2004). Nessas áreas áreas os sítios estão relacionados, geralmente, a um tipo específico de sistema

ecológico que constitui um padrão de assentamento relativo às florestas tropicais, como por exemplo, os terrenos cobertos com Floresta Estacional Decidual e Semidecidual (Rogge 2004; Schmitz 2000).

Uma leva de dispersão tomaria o rumo norte dando origem ao sistema sócio-cultural Tupi e outra leva, de nosso interesse imediato, desce o rio Paraguai e Paraná até o Rio Grande do Sul, dando origem aos grupos Guarani, os quais se distribuem no território do Rio Grande do Sul através de diversos ambientes ecológicos distintos:

“No Rio Grande do Sul são encontrados, em grande número, nas bacias dos rios Uruguai e Jacuí, estendendo-se também à Serra do Sudeste e Planície Costeira. A expansão para estas áreas parece ter caracterizado um movimento de progressiva colonização das várzeas mais férteis através dos rios de maior porte, em uma direção geral de oeste para leste, partindo do baixo Rio Paraná e adentrando o Estado através do eixo formado pelos Rios Uruguai, Ijuí, e Jacuí. Se supõe que o início desse processo, em território sul-riograndense, tenha se dado a partir da região noroeste, por volta do início da Era Cristã ou um pouco antes, aparecendo sítios relacionados a Subtradição Pintada ao longo do médio Rio Uruguai e no vale do Rio Ijuí; a partir daí, pelo Ijuí devem ter alcançado o alto e médio Jacuí onde, na verdade, estão as datas mais antigas até o momento encontradas (...).

Em um segundo estágio de expansão, por volta de IX e XIII, as populações portadoras dessa tradição cerâmica, passam a ocupar as áreas férteis dos tributários da margem esquerda do Jacuí com maior intensidade, ao mesmo tempo em que se dirigem a montante e a jusante do Rio Uruguai, expandem-se ao longo da faixa costeira e ocupam a Serra do Sudeste e em alguns locais florestados da costa ocidental da Lagoa dos Patos” (Rogge 2004: 73).

Os dados apresentados por Rogge (2004) demonstram que a borda sul da Laguna dos Patos teria sido ocupada num segundo período de expansão dos grupos Guarani para a região da Serra do Sudeste e Planície Litorânea. Segundo o Rogge (2004), o “sistema sociocultural Guarani”, por motivos de pressão demográfica negativa teve que ocupar espaços não tradicionais a essa cultura. Porém, alguns desses espaços territoriais já eram ocupados pela tradição arqueológica Vieira e Taquara, o que teria forçado as populações Guarani a articular estratégias de interação inter-cultural para manutenção de zonas de fronteiras que garantissem o estabelecimento social nesses ambientes. Estas estratégias não necessariamente envolvem belicosidade, mas sim relações de reciprocidade, através de fronteiras fluidas e flexíveis (Rogge 2004).

Considera-se que a borda sul da Laguna dos Patos, a partir da chegada das populações Guarani, passou a ser um espaço de intensivo processo de interação social entre estes e os construtores de cerritos (tradição Vieira), sendo o registro material desse processo interacional, atributos cerâmicos

(decoração e tratamento de superfície e antiplástico) intercambiados entre as duas partes.¹⁴. Da mesma forma, Brochado (1974) percebe em sítios da tradição Vieira (fase Piratini) localizado na Serra do Sudeste indícios de transmissão estilo-cerâmico de origem Guarani que reforçam esse argumento de contatos interculturais.

A ocupação dos grupos cerriteiros nas margens da Laguna dos Patos é bem mais antiga que a ocupação Guarani, visto que os dados cronológicos indicam se tratar do primeiro estágio de ocupação indígena na região. As populações que construíram os montículos de terra, conhecidos como cerritos, passaram a ocupar a região litorânea desde pelo menos 2000 A.P. até o contato com as populações européias. Ocuparam os terraços pleistocênicos e holocênicos em torno da orla da Laguna, em meio a terrenos encharcados (banhados), desde a bacia da Laguna dos Patos até a bacia da Lagoa Mirim, no Uruguai (Naue, Schmitz e Basile Becker 1968; Naue 1971; Schmitz 1976; Noelli 1999-2000; Cerqueira, Milheira e Loureiro 2006).

Num segundo estágio de ocupação do litoral, a chegada das populações Guarani se destaca pela ampla dominação territorial, já que ocuparam a orla litorânea em meio a matas de restinga, banhados e campos abertos, desde o litoral norte, nos município de Torres, Xangrilá e Osório (Schmitz 1958; Wagner 2004), passando pelo litoral central, na região da Lagoa do Quintão (Schmitz 2006) até o litoral sul, tanto na região da restinga da Laguna dos Patos (Ribeiro & Calippo 2000; Pestana 2007), como na região meridional da Laguna (Naue, Schmitz e Basile Becker 1968; Naue 1971; Brochado 1974; Schmitz 1976; Cerqueira, Milheira & Loureiro 2006; Milheira 2007). Considerada uma ocupação tardia, os grupos Guarani ocuparam a região litorânea num último momento de expansão, a partir de aproximadamente 900 A.P., até o contato com os europeus, quando passaram a ser exterminados num processo de etnocídio que muda amplamente o panorama cultural do estado (Noelli 1999-2000, 2004; Schmitz 2006 [1967], 2000).

As populações sambaquieiras também estiveram presentes na região do litoral sul. Sítios arqueológicos sambaquieiros foram identificados e sondados na restinga da Laguna, mas não há dados sobre a cronologia desta ocupação (Ribeiro & Calippo 2000; Ribeiro 2002; Ribeiro et al 2004). A presença de dois zoólitos no município de Capão do Leão, no sul da Laguna dos Patos, sugere que a amplitude do território dos grupos sambaquieiros não se limita somente ao litoral marítimo, sendo possível que tivessem adentrado ao interior, interagindo-se com os grupos cerriteiros (Ribeiro 2002; Gonzalez & Milheira 2005; Milheira 2005, 2007c;).

Estas três culturas arqueológicas que estiveram presentes no litoral e, mais especificamente na margem da Laguna dos Patos, constituem um panorama multi-cultural e multi-étnico com uma profundidade temporal que ultrapassa os 2000 anos, chegando até os nossos dias. Trata-se de um panorama em que as populações indígenas estiveram constantemente em contato,

¹⁴ Ver discussão e dados em Naue, Schmitz & Basile Becker 1968; Naue 1971; Schmitz 1976, 2006; Rogge 2004.

interagindo, trocando idéias, visões de mundo e compartilhando estratégias de exploração ambiental. São estes os processos de interação que foram inferidos pelos arqueólogos ao estudarem os sítios arqueológicos litorâneos. São fenômenos de fronteiras, que caracterizam a região da Laguna dos Patos como um palco de multiplicidade (Naue, Schmitz e Basile Becker 1968; Naue 1971; Noelli 1999-2000; Rogge 2004).

3.2. Histórico das pesquisas sobre a ocupação Guarani no litoral

Desde meados da década de 20 são realizadas pesquisas com interesse no processo de ocupação dos grupos Guarani na região litorânea do Rio Grande do Sul. Podemos citar narrativas etnológicas como aquela realizada por Métraux (1928 *apud* Carle 2002) que relatou a existência de locais de assentamento de índios Guarani nas ilhas da porção meridional da Laguna dos Patos, como a ilha dos Marinheiros e seu arquipélago, ilha da Torotama e ilha Leonídio.

Mais adiante nos interessam os relatos de “paradeiros” Guarani no município de Osório (litoral norte do estado) feitos por Schmitz (1958), em que o autor discute a relação entre grupos Guarani e sambaquieiros a partir da análise de coleções cerâmicas provenientes dos sítios estudados. Este trabalho teria sido publicado com o objetivo de apresentar novos dados de sítios litorâneos sobre dunas que chamavam atenção pela diferença estilística e tecnológica do conjunto cerâmico e pela forma superficial de ocorrência dos vestígios. O autor apresentou uma breve discussão, baseada nas análises tipológicas e de implantação, refletindo se se tratava de “paradeiros” Guarani ou sambaquieiro. Em seguida discute a filiação cultural dos sítios e as semelhanças e diferenças formais da cerâmica, não tendo como objetivo apresentar um modelo de ocupação regional.

Da mesma forma, são interessantes os relatos feitos por Pernigotti e Almeida (1961) sobre a existência de “depósitos” arqueológicos localizados na região do município de Rio Grande (litoral sul do Estado), filiados aos grupos Guarani (tradição Tupiguarani) e Charrua e Minuano (tradição Veira, segundo Carle 2002).¹⁵ Além de descreverem brevemente em uma monografia os resultados das suas coleções e achados arqueológicos realizados desde a década de quarenta, os autores apresentam brevemente a composição dos sítios e os artefatos coletados em superfície, bem como a localização dos conjuntos de sítios, servindo como base para trabalhos posteriores. Não há um aprofundamento teórico ou mesmo de descrição dos dados empíricos, visto que os autores eram pesquisadores amadores. Porém, é necessário comentar, que sua atuação pioneira deu ensejo a futuros trabalhos e permitiu a conservação de dezenas de sítios arqueológicos.

¹⁵ A afiliação cultural foi revista por Carle (2002), pois originalmente os autores definiram os sítios como afiliados às culturas Tupiguarani e Jê.

Na década de 1960 os trabalhos arqueológicos passaram a ser realizados com objetivos claros de pesquisa, com problemáticas embasadas na abordagem empiricista da escola teórica histórico-culturalista. Nesse período, os pesquisadores do PRONAPA e profissionais que seguiam a mesma orientação teórica do Programa, estudaram sítios arqueológicos Guarani na praia do Laranjal, município de Pelotas (litoral sudoeste da Laguna dos Patos). Dois sítios foram identificados, num deles foi realizada uma escavação com a abertura de um poço teste de 2 X 2 m, com a coleta de fragmentos cerâmicos. No outro sítio (RS-170) houve somente uma coleta de superfície de artefatos. Nos dois casos não houve publicação de seus dados que permitissem estabelecer comparações científicas, (Schmitz 2006, comunicação pessoal).

Já na década de 1970, pesquisadores do PRONAPA identificaram e publicaram a ocorrência de 16 sítios arqueológicos, sendo que somente dois deles se encontram na região litorânea da Laguna dos Patos (Brochado 1974). Seus dados foram utilizados para a proposição de um contexto regional que agregou sítios arqueológicos Guarani da Serra do Sudeste e litoral para pensar justamente o contexto regional daquela Serra. A cerâmica Guarani encontrada nestes sítios apresenta um estilo peculiar, permitindo a definição da fase Camaquã e com isso a estimativa de que o início da ocupação regional Guarani tenha ocorrido entre os séculos XVI e XVIII.

Devemos destacar ainda os trabalhos de mapeamento, identificação de sítios arqueológicos Guarani e Cerritos realizados no município de Rio Grande por Naue, Schmitz e Basile-Becker (1968), Naue et al. (1970) e Schmitz (1974).¹⁶ Estes trabalhos produziram uma série de dados empíricos e teóricos através de identificação e registro de sítios arqueológicos, bem como escavações de dezenas de sítios dessas duas filiações culturais. Coleções foram estudadas e comparadas através de seus aspectos tecno-tipológicos, sendo possível a construção de um modelo regional de ocupação que levou em consideração a relação das culturas com o meio ambiente e contatos inter-culturais. Além de demarcarem uma nova etapa do ponto de vista científico, estas pesquisas permitiram uma série de problemas teóricos que ainda inspiram trabalhos atuais¹⁷. Através dessas pesquisas atualmente se discute padrões de mobilidade e permanência e uso da cerâmica como demarcador de fronteiras étnicas e políticas nos cerritos do sul. A cerâmica passou a ser vista também como um forte indicador de contatos culturais entre os grupos cerriteiros (tradição Vieira) e os grupos Guarani (Naue, Schmitz e Basile Becker 1968; Naue 1971; Schmitz 1976; Rogge 2004).

Apesar deste conjunto de trabalhos empíricos significativos, após as publicações dessas pesquisas supracitadas, a porção meridional da Laguna dos Patos ficou esquecida pelos pesquisadores até os anos 1990, quando houve uma retomada de pesquisas no município de Rio Grande (Ribeiro &

¹⁶ Neste trabalho o autor não teve como foco o estudo de sítios Guarani, mas sim os Cerritos. No entanto, não hesitou em apresentar a localização dos mesmos, bem como pensar a sua ocorrência como um fator importante nas relações interculturais entre Guarani e Cerriteiros.

¹⁷ Ver, por exemplo: Noelli 1999-2000; Carle 2002; Rogge 2004; Cerqueira, Milheira & Loureiro 2006.

Calippo 2000; Ribeiro 2002; Ribeiro et al 2004). O professor Mentz Ribeiro como coordenador do LEPAN-FURG, retomou os trabalhos realizando mapeamento de sítios, escavações e relatos das atividades, buscando acrescentar dados às discussões anteriores e, sobretudo, discutir as rotas migratórias dos grupos Guarani.¹⁸ Apesar dos mais de dez anos de atuação desse pesquisador na região, no entanto, não foram deslocados esforços para publicação de dados de escavações com descrição exaustiva de composição dos sítios, métodos e técnicas empregados, datações absolutas e esquemas tecno-tipológicos. Com isso, não se avançou em modelos explicativos relacionados ao processo de ocupação indígena para além daqueles propostos nas décadas anteriores, nem tampouco foram discutidos os problemas de pesquisa relacionados às fronteiras, mobilidade e padrão de assentamento. As publicações de Mentz Ribeiro se resumem geralmente à sistematização generalista do modelo de ocupação regional já conhecido, com a apresentação de dados sucintos de sítios arqueológicos pesquisados por sua equipe de pesquisa como localização geográfica dos sítios sem suas respectivas coordenadas, sucinta descrição ambiental, alguns achados considerados mais significativos e o reforço do processo de ocupação regional através de rotas migratórias já conhecidas.

Mais recentemente a publicação de Pestana (2007) trouxe à luz alguns dados das pesquisas desenvolvidas nesse período de atuação do Professor Mentz Ribeiro como coordenador do LEPAN-FURG. Com um caráter de relatório de pesquisas, Pestana (2007) descreve as técnicas e métodos de campo, apresentando informações da composição dos sítios, localização geográfica e um estudo tecno-tipológico. Através do método de seriação dos conjuntos cerâmicos e com base nos pressupostos da escola histórico-culturalista, o autor propõe a ocorrência de três fases arqueológicas (Capororoca, Capivaras e Bacopari) para a região do litoral sul do estado, em que discute a ocorrência também de sítios puros, isolados e híbridos, demonstrando uma preocupação não só com os modelos de filiação cultural, mas com a possibilidade dos contatos culturais.

Por outro lado, através do Projeto “*Sítio Escola Internacional do Pós-graduação em História da PUC-RS*”, iniciado em 1992, foi possível a realização de uma escavação com proporções amplas numa aldeia Guarani localizada no Povo Novo, município de Rio Grande. Esse trabalho objetivou analisar o sítio numa perspectiva sistêmica em que os artefatos e estruturas identificadas no sítio foram pensados principalmente do ponto de vista funcional (Kern 1994-1995; Costa & Carle 1998; Carle 2002). Informações densas foram geradas a partir dessas pesquisas como a discussão das formas de habitações e espaços funcionais da aldeia. Além disso, houve uma grande contribuição desse projeto em virtude do amplo uso de fontes etnográficas e etnohistóricas em confrontação com os dados arqueológicos, que permitiram não somente discutir a funcionalidade das estruturas arqueológicas identificadas em complementação aos vestígios cerâmicos e líticos, mas também, aplicar e testar à luz

¹⁸ As atividades arqueológicas em Rio Grande continuam nos anos 2000 com a Professora Beatriz Thiesen, atual coordenadora do Laboratório de Ensino e Pesquisas Arqueológicas da Fundação Universidade do Rio Grande (LEPAN-FURG).

dos dados empíricos, os modelos etnoarqueológicos em ascensão na arqueologia sul-brasileira. Nesse sentido, uma nova forma de fazer arqueologia em sítios Guarani foi instaurada, avançando para além da perspectiva empiricista.

As pesquisas realizadas na região do município de Rio Grande permitiram a composição de um conjunto de datações e com isso tem-se o seguinte horizonte cronológico para o processo de ocupação humana na região: **Sítios Umbu** com datações que se estendem de 2.435 ± 85 A. P. até 2.000 ± 120 A. P. (Naue 1973); **Sítios Guarani**: 890 ± 40 A. P. (Naue 1973) até 510 ± 60 A. P. (Hilbert et al s/d *apud* Noelli 1999-2000) e **Cerritos**: 2020 ± 50 A. P. até 200 ± 80 A. P. (Naue 1973). Em outro trabalho, Schmitz (1976) apresenta um quadro cronológico dos Cerritos dividido em pré-ceramistas - Fase Lagoa (2.435 ± 85 A. P. até 2.000 ± 50 A. P.) e ceramistas-Fase Torotama e Vieira (1.335 ± 45 A. P. até 200 ± 80 A. P.). Ver dados mais completos na tabela de datações do anexo 01.

Ainda nos anos 90, os trabalhos da equipe de pesquisadores do Instituto Anchietano de Pesquisas da UNISINOS, coordenada pelo Prof. Dr. Pedro Ignácio Schmitz realizou pesquisas no litoral do RS, mais precisamente na margem da Lagoa do Quintão, município de Quintão. As pesquisas realizadas nessa região permitiram discussões sobre a cronologia de ocupação regional, funcionalidade dos sítios arqueológicos Guarani, dieta alimentar, tecno-tipologia, relações inter-culturais e estratégias de ocupação sistêmica do ambiente, (Rogge 1997, 1999, 2004, 2006; Schmitz 2006).

Com esta pesquisa foi dada uma grande contribuição para a discussão de padrão de assentamento no litoral da Laguna dos Patos. A descrição de sítios acampamentos temporários Guarani compostos por conchas vem problematizar as formas de assentamento e o padrão de exploração lacustre desses grupos até então bastante desconhecido pela arqueologia. Esses estudos permitem avançar também na discussão de ocupação sistêmica e mobilidade regional Guarani, a medida que foi proposta por essa pesquisa, a ocorrência de sítios que atendem a necessidades específicas do sistema de assentamento, apresentando-se indicadores de baixa mobilidade. Além das informações sistêmicas, as pesquisas no litoral central contribuíram também para a definição do quadro cronológico de ocupação litorânea dos grupos Guarani. Considerado uma “*instalação mais permanente*”, o sítio RS-LC-80 foi datado através da técnica de termoluminescência em 563 ± 45 anos A.P., enquanto que a datação radiocarbônica do mesmo sítio deu uma data mais recente: 280 ± 50 anos A.P. - Beta-202366 - (Schmitz 2006).

Nos anos 2000 um novo centro de pesquisas surgiu. Como vimos anteriormente, o LEPAARQ-UFPel realiza atividades arqueológicas através do Projeto de Mapeamento Arqueológico de Pelotas e Região, com o objetivo de mapear, identificar, registrar e escavar sítios arqueológicos pré-históricos, para então pensar modelos regionais de ocupação. Através desse projeto já foram identificados até o momento 38 sítios arqueológicos pré-históricos tanto no litoral como na serra (ver Cerqueira & Loureiro 2002; Cerqueira, Milheira e Loureiro 2006; Milheira 2007a, 2007b,). Alguns

destes dados subsidiam a presente pesquisa. De um ponto de vista cronológico, contudo, não existiam datações absolutas para os assentamentos humanos pré-históricos da região sudoeste da Laguna dos Patos, município de Pelotas e região. Rogge (2004) estimou, em comparação com os sítios datados da margem sul da Laguna dos Patos que a ocupação Guarani na Serra do Sudeste teria iniciado em torno de 1000 A. P. Já Brochado (1974), estimou, com base nos estudos de cerâmica e dados etnohistóricos, que o início da ocupação da borda sul desta mesma Serra teria se dado entre o século XVI e XVIII (fase Camaquã). Estas estimativas, todavia, podem ser problematizadas em função das datações químicas do presente trabalho, que permitirão entender com mais precisão a profundidade temporal da ocupação Guarani na região da Serra do Sudeste e porção sudoeste da Laguna dos Patos.

Os dados etnográficos e etnohistóricos indicam a presença de índios Guarani denominados regionalmente de Arachãs ocupando ilhas da porção meridional da Laguna dos Patos, (Métraux 1948). Além disso, algumas fontes trazem informações sobre famílias indígenas trazidas de outras regiões do país para as comunidades meridionais ao sul da Laguna dos Patos para trabalharem em construções e defesa de fronteiras (Naue et al 1971; Monteiro 1992; Noelli 1999-2000). Os relatos etnográficos de cronistas, viajantes e pesquisadores apresentam um panorama de ocupação dos índios Charrua, Minuano e Guarani na região da Laguna dos Patos já a partir do século XVI em áreas bastante amplas. De acordo com Fausto (1992), Monteiro, (1992), Brochado (1984) e Susnik (1979-1980), neste período, entre a Laguna dos Patos e Cananéia assentavam-se os Carijós (Guarani) e especificamente na região da Serra do Sudeste e da Laguna dos Patos, os Guaranis eram regionalmente denominados Tapes (Pôrto 1955 *apud* Susnik 1979-1980).

3.3. Um breve balanço das pesquisas

Esses dados apresentados sobre as pesquisas e discussões realizadas a partir dos sítios arqueológicos e áreas de ocupação indígena, demonstram que a busca pelo entendimento de ocupação regional sempre ocorreu no litoral da Laguna dos Patos, sendo que em alguns casos, foram privilegiadas as descrições de sítios isolados. Diversas abordagens foram desenvolvidas para entender estes processos, tanto através de pesquisas amadoras, antes dos anos 1950, até pesquisas profissionais, com as pesquisas do PRONAPA, a partir dos anos 1960 em diante.

Houve um predomínio significativo de pesquisas que podem ser enquadradas do ponto de vista teórico como histórico-culturalistas, em que os profissionais objetivaram obter informações referentes à cronologia (geralmente relativa) e dispersão espaço-territorial das tradições arqueológicas, utilizando-se de escavações de poços testes e coletas de superfície para conhecer as características básicas dos sítios estudados (morfologia, composição, estratigrafia, tecno-tipologia e cronologia). A cerâmica serviu como o elemento de análise principal, ora servindo como base para pensar as relações

inter-culturais entre grupos cerriteiros e Guarani, ora sendo usada como fator de comparação entre diferentes sítios para pensar funcionalidade e filiação cultural.¹⁹ A cerâmica serviu também como principal fator de definição de cronologias relativas através do método de seriação em detrimento de métodos de datações absolutas que, mais sofisticados, permitiriam um esquema cronológico mais seguro, objetivo e científico para o processo de ocupação regional indígena na Laguna dos Patos.

Por outro lado, as abordagens processualistas contribuíram muito para o entendimento desses processos de ocupação, apresentando modelos explicativos e padrões de assentamento, que enriqueceram o cenário regional. Com uma ampla ênfase na perspectiva sistêmica, os dados das pesquisas realizadas na Lagoa do Quintão (município de Quintão) e no Povo Novo (município de Rio Grande) trazem à tona discussões relacionadas às estruturas arqueológicas e o uso dos conjuntos cerâmicos no interior dessas estruturas, além de apresentar indicadores de permanência e mobilidade nos assentamentos. A pesquisa do Projeto Quintão se destaca pela busca de um modelo explicativo do sistema de assentamento, em que os sítios se articulam na paisagem de forma a otimizar a exploração dos recursos naturais. Para isso, espaços de assentamento específicos de ocupação temporária ou semi-permanente são construídos com o fim de abastecer, com recursos lacustres, o assentamento central.

Com base na bibliografia aqui sintetizada e na pesquisa presente é possível compreender que a ocupação Guarani na margem da Laguna dos Patos e lagoas próximas que constituem o litoral do estado do Rio Grande do Sul ocorreu de forma bastante diversificada, no que se percebe a ocorrência de diferentes tipos de assentamentos, desde sítios isolados na paisagem até conjuntos de sítios. Ocorrem sítios assentados sobre dunas em todas margens da Laguna dos Patos estudadas arqueologicamente, tanto com grandes como com pequenas dispersões, densidades de materiais e estruturas arqueológicas. Além disso, são identificados sítios sobre conchas, sítios em ilhas, cerâmica Guarani em Cerritos e em sítios Taquara, sítios Guarani muito próximos de Cerritos e também de sítios Taquara, o que demonstra uma diversidade de formas de assentamento e atividades de contatos inter-culturais.

Esta variabilidade das formas de assentamento suscita uma discussão sobre como e com base em quais interesses os grupos Guarani se assentavam em determinados ambientes, bem como uma discussão sobre a constituição de domínios de território na sua articulação com esses recursos e com as fronteiras étnicas e políticas estabelecidas com outros grupos culturais indígenas. Neste trabalho, não apresentaremos uma ampliação dessa breve reflexão, servindo como sugestão para pesquisas futuras a necessidade de sistematização dos dados bibliográficos dos sítios do litoral do estado e, sobretudo, das margens da Laguna dos Patos. Essa breve sistematização e reflexão aqui apresentada, apenas serve como um cenário de ocupação, em que se apresentam diferentes formas de atuação dos grupos indígenas Guarani, demonstrada, mais uma vez, pelas diferentes maneiras em que estes se articulam na paisagem e pela composição dos seus assentamentos.

¹⁹ Ver Naue, Schmitz e Basile-Becker 1968; Naue et al. 1970; Schmitz 1976.

A sistematização dos dados incita então a ampliação de um estudo de arqueologia regional que levem em conta a diversidade das formas de assentamento e as cronologias, no intuito de construir modelos regionais de ocupação. Nesse sentido, a sugestão é de que seja realizado um estudo de história regional indígena, que avance sobre o empiricismo descritivo em busca de um panorama sistêmico e amplo como afirma Noelli (1999-2000: 262) ao considerar que um dos desafios da atualidade para o estudo dos povos Guaraní e sua história é: *“intensificar as abordagens regionais, com o objetivo geral de verificar diferenças e semelhanças, continuidades, descontinuidades e mudanças (...).”*

Segunda parte

**Área de estudo, método de pesquisa e discussões
tipológicas**

Capítulo 4

Enfoque Teórico-metodológico

4.1. Caracterização Física da Área de Estudo

A pesquisa abrange uma região ampla onde se localiza o município de Pelotas: porção meridional do subcontinente sul americano, na região sul do Estado do Rio Grande do Sul. Do ponto de vista físico, o município de Pelotas se localiza na Região Morfológica Planície Costeira Interna, na Unidade Geomorfológica Planície Lagunar, do Estado do Rio Grande do Sul (Radam Brasil 1986) ou região fisiográfica denominada “Encosta do Sudeste”, uma das 11 regiões em que pode ser dividido o Estado do Rio Grande do Sul (Rosa 1985).

“A Província Costeira é constituída predominantemente por depósitos arenosos, siltico-argilosos, argilosos e ocasionalmente conglomeráticos, que fracamente consolidados ou inconsolidados constituem acumulações coluviais, fluviais, lacustres, eólicas e marinhas, de idades variáveis desde o limite entre o Terciário e o Quaternário até o Holoceno” (Radam Brasil 1986: 34).

A Província Costeira do Estado do Rio Grande do Sul tem como limites a Província Paraná ao norte, a oeste e sul o Maciço Mediano Joinville (subdivisão da Província Mantiqueira), e está situada na região do Domínio Morfoestrutural dos Depósitos Sedimentares, que iniciam na cidade de Garopaba-SC até o Chuí-RS, no extremo sul do País. Constitui-se em amplas e extensas planícies costeiras, numa vasta superfície plana, alongada, alargando-se para sul, onde se registram as maiores áreas lagunares do Brasil. Apresenta-se retilinizada na sua maior extensão e generalizadamente arenosa, onde ocorreu formação de restingas que isolaram do mar uma série de corpos líquidos referentes a lagunas e lagoas. O Domínio comporta duas regiões geomorfológicas: Planície Costeira Externa e Planície Costeira Interna (Radam Brasil 1986). Esta subdivisão da Planície costeira se dá em relação a sua localização no que se refere ao Domínio Morfoestrutural dos Depósitos Sedimentares. A Região Geomorfológica Planície Costeira Externa corresponde à faixa mais ao leste da planície, conhecida como Restinga da Laguna dos Patos, onde se situam cidades como: São José do Norte, Mostardas e Tavares.

Nossa área de pesquisa se situa, em parte, na Região Geomorfológica Planície Costeira Interna, que se apresenta como uma área baixa, posicionada entre a Região Geomorfológica Planície Costeira Externa ao leste e os relevos Planálticos ao oeste.

“Nessa região dominam os modelos esculpidos em depósitos de origem continental, ocorrendo em pequenos trechos, geralmente às margens da laguna dos Patos, os modelos derivados do remanejamento eólico, originando dunas atuais. Predomina vegetação Pioneira, já alterada pela ação antrópica” (Radam Brasil 1986: 325).

A Região Geomorfológica Planície Costeira Interna, onde se localizam municípios como Pelotas, Turuçu, São Lourenço do Sul e Capão do Leão, abrange duas unidades geomorfológicas: Planície Lagunar e Planície Alúvio-Coluvionar. A Unidade Geomorfológica Planície Lagunar se localiza entre as Unidades Planície Marinha, ao leste, e Alúvio-Coluvionar, ao oeste. Caracteriza-se por ser uma área plana, homogênea, sem dissecação, onde dominam os modelados de acumulação representados pelas planícies e terraços lacustres (Radam Brasil 1986). A Unidade Geomorfológica Planície Alúvio-Coluvionar, corresponde à superfície plana, rampeada suavemente para leste, em alguns trechos descontínuas, posicionada entre a Planície Lagunar ao leste e os relevos das Regiões Geomorfológicas Planaltos das Araucárias e Sul-Riograndense ao oeste. Nessa unidade:

“(...) predominam os modelos planos ou embaciados, resultantes da convergência de leques coluviais de espraiamento, cones de dejeção ou concentração de depósitos de enxurradas nas partes finais das rampas de pedimentos. Ocorrem ainda formas de topo plano ou baixos tabuleiros. Nas proximidades da Laguna dos Patos corresponde a antigas dunas dissipadas, onde se processou uma dissecação do tipo homogênea com densidade de drenagem, fina e média, (...) trata-se de uma área de deposição eólica, oriundos de processos pedogenéticos que se instalaram na área” (Radam Brasil 1986: 325).

Podemos caracterizar a paisagem do município de Pelotas da seguinte forma:

a) Paisagem Serrana: compreende a Serra do Sudeste conhecida regionalmente como Serra dos Tapes. Essa serra corresponde ao Escudo Cristalino Pré-Cambriano e se constitui por ser uma área elevada e ondulada com altitudes médias entre 100 m e 300 m, sendo que excepcionalmente, no extremo noroeste, as altitudes são superiores a 300 metros, chegando no máximo, em dois pontos a 400 metros (Rosa 1985). A vegetação nessa paisagem se caracteriza como uma área com cobertura vegetal da Floresta Estacional Semidecidual (Radam Brasil 1986; Rosa 1985; Rogge 2004).

b) Paisagem litorânea: pertencente à Planície Costeira, correspondente à Bacia Sedimentar, baixa e plana. É definida como a margem ocidental da Laguna dos Patos, que teve sua formação durante o quaternário através de um Sistema Depositional de Leques Aluviais e do acréscimo de quatro Sistemas Depositionais do tipo Laguna-Barreira (Radam Brasil 1986; Tomazelli & Villwock 2000). A planície litorânea é banhada pelas águas da Laguna dos Patos que é um importante corpo aquífero da Planície Costeira com predominância de água “doce”, mas com salinização no verão. Além disso, é um grande criadouro de várias espécies aquáticas e, conseqüentemente, um grande atrativo para

as atividades de pesca desde a ocupação dos sistemas socioculturais pré-históricos até tempos modernos.

Rosa (2006) classifica, com base na bibliografia especializada em ecologia costeira, sete ambientes distintos na zona litorânea: matas de restinga, campos litorâneos, palmares, lagoas costeiras, banhados, dunas arenosas e zona costeira. Dessas sete zonas, na nossa área de pesquisa conseguimos identificar pelo menos características referentes às cinco primeiras zonas ambientais, que ocorrem na Planície Litorânea Interna. Outro trabalho importante que permite caracterizar esses ambientes é o de Mauhs & Marchioretto (2006), que complementa o trabalho do autor supra-citado, mas com a diferença de que classificam o ambiente em **Matas de restinga** e **Formações abertas** (vegetação pioneira, campos e parques de butiás). A seguir serão apresentadas algumas características de cada ambiente identificado em nossa área de pesquisa mesclando as classificações de Rosa (2006) e Mauhs & Marchioretto (2006).

a) As **Matas de Restinga** se localizam na orla das lagoas e Laguna dos Patos, tendo sido mais abundante no passado. São florestas de pequeno porte e espécies arbóreas adaptadas às fortes ações dos ventos litorâneos. Essas matas se caracterizam por serem pobres quanto à diversidade faunística, se comparado a outros ecossistemas florestais e se dividem em **Matas paludosas** (comuns fora da área de pesquisa, mais especificamente no litoral norte do estado e na região do Taim) e **Matas psamófilas**. Estas últimas, presentes na região de estudo da presente pesquisa, se caracterizam por ocupar “*antigos cordões de dunas, tornados fixos pela própria associação com a vegetação, de onde resulta sua formação de capões alongados, mais ou menos paralelos com a costa oceânica. Os maiores remanescentes contínuos desta formação encontram-se ao longo da margem oeste das lagoas, que dispõem também paralelas ao litoral*” (Mauhs & Marchioretto 2006: 116). Nestas matas se destaca a presença de um estrato arbóreo composto por plantas do tipo Mirtáceas como guamirim (*Eugenia uruguayensis* Cambess) e pitangueira (*Eugenia uniflora* L.), que apresentam troncos bem ramificados e retorcidos, principalmente quando ocupam terrenos pobres em nutrientes como o caso da restinga. É interessante comentar que esse tipo de planta gera lenha de ótima qualidade quando seca (Mauhs & Marchioretto 2006). Se destacam também as espécies do tipo coronilha (*Sideroxylu obtusifolium* Penn) e figueira-da-folha-miúda (*Ficus organensis*), que apresentam troncos grossos, ótimos para utilização como esteios para estruturas arquitetônicas (Mauhs & Marchioretto 2006).

b) As **Formações Abertas** ocupam grande parte do terreno do litoral do Rio Grande do Sul e se dividem em vegetação pioneira, campos e parques de butiás. Os **Campos Litorâneos** ocupam grande parte da área de pesquisa e são procurados como espaços para o plantio de culturas irrigadas, como arroz, soja, melancia, etc. São formados, em sua maioria, por ações antrópicas atuais decorrentes da exploração agrícola; sua fauna e flora atuais são o resultado dos processos afetados por essas atividades. Se caracterizam pela presença de gramíneas (Rosa 2006; Mauhs & Marchioretto 2006).

c) As **Palmares** se caracterizam por serem palmeiras, conhecidas como butiá (*Butia capitata*). Essa planta forma uma comunidade em áreas de campo aberto e também em florestas. Sua origem na região é pouco esclarecida, sendo possível especular que o plantio extensivo dessa espécie tenha se dado pelo manejo realizado pelos grupos indígenas, já que se trata de uma planta com frutos comestíveis e potencial uso das folhas, inclusive, muito presente nos sítios arqueológicos (Rosa 2006 e Mauhs & Marchioretto 2006).

d) A **vegetação pioneira** se caracteriza como a vegetação que ocupa os solos recém formados. Na região meridional da laguna dos Patos, esta vegetação ocupa grandes extensões na faixa de dunas, que separa a linha da praia oceânica e as lagoas. As espécies vegetais que predominam neste ambiente são as gramíneas. Mesmo com a vegetação, o solo é arenoso na maior parte (Mauhs & Marchioretto 2006).

d) os **banhados** apresentam diversos micro-ambientes palustres. A vegetação se localiza nas margens das lagoas e ao se colmatar se transforma em banhados, que também devem ser classificados como formações pioneiras dominados por ciperáceas (*Scirpus spp*, *Cladium jamaicensis* Crantz, *Cyperus californicus*, *Cyperus giganteus* Vahl.), conhecidas popularmente como juncos, que deveriam ter sido de extrema importância para as populações indígenas, pois são excelente matéria prima para confecção de cestaria e coberturas arquitetônicas (Mauhs & Marchioretto 2006).

Sobre a hidrografia do município de Pelotas, o mesmo participa do sistema lagunar rio-grandense bastante entrosado à hidrografia continental. O município apresenta grande número de cursos de água, em sua maioria, originados nas terras altas e que nos seus percursos, antes de desaguar na laguna formam banhados, arroios e córregos. Entre os principais complexos hídricos de Pelotas se destacam a Laguna dos Patos e a Lagoa Mirim, as quais são ligadas pelo Canal São Gonçalo (Rosa 1985).

“O Canal São Gonçalo estende-se através de uma planície sedimentar de formação recente (Holoceno), com um curso particularmente sinuoso. O Canal São Gonçalo possui uma extensão de 75 km, com larguras variáveis em torno de 200 metros e profundidades também variáveis, numa média de 6 metros. (...) Próximo às margens do São Gonçalo ocorrem, freqüentemente, pântanos de água doce. A litologia mais importante desta planície é constituída de material clástico, representada por areias quartzosas, argilas e conglomerados” (Rosa 1985: 103).

Os principais canais e arroios do município formam bacias hidrográficas que ligam as terras altas da serra às terras baixas do litoral. Apresenta-se abaixo as características das bacias de ligação serra/litoral e da Bacia Hidrográfica litoral/praias.

- ✓ **Canal Santa Bárbara:** formado na região onde inicia a Serra do Sudeste. Essa região ao pé da serra é conhecida regionalmente como coxilhas, que chegam a alturas médias de 50 metros. A Bacia Hidrográfica Santa Bárbara tem uma área de 10.924 ha. e deságua finalmente no canal São Gonçalo.
- ✓ **Arroio Moreira/Fragata:** o arroio Moreira também se forma nas iniciais elevações da serra do sudeste e deságua finalmente no canal São Gonçalo. A Bacia Hidrográfica Moreira/Fragata tem uma área de 13.107 ha.
- ✓ **Arroio Pelotas:** o arroio Pelotas é formado nas regiões mais elevadas da Serra do Sudeste. A Bacia Hidrográfica Pelotas tem uma área de 62.238 ha e deságua na margem sudoeste da Laguna dos Patos. Devemos destacar que a bacia do Pelotas e a bacia litoral/praias têm sido as duas principais áreas de levantamentos da pesquisa. O arroio Pelotas é um dos principais recursos hídricos que liga a serra a o litoral, formando uma série de banhados, córregos, sangas e arroios de menor porte ao longo de sua bacia hidrográfica. Destacamos os arroios Sujo e Salgado, nas proximidades da colônia de pescadores Z-3, onde foi encontrado um sítio nas margens do arroio Sujo por Brochado (1974).
- ✓ **Arroio Correntes:** formado também na região serrana tem características semelhantes ao arroio Pelotas. Esse arroio deságua também na Laguna dos Patos, sendo o recurso hídrico que separa a ilha da Feitoria do continente justamente no limite norte da mesma. Sua Bacia Hidrográfica tem uma área de 17.680 ha.
- ✓ **Arroio Contagem:** formado também nas terras altas da serra, deságua na laguna dos Patos e tem características semelhantes aos outros arroios que deságuam na laguna. Sua Bacia Hidrográfica ocupa uma área de 25.411 ha.
- ✓ **Litoral/Praias:** formada pela margem sudoeste da Laguna dos Patos, a Bacia Hidrográfica litoral/praias conta com uma área de 5.417 ha. Sua posição no terreno litorâneo a caracteriza como receptora de águas provenientes das terras altas e da laguna, formando uma área de banhados e córregos. Essa bacia também tem sido sistematicamente estudada pela pesquisa.

4.2. Metodologia de campo

A metodologia de pesquisa empregada para o estudo regional dos sítios arqueológicos passou por modificações que tratamos como um amadurecimento do projeto desenvolvido pelo LEPAARQ-UFPel como um todo. Na medida em que novas demandas e diferentes objetivos foram adicionados ao projeto, concomitantemente novas formas de atuar passaram a ser desenvolvidas para atender a essas necessidades. Inicialmente foi adotado um método assistemático de levantamento de sítios, sem que se pensasse a articulação inter-sítios. Nesse sentido, a identificação dos mesmos se dava mais através de informações das comunidades locais e menos pelas atividades de campo efetivamente. Os espaços de ocupação pré-histórica eram então pensados isoladamente, o que impossibilitava compor um quadro sistêmico de ocupação num contexto regional.

Conforme se percebia essas lacunas, que mais diziam respeito à forma de pensar os sítios e seus contextos do que propriamente ao embasamento teórico do projeto, a metodologia passou a ser repensada para atingir um padrão de atuação que permitisse a medição de áreas percorridas, dando conta de contextos ambientais diferenciados. Dessa forma, a pesquisa passou a ter um caráter sistemático de atuação regional, em que as etapas de campo passaram a atender à demanda de informantes locais e à realização de levantamentos e prospecções em distintos ambientes.

Abordagens de pesquisa baseadas em Arqueologia Regional têm sido amplamente discutidas e testadas em diferentes regiões e contextos arqueológicos, consistindo numa das principais ferramentas para o estudo de áreas pouco pesquisadas.²⁰ Enfoques regionais permitem pensar contextos amplos de ocupação para compreender histórias regionais de longa duração (Araujo 2001). Objetivamos com a aplicação de um enfoque regional preencher uma lacuna de modelos regionais de ocupação indígena, ressaltada pelo autor supracitado:

“A Arqueologia brasileira permanece carente de estudos regionais sistemáticos para que se torne um corpo sólido de conhecimentos. A acumulação de dados na disciplina ainda se faz de maneira assistemática, grandes áreas permanecem desconhecidas do ponto de vista arqueológico, e até mesmo a simples seqüência cronológica de acontecimentos, que constitui a base para se construir hipóteses e aplicar teorias, é ainda falha” (Araujo 2001: 1).

A perspectiva de pensar regionalmente os sítios permitiu uma aproximação do projeto com os pressupostos teóricos da Arqueologia Regional que foi: *“conceitualmente definida por Willey (1953), como ‘padrões de assentamento’, aprimorada por Winters (1986) para ‘sistemas de*

²⁰ Ver discussões metodológicas sobre aplicação de *sampling* ou *Full Coverage Survey* em: Morales 2005; Araujo 2001; Dias 2003; Fish & Kowalewsky 1990; DeBlasis & Morales 1995.

assentamento' e posteriormente difundida por pesquisadores que buscavam aproximar a relação existente entre natureza, tecnologia e sistema social" (Morales 2005: 64). Nesse sentido, em uma visão ampla, padrão de assentamento se refere ao estudo da posição de sítios arqueológicos numa determinada área geográfica que se dispõe de forma coerente. Logo, padrão de assentamento é uma matriz espacial que marca a intersecção entre as atividades humanas e o ambiente natural, ou seja, permite a compreensão dos sítios arqueológicos e sua relação desses com o meio ambiente, com outros sítios e entre eles próprios (cf. Fish 1999). Segundo Morais (1999-2000: 202) *"Padrão de assentamento é a distribuição de sítios arqueológicos em determinada área geográfica, refletindo as relações das comunidades do passado com o meio ambiente e as relações entre elas próprias no seu contexto ambiental (Yoffe e Sherratt 1997). Estratégias de subsistência, estruturas políticas e sociais e densidade da população foram alguns dos fatores que influenciaram a distribuição do povoamento, desenhando os padrões de assentamento"*.

Uma dos objetivos centrais da Arqueologia Regional é a preocupação em entender os sistemas regionais de ocupação humana²¹ estabelecidos na paisagem, que são influenciados por estratégias econômicas, estruturas políticas e sociais, densidade populacional, estruturas simbólicas, etc. (Fish & Kowalewsky 1990; Ashmore & Knapp 1999; Morais 1999-2000). Nesse sentido, a paisagem tem um significado importante, na medida em que se trata dos espaços em que os grupos humanos vivem e interagem entre si e com o meio ambiente, onde constroem suas referências cognitivas, patrimoniais e identitárias. Logo, podemos compreender paisagem como:

"(...) o pano de fundo sobre o qual, os remanescentes arqueológicos são plotados. Desde perspectivas econômicas e políticas, paisagem provê recursos, refúgios e riscos que impelem e impactam as ações e situações humanas. (...), entretanto, as noções mais proeminentes enfatizam suas dimensões sócio-simbólicas. Paisagem é uma entidade que existe pela virtude de ser percebida, vivida e contextualizada pelos homens" (Ashmore & Knapp 1999. Tradução livre).

O método aplicado foi articulado com os problemas centrais da pesquisa relacionados ao estudo do sistema de assentamento Guarani e com as possibilidades financeiras e logísticas à disposição. Nesse caso, optamos por utilizar o método de Levantamento Arqueológico por Amostragem Probabilística Estratificada, que se caracteriza pela realização de levantamentos arqueológicos sistemáticos em áreas amostrais delimitadas, onde os mesmos são efetuados em todos seus estratos ambientais. Nesse caso, a região de pesquisa foi delimitada arbitrariamente levando-se em consideração dois aspectos fundamentais: territorialidade e geografia. Foi determinada uma área piloto e dentro

²¹ "A coordenação entre sítios ou conjuntos de sítios de certa região, demonstrando relações concomitantes por contemporaneidade, similaridade ou complementaridade, define um sistema regional de povoamento" (Morais 1999-2000: 202).

dessa, dez unidades amostrais onde foram feitos os trabalhos de Levantamento Arqueológico, Prospecções e Intervenções intra-sítio.

Essas técnicas estão articuladas com o método de levantamentos probabilísticos e oportunistas e método de múltiplos estágios (*multistage fieldwork*) (Araujo 2001; Dias 2003; Redman 1973; Renfrew & Bahn 1991). O método de múltiplos estágios consiste em um sistema organizacional de pesquisa que perpassa todas as esferas (campo e laboratório), com a clareza de que o pesquisador deve ter quatro princípios básicos interligados por uma constante retro-alimentação (*feedback*). Os princípios são os seguintes: a) Uso combinado de indução e dedução para a formulação das problemáticas do projeto e para as etapas subsequentes; b) Retro-alimentação programática e analítica entre as diferentes etapas da pesquisa; c) Utilização explícita de amostragem probabilística; d) Uso de técnicas apropriadas às hipóteses e aos objetos de estudo.

Além disso, Redman (1973) propõe que a estrutura organizacional dos procedimentos de campo e laboratório seja baseada em quatro estágios interligados e retro-alimentáveis: 1) **Reconhecimento geral da região de estudo**, 2) **Levantamento arqueológico** 3) **Prospecção**, 4) **Escavação**. É importante ressaltar que foram realizadas adaptações dos procedimentos metodológicos para atender aos objetivos da pesquisa.

Etapas 1. Reconhecimento geral da região de estudo: O primeiro estágio de pesquisa consistiu inicialmente em elaborar as problemáticas de pesquisa, no que se refere aos seus interesses e objetivos de pesquisa. Essa etapa foi realizada através de uma revisão bibliográfica (pesquisas arqueológicas e fontes etnográficas e etnohistóricas), por meio da qual se pôde entender os modelos interpretativos de ocupação em nível macro regional, as estimativas cronológicas e o padrão de assentamento dos grupos sociais em questão.

Após a determinação dos problemas de pesquisa partimos ao estudo detalhado do ambiente e paleoambiente, para proceder às compartimentações paisagísticas que foram comportados pela área piloto e suas unidades amostrais a fim de entender a dinâmica ambiental que influenciou de alguma maneira na formação e assentamento dos sítios arqueológicos e estratégias de ocupação dos mesmos.

A organização de mapas possibilitou a sistematização das informações arqueológicas coletadas em campo, sobretudo com relação aos sítios e ocorrências arqueológicas identificadas pela pesquisa, servindo como uma base de informações sobre padrão de assentamento. Esse mapa foi organizado com base nas cartas do exército e da marinha (cartas náuticas) e carta geológica, bem como nas fotos de satélite disponíveis no Programa Livre *Google Earth*, permitindo a delimitação do espaço da área piloto do projeto e das referidas unidades amostrais.

Área Piloto: A delimitação da área piloto compreendeu um espaço de 120 km por 80 km, totalizando 9600 km². Essa área deve ser entendida como o cenário ou região ou ainda, o recorte

ambiental onde se desenvolveram as diferentes atividades culturais dos sistemas regionais de ocupação humana. A delimitação da Área Piloto do projeto foi realizada de forma arbitrária a partir de dois tipos de informações distintas, mas interligadas que são:

- a) *Geografia* que consiste nas características ambientais do espaço a ser pesquisado, ou seja, compreende as características do solo e das águas, as características geológicas e geomorfológicas entre outros fatores da região de estudo (DeBlasis & Morales 1995);
- b) *Territorialidade*: que é compreendida a partir do conhecimento da localização dos sítios arqueológicos na região que permitam ter uma visão previa dos distintos grupos sociais que se estabeleceram na mesma, tanto em nível espacial como cronológico (DeBlasis & Morales 1995).

Unidades amostrais: As unidades amostrais são os espaços também delimitados arbitrariamente, mas de menor extensão inseridos na área piloto e delimitados pelos seguintes critérios: reconhecimento prévio da visibilidade e acessibilidade aos ambientes geográficos e do terreno, concentrações de sítios e ocorrências arqueológicas e informações das comunidades locais sobre indícios arqueológicos.

Foram estabelecidas unidades amostrais distribuídas na sub-bacia hidrográfica do Arroio Pelotas, que liga a serra ao litoral, assim como na Bacia-hidrográfica litoral/praias e na Serra do Sudeste. O objetivo na distribuição das unidades foi abranger as diferentes paisagens da referida área e que são objetos de levantamento arqueológico sistemático. Essas unidades amostrais têm áreas diferenciadas entre si, atendendo a necessidade de se perceber se a distribuição dos sítios ou ocorrências arqueológicas formam agrupamentos ou são localizados esparsamente no terreno (Araujo 2001; Hodder & Orton 1990). Até o momento foram realizados trabalhos sistemáticos nas unidades A (Ilha da Feitoria) e B (Praia do Laranjal). Trabalhos assistemáticos foram realizados nas unidades C (Morro dos Três Cerros), unidade D (Colônia Maciel) e Unidades E, F, G, H, I, J (ao longo da margem do arroio Pelotas, ainda em terreno litorâneo) (ver mapa arqueológico com a localização dos sítios e unidades amostrais no anexo 2).

A unidade amostral A consiste no terreno da Ilha da Feitoria com 37 km², a unidade B é a área que compreende o espaço entre o canal São Gonçalo, o arroio Pelotas, a laguna dos Patos e o arroio Salgado com 30 km². A unidade C, por sua vez, compreende uma área de 11,25 km² centrada no Morro Farroupilha na Colônia Maciel. A unidade D se localiza também na serra, mais especificamente no ale do arroio Andrade, na região do 3º Distrito do município de Pelotas com aproximadamente 25 km². Além dessas unidades, foram prospectadas com uso de barco as unidades E, F, G, H, I, J. Localizadas ao longo do arroio Pelotas, essas unidades têm aproximadamente 0,25 km² cada.

Fotos 1 e 2

1. Área piloto com as unidades amostrais de levantamento arqueológico. Fonte: Google Earth
2. Área piloto localizada na porção meridional da laguna dos Patos e serra do Sudeste. Fonte: Google Earth

Etapa 2. Levantamento Arqueológico: A segunda etapa da pesquisa está relacionada diretamente ao levantamento arqueológico das unidades amostrais através da técnica de varredura arqueológica dividida em duas categorias. Os sítios ou ocorrências arqueológicas identificadas a partir da etapa de

varredura arqueológica são georeferenciados com uso de GPS, seguindo-se à coleta sistemática superficial dos vestígios artefatuais com GPS ou nível ótico.

a) *Levantamento Assistemático Extensivo*: consiste numa varredura abrangente de maneira oportunística e probabilística em que se leva em consideração informações das comunidades sobre possíveis indícios arqueológicos, bem como locais específicos prováveis de localização de sítios ou ocorrências arqueológicas definidos a partir de estudos prévios de fotografias aéreas, topografia, ambientes específicos como confluências de recursos hídricos e dunas. Essa varredura pode se dar de carro ou a pé não havendo a preocupação em seguir um caminhamento alinhado (Araujo 2001; Morales 2005; Dias 2003).

b) *Levantamento Sistemático Intensivo*: varredura intensiva em toda unidade amostral realizada a pé em que a equipe caminha de forma alinhada e paralela com um espaçamento padrão entre as pessoas da equipe. Essa técnica abrange todos os ambientes da unidade amostral com o objetivo de ter um controle completo de toda superfície da mesma (Araujo 2001; Morales 2005; DeBlasis & Morales 1995; Dias 2003).

Foto 03 levantamento a pé na região do arroio Sujo.
Foto: Rafael Guedes Milheira

Foto 04 levantamento a pé na região das dunas do sítio Las Acácias. Foto: Rafael Guedes Milheira

Foto 05: levantamento com uso de barco. Arroio Pelotas. Foto: Rafael Guedes Milheira

Foto 06: levantamento a pé na região da serra.
Foto: Rafael Guedes Milheira

Etapa 3. Prospecção: A terceira etapa da pesquisa de campo está relacionada à intervenção intra-sítio prospectiva²² (sondagens), que visa detectar a distribuição dos vestígios tanto em nível superficial como sub-superficial para determinação do cálculo de área do sítio arqueológico. A combinação de procedimentos de controle de superfície e de controle de sub-superfície nas áreas de concentração de vestígios permite estabelecer de maneira dedutiva o tamanho da ocupação em questão, bem como identificar contextos arqueológicos como estruturas arqueológicas. As sondagens são realizadas sistematicamente no terreno de cada sítio arqueológico com uso de escavadeira articulada (boca de lobo) ou pá.

São realizadas para tal fim coleta total superficial de materiais arqueológicos com uso de GPS ou plotagem e escavação de sondagens em níveis artificiais de 10 cm até a base da ocupação. São registrados também desenhos de camadas estratigráficas, compõem-se um acervo fotográfico dos trabalhos, croquis e desenhos de sítio, registro de sítio através de fichas descritivas e posicionamento geográfico do sítio ou ocorrência arqueológica.

Foto 7: sondagens no sítio PT-01-Sotéia.
Foto: Rafael Guedes Milheira

Foto 8: sondagens na margem do canal São Gonçalo. Foto: Estefânia Jaekel da Rosa

Foto 9: sondagens no sítio Raffi 1.
Foto: Rafael Guedes Milheira

Foto 10: sondagens no sítio PS-02-Camping.
Foto: Rafael Guedes Milheira

²² Consideramos intervenção intra-sítio na mesma perspectiva de Moraes (1999): “(...) quaisquer atitudes que proporcionem o desmonte do sítio: coletas comprobatórias; abertura de sondagens; trincheiras ou cortes; tradagens; decapagens; retificação de barrancos. Enfim, qualquer ação de responsabilidade de um profissional que provoque alteração física no registro (...)” (Moraes 1999: 4).

Foto 11: coleta de superfície no sítio PT-01-Sotéia.
Foto: Rafael Guedes Milheira

Foto 12: elaboração de croqui do sítio PT-01-Sotéia.
Foto: Rafael Guedes Milheira

Etapa 4. Escavação: A escavação é realizada após as coletas de superfície e sondagens e permite evidenciar contextos arqueológicos mais amplos como estruturas arqueológicas ou áreas de concentração de materiais arqueológicos mais densa que possam indicar contextos funcionais específicos.

As escavações são realizadas com a delimitação de um *locus* de escavação em que, com o uso de nível ótico e régua, é elaborada uma malha de quadrículas. Procedemos à abertura de uma área mais ampla que as sondagens como, por exemplo, quadras de mais de 1m² ou trincheiras. Nessas áreas de escavação, os materiais evidenciados são plotados individualmente para registro espacial tridimensional individual de peças, o que é realizado através da medição de cada peça dentro de um plano cartesiano, com medidas de x, y e z. São realizados também desenhos estratigráficos, medições topográficas, fotografias e desenhos de materiais e contextos arqueológicos.

Foto 13: escavação do sítio PS-02-Camping.
Foto: Rafael Guedes Milheira

Foto 14: medições topográficas e definição de malha de quadrículas. PS-02-Camping.
Foto: Rafael Guedes Milheira

Foto 15: escavação da estrutura funerária. Sítio PSGPA-04-Ribes. Foto: Rafael Guedes Milheira

Foto 16: escavação de trincheira. Sítio PS-03-Totó. Foto: Rafael Guedes Milheira

4.3. Metodologia de Laboratório

A análise dos materiais arqueológicos em laboratório foi um processo bastante exaustivo na pesquisa. Milhares de fragmentos de cerâmica e vasilhas inteiras ou semi-inteiras foram analisadas, assim como centenas de instrumentos líticos e vestígios ósseos. Esses materiais compõem conjuntos artefatuais e vestígios culturais que compreendem grande parte do registro arqueológico de cada sítio que foi identificado e analisado em nosso trabalho. Somam-se a estes conjuntos outros tipos de elementos físicos componentes dos sítios arqueológicos que não foram tratados com propriedade aqui, como é o caso das análises de sedimentos e suas assinaturas químicas e análises de vestígios botânicos.

Neste sentido, optamos por realizar estudos mais acurados dos conjuntos artefatuais cerâmicos e líticos, bem como dos vestígios culturais ósseos na sua totalidade amostral, o que permite ter uma visão global da variabilidade artefactual tecno-tipológica que ocorre em cada sítio e uma visão parcial, senão, bastante limitada, dos vestígios ósseos, que sugerem consumo, captura e adaptação aos recursos ambientais locais. Levando esta análise global em consideração, nosso objetivo mais abrangente foi apresentar uma série de dados científicos sobre cada conjunto, compreendendo seus aspectos formais e tecnológicos, no caso dos artefatos líticos e cerâmicos e na identificação taxonômica, quando se trata dos vestígios ósseos.

A análise laboratorial dos materiais coletados em contexto arqueológico é efetuada logo após o trabalho de curadoria dos mesmos. O primeiro passo então é a limpeza, secagem e numeração

dos materiais (número de catálogo e inventário). Em seguida, os mesmos passam para a etapa de análise das características formais da cerâmica, do material lítico e dos elementos arqueofaunísticos, de forma que se possa compor um conjunto de dados para proceder às comparações da composição do registro material dos sítios arqueológicos. Desta forma, é possível comparar a ocorrência, por exemplo, dos principais tipos de potes usados nos sítios e os estilos tecno-tipológicos predominantes nos mesmos, auxiliando nas interpretações sobre uso e função dos sítios arqueológicos em estudo²³.

Para a identificação da variabilidade das ocorrências cerâmicas, optamos por realizar estudos estatísticos dos atributos formais analisados em cada conjunto. A estatística aqui surge como um fator importante, que permite compreender padrões formais e tecno-tipológicos, oriundos de uma análise também padronizada, ou seja, que leva em consideração as mesmas variáveis para cada conjunto (*cf.* Shepard 1985 [1956]; La Salvia & Brochado 1989; Orton, Tyers e Vince 1993).

4.3.1. Método de análise do material cerâmico

É necessário, de pronto, ressaltar que nem todos os sítios pesquisados no litoral atendem aos pressupostos de análise propostos por Robrahn-Gonzalez (1988). Essa autora considera que o vasilhame é a unidade funcional por excelência e a análise dos fragmentos cerâmicos deve ser realizada em busca dessas unidades. Entretanto, conforme ressaltou Araujo (2001), nem sempre é possível ter fragmentos grandes de cerâmica que permitam reconstruções fidedignas dos potes, nesse caso, a saída metodológica é utilizar os fragmentos e tirar o máximo proveito dos dados, ou conforme o autor comenta ‘tirar leite de cacos’ (Araujo 2001: 296). Mesmo assim, sabemos que a análise de vasilhas inteiras ou semi-inteiras, que permitam a projeção o mais fiel possível do seu contorno é um fator importante e que deve ser seguido, logo, o procedimento utilizado pela pesquisa busca primeiramente, quando possível, a “abordagem dos vasilhames” e em segundo lugar a “abordagem dos fragmentos”.

O conjunto cerâmico de um sítio é, por vezes, o principal elemento do registro material disponível para análise que tem maior potencial para estudo e interpretação cultural. Na maior parte dos sítios estudados, elementos como manchas de terra preta e estruturas arqueológicas bem preservadas com diferentes materiais foram escassos ou inexistentes, sendo o material cerâmico e, por vezes, alguns artefatos líticos, os únicos suportes passíveis de estudo. Os conjuntos cerâmicos, por sua vez, são o principal suporte de análise, sobre os quais se embasa grande parte das interpretações que tecemos sobre os sítios e suas relações contextuais.

²³ É importante ressaltar que a análise de materiais foi realizada com a ajuda de colegas. Agradeço ao pesquisador Aluisio Alves pelo auxílio na análise do material cerâmico, ao pesquisador Dagoberto Lopes pelo auxílio na análise do material lítico e à acadêmica Priscilla Ulguim no material arqueofaunístico. Da mesma forma, agradeço aos acadêmicos Jonathan Duarte Marth, Eliete Henrique das Neves e Anderson Marques Garcia pela realização dos desenhos dos materiais líticos apresentados neste trabalho.

Tomando a cerâmica como o principal suporte para estudos dos sítios, os conjuntos foram analisados em vias de compreender duas questões globais: a) seus aspectos formais, que permitem uma compreensão tecno-tipológica dos mesmos no sentido da variabilidade artefactual e estilística; b) Compreender áreas de atividades ou uso do espaço, numa perspectiva de análise espacial intra-sítio (cf. Shepard 1985 [1956]; La Salvia & Brochado 1989; Orton, Tyers e Vince 1993). Os critérios de análise formal dos fragmentos e potes cerâmicos segue as orientações presentes na bibliografia especializada, citada ao longo do texto. No que se refere ao método e aos critérios de análise, classificamos nosso trabalho como “tradicional” em arqueologia, pois nos baseamos em aspectos analíticos amplamente difundidos entre os arqueólogos, exceto, no caso da aplicação arqueométrica de fragmentos cerâmicos da margem leste da Ilha da Feitoria, o que consideramos uma análise mais aprofundada, refinada e pontual, que diz respeito a um determinado tipo de trabalho não muito usual e incipiente na arqueologia brasileira.

Dezenas de autores foram consultados, o que permitiu a composição de uma ficha de análise em que constam os seguintes procedimentos que serão explicados caso a caso: quantificação de fragmentos quanto à secção do pote (borda, parede ou base), variáveis métricas (espessura máxima, comprimento e largura), forma do vaso, da borda e do lábio, decoração do lábio, manufatura, antiplástico, tratamento de superfície sem decoração e com decoração, queima e fatores pós-deposicionais. Esses critérios foram subdivididos em uma ficha de análise composta então por 17 campos de preenchimento, tratadas aqui como categorias analíticas. Apesar de exaustivamente descritos em vários trabalhos, consideramos útil apresentar aqui, não só os critérios de identificação destas categorias, mas também o porquê do uso desses elementos na pesquisa. Além disso, serão apresentadas tabelas e gráficos, quando necessários, com a sistematização dos dados, compondo-se um quadro estatístico comparável, através do qual poderemos tecer interpretações sobre os conjuntos cerâmicos em busca de padrões e variabilidade tecno-tipológica.

✓ **Manufatura** – são conhecidas vasilhas Guarani confeccionadas de três diferentes maneiras: roletadas, modeladas e moldadas. Em nossas análises identificamos a primeira com predomínio absoluto e a segunda com ocorrências pontuais. Essas técnicas foram descritas na bibliografia exaustivamente por diferentes trabalhos, porém, citamos como principal referência: Terminologia (1976) e La Salvia & Brochado (1989).

✓ A técnica de *roletes*, também conhecida como acordelamento é a mais comumente encontrada. Trata-se simplesmente da confecção de potes através da sobreposição de roletes de argila, ligados, por sua vez, com a polpa dos dedos ou instrumentos.

✓ A técnica de *modelagem* diz respeito ao modelamento da vasilha a partir de uma massa de argila, em que a oleira molda com as mãos o formato desejado. Além da utilização para confecção de pequenas vasilhas é também uma técnica utilizada para elaboração de alças, apliques, bordas e bases.

✓ **Secção do pote (borda, parede ou base)** – os fragmentos cerâmicos analisados foram divididos em: fragmentos de vasilhas, vasilhas inteiras e vasilhas semi-inteiras. Como esperado, os fragmentos de cerâmica são mais numerosos que as demais categorias, logo, houve a necessidade de refinar se cada fragmento analisado compunha a borda, a parede ou a base da vilha. Optamos então por diferenciar três categorias que dizem respeito à totalidade do vasilhame, não levando em consideração classificações, neste momento, como as partes conhecidas como carena, pescoço ou bojo, por acharmos demasiado específico, o que dificultaria a composição de conjuntos estatísticos. Desta forma, buscamos um padrão de análise objetiva, em detrimento de categorias êmicas possíveis, como, por exemplo, a classificação dos Assurini, que, segundo Monticelli (1995: 63), dividem a vasilha como uma extensão simbólica do corpo humano em até três partes: base – *rekavá*; corpo – sem denominação; gargalo – *ajora* = pescoço; borda – *akynga* = cabeça. Neste caso, teríamos que articular as partes da vasilha a elementos simbólicos, o que não consideramos possível neste momento.

✓ A *borda* compõe a parte superior da vasilha, que tem na sua extremidade o lábio da mesma. É interessante destacar que, por vezes, a borda é uma secção da vasilha que recebe tratamentos específicos como decoração, contorno e espessuras diferenciados, que dizem respeito a aspectos tecnológicos de cada forma de vasilha, sendo um elemento funcional e estilístico importante;

✓ A base é aqui tratada como o suporte inferior onde se apóia todo restante do vasilhame ou, conforme La Salvia & Brochado (1989: 119): “(...) o ponto de contato da vasilha com uma superfície no momento em que se mantém de pé”. Nas peças identificadas nos conjuntos estudados, a base é elaborada através de roletes e tem num último rolete um fechamento modelado, mas ainda assim classificamos as bases como roletadas, por ser esta a principal técnica de manufatura.

✓ A parede das vasilhas é, portanto, a secção disposta entre a base e a borda, sendo o principal suporte para decorações ou da vasilha. É de se

destacar que os fragmentos de parede são os mais numerosos nos conjuntos, seguido pelas bordas e bases.

Tabela 1: Quantificação de fragmentos por secção do pote. Sítios do litoral

Secção	Lagoinha	Sotéia	Margem leste	Camping	Las Acácias	Totó	Total
bordas	11 (16,17%)	16 (8,69%)	146 (30,41%)	13 (10,92%)	30 (15,46%)	145 (17,49%)	361 (19,26%)
paredes	57 (83,82%)	168 (91,30%)	321 (66,87%)	104 (87,39%)	163 (84,02%)	673 (81,18%)	1486 (79,29%)
bases	-	-	13 (2,70%)	2 (1,68%)	1 (0,51%)	11 (1,32%)	27 (1,44%)
Total	68 (100%)	184 (100%)	480 (100%)	119 (100%)	194 (100%)	829 (100%)	1874 (100%)

Tabela 2: Quantificação de fragmentos por secção do pote. Sítios da serra

Secção	Ribes	Rutz	Raffi 1	Schwanke 1	Total
bordas	17 (11,33%)	7 (10,14%)	20 (9,30%)	15 (7,61%)	59 (9,35%)
paredes	133 (86,66%)	62 (89,85%)	195 (90,69%)	182 (92,38%)	572 (90,64%)
bases	-	-	-	-	-
Total	150 (100%)	69 (100%)	215 (100%)	197 (100%)	631 (100%)

Gráfico 1: Quantificação de fragmentos por secção do pote. Sítios do litoral e da serra

✓ **Variáveis métricas** (espessura máxima, comprimento e largura) – cada fragmento é medido tridimensionalmente, como se fosse um paralelepípedo. Neste caso, elegemos que a largura do fragmento é distância vertical perpendicular ao sentido dos roletes; o comprimento, por sua vez, é a distância horizontal paralela ao sentido dos roletes e a espessura é medida na parte do fragmento onde se percebe a maior distância entre a superfície externa e interna do mesmo, ou seja, onde o fragmento é mais espesso. Medimos o comprimento e largura com valores absolutos, mas a espessura das peças foi medida em campos de 2 mm (4-6 mm, 6-8 mm, 8-10 mm e daí em diante).

De todas as três medições, a mais importante em nossa análise é a espessura, pois partimos do princípio empírico de que os fragmentos grossos sugerem se tratar de potes espessos e,

portanto, de médio e grande porte, por outro lado, fragmentos finos dizem respeito a potes de pequeno porte. Neste caso, a medição de espessura é importante, pois em caso de conjuntos com poucas bordas, em que não se pode ter projeções de vasilhas com forma e tamanho, a espessura permite inferir se o conjunto é composto por potes de pequeno, médio ou grande porte, sendo um fator que somado a outros dados, indica permanência no sítio arqueológico e, conseqüentemente, função de sítio.

É de se destacar que conhecemos a crítica a essa abordagem (ver Soares 2005), pois é notório que quando se analisa vasilhas inteiras ou semi-inteiras, as mesmas apresentam variação de espessura nas diferentes secções da mesma peça. Geralmente a vasilha é mais espessa na base e afina ao longo da parede até a borda, mais refinada e delicada. Mesmo assim, consideramos útil, tomar a espessura como indicador de tamanho de pote, sobretudo quando se trata de conjuntos cerâmicos pouco numerosos e com escassez de bordas em que é necessário trabalhar com dados que não são oriundos da análise de vasilhas, mas sim de fragmentos, ou seja, em nosso caso, a medição de espessuras é um dos fatores que permite “tirar leite de cacos”.

Tabela 3: Quantificação de fragmentos por espessura do fragmento. Sítios do litoral

Espessura	Lagoinha	Sotéia	Margem leste	Camping	Las Acácias	Totó	Total
4-6 mm	2 (2,94%)	6 (3,26%)	15 (3,12%)	2 (1,68%)	5 (2,57%)	33 (3,98%)	63 (3,36%)
6-8 mm	24 (35,29%)	28 (15,21%)	82 (17,08%)	9 (7,56%)	37 (19,07%)	165 (19,90%)	345 (18,40%)
8-10 mm	28 (41,17%)	80 (43,47%)	224 (46,66%)	53 (44,53%)	83 (42,78%)	255 (30,75%)	723 (38,58%)
10-12 mm	12 (17,64%)	45 (24,45%)	128 (26,66%)	32 (26,89%)	42 (21,64%)	182 (21,95%)	441 (23,53%)
12-14 mm	1 (1,47%)	19 (10,32%)	16 (3,33%)	14 (11,76%)	15 (7,73%)	89 (10,73%)	154 (8,21%)
14-16 mm	1 (1,47%)	2 (1,08%)	9 (1,87%)	6 (5,04%)	10 (5,15%)	44 (5,30%)	72 (3,84%)
16-18 mm	-	2 (1,08%)	2 (0,41%)	3 (2,52%)	2 (1,03%)	35 (4,22%)	44 (2,74%)
18-20 mm	-	2 (1,08%)	3 (0,62%)	-	-	19 (2,29%)	24 (1,28%)
20-22 mm	-	-	1 (0,20%)	-	-	7 (0,84%)	8 (0,42%)
Total	68 (100%)	184 (100%)	480 (100%)	119 (100%)	194 (100%)	829 (100%)	1874 (100%)

Tabela 4: Quantificação de fragmentos por espessura do fragmento. Sítios da serra

Espessura	Ribes	Rutz	Raffi 1	Schwanke 1	Total
4-6 mm	-	-	-	-	-
6-8 mm	11 (7,33%)	3 (4,34%)	28 (13,02%)	12 (6,09%)	54 (8,55%)
8-10 mm	31 (20,66%)	10 (14,49%)	47 (21,86%)	47 (23,85%)	135 (21,39%)
10-12 mm	42 (28%)	24 (37,78%)	53 (24,65%)	62 (31,47%)	181 (28,68%)
12-14 mm	28 (18,66%)	18 (26,08%)	33 (15,34%)	30 (15,22%)	109 (17,27%)
14-16 mm	24 (16%)	6 (8,69%)	30 (13,95%)	25 (12,69%)	85 (13,47%)
16-18 mm	10 (6,66%)	6 (8,69%)	16 (7,44%)	14 (7,10%)	46 (7,29%)
18-20 mm	4 (2,66%)	2 (2,89%)	5 (2,34%)	3 (1,52%)	14 (2,21%)
20-22 mm	-	-	3 (1,39%)	4 (2,03%)	7 (1,10%)
Total	150 (100%)	69 (100%)	215 (100%)	197 (100%)	631 (100%)

Gráfico 2: Quantificação de fragmentos por espessura do fragmento. Sítios do litoral e da serra

✓ **Forma do vaso** – as formas de vasos identificadas em nossas análises compreendem três categorias (restrita, irrestrita ou paralela) que utilizamos em vias de simplificar a identificação das vasilhas. Essas formas são descritas em diversos trabalhos como Shepard (1985 [1956]), La Salvia & Brochado (1989), Robrahn–Gonzalez (1988), porém estes mesmos autores divergem entre si, apresentando um sistema de classificações mais complexo.

✓ Vasilhas restritas, também conhecidas como fechadas são aquelas em que o diâmetro da borda é menor que o diâmetro total da peça. São conhecidas peças desse tipo, em que o contorno se apresenta geralmente com uma forma geométrica cônica ou tronco-cônica, elipsoidal, esférica ou cilíndrica.

✓ Vasilhas irrestritas, pelo contrário, são aquelas em que o diâmetro da borda é maior que o diâmetro total da peça. São conhecidas peças em que o contorno tem forma geométrica em meia calota ou semi-esférica, bem como cônica ou tronco-cônica.

✓ Vasilhas paralelas têm o diâmetro da borda igual que o diâmetro total da peça. Estas peças geralmente apresentam uma forma geométrica cilíndrica.

Tabela 5: Quantificação de vasilhas classificadas quanto a forma do vaso. Sítios do litoral e da serra

Sítio	restrito	irrestrito	paralelo	Total
Lagoinha	2	4	0	6
Sotéia	1	5	1	7
Margem leste	29	76	20	125
Camping	3	6	-	9
Las Acácias	9	12	2	23
Totó	48	48	2	98
Ribes	1	2	-	3
Rutz	1	2	-	3
Raffi 1	2	4	2	8
Schwanke 1	3	4	-	7

✓ **Forma da borda e do lábio:** A forma da borda é definida a partir da continuidade do contorno da vasilha, sendo classificadas como direta, introvertida, extrovertida ou cambada. Junto à classificação da forma da borda realizamos a medição do ângulo de inclinação da borda (<45°, 45°, <90°, 90°, >90°, 145°, >145°), que indica o quanto a mesma é fechada ou aberta em relação a um eixo vertical; o diâmetro da borda para determinar tamanho e, posteriormente a projeção da vasilha e a espessura do lábio. A forma do lábio, por sua vez, pode ser descrita conforme Robrahn–Gonzalez (1988) e Araujo (2001) como apontado (forma de ponta), biselado (forma de bisel ou bisturi), reforçado interno e externo (colocação de um rolete na superfície interna ou externa para o reforço da borda), expandido (colocação de um rolete na superfície externa e interna para reforço da borda), plano (aplainada), flange labial (entensão da borda para fora e para dentro, formando uma plataforma plana na superfície da borda) e arredondada (mais comumente encontrada nos conjuntos).

- ✓ Borda direta é caracterizada como aquelas em há continuidade com relação ao contorno da vasilha.
- ✓ Borda introvertida é aquela em que a continuidade da vasilha tem uma curvatura ou inflexão para dentro.
- ✓ Borda extrovertida, pelo contrário, é aquela em que continuidade da vasilha tem uma curvatura ou inflexão para fora.
- ✓ Bordas cambadas são aquelas em que o contorno tem uma sinuosidade entre a parede e a borda. Podem ocorrer formas duplamente cambadas e são muito comuns nas coleções cerâmicas da cultura Guarani. São conhecidas peças, em que o contorno se apresenta geralmente com uma forma geométrica cônica ou tronco-cônica, podendo ser classificadas também como vasilhas restritas.

Tabela 6: Quantificação de bordas classificadas quanto a forma. Sítios do litoral e da serra

Sítio	direta	introvertida	extrovertida	cambada	total
Lagoinha	11	-	-	-	11
Sotéia	11	2	3	-	16
Margem leste	100	37	6	2	145
Camping	7	2	4	-	13
Las Acácias	17	4	10	-	31
Totó	35	93	13	-	141
Ribes	2	-	1	-	3
Rutz	6	-	1	-	7
Raffi 1	15	-	2	-	17
Schwanke 1	9	1	5	-	15

Tabela 7: Quantificação de bordas classificadas pela forma do lábio. Sítios do litoral e da serra

Sítio	apontado	biselado	reforçado int.	reforçado ext.	expandido	aplanado	arredondado	Total
Lagoinha	2	3	-	-	-	-	6	11
Sotéia	3	2	-	-	-	-	11	16
Margem leste	6	16	-	1	-	17	86	126
Camping	-	-	-	-	-	-	13	13
Las Acácias	3	2	1	-	-	2	23	31
Totó	-	-	1	1	1	11	128	142
Ribes	-	1	-	1	-	-	1	3
Rutz	-	-	-	-	-	-	7	7
Raffi 1	-	1	-	-	-	8	10	19
Schwanke 1	-	-	-	-	-	5	11	16

✓ **Decoração do lábio:** a decoração do lábio pode ocorrer como um alisamento da superfície do mesmo, uma modificação plástica, pintura ou mesmo acabamento com engobo. Foram identificadas em nossa análise diversos tipos de decoração (ungulado, cortado, pintado, engobado, inciso, acanalado, digitado, pontado, escovado, corrugado, modelado), sendo o mais comumente registrado o modelado, que se caracteriza simplesmente pelo alisamento da superfície do lábio.

Tabela 8: Quantificação de bordas classificadas pela decoração. Sítios do litoral e da serra

Decoração lábio	Lagoinha	Sotéia	Margem leste	Camping	Las Acácias	Totó	Ribes	Rutz	Raffi 1	Schwanke 1
ungulado	0	0	7	0	0	1	0	0	0	0
cortado	0	0	1	0	1	0	0	0	0	0
pintado	0	0	0	0	0	6	0	0	0	0
engobado	0	0	0	0	0	1	0	0	1	2
inciso	0	0	1	0	0	2	0	0	1	0
acanalado	0	0	2	0	1	0	0	0	0	0
digitado	0	0	6	0	0	0	0	0	0	0
pontado	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
escovado	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0
corrugado	0	0	3	0	0	2	0	0	0	0
modelado	11	16	126	13	29	132	3	7	18	15
Total	11	16	147	13	31	144	3	7	20	17

✓ **Tratamento de superfície e tipos de decoração plástica e cromática:** o

tratamento de superfície é a modificação realizada pela oleira no momento da confecção da vasilha. Vários tipos de tratamento de superfície são conhecidos nas cerâmicas Guarani, desde superfícies alisadas, polidas e brunidas, até superfícies modificadas plasticamente ou cromadas com pinturas e engobos, assim como combinações destes tipos de tratamento de superfície, o que depende geralmente do tipo de pote e de sua função. Para facilitar a classificação e a apresentação dos dados, faremos uma diferenciação entre tratamento de superfície não decorada (alisada, polida e brunida) e decorada (com decoração plástica e com decoração cromática) (cf. La Salvia & Brochado 1989). É importante ressaltar que as vasilhas com tratamento de superfície sem decoração ou simplesmente ditas alisadas são tratadas pela bibliografia especializada como de cunho prático, enquanto que, por outro lado, as vasilhas com algum tipo de decoração plástica ou cromática são tratadas como de cunho artístico (La Salvia & Brochado 1989: 25).

✓ **Tratamento de superfície sem decoração:**

- ✓ *As Superfícies alisadas* são aquelas em que, durante o processo de confecção da vasilha cerâmica, a mesma passa pela fixação dos cordéis e solidificação das paredes, seguindo-se a uma alisamento da superfície com a mão ou com o uso de uma espátula em busca da forma definitiva do recipiente. (La Salvia & Brochado 1989).
- ✓ *As superfícies polidas e brunidas* são aquelas em que ocorre o mesmo processo produtivo descrito acima, mas que na etapa final ocorre o polimento ou posterior brunimento da superfície com o uso de algum tipo de instrumento. Objetiva-se com polimento aumentar a compactação da superfície, refinar o alisamento e diminuir a rugosidade ou mesmo diminuir a espessura da parede. No caso do polimento, a vasilha pode receber este tipo de tratamento antes ou após a queima, sendo realizado através do alisamento da superfície por um seixo, gerando um lustre bem marcado. Já o brunimento, também pode ser realizado antes ou após a queima, sendo utilizado algum tipo de instrumento como um vegetal, tecido, etc., deixando uma superfície alisada com coloração escura ou preta. (Shepard 1985 [1956]; La Salvia & Brochado 1989). Em nossa análise, identificamos a presença de brunidura com coloração preta sempre na superfície interna, não sendo possível saber que tipo de instrumento foi utilizado para esse acabamento.

✓ **Tratamento de superfície com decoração:**

- ✓ A *decoração plástica* se dá quando ocorre a manipulação da argila ainda úmida com a mão ou instrumento, deixando marcas em relevo, baixo relevo e apliques. Vários tipos de decoração plástica são conhecidos na cerâmica Guarani, mas optamos por não utilizar todas as categorias de decoração apresentadas em La Salvia & Brochado (1989) por ser demasiado complexo e dificultar a composição de conjuntos. Em nosso trabalho, resolvemos utilizar as seguintes categorias de decorações plásticas: corrugado, corrugado-ungulado,²⁴ ungulado, ponteadado, digitado, inciso (incisão com menos de 2 mm), acanalado (incisão com mais de 2 mm) e escovado.
- ✓ A *decoração cromática* é uma categoria também bastante ampla que compreende todo tipo de tratamento de superfície pintada e engobada. A *pintura* se caracteriza quando ocorre a pigmentação da superfície interna ou externa, com a aplicação de tintas vegetais ou minerais em linhas finas e faixas. Em nossa análise identificamos pinturas em vermelho ou preto. O *engobo*, por sua vez, é uma solução saturada de banho de argila mais refinada, aplicado à cerâmica antes da queima, que visa o refinamento estético e revestimento da superfície. Esse banho ou “caldo” de argila pode variar em espessura e viscosidade, gerando diferenciação na intensidade da coloração. Identificamos, em nossa análise, engobo de coloração vermelha ou branca ou mesmo a combinação de pintura vermelha sobre engobo branco, muito comum em cerâmicas Guarani.

Tabela 9: Quantificação de peças com superfície sem decoração. Sítios do litoral e da serra

Superf. sem decoração	Lagoinha	Sotéia	Margem leste	Camping	Las Acácias	Totó	Ribes	Rutz	Raffi 1	Schwanke 1
alisamento interno	67 (98,52%)	181 (98,36%)	438 (91,25%)	79 (66,38%)	141 (72,68%)	613 (73,94%)	132 (88%)	56 (81,15%)	179 (83,25%)	151 (76,64%)
alisamento externo	68 (100%)	181 (98,36%)	314 (65,41%)	43 (36,13%)	102 (52,57%)	338 (40,77%)	64 (42,66%)	34 (49,27%)	103 (47,90%)	73 (37,05%)
polimento interno	-	-	21 (4,37%)	27 (22,68%)	22 (11,34%)	93 (11,21%)	10 (6,66%)	7 (10,14%)	17 (7,90%)	16 (8,12%)
polimento externo	-	-	4 (0,83%)	-	-	34 (4,10%)	1 (0,66%)	1 (1,44%)	6 (2,79%)	6 (3,04%)
brunimento	1 (1,47%)	-	14 (2,91%)	2 (1,68%)	1 (0,51%)	100 (12,06%)	6 (4%)	-	14 (6,51%)	10 (5,07%)
Total de peças analisadas	68 (100%)	184 (100%)	480 (100%)	119 (100%)	194 (100%)	829 (100%)	150 (100%)	69 (100%)	215 (100%)	197 (100%)

²⁴ O tratamento de superfície corrugado e corrugado-ungulado tem sido tratado em nossa análise como decoração plástica mesmo que possam ser as marcas do processo de confecção da vasilha, referentes à ligação dos roletes (cf. La Salvia & Brochado 1989). Além disso, corre uma discussão em que este tipo de modificação superficial do pote seria realizada para a função de melhor cocção dos alimentos, como propuseram Carle (2002) e Soares (2005). Mesmo assim, o pote ainda assim recebe um tratamento superficial plástico que lhe atribui um efeito estético passível de ser considerado uma decoração, que garante uma eficiência melhor do ponto de vista funcional. Para esta discussão, que se refere à questão funcional do corrugado são necessários, em nossa visão, estudos arqueométricos e experimentais que aprofundem a discussão da funcionalidade deste tratamento de superfície para que se ultrapasse o campo da hipótese e passe a se trabalhar com dados empíricos.

Gráfico 03: Quantificação de peças com superfície sem decoração. Sítios do litoral e da serra

Tabela 10: Quantificação de peças com superfície decoração plástica. Sítios do litoral e da serra

Superf. com decoração plástica	Lagoinha	Soteia	Margem leste	Camping	Las Acácias	Totó	Ribes	Rutz	Raffi 1	Schwanke 1
inciso	-	-	5 (1,04%)	1 (0,08%)	2 (1,03%)	11 (1,32%)	-	-	1 (0,46%)	1 (0,50%)
acanalado	-	-	1 (0,02%)	-	-	2 (0,24%)	-	-	-	-
ponteadado	-	-	8 (1,66%)	-	-	3 (0,36%)	-	-	-	-
digitado	-	1 (0,54%)	22 (4,58%)	2 (1,68%)	6 (3,09%)	1 (0,12%)	-	-	-	-
escovado	-	1 (0,54%)	4 (0,83%)	3 (2,52%)	1 (0,51%)	1 (0,12%)	-	5 (7,24%)	-	-
ungulado	-	-	31 (6,45%)	5 (4,20%)	10 (3,09%)	10 (1,20%)	5 (3,33%)	3 (4,34%)	2 (0,93%)	2 (1,01%)
corrugado	-	3 (1,63%)	47 (9,79%)	32 (26,89%)	57 (5,15%)	211 (25,45%)	54 (36%)	17 (24,63%)	67 (31,16%)	79 (40,10%)
corru-ungulado	-	-	40 (8,33%)	30 (25,21%)	20 (10,30%)	168 (20,26%)	23 (15,3%)	6 (8,69%)	22 (10,23%)	13 (6,59%)
Total de peças analisadas	68 (100%)	184 (100%)	480 (100%)	119 (100%)	194 (100%)	829 (100%)	150 (100%)	69 (100%)	215 (100%)	197 (100%)

Gráfico 04: Quantificação de peças com superfície decoração plástica. Sítios do litoral e da serra

Tabela 11: Quantificação de peças com superfície decoração cromática. Sítios do litoral e da serra

Superf. com decoração cromática	Lagoinha	Sotéia	Margem leste	Camping	Las Acácias	Totó	Ribes	Rutz	Raffi 1	Schwanke 1
pintura preta	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1 (0,50%)
pintura vermelha	-	-	-	2 (1,68%)	3 (1,54%)	6 (0,72%)	-	-	-	-
engobo branco	-	3 (1,63%)	2 (0,41%)	-	18 (9,27%)	31 (3,73%)	-	3 (4,34%)	18 (8,37%)	21 (10,65%)
engobo vermelho	1 (1,47%)	-	8 (1,66%)	12 (10,08%)	12 (6,18%)	74 (8,92%)	-	1 (1,44%)	2 (0,93%)	10 (5,07%)
pintura verm/engobo branco	-	-	1 (0,02%)	-	3 (1,54%)	12 (1,44%)	2 (1,33%)	1 (1,44%)	5 (2,32%)	9 (4,56%)
Total de peças analisadas	68 (100%)	184 (100%)	480 (100%)	119 (100%)	194 (100%)	829 (100%)	150 (100%)	69 (100%)	215 (100%)	197 (100%)

Gráfico 05: Quantificação de peças com superfície decoração cromática. Sítios do litoral e da serra

Antiplástico: é todo tipo de materiais não plásticos encontrados na argila, podendo ser de origem animal, vegetal ou mineral. Material antiplástico pode ser encontrado no próprio banco de argila ou são elementos acrescentados pela oleira com o objetivo de reduzir a quebra da vasilha durante o processo de secagem e cocção (Shepard 1985 [1956]). O termo tempero também é utilizado para denominar este tipo de material encontrado na pasta cerâmica, porém, segundo a autora supra-citada, o tempero está diretamente relacionado à intenção da oleira em acrescentar elementos não plásticos à pasta cerâmica. A análise de antiplástico foi realizada com uso de Lupa Binocular, com aumento de até 50X. Durante a análise ficamos atentos à possível identificação de cinco tipos de antiplásticos minerais (grãos de areia quartzosa, chamote, hemtita e argila), dos quais apenas identificamos os três primeiros. Ficamos atentos também à ocorrência de vegetal, porém este tipo de antiplástico não foi identificado (ver em anexo 03: prancha de fotos com pasta cerâmica). Em nossas análises não conseguimos definir se os materiais antiplásticos de areia quartzosa foram intencionalmente acrescentados à pasta cerâmica ou se ocorrem naturalmente nos bancos de argila explorados como fonte de matéria prima para obtenção de

argila. Neste caso, seguindo a orientação de (Shepard 1985 [1956]),²⁵ utilizaremos o termo antiplástico para não incorrer em erros de classificação de questões intencionais ou não intencionais.

Rebellato (2007) resume bem a função do antiplástico na pasta cerâmica:

“As características mineralógicas da argila têm papel importante na funcionalidade e vida útil dos recipientes cerâmicos. De acordo com a funcionalidade do vasilhame, há uma seleção prévia dos depósitos de argila, revelando assim a adoção de estratégias para a exploração de depósitos específicos (Wüst 2001). Desta forma, alguns tipos de antiplástico encontrados na própria argila fornecem ao vasilhame resistência a estresse mecânico ou a choques térmicos. Outros fornecem à pasta da vasilha uma boa condução térmica. O tempero, muitas vezes, serve para corrigir alguma deficiência identificada na argila pelas ceramistas.” (Rebellato 2007: 94).

Os tipos de antiplástico identificados nos conjuntos cerâmicos são:

- ✓ *Grãos de areia quartzosas*: classificamos esse tipo quanto aos seus aspectos granulométricos em fino (1-2 mm), médio (2-4 mm) e grosso (acima de 4 mm) (cf. Robrahn-Gonzalez (1988)). Além disso, ocorre a combinação dessas categorias, caracterizando fino-médio, fino-grosso e fino-médio-grosso. É importante destacar que o antiplástico de areias quartzosas são presentes em 100% das peças, variando apenas a granulometria e ocorrendo adição de chamote. Embora não tenhamos identificado a intencionalidade na adição desse tipo de antiplástico, sugerimos que este ocorra naturalmente nos bancos de argila, havendo a escolha por parte da oleira apenas quanto à plasticidade do barro desejada para confecção das vasilhas.
- ✓ *Chamote ou Caco moído*: também são elementos que ocorrem como antiplástico em fragmentos de cerâmica. Trata-se, neste caso, de “*fragmentos cerâmicos, moídos e adicionados à pasta cerâmica*” (La Salvia & Brochado 1989: 16). Notamos que nem sempre ocorre intenção em adicionar este tipo de tempero, pois em alguns conjuntos cerâmicos identificamos uma porção estatisticamente insignificante de chamote na pasta cerâmica, é o caso mesmo de um caco ou dois num fragmento. Por outro lado, em alguns conjuntos cerâmicos pode-se perceber intencionalidade clara ao notarmos que ocorre grande quantidade de chamote na pasta cerâmica, sendo uma escolha tecnológica.

²⁵ “In the present discussion temper will be defined as added inclusions, and nonplastic will be used in a general sense and for material of indeterminate source.” (Shepard 1985 [1956]: 25).

Tabela 12: Quantificação por granulometria do antiplástico quartzoso. Sítios do litoral e da serra

Sítio	fino	fino/médio	fino/médio/grosso	Total
Lagoinha	35 (51,47%)	23 (33,82%)	9 (13,23%)	68 (100%)
Sotéia	100 (54,34%)	54 (29,34%)	31 (16,84%)	184 (100%)
Margem leste	135 (28,12%)	230 (47,91%)	115 (23,95%)	480 (100%)
Camping	77 (64,70%)	30 (25,21%)	12 (10,08%)	119 (100%)
Las Acácias	119 (61,43%)	60 (30,92%)	15 (7,73%)	194 (100%)
Totó	448 (54,04%)	189 (22,79%)	192 (23,16%)	829 (100%)
Ribes	10 (6,66%)	35 (23,33%)	105 (70%)	150 (100%)
Rutz	11 (15,94%)	16 (23,18%)	42 (60,86%)	69 (100%)
Raffi 1	30 (13,95%)	72 (33,48%)	113 (52,55%)	215 (100%)
Schwanke 1	29 (14,72%)	42 (21,31%)	126 (63,95%)	197 (100%)

Gráfico 06: Quantificação por granulometria do antiplástico quartzoso. Sítios do litoral e da serra

Tabela 13: Quantificação por tipo de antiplástico. Sítios do litoral e da serra

Sítio	grão de quartzo	grão de quartzo+chamote	grão de quartzo+hematita	Total
Lagoinha	67 (98,52%)	1 (1,47%)	-	68 (100%)
Sotéia	180 (97,82%)	4 (2,17%)	-	184 (100%)
Margem leste	374 (77,91%)	106 (22,08%)	-	480 (100%)
Camping	112 (94,11%)	3 (2,52%)	4 (3,36%)	119 (100%)
Las Acácias	165 (85,05%)	25 (12,88%)	4 (2,06%)	194 (100%)
Totó	684 (82,50%)	143 (17,24%)	2 (0,24%)	829 (100%)
Ribes	92 (61,33%)	58 (38,66%)	-	150 (100%)
Rutz	46 (66,66%)	23 (33,33%)	-	69 (100%)
Raffi 1	128 (59,53%)	87 (40,46%)	-	215 (100%)
Schwanke 1	70 (35,53%)	127 (64,46%)	-	197 (100%)

Gráfico 07: Quantificação por tipo de antiplástico. Sítios do litoral e da serra

✓ **Queima:** o último estágio da manufatura da vasilha envolve a secagem, a queima e o acabamento de superfície pós-queima (Rye 1981). A secagem pode se dar ao natural, à sombra ou próxima ao forno e envolve uma série de técnicas que visam evitar rachaduras na superfície da vasilha ou defeitos decorrentes desta, como a quebra, que inviabiliza a utilização da vasilha para sua função primária (cf. Orton, Tyers e Vince 1993; Silva 2000). A queima, por sua vez é um importante estágio da produção, considerado um momento crucial no processo de manufatura que visa finalizar o processo, evitando-se também incorrer em problemas de quebra ou defeitos decorrentes de uma queima mal controlada.²⁶

Segundo Orton, Tyers e Vince (1993: 126) seria necessário um ambiente de queima com 550-600°C de temperatura para que as transformações químicas e físicas ocorressem, permitindo a transformação da matéria prima no material cerâmico. Estes autores classificam dois procedimentos de produção de cerâmica que se diferenciam quanto ao tipo de forno: a) **Forno aberto** (*Open firing*): diz respeito aos principais tipos de fogueira reconhecidos entre ceramistas tradicionais, assim como, sugere-se que é o tipo de forno responsável pela produção da maioria das cerâmicas encontradas em contextos arqueológicos de grupos pré-históricos. Trata-se de fogueiras em que os combustíveis e as vasilhas têm contato direto. São fogueiras geralmente arranjadas em torno de um poste ou dentro de uma depressão na terra. b) **Forno fechado** (*Kiln firing*): trata-se de fornos em que a vasilha e os combustíveis são separados, em que o pote geralmente é colocado em uma câmara aquecida pelos gases e chamas da fogueira do combustível.

Em nosso trabalho, nossos conjuntos cerâmicos são compostos predominantemente por fragmentos de vasilhas oriundas de contextos arqueológicos, não sendo possível conhecer o processo de

²⁶ “The firing stage of pottery making is the crucial one; it tests the soundness of the potter’s work, it determines the serviceability of the ware, and it affects its attractiveness.” (Shepard 1985 [1956]: 213).

queima como um todo, nem tampouco identificar com certeza o tipo de forno usado para o fabrico das vasilhas. Apenas podemos sugerir, com base na coloração da pasta, qual seria o ambiente de queima em que as vasilhas foram manufaturadas. Sendo assim, temos que trabalhar com variáveis numéricas que dizem respeito à medição estatística de tipos de coloração. Shepard (1986 [1956]: 213-224) sugere, com base na coloração do núcleo da pasta cerâmica, dois tipos de ambientes de queima em que a cerâmica esteve exposta quando do fabrico da mesma: *esfera oxidante* – quando ocorre a queima da vasilha a uma temperatura maior que 700-750°C, o que queima as moléculas de carbono e transforma óxido de ferro em ferro, resultando em uma coloração clara e homogênea na pasta cerâmica – e , *esfera redutora* – quando ocorre a queima da vasilha a uma temperatura menor que esta indicada, prendendo as moléculas de carbono em seu interior, gerando uma coloração escura ou heterogênea, com núcleo ou alguma superfície com coloração preta ou acinzentada. Esta sugestão foi tomada como premissa básica em dezenas de trabalhos no Brasil, em que quando ocorre predomínio de pasta com coloração escura ou heterogênea sugere-se fabrico de cerâmica em forno aberto, enquanto que, sugere-se forno fechado, quando predominam pastas cerâmicas com coloração clara e homogênea (ver, por exemplo, Robrahn-Gonzalez 1988; Jacques 2007). Em nosso trabalho, trataremos esta premissa da arqueologia não como uma constatação, mas sim como uma tendência a ser testada por pesquisas futuras.

Esta forma de identificar tipo de forno utilizado no fabrico das vasilhas cerâmicas vem sendo questionada à luz de trabalhos mais recentes, os quais, por sua vez, tem problematizado a relação coloração da pasta/ambiente e temperatura de queima. Chamamos atenção, em primeiro lugar, para o trabalho de Orton, Tyers e Vince (1993), em que comentam que a as características de aparência das vasilhas dependem de questões como a composição natural da matéria prima, as ações na preparação e mistura da argila com ou sem adição de antiplásticos, a atmosfera e temperatura do fogo, uso e processos pós-deposicionais naturais que agem sobre os materiais arqueológicos. Os autores chamam atenção também para o fato de que a espessura da vasilha ocasiona diferentes colorações ao longo da mesma, havendo uma tendência a que fragmentos mais grossos (bases e bordas) adquiram uma coloração escurecida no núcleo.

Em segundo lugar, o trabalho de Silva (2000) indica que a temperatura do fogo não é homogênea na fogueira em que as vasilhas são fabricadas. Uma medição do calor da fogueira, realizada pela autora, com a utilização de cones pirométricos permitiu identificar variados ambientes de calor em distintos setores da fogueira, bem como possibilitou medir variação no calor da fogueira dependendo dos combustíveis e quantidade e tamanho de potes colocados para cozinhar. Este dado sugere que a variação da temperatura do fogo, associada aos diferentes produtos químicos presentes na argila e tempero utilizados pela oleira são fatores que podem gerar coloração heterogênea na superfície

da cerâmica, bem como em sua pasta, não havendo, portanto, uma relação tão simples entre coloração da pasta clara ou escura *versus* temperatura do fogo.²⁷

Se a variação na temperatura do fogo, associada aos elementos de composição, manufatura e aspectos de uso e fatores pós-deposicionais, geram variação na coloração da pasta cerâmica de uma vasilha em sua extensão, como podemos ter certeza, através da análise de um fragmento, que este pertencia a uma vasilha confeccionada em forno aberto ou fechado, ou mais, ainda, se o ambiente de queima ultrapassaria ou não a temperatura necessária para a oxidação da mesma?

Com este questionamento fica claro que a tarefa de determinar o tipo de forno e ambiente para confecção de cerâmicas arqueológicas, a partir da coloração do núcleo da pasta cerâmica é uma tarefa que carece de um esquema metodológico mais seguro, pois há uma série de variantes que devem ser levadas em conta e que, em nossa visão, dependem de trabalhos de experimentação arqueológica e arqueometria associados a análises mais detalhadas das características formais dos fragmentos e vasilhas. Apesar disso, há uma tendência em se considerar que quanto maior o controle do ambiente de queima maior as chances de que a peça seja fabricada sem problemas físicos e tenha, com isso, um núcleo de coloração homogênea. Por outro lado, fornos abertos, tendem a heterogeneizar a parede das vasilhas, havendo variação ao longo da mesma.

Levando esta discussão em consideração e não sendo possível no momento aprofundar no tipo de análise realizado, até por que não é este nosso objetivo no presente trabalho, propomos que é no conjunto da amostra que se pode inferir sobre o tipo de forno utilizado para o fabrico de cerâmica. Neste sentido, a análise dos materiais analisados sugerem que fornos abertos tenham sido utilizados, pois percebemos uma variação acentuada na coloração de todos os conjuntos, havendo um equilíbrio entre peças com pasta clara, escura e “sanduíche”. Em contrapartida, não podemos nem ao menos sugerir que fornos fechados tenham sido usados, embora tenhamos uma frequência significativa de peças com coloração clara e homogênea, mas que, como vimos, podem ser apenas pequenas partes de vasilhas queimadas em forno aberto.

Para classificação da variação da coloração da pasta cerâmica seguimos o esquema de cortes transversais proposto por Orton, Tyers e Vince (1993: 134) e adaptado por Robrahn-Gonzalez (1988), Araujo (2001) e Jacques (2007), entretanto com a diferença que os autores tratam essas variações como indicadores de ambientes reduzido ou oxidante e tratamos aqui apenas como variação da coloração do núcleo da pasta, sem necessariamente indicar o ambiente de queima. Para facilitar a comparação para trabalhos futuros apresentamos a descrição do tipo de queima e a terminologia tradicional a que se refere a bibliografia especializada.

²⁷ É necessário ressaltar também que geralmente as vasilhas inteiras ou semi-inteiras apresentam variação quanto à coloração da pasta em si mesma, ou seja, com um corte transversal, pode se ver variações na coloração desde a base até a borda, sugerindo que o ambiente de queima seja heterogêneo.

Pasta clara: coloração homogênea em tons de vermelho, amarelo e marrom, que indicam transformação de ferro em óxido de ferro. A bibliografia tradicionalmente sugere como pasta do tipo oxidante.

Pasta escura: coloração homogênea em tons de cinza e preto que indica a apreensão de moléculas de carbono, oriundas da queima de matéria orgânica no interior da pasta cerâmica. A bibliografia sugere como pasta do tipo oxidante.

Pasta clara interna/escura externa: coloração heterogênea em tons sobrepostos dos tipos acima. A bibliografia tradicionalmente sugere como pasta do tipo oxidante interna.

Pasta clara externa/escura interna: coloração heterogênea em tons sobrepostos dos tipos acima. A bibliografia tradicionalmente sugere como pasta do tipo oxidante externa.

Pasta clara interna/clara externa/escura nuclear (pasta sanduíche): coloração heterogênea em tons sobrepostos dos tipos acima. A bibliografia tradicionalmente sugere como pasta do tipo oxidante externa e interna, com núcleo reduzido bem demarcado.

Tabela 14: Quantificação por tipo de queima na pasta cerâmica. Sítios do litoral e da serra

Sítio	pasta clara	pasta escura	pasta clara externa	pasta clara interna	pasta sanduíche	Total
Lagoinha	9 (13,23%)	46 (67,64%)	5 (7,35%)	1 (1,47%)	7 (10,29%)	68 (100%)
Sotéia	19 (10,32%)	111 (60,32%)	19 (10,32%)	5 (2,71%)	30 (16,30%)	184 (100%)
Margem leste	51 (10,62%)	219 (45,62%)	74 (15,41%)	22 (4,58%)	114 (23,75%)	480 (100%)
Camping	9 (7,56%)	84 (70,58%)	12 (10,08%)	1 (0,84%)	13 (10,92%)	119 (100%)
Las Acácias	48 (24,74%)	89 (45,87%)	29 (14,94%)	2 (1,03%)	26 (13,40%)	194 (100%)
Totó	243 (29,31%)	297 (35,82%)	85 (10,25%)	5 (0,60%)	199 (24%)	829 (100%)
Ribes	39 (26%)	49 (32,66%)	20 (13,33%)	2 (1,33%)	40 (26,66%)	150 (100%)
Rutz	35 (50,72%)	14 (20,28%)	7 (10,14%)	-	13 (18,84%)	69 (100%)
Raffi 1	70 (32,55%)	57 (26,51%)	15 (6,97%)	5 (2,32%)	68 (31,62%)	215 (100%)
Schwanke 1	81 (41,11%)	56 (28,42%)	12 (6,09%)	3 (1,52%)	45 (22,84%)	197 (100%)

Gráfico 08: Quantificação por tipo de queima na pasta cerâmica. Sítios do litoral e da serra

✓ **Fatores pós-deposicionais:** os fatores pós-deposicionais identificados nos conjuntos artefatuais dizem respeito aos processos naturais que agem sobre a superfície das peças cerâmicas. Estes fatores indicam o ambiente em que as peças estiveram depositadas, sendo sua identificação um dado fundamental para a compreensão dos agentes naturais que agiram sobre o registro arqueológico (cf. Schiffer 1987). Identificamos vários fatores pós-deposicionais em nossa análise, mas que não foram medidos quantitativamente.

➤ Os fatores pós-deposicionais mais comuns da cerâmica de sítios do litoral são:

- ✓ a) *desgaste e erosão pela areia* – que faz confundir, as vezes, se o fragmento é uma borda pelo seu formato arredondado, ou se é um fragmento de parede com o negativo do rolete desgastado. O desgaste, assim como age na deformação da forma do fragmento, age como uma lixa sobre a superfície da peça, desgastando a decoração pintada, engobo e, até mesmo, a decoração plástica; b) *limo* – um fungo comum em ambientes úmidos que gera coloração verde na superfície cerâmica; c) *Craca* – um pequeno crustáceo que se aloja em cascos de navios e botes. Materiais com limo e craca foram coletados na margem leste da Ilha da Feitoria e demonstram que o material esteve depositado em ambiente bastante úmido, no caso, o fundo da laguna por tempo indeterminado.

➤ Os fatores pós-deposicionais mais comuns da cerâmica de sítios da serra são:

- ✓ a) *marcas de enxada* – resultantes de atividades agrícolas atuais; b) *marcas de raízes*, que deixam finas marcas acinzentadas na superfície cerâmica, por vezes,

confundindo-se com linhas de pintura em decomposição. Este tipo de marca também ocorre em materiais do litoral, mas em menor proporção.

Projeção de potes e bordas e a relação forma/função

A classificação dos principais tipos de vasilhas tem sido realizada a partir da relação forma/função, estabelecida pela projeção gráfica dos potes que se realiza através dos fragmentos de bordas. As projeções de vasilhas a partir das bordas são realizadas conforme as regras de projeção em Meggers & Evans (1970), sendo esta uma prática recorrente, sobre a qual apresentaremos as regras de forma resumida para elucidar o trabalho. Cada fragmento de borda de um determinado pote é medido através da escala de círculos concêntricos com espaçamento de 2 cm, para se obter a medida de diâmetro de borda. As bordas são orientadas apoiando o arco das mesmas em superfície plana, o que permite obter o ângulo em que o perfil deve ser desenhado. As formas dos potes são desenhadas dando continuidade ao seu contorno; a espessura dos fragmentos é medida com paquímetro e a continuidade da espessura na projeção do pote é dada pela espessura proximal do fragmento.

A exemplo de Jacques (2007) utilizamos um modelo de referência para demonstração dos desenhos dos perfis e projeções de vasilhas, em que constam o número de catálogo da peça, o diâmetro da borda (em centímetros) e a altura, assim como o tamanho estimado do pote e os tratamentos de superfície interna e externa (modelo em anexo 04). O perfil das bordas e a projeção dos potes são desenhados a mão, em escala natural, e posteriormente trabalhados através do programa *Corel Draw* para um tratamento gráfico mais adequado, quando são reduzidos para demonstração. O perfil das bordas é representado com a parte interna para a esquerda e preenchido de preto internamente, sendo indicado com uma linha fina o limite do fragmento e o início da projeção, a qual, por sua vez, tem sua continuidade provável indicada por uma seta. Quando as peças têm ângulos (como carenas), como no caso de potes do tipo *cambuchí* e *cambuchí-caguâba*, a marcação do ângulo é representada por uma linha horizontal, paralela à linha de diâmetro de borda.

Além disso, quando representamos as projeções dos potes com seu contorno completo, optamos por apresentar um modelo diferenciado em duas metades. Na metade a esquerda do leitor, o pote é representado preenchido com uma coloração marrom, dando a idéia de volume e textura, em contrapartida, do lado direito, o pote é representado vasado, demonstrando-se a espessura da parede e a forma do lábio da borda.

As regras de projeção final de cada pote são apresentadas em Bochado, Monticelli e Neumann (1990) e Brochado & Monticelli (1994). Esses textos trazem uma série de regras práticas para a projeção de vasilhas cerâmicas a partir dos fragmentos de bordas, em que foram articuladas informações de coleções com vasilhas inteiras e analogia etnográfica para composição de gráficos

lineares de tendências de projeção. Além desses dois textos amplamente conhecidos, levamos em consideração as regras de projeções apresentadas em Jacobus (1994), em que também foram pensadas tendências de projeções de potes, a partir das medições e comparações de diâmetros de bordas e profundidade de vailhas inteiras, mais especificamente de urnas funerárias e demais tipos de potes que faziam parte do conjunto funerário de cada urna. Essas vasilhas estudadas são oriundas de diversos sítios arqueológicos e compõem parte da reserva técnica do Museu de Arqueologia do Rio Grande do Sul (MARSUL).²⁸

Outros três trabalhos devem ser citados como referências importantes para a realização das projeções de potes e classificação dos mesmos. Para complementação dessas regras e comparação com vasilhas de outras localidades do estado do Rio Grande do Sul, nos utilizamos dos trabalhos de La Salvia & Brochado (1989) e Soares (2005), onde constam diversas fotos de peças inteiras e fragmentos de bordas em escala natural. Além disso, o recente trabalho de Jacques (2007), traz refinadas classificações de classes de vasilhas, de forma que pudemos dialogar com esse trabalho para a definição das classes dos potes apresentados em nosso trabalho, visto que encontramos potes das mesmas categorias e com significativas semelhanças morfológicas e de tratamento de superfície.

Por fim, a definição dos tipos de potes foi estabelecida também através da comparação dos conjuntos cerâmicos de cada sítio e na comparação entre o conjunto de sítios. Com isso, buscamos identificar padrões particulares de cada região estudada, justificando diferenças nas formas das vasilhas com relação aos conjuntos cerâmicos dos sítios de outras regiões do estado.

Atualmente, a tarefa de projetar graficamente os potes cerâmicos a partir dos fragmentos de bordas tem sido bastante criticada por alguns arqueólogos em função da alta possibilidade de erro na projeção dos potes. A dificuldade, argumentam os críticos, se dá pela potencialidade de erro na projeção do contorno do pote quando se tem apenas fragmentos de borda, que representam menos de 25% do diâmetro da borda e menos de 50% da secção vertical da vasilha (ver críticas em Soares 2005).

Conforme argumentado por Soares (2005), algumas classes de vasilhas podem ser confundidas, como as panelas com formas de talhas e talhas com formas de panelas. As tigelas podem ser confundidas com pratos fundos. Além disso, a relação entre diâmetro da boca e altura pode ser assegurada com maior eficiência para a projeção de panelas, ao passo que para talhas, tigelas e pratos o tamanho das vasilhas deveria ser medido através da relação entre altura e diâmetro máximo (*cf.* Jacobus 1994). O autor ainda destaca a possibilidade de existência de padrões estilísticos regionais, em que as projeções deveriam seguir regras particulares, diferentes daquelas propostas pelos autores supracitados,

²⁸ O trabalho de Jacobus (1994) foi realizado para uma disciplina de arqueologia, ministrada pelo arqueólogo José Proença Brochado que o autor cursou em seu mestrado. O objetivo desse trabalho foi problematizar e contribuir para o desenvolvimento das regras de projeção apresentadas em Brochado & Monticelli (1994) e Brochado, Monticelli e Neumann (1990).

que foram estabelecidas através do estudo de potes provenientes, em sua maioria, da região do vale do alto Uruguai.

As críticas ao uso das regras de projeção de potes procedem de fato, em alguns casos. Uma dificuldade foi constatada na confusão de definição das categorias tigelas para beber ou caçarolas e pratos. A dificuldade se encontra na questão de algumas dessas vasilhas têm características morfológicas semelhantes, bem como tratamento de superfície. Para definição dessas categorias de vasilhas, Jacobus (1994) apresenta uma saída metodológica para diferenciação das caçarolas e dos pratos através da relação entre o diâmetro máximo da vasilha e a altura. Quando o pote tem a altura igual ou maior a dois terços do diâmetro máximo trata-se de uma caçarola (*ñæetá*), ao passo, que quando a altura é igual ou menor que um terço do diâmetro máximo da borda se trata de um prato (*ñæembé*). No que se refere à diferenciação entre as tigelas de beber (*cambuchí caguâba*) e as caçarolas (*ñæetá*), as regras apresentadas em Brochado & Monticelli (1994) e Brochado, Monticelli e Neumann (1990) indicam que os as tigelas têm geralmente ângulos marcados no contorno do pote, bem como decoração pintada na superfície interna ou externa, já que são potes que não são levados ao fogo. Por sua vez, as caçarolas têm linhas de contorno contínuas, sem a ocorrência de mudanças bruscas do contorno, além de terem decorações plásticas de tipos variados.

Após a realização dos desenhos de bordas e projeções de vasilhas podemos interpretar os potes a partir da relação forma/função. Identificamos cinco de sete classes de vasilhas Guaraní apresentadas em La Salvia & Brochado (1989); Brochado & Monticelli (1994); Brochado, Monticelli e Neumann (1990) e Monticelli (1995). Para fins ilustrativos e de esclarecimento sobre a funcionalidade das categorias de vasilhas conhecidas na arqueologia Guaraní, vamos apresentar algumas informações relativas a cada tipo de classe de vasilhas, com regras de projeção, funcionalidade de cada pote, características formais e ilustração dos mesmos. Para as regras de projeção são apresentadas as indicações retiradas da literatura arqueológica e, em seguida, as descrições dos tipos em cada classe identificadas e sugeridas em nosso trabalho, a partir das coleções estudadas.

1) ***Cambuchí* (talha para líquidos):** Quanto à morfologia, consta em Brochado, Monticelli e Neuman (1990: 733-734) que as talhas são vasilhas independentes restringidas, de contorno simples, com abertura estreita ou média. Base conoidal ou, mais raramente, arredondada. É típico o perfil zonado, lembrando vasilhas empilhadas e encaixadas umas nas outras, com vários pontos de ângulos superpostos, o mais baixo formando um bojo pronunciado (carenado) e os pontos de ângulo seguintes sendo reentrantes, desta forma criando até três secções convexas, superpostas. Gargalo elaborado, de perfil cambado, carenado ou reforçado, em cuja base se encontra um ponto de inflexão ou, mais comumente, um ponto de ângulo reentrante. Na superfície externa ocorre geralmente pintura com motivos geométricos, gregas e linhas finas na porção superior acima de seu diâmetro acompanhando as inflexões e pontos de ângulo do perfil. Na porção inferior geralmente ocorre

tratamento alisado. Em alguns casos, os *cambuchí* apresentam tratamento de superfície externa com decoração plástica como corrugado, corrugado-ungulado, escovado, ungulado ou alisado. O diâmetro de borda pode variar de 18 a 70 centímetros o que permite diferenciar três tamanhos *cambuchí miry*, com dimensões de diâmetro de boca entre 18 e 34 cm e *cambuchí guaçu*, com dimensões acima de 36 cm. ocorrem miniaturas com dimensões menores que 18 cm de diâmetro de borda²⁹.

Quanto à funcionalidade, os dados etno-históricos indicam que as talhas eram usadas para armazenamento de água e empregadas em atividades de produção de bebidas fermentadas, sendo um equipamento cerâmico que fazia parte de uma cadeia operatória complexa, que integra alimentos dos quais se fazia o *cauim* (mandioca, milho, batata doce, abacaxi, abóbora, caju, ivope, mel, etc.), implementos líticos, madeira, conchas, ossos e dentes para o menuseio desses alimentos e potes cerâmicos para a preparação das etapas anteriores e posteriores à fermentação, a qual se realizava na talha³⁰. As talhas também tinham como função secundária servir como urna funerária, caracterizando no registro arqueológico uma estrutura funerária. Quando evidenciadas em contexto funerário, as talhas geralmente são encontradas em posição vertical, seladas com uma tampa emborcada que podem ser ou não vasilhas de mesmo tipo.

De maneira geral, as vasilhas conhecidas como *cambuchí* têm características formais que permitem identifica-las com um certo nível de facilidade, quando se tem fragmentos de borda ou mesmo partes do corpo que formam ângulos fechados (carenas). Da mesma forma, a identificação usual desse tipo de pote pode se dar através da ocorrência de pintura, o que indica que o pote não seria levado ao fogo. Essa é uma informação importante que permite distinguir as talhas das panelas que vão ao fogo. Outro dado interessante, que permite diferenciar as talhas é espessura grossa das paredes, porém, é necessário ressaltar que nesse tipo de situação a identificação pode ser prejudicada pela possibilidade de se tratar de potes do tipo *yapepó* (panelas que vão ao fogo), nos quais, por sua vez, também podem ocorrer paredes com espessuras grossas.

Em nosso estudo identificamos bordas que podem ser identificadas como *cambuchí*. Uma das bordas foi encontrada no contexto arqueológico do sítio Las Acácias, uma outra faz parte do contexto da estrutura funerária do sítio Totó, outra faz parte do contexto de deposição de lixo. Além disso, no mesmo sítio Totó, foi identificada uma borda que sugere se tratar de uma talha com forma “exótica”, semelhante a uma outra encontrada no sítio Raffi 1. Ademais, foram identificados outros fragmentos de espessura grossa com e sem decoração pintada e plástica que podem ser definidos como

²⁹ Geralmente vasilhas em miniatura são tratadas como potes resultantes do processo de ensino-aprendizado, ou seja, seriam peças realizadas por crianças em pleno processo de aprendizagem das técnicas e formas das vasilhas para o ofício de oleiras. Ocorrem miniaturas também das demais classes de vasilhas, não se limitando apenas aos potes *cambuchí*. Sobre essa discussão aplicada ao registro arqueológico ver Jacques (2007), já em contexto etnoarqueológico ver Silva (2000).

³⁰ Ver estudo etnohistórico e descrição dos tipos de cauim com seus respectivos ingredientes, etapas de produção da cadeia operatória e implementos utilizados na produção do *cauim* em Noelli & Brochado (1998).

paredes de talhas de grande porte, porém, não podem ter seu contorno projetado por não se tratarem de bordas. Nas projeções desses potes optamos por representar a base com formato arredondado.

Vasilhas do tipo *cambuchí*
Fonte: Brochado & Monticelli (1994)

Xilogravura de Hans Staden
representando processo de produção de bebida
Fonte: Staden (2007 [1557])

Estrutura funerária composta por urna (*cambuchí guaçu*), tampas do tipo caçarola (*ñaetá*) e três tigelas associadas (*cambuchí caguâba*), contendo em seu interior contas de colar, de osso e de vidro.

Fonte: Chmyz (1979) apud Kashimoto & Martins (2005)

2) Yapepó (panela de cozinhar): Segundo Brochado, Monticelli e Neuman (1990) e Brochado & Monticelli (1994) os potes do tipo *yapepó* são descritos como vasilhas independentes, restringidas, de contorno infletido. Base conoidal ou quando de pequenas dimensões, arredondadas.

Paredes mais ou menos infletidas, em geral fortemente convexas, formando bojo pronunciado. Borda convexa, vertical, ligeiramente inclinada para dentro ou inclinada para fora. Diâmetro da abertura variando entre 12 e 80 centímetros. O tratamento mais freqüente da superfície externa é corrugado e corrugado-ungulado, mas ocorre também alisado e ungulado. Convencionou-se classificar como pequenas (*yapepó myri*), as vasilhas com dimensões de diâmetro de boca entre 12 e 16 cm; como medianas as vasilhas entre 18 e 30 cm e como grandes as que apresentam o diâmetro de boca com dimensões maiores que 32 cm. São conhecidas também miniaturas com dimensões de diâmetro de boca menores que 12 cm.

No que se refere à função desse tipo de pote cerâmico, os dados etnohistóricos indicam que se tratam de “*vasilhas usadas para a preparação de alimentos por fervura sobre o fogo*” (cf. Brochado & Monticelli 1994: 109).

Em nosso trabalho encontramos potes com tratamentos de superfície externa com decoração plástica do tipo corrugado, corrugado-ungulado e alisado. A superfície interna recebe tratamento com alisamento simples, polimento ou brunidura. Quanto às dimensões dos potes seguimos as sugestões de Brochado & Monticelli (1994). Identificamos dezenas de potes do tipo *yapepó* nas coleções estudadas que se assemelham às coleções comparadas através da bibliografia, não havendo surpresas nem na morfologia das peças projetadas, nem no tratamento de superfície das mesmas.

Identificamos dois tipos de vasilhas na classe das panelas conhecidas como *yapepó*:

- ✓ *Tipo 1*: Vasilhas restringidas com a borda côncava inclinada para fora. Lábios arredondados.
- ✓ *Tipo 2*: Vasilhas restringidas com borda direta inclinada para dentro. Lábio arredondado inclinado para fora.
- ✓ *Tipo 3*: Vasilhas restringidas com a borda convexa ou côncava inclinada para dentro ou para fora. Lábios arredondados e perfil cambado ou duplamente cambado.

Vasilhas do tipo *yapepó* (panelas para cozinhar)
Fonte: Brochado & Monticelli (1994).

3) *Cambuchí Caguâba* (tigela para beber): Conforme o trabalho de Brochado, Monticelli e Neuman (1990) e Brochado & Monticelli (1994), as vasilhas do tipo *cambuchí caguâba* são tigelas conoidais de contorno simples, abertas ou levemente restringidas. Tigelas independentes, restringidas, de contorno infletido. Tigelas abertas e levemente restringidas, de contorno composto ou complexo, com um ponto de ângulo marcando a junção da base conoidal com a borda convexa, reta e côncava. Tigelas independentes, levemente restringidas, de contorno complexo, com dois pontos de ângulo, o mais alto deles reentrante, abaixo de uma borda mais ou menos elaborada. O tratamento de superfície das formas simples mais comumente encontrados são: alisado, corrugado ou ungulado. Com menos frequência encontra-se formas simples com pinturas internas. As formas mais complexas são geralmente pintadas externamente e em muitos casos há ocorrência de engobo branco ou vermelho, tanto interna como externamente. O diâmetro de boca dessas tigelas varia entre 12 e 34 cm, sendo considerados pequenas aquelas peças com dimensões entre 12 e 16 cm, medianas as peças com 18 e 26cm e grandes as vasilhas com dimensões acima de 28 cm. .

Quanto à funcionalidade, as vasilhas conhecidas como *cambuchí caguâba* são identificadas como tigelas para beber, cujo nome se traduz como: “*vaso onde se bebe vinho, instrumento de beber. Este termo está relacionado também com os cambuchí myri, traduzido por copo ou vaso, mas que em sentido genérico, poderia ser qualquer vasilha em que se bebe.*” (Brochado & Monticelli 1994: 115). Nesse sentido, ainda segundo os autores supra-citados, o termo *cambuchí* não parece indicar a forma, mas qualquer vasilha destinada à preparação, serviço ou consumo de bebidas.

Em nosso trabalho encontramos três tipos de tigelas que se diferenciam pela morfologia e tratamento de superfície, em que ocorrem decorações plásticas como corrugado, corrugado-ungulado, alisado e inciso, além disso, ocorrem decorações pintadas em linhas finas de coloração vermelha diretamente sobre a superfície da cerâmica ou também sobre engobo branco. Ocorre também decoração mista com pintura e incisão. Como tratamento de superfície interna identificamos peças com engobo interno vermelho e branco, bem como peças com brunidura.

Os três tipos identificados podem ser assim descritos:

- ✓ *Tipo 1:* Vasilhas restringidas com borda convexa e direta, lábios arredondados.
- ✓ *Tipo 2:* Vasilhas restringidas com borda côncava levemente inclinada para fora, podendo ou não formar um ângulo que marca o bojo. Os lábio são afinados ou arredondados, inclinados para fora.
- ✓ *Tipo 3:* Vasilhas restringidas com borda direta ou extrovertida, inclinada para dentro, podendo ou não formar um ângulo com o bojo. Podem ter mais de um

ombro. Este tipo de vasilha se destaca por apresentar maior quantidade de superfícies pintadas ou engobadas, sendo um diferenciador estilístico importante que facilita a classificação

Vasilhas do tipo *cambuchí caguâba* (tigelas de beber)
Fonte: Brochado & Monticelli (1994)

4) Ñaé, ñaembé, tembiru (prato de comer): segundo Brochado, Monticelli e Neuman (1990) e Brochado & Monticelli (1994) os potes do tipo **ñaembé** são pratos ou tigelas muito abertas, com base levemente arredondada e borda convexa, contínua com a parede, vertical ou inclinada para fora. Encontra-se pratos rasos ou fundos e o tratamento de superfície mais usual é corrugado, ungulado, alisados ou pintados. Os mesmos autores destacam a confusão em diferenciar através da morfologia e/ou decoração os pratos das caçarolas, devido a sua semelhança formal. O diâmetro de boca dos potes varia de 12 a 34 centímetros, sendo considerados pequenas as vasilhas com diâmetro de boca entre 12 e 16 cm, medianas aquelas com diâmetro entre 18 e 26 cm e grandes as peças com diâmetro acima de 28 cm. Em seu trabalho, Jacobus (1994) comenta que existem vasilhas do tipo **ñaembé** com dimensões que ultrapassam os 34 cm.

Os dados etnohistóricos indicam que as vasilhas do tipo **ñaembé** ou **tembirú** seriam utilizadas como pratos. O termo **tembirú** seria derivado da palavra **tembiú** (comida) e a existência de vasilhas desse tipo sugere a “*existência de pratos coletivos ou comunitários, conforme a expressão: ‘o que come comigo em um prato’*” (Brochado & Monticelli 1994: 115).

Como citado acima, os potes de tipo **ñaembé** são facilmente confundidos com potes do tipo **ñaetá**. Nesse sentido, nos utilizamos das regras das regras práticas elaboradas por Jacobus (1994), em que consta que essas vasilhas se diferenciam daquelas do tipo **ñaetá** por terem sua altura até 1/3 menor que o diâmetro da borda, sendo consideradas bastante rasas com relação às caçarolas.

Identificamos uma porção significativa de pratos no sítio Totó e em menor quantidade nos demais sítios do litoral e serra. A maior parte das vasilhas das coleções estudadas têm tratamento de

superfície externa com decoração plástica. Por outro lado, a superfície interna é sempre alisada e sem nenhum tipo de decoração. A base das vasilhas foi preferencialmente delineada com contorno arredondado ou levemente aplanado.

Definimos apenas dois tipos de vasilhas que descrevemos da seguinte maneira:

- ✓ *Tipo 1:* Vasilhas não-restringidas com a borda convexa inclinada para fora. Lábio arredondado e base elipsoidal ou levemente arredondada.
- ✓ *Tipo 2:* Vasilhas não-restringidas com a borda convexa vertical ou levemente inclinada para dentro. Lábio arredondado e base elipsoidal ou levemente arredondada.

Vasilhas do tipo **ñaembé** (pratos de comer)
Fonte: Brochado & Monticelli (1994)

5) Ñaeá, ñaetá (caçarola para cozinhar): Em Brochado, Monticelli e Neuman (1990) e Brochado & Monticelli (1994) os potes do tipo **ñaetá** são descritos como tigelas muito abertas de forma conoidal ou elipsóide, contorno simples, com borda direta, contínua com a parede ou convexa ou vertical. A base é preferencialmente aplanada ou levemente arredondada. O diâmetro da borda varia entre 30 até 70 centímetros, sendo as caçarolas de tamanho normal aquelas com diâmetro de boca entre 30 e 48 cm (**ñaetá**), enquanto que as peças com diâmetro acima de 50 cm seriam de grande porte (**ñaetá guaçu**). Quanto às dimensões desse tipo de pote, Soares (2005) comenta que as caçarolas podem ter diâmetros de bordas menores que 30 centímetros, sendo confundidos facilmente com pratos de comer. Identificamos peças com dimensões menores que 30 cm de diâmetro de boca, o que convencionamos como potes de tamanho pequeno.

As vasilhas do tipo **ñaetá** são compreendidas quanto a sua funcionalidade caçarolas que “serviriam para cozinhar alimentos por fervura sobre o fogo” (Brochado & Monticelli 1994: 113).

Além disso, são encontradas vasilhas de grandes dimensões desse tipo associadas a estruturas funerárias de vários sítios arqueológicos, servindo como tampas de urnas funerárias.

Em nosso trabalho encontramos caçarolas de três tipos, que se diferenciam basicamente por serem restringidas ou não restringidas. No que se refere ao tratamento de superfície externa somente encontramos peças com decoração plástica do tipo corrugado, corrugado-ungulado e alisado. Por outro lado, na superfície interna foram identificadas peças com tratamento de superfície alisada ou brunida.

- ✓ *Tipo 1:* Vasilhas não-restringidas com a borda convexa vertical e convexa inclinada para fora com lábios arredondados.
- ✓ *Tipo 2:* Vasilhas restringidas com a borda convexa inclinada para dentro e lábios arredondados.

Vasilhas do tipo *ñaetá* (caçarola para cozinhar)
Fonte: Brochado & Monticelli (1994)

4.3.2. Método de análise do material lítico

O material lítico dos sítios arqueológicos identificados no litoral tem sido estudado com o objetivo principal de gerar dados para reflexão sobre as dimensões do *teko'á*. Tem sido compreendido como um suporte para pensar as questões de territorialidade, visto que interpretamos a presença de peças liticas no litoral como um indicador de relação entre a região serrana e litorânea. Utilizamos como base para essa discussão os trabalhos de Noelli (1993, 1997), em que o autor discute a dimensão espacial mínima do *teko'á do Arroio do Conde*. Nesses trabalhos, o autor parte do princípio de que “a postura Guarani frente ao ambiente não era passiva”, ou seja, os Guarani além de mapearem os

recursos necessários à manutenção das atividades quotidianas exerciam substancial influência sobre o meio ambiente, já que a atividade de captação de recursos é uma forma de manipulação da paisagem.

Partindo de uma perspectiva etnobiológica, o autor propõem que a distância entre o centro do assentamento e as fontes de recursos pode ser considerado um dado indicativo da dimensão espacial mínima do *teko'á*. Num esquema metodológico bastante simples, o autor primeiramente identificou os materiais orgânicos e inorgânicos ausentes nas proximidades do sítio do Arroio do Conde, localizado no delta do vale do Jacuí. Logo em seguida, o autor seguiu à identificação desses recursos num mapa geológico, para os recursos inorgânicos como rochas e argila e a estudos fitogeográficos para identificação de áreas com disponibilidade para determinados tipos de solos agriculturáveis e plantas. O autor consegue determinar que o *teko'á* teria raios de ação de diversos tamanhos, mas com uma ação mais ampla que se estenderia até 50 km.

Consideramos essa proposta metodológica bastante eficaz para iniciar uma discussão sobre as dimensões do *teko'á do Arroio Pelotas*. Compreendemos, de maneira semelhante ao autor supra-citado, que as fontes de recursos são paulatinamente mapeadas cognitivamente e a localidade de cada uma dessas fontes faz parte do território de domínio Guarani. Nesse sentido, buscamos aqui elementos que permitam discutir as dimensões do *teko'á*, o que significa trazer à luz elementos para discussão sobre territorialidade, captação de recursos e estratégias de assentamento. É importante ressaltar que, diferentemente dos trabalhos citados acima, nosso trabalho não conseguiu abranger um estudo amplo que abarcasse o mapeamento dos recursos orgânicos e inorgânicos passíveis de terem sido utilizados pelos Guarani, ou seja, limitamo-nos em basear a discussão apenas nos recursos inorgânicos, mais especificamente sobre as matérias-primas líticas identificadas nos sítios arqueológicos do litoral da Laguna dos Patos. Com isso, fica como sugestão que os elementos fitogeográficos venham a ser estudados por pesquisas futuras, de forma que se possa ampliar e problematizar a discussão aqui iniciada.

A opção em utilizar apenas o mapeamento de recursos inorgânicos partiu da observação de que na região meridional da Laguna dos Patos, não existem fontes de matéria-prima lítica em forma de afloramentos rochosos. Durante as saídas de campo para reconhecimento dos aspectos ambientais e nas campanhas de prospecção arqueológica na área de pesquisa não fora identificado qualquer tipo de deposição de matéria prima lítica em forma de seixos ou matacões, que pudessem ser utilizados como material para lascamento, decorrentes da deposição fluvial proveniente do Escudo Cristalino. Além disso, nossos estudos sobre a geografia regional também não permitiram a identificação de qualquer fonte de matéria-prima. É de se considerar também, que as pesquisas de geografia física na região de Pelotas são bastante incipientes, sendo necessário um estudo mais apurado que vise ao mapeamento de possíveis fontes litológicas no ambiente litorâneo.

Em contrapartida, diversos tipos de materiais líticos foram identificados e coletados nas escavações arqueológicas dos sítios do litoral de Pelotas. Materiais líticos oriundos de blocos de quartzo, geodos de calcedônia, placas de arenito friável, lascas de arenito silicificado, basalto e granito foram identificados no sítio Totó, bem como lascas e blocos de quartzo, lascas de calcedônia e granito também foram coletados nos demais sítios acampamentos do litoral. Todas essas rochas, é importante reafirmar, são ausentes no ambiente litorâneo, existindo somente a partir das terras altas da serra do Sudeste, Depressão Periférica e Planalto Serra Geral.

Com essa constatação, além de discutir a dimensão espacial do *teko'á do Arroio Pelotas*, podemos inclinar a discussão para os aspectos sociais da presença desse tipo de rocha em sítios do litoral, pois, na medida em que esses recursos são ausentes no ambiente litorâneo, é possível considerar que o material lítico seja um indicador de relação entre, de um lado, as terras altas da serra e mesmo além destas e, por outro lado, as terras baixas do litoral. Consideramos, nesse caso, que o material lítico é um suporte importante que não apenas confirma ou reforça os dados gerados pela análise da cerâmica, mas é uma fonte documental que amplia o escopo da pesquisa, trazendo à luz dados empíricos que permitem abordar a questão da estratégia de assentamento Guarani, domínio de território, ampliação de território para áreas não tradicionais, relações de prestígio e captação de recursos.

Destaco isso em função da crítica, muito coerente de La Salvia & Brochado (1989), que chamam atenção para necessidade de se estudar o lítico com base em problemas específicos de pesquisa, mas que digam respeito à cultura Guarani e não somente seja uma descrição tipológica:

“Nossa proposição é estudar o lítico como lítico, definir o que realmente é da cultura, podendo ser modal ou grupal, e o que não lhe pertence, mas porque está ali presente. Se, entretanto partirmos das idéias de reocupação de sítios, aproveitamento de material abandonado, intrusão por troca ou outras proposições deste padrão, então é melhor nem iniciarmos” (La Salvia & Brochado 1989).

Os conjuntos líticos foram analisados a partir de cinco categorias de análise. *Tipo de lasca, Tipo de instrumento, Modificações, Suporte e Matéria prima* (ver tabelas de quantificação dos materiais líticos dos sítios do litoral em anexo 05).

1) como primeiro item da análise temos as lascas que são interpretadas em arqueologia Guarani como resquícios de produção de instrumentos, bem como instrumentos em si, pois servem para cortar, furar, raspar pequenas superfícies, etc. Os tipos de lasca compreendem: Micro lasca unipolar, Lasca unipolar, Lasca unipolar de borda bifacial, Lasca bipolar, Lasca bipolar bifacial e fragmento de lasca.

2) Os instrumentos são confeccionados através de polimento ou lascamento. São peças que servem no uso cotidiano como instrumentos para roça, construção de estruturas arquitetônicas, bem como para cortar, bater, polir, afiar, furar, moer, etc. Os instrumentos ou artefatos são divididos em Polidor, fragmento de machado polido, artefato modificado, artefato bruto (aqueles que mantêm a forma bruta e que não têm nenhuma marca de modificação ou uso), Afiador em canaleta, Alisador, Núcleo unipolar unidirecional, Núcleo bipolar, instrumento multifuncional (quando mais de uma atividade funcional é percebida na peça).

3) As modificações são indicadores de atividades de desbaste, desgaste, quebra ou uso das pedras como “pedra de fogo”. São percebidas alterações térmicas, marcas de uso e retoques;

4) Suporte é base em que a lasca ou o instrumento foi confeccionado e são indicadores importantes para definir se a rocha utilizada foi retirada de sua fonte original (afloramento) ou se foi de uma cascalheira localizada em margem de rio ou arroio. Os suportes são blocos, lascas, geodo, placas e seixos.

5) As matérias prima identificadas são registradas na região do Escudo sul-riograndense (Pré-Cambriano), na região da Depressão Periférica e no Planalto da Serra Gera. Em linhas gerais, podemos dizer que as fontes de matéria prima utilizadas pelos grupos Guarani podem distar de 30 até 200 Km da planície costeira, onde se situam os sítio estudados. As matérias prima identificadas foram: granito, calcedônia, quartzo, basalto, arenito silicificado e arenito friável.

Através de um mapeamento de fontes de matéria prima realizado a partir do Mapa Geológico do Estado do Rio Grande do Sul foi possível delimitar localidades em que ocorrem afloramentos rochosos de quartzo, granito, arenito friável, arenito silicificado e basalto, bem como áreas de ocorrência de geodos de calcedônia em meio a afloramento de arenito friável. Essas áreas de fontes de matéria prima são aqui tratadas como localidades em que possivelmente os grupos Guarani tenham explorado, demonstrando um domínio de território bastante amplo, em que se articulam ambientes distintos. As informações de distâncias entre a área central do assentamento litorâneo e as áreas de fontes de matéria prima são tratadas aqui como as dimensões mínimas da área de influência espacial do *teko’á do Arroio Pelotas*. Abaixo, apresentamos o Mapa Geológico com a indicação das fontes de matéria prima e as distâncias entre estas e a área central do assentamento Guarani na porção litorânea. Cada área tem uma descrição geológica sintética que visa apresentar as suas características principais e as cidades mais conhecidas onde se localiza.

✓ **Descrição das áreas de ocorrência de fontes de matéria prima:**

Área 1: localiza-se no município de Jaguarão, na região do Escudo sul-riograndense de idade Pré-Cambriana, numa zona de ocorrência de limites transformantes, relacionados a abertura do Oceano Atlântico, onde se deu uma intrusão de basalto de coloração escura. Esse basalto, de idade Mesosóica, intrudiram a região do Escudo sul-riograndense (Pré-Cambriano). A área 1 dista aproximadamente 120 km do centro do assentamento Guarani no litoral.

Área 2: localiza-se entre os municípios de Piratini, Pedro Osório e Cerrito, também na região do Escudo sul-riograndense, numa zona de ocorrência de arenitos quartzosos formados anteriormente à formação do Escudo Cristalino. A área 2 dista aproximadamente 65 km do centro do assentamento Guarani no litoral.

Área 3: são rochas do Escudo sul-riograndense, onde se localizam municípios como Piratini, Pinheiro Machado, Pedro Osório, Canguçu, Cerrito, Capão do Leão e a região da colônia do município de Pelotas, onde também se encontram as áreas do assentamento Guarani da serra. No Escudo ocorrem rochas graníticas e subordinadamente metamórficas e sedimentares; presença de falhas preenchidas com quartzo leitoso. A área 3 dista aproximadamente 30 km do centro do assentamento Guarani no litoral.

Área 4: localiza-se nos municípios de Candiota, Bagé e Aceguá, no limite entre a Depressão Periférica e o Escudo sul-riograndense, onde se encontram afloramentos de folhelhos, arenito e conglomerados friáveis com presença de seixos de geodos de calcedônia associados. A área 4 dista aproximadamente 130 km do centro do assentamento Guarani no litoral.

Área 5: localiza-se na região de municípios como Lajeado, Taquari, Sapucaia do Sul, São Leopoldo e Caxias do Sul. essa área compreende o limite meridional entre o Planalto da Serra Geral e a Depressão Periférica, onde se encontram rochas do tipo: arenito friável feldspático, arenito silicificado, basalto acinzentado claro³¹ e geodos de calcedônia associadas às formações de basalto. A área 5 dista aproximadamente 200 km do centro do assentamento Guarani no litoral.

✓ **Distâncias e estratégias: discutindo obtenção, uso e descarte**

A partir da análise espacial do mapa com as áreas de ocorrência de fontes de matéria prima é possível tecer algumas interpretações que dizem respeito à exploração dessas fontes pelos grupos Guarani. As distâncias da área central do assentamento litorâneo para cada área de fonte de matéria prima lítica variam entre 30 km e 200 km, sendo, portanto, uma amplitude bastante

³¹ O basalto que identificamos nos instrumentos dos sítios arqueológicos Guarani, tanto do litoral como da serra, são de coloração acinzentado claro, o que é um indicador que os grupos explorassem as fontes de basalto da região o Planalto da Serra Geral (área 5), ao invés das fontes de basalto, de coloração escura, similares aos da região de Jaguarão (área 1).

significativa que conduz a pensar em diferentes estratégias para obtenção destes recursos. Podemos pensar estas áreas de ocorrência de fontes de matéria prima como zonas de influência, cujo domínio e exploração demanda um esforço estratégico que envolve redes sociais. Sugerimos, a partir desta discussão, que duas zonas de influência sejam possíveis: *zonas de influência direta* e *zonas de influência indireta*.

a) As *Zonas de influência direta* são aquelas ativa e diretamente exploradas, em que os grupos poderiam se deslocar para chegar às mesmas, sem que necessariamente houvessem relações sociais de troca com outros grupos, sejam eles Guarani ou não-Guarani. Estas zonas distam até 50 km da área central do assentamento, contemplando desta forma o espaço físico-geográfico de um *teko'á* (cf. Noelli 1993). No caso do *teko'á do Arroio Pelotas*, a única zona de influência direta, relativa a fontes de matéria prima seria a Área 3 (Escudo sul-riograndense), em que ocorrem rochas graníticas e quartzosas, distando, por sua vez, distâncias próximas de 30 km. É interessante ressaltar também, que esta área de captação de recursos líticos é a matriz de implantação do grupos Guarani na Serra do Sudeste, sendo portanto, um território de relativa facilidade de acesso.

b) As *Zonas de influência indireta*, em contrapartida, são aquelas de exploração indireta e de menor intensidade, para as quais o deslocamento seria mais complicado à medida em que aumentam as distâncias. Neste caso, sugere-se que, do ponto de vista estratégico, as relações sociais de troca seriam mais usuais, o que permite obter, não somente os recursos desejados, mas também o fortalecimento das relações de parentesco, amizade, prestígio e alianças políticas. Em outras palavras, as grandes distâncias do assentamento com relação às fontes líticas possibilita o estabelecimento de redes de trocas, que envolvem um sistema que ultrapassa os limites do *teko'á*, pois estas zonas distam então mais de 50 km da área central do assentamento, o que atinge a esfera territorial do *guará*. No caso da área de estudo, selecionamos quatro zonas de influência indireta (Áreas 1 a 4), onde é possível captar o restante dos tipos de rochas encontradas nos sítios arqueológicos estudados no litoral da Laguna dos Patos.

As grandes distâncias entre a área central do assentamento e as áreas de captação de recursos líticos ainda traz um outro ponto a discutir, que diz respeito ao grau de utilização de cada rocha, como suporte para fabrico de instrumentos líticos. Se considerarmos que a acessibilidade a cada zona de influência demanda um gradativo esforço para obter os recursos líticos, então podemos imaginar que os padrões de uso e descarte dos artefatos deveria variar também, ou seja, devemos imaginar que a distância e a dificuldade em obter tal tipo de matéria prima faz com que a mesma, quando disponível, seja explorada até seu esgotamento.

Este mesmo raciocínio já foi realizado por Binford (1979). Em busca de entender padrão de assentamento e variabilidade dos conjuntos artefatuais, o autor propõe, através de analogia etnográfica direta com os grupos Nunamiut e estudos de tecno-tipologia lítica, que a funcionalidade do

sítio pode ser inferida a partir dos aspectos de distância, manufatura e manuseio dos artefatos, o que gera padrões de descarte específicos. Desta forma, Binford desenvolve a teoria das *tecnologias de curadoria*, que são aquelas em que existe um investimento de manufatura, uso e reavivamento maior até seu descarte, se comparado às *tecnologias expedientes*, em que este investimento é menor.

Noelli (1993), também comenta este tipo de abordagem, em que pesa de um lado a distância das fontes de matéria prima e a manutenção e conservação dos instrumentos:

*“Esta ausência de matérias-primas nas proximidades obrigava a que fossem percorridas distâncias de até 60 km para encontrar rochas para funções específicas, adequadas à confecção de seus instrumentos. Devido às distâncias, a tecnologia deveria ser voltada para a manutenção e conservação dos equipamentos líticos, o que Binford denominou **curated technologies** (Binford 1979). Ao mesmo tempo em que os modelos teóricos sobre obtenção de recursos materiais estão direcionadas a uma tentativa de conservação mais acentuada, existem muitas informações históricas sobre os amplos deslocamentos para guerrear ou buscar matérias prima (cf. Principalmente Susnik 1975, 1982 e Souza 1990). As pesquisas etnobiológicas sobre caçadas de populações tropicais também demonstram que várias atividades concomitantes eram desenvolvidas durante as saídas da aldeia, entre as quais a procura e localização de matérias prima” (Noelli 1993: 122).*

Levando esta diferenciação de tipos tecnológicos em consideração, podemos associar a questão das distâncias das fontes de matéria prima e o padrão de uso e descarte de determinados tipos de materiais líticos dos sítios do litoral, inferindo, desta forma, sobre as diferenças de investimento para obtenção, uso e descarte de determinados tipos de materiais. A análise de materiais líticos dos sítios do litoral da Laguna dos Patos permite constituir o seguinte quadro relativo aos padrões de obtenção, uso e descarte de materiais.

a) *Indústria expediente*: Por um lado, temos os materiais obtidos na *zona de influência direta* (Escudo sul-riograndense), em que o investimento para obtenção de matéria prima não é muito acentuado, visto que a acessibilidade a esta zona não ultrapassa a distância de 30 km. Desta zona de influência são obtidas rochas de quartzo e granito, as quais aparecem nos sítios do litoral, em sua maioria, como blocos e lascas. Na análise destes materiais notamos que os blocos raramente apresentam marcas de uso ou marcas de queima, demonstrando se tratar de sobras de matéria prima obtida e não utilizada; as lascas são fabricadas e utilizadas sem haver a preocupação de reavivar o gume através de retoque. Neste sentido, a análise tecno-tipológica indica que o quartzo é utilizado pelos Guarani do litoral sem haver a preocupação em esgotar a matéria prima até o limite de sua capacidade. É interessante ressaltar que os poucos núcleos identificados nos sítios acampamentos têm apenas duas ou três retiradas corticais, o que indica uma exploração pouco acentuada dos mesmos. Considerando a

facilidade de obtenção de blocos de quartzo, a baixa exploração e o alto índice de descarte deste tipo de matéria prima nos sítios do litoral, sugerimos que tenhamos aqui um exemplo de indústria expediente.

b) *Indústria de curadoria*: se de um lado, o quartzo sugere um uso expediente, por outro lado, o restante das matérias prima (calcedônia, basalto, arenito friável e arenito silicificado) sugerem que tenha havido um investimento de obtenção e uso mais acentuado, caracterizando um caso de indústria de curadoria. No que se refere à obtenção de matéria prima é de se notar que distâncias que variam de 65 km até 200 km exigem um investimento em estratégia, que se ultrapassa a esfera do *teko'á*, adentrando os limites do *guará*, exigindo, portanto, a valorização destas matérias quando obtidas. A análise dos materiais líticos dos sítios do litoral, sobretudo do sítio PS-03-Totó, demonstrou que há um número significativo de lascas de calcedônia retocadas e exploradas até sua exaustão, o que é indicado também pela presença de núcleos bastante explorados. Além disso, chama atenção também os instrumentos conhecidos como afiadores em canaleta de arenito friável, que demonstram terem sido explorados até sua exaustão, visto que há presença de sulcos em todas as faces das peças, em sua maioria.

4.3.3. Método de análise do material arqueofaunístico

O material arqueofaunístico³² foi analisado com o objetivo de identificar as espécies consumidas pelo grupo no litoral, o que permite, de um lado, compreender parcialmente a dieta dos grupos Guarani nos assentamentos litorâneos e, por outro lado, refletir sobre o processo de adaptação alimentar relativo aos recursos ambientais e suas respectivas estratégias de ocupação do espaço (cf. Rosa 2006a, 2006b). Além disso, o estudo da arqueofauna presente nos sítios é mais um fator que permite interpretar as estruturas arqueológicas identificadas nos sítios, bem como sugerir elementos de relações entre serra e litoral, caracterizando um sistema de assentamento regional. É importante comentar que estudos zooarqueológicos em sítios Guarani do litoral sul do Brasil são bastante raros na arqueologia. Nesse sentido, tecer interpretações sobre adaptação se torna uma tarefa bastante complexa, pois há poucos elementos para comparação. Os estudos que temos tido acesso têm buscado apresentar exaustivas descrições da fauna presente no registro arqueológico, seus aspectos tafonômicos e as possibilidades interpretativas referentes à dieta, adaptação e consumo das espécies litorâneas em distintos ambientes (ver Rosa 2006a, 2006b, 2006c; Da Silva 2006; Brentano, Rosa e Schmitz 2006), o que tem sido um grande avanço no campo da zooarqueologia, mas, ainda assim, carecem estudos comparativos mais amplos.

³² “Entende-se por arqueofauna: os vestígios de faunas encontrados em sítios arqueológicos, isto é, a parcela das faunas preservadas que foram depositadas em um determinado sítio, tratando-se assim de faunas fósseis. Este termo se refere exclusivamente às faunas preservadas em contexto cultural e recebe esta denominação para diferenciá-las daquelas não associadas a este tipo de contexto, ou seja, as paleofaunas, que são objetos de estudo da paleontologia.” (Jacobus 2004: 51).

Em nosso trabalho foi realizado um estudo de identificação das espécies presentes nos dois únicos sítios em que foram identificados materiais arqueofaunísticos no registro arqueológico. Trata-se do sítio PS-02-Camping e do sítio PS-03-Totó, ambos localizados às margens da Laguna dos Patos, distando entre si, aproximadamente 1 km. É necessário destacar que as amostras coletadas nos sítios são limitadas no que se refere à quantidade de elementos, sendo necessário, neste caso, ampliar a área de escavação de cada contexto arqueológico para coleta de mais vestígios, construindo assim uma amostra mais adequada que permita amplificar o estudo de identificação taxonômica e anatômica das espécies. Além disso, um estudo de tafonomia deverá ser realizado para que se possa diferenciar com maior precisão os vestígios culturais e os restos de ossadas depositadas no solo por causas naturais. Sendo assim, apresentamos aqui algumas considerações com base nos vestígios arqueofaunísticos que permitem tecer interpretações, ainda que incipientes, acerca da dieta dos grupos Guarani litorâneos, sabendo que serão sugestões a serem testadas e que poderão ser contrariadas à luz de novos estudos. Uma série de recursos faunísticos é conhecida na zona costeira. Segundo Rosa (2006a), cada ambiente litorâneo (matas de restinga, palmares, campos, banhados e lagoas costeiras) é um hábitat em particular e tem uma fauna adequada, ainda que possa haver circulação dos animais por diferentes ambientes³³.

Em nosso trabalho, os materiais arqueofaunísticos foram identificados, no que se refere aos seus aspectos taxonômicos e anatômicos, através da utilização de bibliografia especializada em zooarqueologia, bem como com o auxílio da coleção osteológica de referência do LEPAARQ-UFPel. Optou-se por apresentar as medições de quantificação de material arqueofaunístico de estimativa de abundância, o NISP (Número de Espécies Identificados por Táxon) e o MNI (Número Mínimo de Indivíduos). Essas medições, num primeiro momento, não serão dados significativos para interpretar o conjunto arqueofaunístico dos sítios, porém, deverá servir como elemento comparativo para trabalhos futuros, não somente para a própria região de estudo, mas também para demais trabalhos de outras regiões com ocupação Guarani.

É importante ressaltar que a amostra, além de ser limitada quantitativamente, é bastante limitada também nos seus aspectos qualitativos, em virtude da má conservação dos vestígios ósseos, visto que estes se encontram bastante fragmentados. Grande parte das peças analisadas apresentaram traços de processos pós-deposicionais naturais, o que agravou ainda mais a identificação taxonômica e anatômica dos mesmos. Neste sentido, os dados apresentados abaixo apresentam: lista de animais identificados nos sítios arqueológicos *versus* hábitat, que indicam captura e consumo de determinadas espécies em diferentes ambientes; medições de NISP e MNI para comparação com outros conjuntos arqueofaunísticos. Embora sejam apresentados esses dados, consideramos que somente após o aumento

³³ No trabalho de Rosa (2006a), encontra-se uma lista de espécies faunísticas presentes na região do litoral sul e central do Rio Grande do Sul. No presente trabalho, este conjunto de espécies é tratada como um universo de recursos disponíveis para as sociedades humanas que habitaram a região litorânea, mais especificamente os grupos Guarani.

da área de escavação dos sítios, o que deverá gerar um aumento significativo das amostras, será possível uma análise mais ampla da fauna arqueológica, o que, por sua vez, permitirá inferir sobre questões específicas como, por exemplo, hierarquização de captura e consumo por táxon.

➤ **Material Arqueofaunístico do Sítio PS-02-Camping:**

Os materiais arqueofaunísticos identificados nas escavações do sítio Camping totalizam 365 peças, coletadas no *locus* 1 e *locus* 2, através de sondagens e escavações de estruturas arqueológicas. No *locus* 1 foram coletados 341 materiais ósseos, porém, optamos em analisar apenas aqueles coletados na escavação das quadras 5.29 e 5.30, em função de ser um contexto que pudemos classificar como primário (*cf.* Schiffer 1987). O restante da área foi alvo de sondagens e demonstrou ter sido fortemente impactado pelas obras de construção do Camping Municipal de Pelotas. O conjunto arqueofaunístico do *locus* 2, por sua vez, também não foi analisado em função da má conservação das peças, logo, realizamos apenas a leitura da distribuição espacial destas peças no contexto, inferindo sobre a funcionalidade deste contexto.

O conjunto arqueofaunístico do *locus* 1, é composto pelos materiais coletados na unidade de escavação das quadras 5.29 e 5.30 (ver distribuição dos materiais na página 131). Este conjunto compreende 47 peças, sendo 41 ossos, 5 sementes de jerivá e 1 concha, coletados num volume de sedimento de 0,375 m³ (1,50 m X 0,50 m X 0,50 m), onde se encontravam também fragmentos de cerâmica. Através de uma análise da distribuição espacial dos mesmos, podemos interpretar este conjunto arqueofaunístico como restos de alimentação depositados no solo junto a fragmentos cerâmicos, formando uma fina camada de terra preta, o que caracteriza uma estrutura de deposição de lixo da área do acampamento. Ressaltamos ainda que nesta “lixreira” tenham ocorrido ações de queima dos restos alimentícios, pois foram identificadas 12 peças carbonizadas e 18 calcinadas.

Tabela 14: Quantificação dos vestígios de animais vertebrados e invertebrados e vestígios de flora do sítio PS-02-Camping

Táxon	NISP	MNI
	Q. 5.29 e 5.30	Q. 5.29 e 5.30
Osteichthyes		
Micropogonias furnieri (Corvina)	3	2
Pogonias cromis (Miraguaia)	5	1
Osteichthyes ind.	24	–
Gastropoda		
Megalobolimus sp. (aruá-do-mato)	1	1
Portunidae		
Callinectes danae (siri azul)	2	1
Palmae		
Syagrus romanzoffiana (Jerivá)	4	4
Total	39	9

No que se refere ao *locus* 2, o conjunto de materiais arqueofaunísticos é formado pelas peças escavadas nas quadras 11.20, 11.21 – 12.20, 12.21 (ver distribuição dos materiais na página 134). Este conjunto compõe 24 peças, coletadas num volume de sedimento de 1 m³. A análise da dispersão das peças no contexto arqueológico apresenta um padrão em que os materiais ósseos demonstram estarem articulados em torno da vasilha do tipo *ñaetá*, datada em 380 ± 50 A.P, sugerindo que se tratam de restos de alimentação depositados no local de produção e consumo. Esta é uma constatação que permite pensar nesse contexto como uma estrutura de combustão, em que ocorreram atividades de alimentação coletiva. É importante ressaltar que no interior da caçarola foram coletados fragmentos de carvão, reforçando a idéia de que atividades de combustão tenham ocorrido no local, formando um contexto arqueológico que indica consumo e descarte de alimentos, bem como a combustão dos mesmos em alguma etapa durante esta atividade.

➤ **Material Arqueofaunístico do Sítio PS-03-Totó:**

Os materiais arqueofaunísticos identificados nas escavações do sítio Totó totalizam 242 peças, todas coletadas no *locus* 3, nas escavações da unidade de escavação de 4 m² (quadras 2.12, 2.13, 3.12 e 3.13) e na trincheira de 10 m X 0,50 m (quadras 4.9 a 12.9).

Na unidade de escavação de 4 m² foram coletadas 220 peças em um volume de sedimento de 3 m³ (2 m X 2 m X 0,75 m) (ver distribuição dos materiais na página 144). A análise da distribuição espacial dos vestígios arqueofaunísticos, demonstra que os mesmos estavam associados a um conjunto de centenas de fragmentos de cerâmica e dezenas de materiais líticos, sem que se perceba qualquer tipo padrão de articulação relativo a alguma estrutura funcional do sítio, como por exemplo, estrutura arquitetônica, de combustão ou funeral. Neste caso, interpretamos este contexto como uma estrutura de deposição de lixo, em que ocorreram atividades de queima dos materiais, resultando na carbonização de vestígios ósseos. Esta inferência é reforçada pela coleta de 38 peças com traços de carbonização e 10 peças com marcas de calcinamento. É de se notar, que a camada de terra preta referente ao contexto de deposição de lixo estava repleta de fragmentos de carvão, sendo este um outro indicador de que atividades de combustão foram realizadas, calcinando e carbonizando os materiais ósseos, bem como formando a camada de terra preta, composta também por vestígios orgânicos.

No que se refere à escavação da trincheira de 10 m, a amostra de materiais arqueofaunísticos se mostrou muito limitada em sua quantidade, visto que foram coletadas apenas 22 peças em um volume de sedimento de 7,5 m³ (10 m X 1,5 m X 0,5 m). Para entender a baixa quantidade de peças neste contexto, devemos lembrar duas questões importantes: em primeiro lugar, devemos lembrar que na quadra 4.9, localizada na extremidade norte da trincheira, identificamos

esteios e estacas relativas à uma estrutura arquitetônica. Em segundo lugar, é importante lembrar que a apenas 3 m para oeste da quadra 4.9, encontra-se a estrutura de deposição de lixo.

Levando-se estas duas questões em consideração, podemos inferir que a baixa frequência de materiais ósseos na trincheira seja o resultado de ações culturais de limpeza do espaço doméstico. Neste sentido, a “sujeira” removida das casas teria sido transportada e depositada próxima à beira do arroio, constituindo a estrutura de deposição de lixo e, por consequência, gerando um registro arqueológico praticamente ausente de materiais ósseos.

Tabela 15: Quantificação dos vestígios de animais vertebrados e vestígios de flora do sítio PS-03-Totó. locus 1 e locus 2.

Táxon	NISP		Total	MNI		Total
	Quadras 2.12 a 3.13	Trincheira		Quadras 2.12 a 3.13	Trincheira	
Osteichthyes						
Ariidae	4	1	5	1	–	1
Micropogonias furnieri (Corvina)	7	–	7	4	–	4
Pogonias cromis (Miraguaia)	5	–	5	1	–	1
Osteichthyes ind.	110	1	111	–	–	1
Mammalia						
Mazama sp.	1	–	1	1	–	1
Mammalia ind.	37	17	54	–	–	–
Rodentia						
Rodentia ind.	1	–	1	–	–	–
Artiodactyla						
Artiodactyla ind.	2	2	4	–	–	–
Procyonidae						
Procyonidae ind.	1	–	1	–	–	–
Aves						
Aves ind.	1	–	1	–	–	–
Palmae						
Syagrus romanzoffiana (Jerivá)	3	–	3	3	–	3
Total	172	21	193	10		11

✓ **Sugestões interpretativas de consumo e dieta, funcionalidade dos sítios e estratégias de ocupação do sistema de assentamento indicadas pelos vestígios arqueofaunísticos**

O predomínio de espécies aquáticas presentes nos sítios Guarani PS-02-Camping e PS-03-Totó sugere, em primeiro lugar, que houve a intenção coletiva em explorar tais espécies, talvez, como uma alternativa à produção horticultora, que, por sua vez, não parece ter sido uma atividade tão significativa no litoral, visto que, os solos litorâneos não se prestam a todo tipo de cultivo conhecido pelas sociedades Guarani (Radam Brasil 1986). Neste sentido, a exploração de recursos, representada em sua maioria por peixes deve ser encarada, pelo menos, como uma alternativa alimentar que indica uma

adaptação às possibilidades ambientais. Além dos peixes, presentes nos ambientes lacustres e banhados da região destacam-se os coquinhos de jerivá, que são vestígios de exploração das palmeiras da mata de restinga da orla da Laguna. A presença dessas sementes nos dois sítios indica que a dieta alimentar dos grupos Guarani ao menos era equilibrada e diversificada (*cf.* Rosa 2006c).

Realizando uma comparação quantitativa e qualitativa dos vestígios faunísticos inter-sítio, a maior ocorrência de restos alimentícios do sítio Totó e a sua maior diversidade de espécies é mais um fator que sugere que este sítio seja mesmo uma aldeia. Em contrapartida, o sítio Camping, com uma quantidade e diversidade menor de táxons sugere que o mesmo se trate de um acampamento. Pensando num contexto de articulação entre estes sítios notamos que há um predomínio de elementos ósseos referentes a peixes, em detrimento de vestígios de espécies de outras categorias, sugerindo que a atividade de pesca teve importância significativa, sendo talvez um motivo estratégico de ocupação desse assentamento. Não temos dados suficientes para inferir se estes animais foram capturados e consumidos na altura do sítio ou, se foram capturados em outra localidade e transportados para o mesmo. Sugerimos, porém, através de uma perspectiva sistêmica, que os sítios acampamentos próximos da aldeia do Totó, como é o caso do sítio Camping e os demais sítios da Ilha da Feitoria, poderiam se articular com a aldeia central como pesqueiros, mesmo que estes locais possam ser multi-funcionais.

Por fim, podemos pensar que, no que se refere às estratégias de assentamento, a ocupação litorânea do sistema de assentamento Guarani do *teko'á do Arroio Pelotas* pode estar diretamente destinada à exploração destes recursos para abastecimento das aldeias da serra. É possível que as aldeias litorâneas sejam uma extensão do sistema, que busca, entre outros fatores, alternativas alimentícias para o equilíbrio da dieta Guarani em todo *teko'á*. Neste sentido, a porção litorânea do sistema de assentamento seria uma peça chave para a exploração e obtenção de recursos, que seriam intercambiados com as populações serranas através das trocas de presentes, comércio, etc, através de redes sociais. O transporte dos peixes, neste caso, deveria se dar em forma de farinha (*moqué*), como atestado pela literatura dos viajantes, que relatam alguns costumes alimentares e de captura de animais para o consumo (*cf.* Noelli 1993).

Pensando desta forma, podemos entender que a importância da ocupação litorânea para obtenção de recursos lacustres, conduz a pensar que as lideranças relativas a esses assentamentos teriam um prestígio significativo, mesmo estando em áreas de ocupação não preferenciais ao sistema de assentamento Guarani, pois seriam responsáveis pelo preenchimento de uma lacuna protéica importante. O material arqueofaunístico, nesse caso, surge aqui como um elemento que, a exemplo do material lítico, indica uma relação sistêmica entre a porção do assentamento na serra e no litoral.

Tabela 16: as espécies animais: seus habitats e comportamento ecológico³⁴

Nome científico	Nome popular	Ambiente
<i>Procyon cancrivorus</i>	mão-pelada ou guaxinim*	Habita locais com vegetação fechada e alta, nas proximidades dos rios, riachos, banhados e lagoas. Florestas tropicais e equatoriais
<i>Micropogonias furnieri</i>	corvina	Espécie marinhas-estuarino que desova no mar e utiliza obrigatoriamente o ambiente estuarino como criadouro. (Comportamento catádromo)
<i>Pogonias cromis</i>	miraguaia	Espécie marinhas-estuarino desova no mar e utiliza obrigatoriamente o ambiente estuarino como criadouro. (Comportamento catádromo)
<i>Netuma sp</i>	bagre	Espécie marinha que aparece irregularmente nas águas estuarinas sem registrar um padrão. Vive a maior parte do seu ciclo de vida no mar. (Comportamento anádromo).
<i>Megalobulimus sp</i>	aruá-do-mato	Gastrópode terrestre que vive em lugares úmidos
<i>Callinectes danae</i> ,	siri azul	Ambiente aquático
<i>Mazama gouazoubira</i>	veado-catingueiro*	Habita os campos e cerrados
<i>Syagrus romanzoffiana</i>	jerivá	Palmeira nativa da Mata Atlântica
<i>Tayassu tajacu</i>	porco-do-mato	Habita as savanas e florestas tropicais

³⁴ Fonte para elaboração da tabela: Oliveira (2006); Rosa (2006a, 2006b, 2006c); Da Silva (2006); Brentano, Rosa e Schmitz (2006).

Terceira Parte

**Do sítio ao contexto: a relação intra e inter-sítio e a
composição de uma história de ocupação regional Guarani**

Capítulo 5

Arqueologia do litoral e da serra: Relatório das atividades de campo e dos sítios arqueológicos

5.1. Sítios do litoral

5.1.1. Ilha da Feitoria

A escolha da Ilha da Feitoria como uma área de pesquisa inicialmente se deu em função do grande número de informações orais provenientes da comunidade local sobre fragmentos de cerâmica indígena daquela Ilha. Além disso, as informações orais também trouxeram à tona a demanda de que se estudasse um prédio histórico localizado na sede da fazenda Sotéia. A toponímia também foi um fator fundamental que chamou a atenção para a ilha, pois os dados históricos relatam que a implantação da sede da Real Feitoria do Linhocânhamo, ativa entre os anos de 1783 e 1789 se deu na região sul, em Pelotas ou em seu entorno.

As motivações para o estudo da ilha estão relacionadas à ocupação histórica e pré-histórica. Essa visão conjuntural da ocupação da ilha faz com que se pense a mesma como um grande sítio arqueológico, em que ocorreram variados e diferenciados tipos de assentamento, uso e manejo do espaço, que vai desde a ocupação indígena até a atualidade. A partir dessa noção ampla de ocupação regional, o trabalho empírico de campo foi realizado a fim de identificar e registrar todos os tipos de ocupações desde as mais antigas até as atuais. O objetivo com isso é constituir, através do estudo da cultura material, um panorama sincrônico e diacrônico que permita não somente pensar o processo de assentamento, mas também a interferência que um momento de ocupação influenciou, do ponto de vista físico, sobre outro momento, atingindo a problemática dos processos de formação do registro arqueológico (*cf.* Schiffer 1972, 1987). Na medida em que a pesquisa se debruça a estudar o momento específico de ocupação Guarani, o relatório enfatiza os estudos realizados nos sítios atribuídos a essa cultura. Em contrapartida, as outras etapas de ocupação efetuadas por grupos não-Guarani serão apresentadas de forma sintética a fim de apenas caracterizar o processo histórico de ocupação.

✓ **Ilha da Feitoria: características físicas e ambientais**

A Ilha da Feitoria se localiza na margem sudoeste da Laguna dos Patos, município de Pelotas - RS. É um “esporão arenoso” típico da porção meridional desta laguna formado por areias sedimentares provenientes principalmente da erosão do Escudo sul-riograndense (Serra do Sudeste). Trata-se de depósitos aluvionares, areias, cascalheiras e sedimentos siltico-argilosos de planície de inundação. Terraços e depósitos de calha de rede fluvial e subatual. Depósitos inconsolidados, areias de caráter fluviolacustre, oriundos do assoreamento de lagunas costeiras. Depósitos por areias finas e médias, quartzosas, de tonalidade esbranquiçada (Radam Brasil 1986). Com esta formação de areias quartzosas, a Ilha da Feitoria tem uma cobertura vegetal de matas pioneiras e áreas de reflorestamento recente. Além disso, ocorrem áreas alagadiças (banhados) e matas galerias, estas, registro das transgressões e regressões das águas da Laguna sobre o terreno da Ilha, que tem alturas médias de 3 metros com relação ao nível do mar. Na sua margem oeste, se localiza o sangradouro da Lagoa Pequena que desemboca na Lagoa homônima, onde procriam e desovam várias espécies de peixes e crustáceos (Rosa 1985).

✓ **Histórico da Pesquisa e relatos de atividades**

No mês de maio de 2002, o LEPAARQ-UFPel recebeu uma doação de dezenas de materiais arqueológicos indígenas, que confirmaram as informações orais sobre a ocupação desses grupos naquela Ilha. A doadora dos materiais, Sra. Floriza de Paula, repassou ao Laboratório de Arqueologia dezenas de fragmentos de cerâmica e alguns instrumentos líticos que foram coletados na margem leste da Ilha e no terreno da fazenda Sotéia.

Com base nessas informações, foi definida uma saída de campo para explorar a Ilha nas suas margens sul e leste com o intuito de averiguar o seu potencial arqueológico. Rapidamente foi possível perceber que se tratava de um espaço com potencial real para estudos arqueológicos, visto que nos três dias que seguiram a visita foram identificados vários locais de interesse de pesquisa arqueológica que remontam as já mencionadas ocupações históricas e pré-históricas.

5.1.2. Comunidade de pescadores do sul da ilha

No sul da Ilha foi identificada uma vila de pescadores praticamente abandonada a partir da década de 1970. Essa comunidade de pescadores tem sua importância como objeto de pesquisas arqueológicas pela possibilidade de serem desenvolvidos estudos relativos às estratégias de ocupação do espaço, a economia das sociedades pesqueiras, bem como a vida cotidiana desses grupos. Sabe-se

que esses pescadores abandonaram essa vila na década de 70 em virtude das más condições estruturais da comunidade, mais especificamente em função das condições de saúde e transporte para a cidade em casos de emergência. Com o abandono da Ilha, esses pescadores fundaram a colônia de pescadores Z-3, próximo à praia do Barro Duro.

5.1.3. Sítio PT-01-Sotéia: sobrado da fazenda Sotéia, Casa Queimada e Sítio Guarani

O sítio PT-01-Sotéia é composto por três ou talvez quatro momentos de ocupação que se desenvolveram no mesmo espaço territorial. É um sítio multi-componencial, em que estão presentes vestígios de ocupações históricas e pré-históricas. De forma sucinta serão apresentados os dados e discussões dos momentos históricos, ao passo que mais a frente serão relatados os dados, discussões e os procedimentos de campo relativos à ocupação pré-histórica Guarani.

5.1.3.1. Sede da fazenda Sotéia

Na margem leste da ilha há um sobrado amarelo localizado no terreno da sede da fazenda Sotéia que é possivelmente a edificação de ocupação histórica mais antiga da ilha da Feitoria. Há uma discussão sobre esse prédio, se ele teria ou não sido construído para abrigar a Sede da Real Feitoria do Linhocãhmo, ativa entre os anos de 1783 e 1789, quando foi então transferida para a cidade de São Leopoldo. Teria então sido:

“(...) construída pela Coroa Portuguesa, com o intuito de tomar posse da região, que nesse momento se encontrava em constantes conflitos com os espanhóis; visava também a incentivar no Brasil a produção do linho, necessário à fabricação de cordas, para não mais depender de importar o produto dos ingleses” (Vasconcelos 1929 apud Cerqueira & Loureiro 2004).

A discussão sobre a Sede da Real Feitoria do Linhocãhmo se dá porque os historiadores não chegam a um consenso quanto a sua localização, se na Ilha da Feitoria ou se no município de Canguçu. De acordo com Bento (2007), a Real Feitoria do Linhocãhmo do Rincão do Canguçu funcionou onde hoje se situa o município de Canguçu, com sede em sobrado de pedra em Canguçu -Velho. Suas terras se estendiam da Lagoa dos Patos pela encosta da Serra dos Tapes acima, até as nascentes do Arroio das Pedras (atual município de Arroio Grande) abrangendo o Rincão do

Canguçu, situado entre este arroio e o de Correntes e sem abranger, portanto, as terras hoje conhecidas como Ilha da Feitoria.

A discussão, iniciada pelos historiadores, teve a recente contribuição da arqueologia e da arquitetura. Foi realizada uma campanha de escavação arqueológica na edificação (pátio e entorno) com o objetivo de identificar demarcadores cronológicos, áreas de descarte de lixo doméstico e estruturas edificadas que se encontram atualmente subterrâneas. Sucintamente podemos relatar que a partir dessas intervenções intra-sítio não foi possível constatar que o prédio tenha sido construído no século XVIII, pois os materiais refugados registrados (em sua maioria louça, grés, vidros, metais e materiais de construção) indicam que a ocupação tenha se dado no século XIX. Além disso, de acordo com a Profa. Dra. arquiteta Estér Gutierrez, da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFPel, o sobrado foi construído em alvenaria, prática essa recorrente somente a partir de meados do século XIX.

Contrapondo os dados da arqueologia e arquitetura, chegou-se à conclusão de que o sobrado em questão não seria a Sede da Real Feitoria, já que no século XVIII, as moradias eram usualmente construídas de *pau-a-pique*, além do que, a louça e grés, principais indicadores cronológicos em sítios históricos, demonstram uma ocupação novecenista. Embora tenha se chegado a essa conclusão, são necessários mais trabalhos de confrontação entre os dados arqueológicos, históricos e arquitetônicos para a definição da origem histórica desse prédio.

✓ **Intervenções arqueológicas no sobrado do sítio PT-01-Sotéia**

Foto 17: fundos do sobrado da fazenda Sotéia.
Foto: Rafael Guedes Milheira

Foto 18: escavação do pátio interno do sobrado. Foto: Rafael Guedes Milheira

5.1.3.2. Casa Queimada

Em torno de 400 metros de distância do sobrado, seguindo pela beira da praia em direção ao sul da ilha foi identificada uma área com uma concentração de materiais construtivos, fragmentos de louça e grés e fauna de grande porte (gado). De acordo com moradores locais, nesse espaço existiu uma casa de pequeno porte que foi abandonada após ser incendiada. Da mesma forma e com os mesmos objetivos que o trabalho realizado no sobrado foram realizadas sondagens e escavações no terreno onde se encontra o material. Em função da superficialidade, da ausência de estruturas arquitetônicas em contexto e da degradação do terreno pela transgressão da água da laguna não foi possível definir se de fato se tratava de uma casa ou de deposição de restos de construção e refugio doméstico provenientes de outro local. Logo, essa hipótese de que ali existiu uma casa não está descartada, mas também não pode ser confirmada pela arqueologia.

✓ Intervenções arqueológicas na “Casa Queimada”. Sítio PT-01-Sotéia

Fotos 19 e 20: sondagens no terreno da “Casa Queimada”. Fotos: Rafael Guedes Milheira

5.1.4. PT-03-Cerrito da Sotéia

Com os trabalhos de levantamento assistemático no terreno da Ilha da Feitoria foi identificado um Cerrito há aproximadamente 1 km ao norte da sede da fazenda Sotéia (sítio PT-01-Sotéia). Existia a suspeita de que esse tipo de sítio poderia ser encontrado na ilha em função de fragmentos de cerâmica típicos dos grupos construtores de Cerritos identificados na margem leste da

ilha. Este Cerrito foi estudado por Loureiro (2008) e sua presença representa mais um momento de ocupação indígena, ampliando e pluralizando ainda mais o sistema regional de ocupação pré-histórica.

✓ **Intervenções arqueológicas no sítio PT-02-Cerrito da Sotéia**

Foto 21: vista geral do Cerrito da Sotéia.
Foto: Rafael Guedes Milheira

Foto 22: escavação do Cerrito da Sotéia
Foto: André Garcia Loureiro

5.1.5. Margem Leste e Sul da Ilha da Feitoria

Através de levantamento arqueológico pela beira da praia foram identificados centenas de fragmentos de cerâmica indígena que foram atribuídos à cultura Guarani pelos seus aspectos decorativos e formais. Não se descarta a possibilidade de que alguns fragmentos venham a ser atribuídos aos grupos construtores de Cerritos. Para o melhor entendimento de como os materiais são encontrados é preciso imaginar que uma caminhada pela beira da praia é o suficiente para a coleta de dezenas de fragmentos, além disso, outras peças se encontram há poucos metros para dentro da água e são também de fácil acesso e visualização.

Esses fragmentos se localizam concentrados, em sua maioria, no setor meridional da Ilha, mais especificamente entre a altura da sede da fazenda Sotéia e o sul da Ilha da Feitoria. A ocorrência desses materiais na beira da praia suscita a uma discussão sobre a existência de sítios arqueológicos submersos na laguna. Através do estudo de cartas náuticas da marinha, com a batimetria do fundo da laguna é possível perceber que existe na margem leste da ilha um banco de areia com profundidade entre 1 e 9 metros. Além disso, em toda margem meridional da laguna nota-se a existência do mesmo banco de areia que pode ter ocorrido em função da suba do nível da laguna, afogando parte da margem.

Neste sentido, os materiais cerâmicos coletados na margem leste da Feitoria seriam de sítios atualmente submersos e através da correnteza da laguna são depositados em contexto secundário

na orla da praia. Essa hipótese ainda está em discussão, pois é necessário um estudo mais acurado de cruzamento das informações provenientes da hidro-dinâmica e geomorfologia costeira e suas características locais. Além disso, são imprescindíveis trabalhos de prospecção sub-aquática para identificação de concentrações de materiais arqueológicos que permitam caracterizar sítios arqueológicos.

Uma outra questão que chama atenção na cerâmica coletada na margem leste está relacionada a uma “crosta preta” que ocorre, na maioria das vezes, na superfície externa de alguns fragmentos, por vezes posta sobre a decoração com espessuras que podem chegar a 5 mm.

A presença da “crosta preta” nos fragmentos cerâmicos, inicialmente foi interpretada da seguinte forma: a) Poderia se tratar de vestígios de fuligem referentes a marcas de uso das panelas; b) Uso dos fragmentos de cerâmica que levados ao fogo teriam a mesma função que os materiais líticos encontrados em sítios sem marcas de uso; c) Deposição dos fragmentos nas fogueiras após a quebra das panelas, gerando uma película preta em função da re-queima e acúmulo de dejetos orgânicos; d) Poderia ser como uma pasta de coloração preta, posta intencionalmente quando da produção dos potes para impermeabilização dos mesmos, fazendo parte do processo tecnológico de produção; e) poderia mesmo se tratar de um elemento estilístico regional; f) poderia se tratar também de sujeira depositada pela água da Laguna, agindo sobre as peças, nesse caso, como um fator pós-deposicional natural.

Dada a subjetividade das interpretações, a ampla gama de hipóteses e a falta de indicadores que permitissem esclarecer a presença desse material na superfície dos fragmentos cerâmicos, consideramos indispensável um estudo arqueométrico que permitisse uma leitura mais objetiva, calcada em uma análise física das amostras. Foi então realizada uma série de medições arqueométricas pelo Dr. Carlos Appoloni e Dr. Paulo Sérgio Parreira, ambos do Laboratório de Física Nuclear Aplicada da Universidade Estadual de Londrina³⁵.

O método utilizado foi a Fluorescência de Raios X (EDXRF) que permitiu a identificação dos elementos químicos que compõem a “crosta preta”, indicando se tratar de aspectos pós-deposicionais relacionados ao ambiente natural em que os fragmentos estão inseridos.

A Fluorescência de Raios X por Dispersão em Energia (EDXRF) é um método não-destrutivo, que permite a determinação da composição química elementar das amostras (Silva, Appoloni et al 2004), prestando-se bastante bem para análise das crostas e da pasta dos fragmentos cerâmicos citados. O sistema de EDXRF empregado para as medidas é composto por um tubo de raios X (MOXTEC FTC 100) de 4 W com anodo de Ag e filtro de Ag, operando a 28 kV e 5 μ A. Para a aquisição dos dados utilizou-se um detector de Si-PIN (AMPTEK XR 100 CR), sem colimador³⁶, e

³⁵ Os resultados da arqueometria apresentados aqui foram publicados em Milheira, Appoloni e Parreira 2007.

³⁶ Colimador é um elemento da geometria de medida usado para delimitar o campo espacial dos raios X de excitação, colocado na saída do tubo de raios X ou da fonte radioativa usada para a excitação da amostra e/ou usado para delimitar o

eletrônica padrão de espectrometria de raios X. O tempo de excitação-detecção foi de 500 s. Os espectros de raios X foram analisados através do software AXIL.

Foram medidos oito fragmentos de cerâmica por EDXRF, sendo que serão apresentados os resultados referentes aos fragmentos com número de catálogo e inventário 16.693 e 16.676, uma vez que em todos os oito fragmentos o comportamento dos elementos medidos foi equivalente. Cada peça foi analisada em três pontos na superfície da cerâmica (pasta cerâmica) e em três pontos na superfície da “crosta preta”, para que dessa forma, se pudessem perceber as variações na composição da pasta com relação à cerâmica, bem como fosse possível identificar os componentes e a origem da pasta em questão.

Nas medições feitas no fragmento 16.693 foi possível perceber a existência dos elementos S, Ca, Ti, Mn, Fe, Ni, Cu, Zn, As, Br, Sr, Y, Zr. Houve aumento percentual de todos esses elementos com relação à cerâmica, mas chama atenção o aumento percentual dos elementos (em ordem decrescente): Cu, Br, As, Y, Fe, Zn, Sr, Mn e Zr. Já através da análise realizada no fragmento 16.676 foram identificados os mesmos elementos químicos, mas com frequências percentuais diferentes. Houve um decréscimo dos níveis percentuais, com relação à cerâmica, dos elementos (em ordem decrescente): Ti, Mn, Cu, Sr, Y e Zr, bem como, por outro lado, houve um aumento nos elementos (em ordem decrescente): Br, Zn, Fe, As e Ni. A fim de esclarecimento e visualização dos dados, os gráficos 9 e 10 da página 107 mostram os espectros de fluorescência de raios X de um dos pontos medidos na pasta cerâmica e na região com crosta do fragmento 16.693, mostrando a variação na quantidade dos elementos. O fundo de escala da figura 2 é de 5.000 contagens, enquanto na figura 3 é de 12.000 contagens. As tabelas 17 e 18 da página 108, mostram os valores de frequência de cada elemento nos fragmentos 16.693 e 16.676 e sua respectiva variação na comparação entre a pasta cerâmica e a “crosta preta”.

Foi possível perceber, através da análise realizada, que a “crosta preta” é claramente de origem inorgânica, face aos elementos identificados e a variação de suas quantidades entre a crosta e a pasta. Se fosse apenas de origem orgânica, tais elementos não estariam presentes e o espectro de energia só apresentaria elementos típicos (e quantidades) da composição da pasta, tais como Fe (devido ao óxido de ferro da argila) e outros correlatos, já que o sistema de XRF empregado (com medidas realizadas no ar) tem sensibilidade para detectar elementos a partir do Enxofre (S). Percebe-se que a composição da “crosta preta” tem os mesmos elementos químicos nos dois fragmentos analisados, mas com percentuais diferentes de ocorrência. Nesse caso, a diferença de percentual é um indicativo de que a composição da pasta não seja a mesma nos dois fragmentos, pois caso fosse, teria que haver um aumento e diminuição padronizados dos mesmos elementos químicos com relação à cerâmica.

campo dos raios X que entram no detector vindo da amostra, quando colocada na entrada do detector. Trata-se de um cilindro ou placa de Pb com orifício, cujo diâmetro e forma delimitam o campo da forma desejada.

É possível interpretar então, a partir dados apresentados, que um processo natural pós-deposicional atuou sobre os fragmentos cerâmicos. Houve, nesse caso, a deposição de elementos químicos através da água da Laguna dos Patos sobre os fragmentos cerâmicos, formando uma pasta de coloração preta de composição inorgânica e heterogênea no que se refere à frequência dos percentuais de cada elemento com relação à cerâmica. A “crosta preta”, sendo considerada um material de origem natural e inorgânica, proveniente da deposição de elementos através da água da laguna, descarta a possibilidade de que se trate de marcas de fuligem ou um fator tecnológico ou estilístico. Os fragmentos cerâmicos coletados na margem leste e sul da ilha foram analisados a partir da perspectiva arqueométrica e formal. É importante destacar que não podemos definir quantos sítios foram impactados e submersos pela laguna. Essa definição somente será realizada através de trabalhos de arqueologia subaquática.

Mesmo sem as informações de localização real, a quantidade e composição dos sítios atualmente submersos, através da localização das peças coletadas na orla da praia e da análise formal das mesmas consideramos ser possível inferir sobre a funcionalidade dos sítios impactados. As formas dos potes projetados a partir das bordas (pratos de comer, tigelas de beber, panelas e caçarolas para cocção de alimentos), análise de espessura dos fragmentos e dos diâmetros de bordas seguem a mesma tendência composicional dos sítios acampamentos localizados tanto na Feitoria como na margem sudoeste da laguna. Isto é, trata-se de potes de pequeno e médio porte de uso quotidiano, sem a ocorrência de vasos indicadores de uma ocupação permanente.

Nesse sentido, interpretamos que os sítios litorâneos da ilha impactados pela água da laguna eram acampamentos à beira da mesma. Na medida em que a linha de costa da ilha foi sendo afogada, os grupos passaram a se assentar mais para o interior da ilha. Logo, por dedução, os sítios acampamento impactados que temos como registro os fragmentos cerâmicos depositados na orla da Feitoria são mais antigos, por exemplo, que o sítio PT-01-Sotéia, o qual se localiza mais no interior.

Coleta de materiais arqueológicos na margem leste da Ilha da Feitoria

Fotos 23 e 24: Fragmento de cerâmica corrugada e lasca de arenito silicificado depositados na margem leste da Feitoria. Fotos: Rafael Guedes Milheira

Foto 25 e 26: vista geral da lagoa no verão a partir da Feitoria. Fotos: Rafael Guedes Milheira

Fragmentos de cerâmica coletados na margem leste da Ilha da Feitoria com presença da “crosta preta”

Foto 27 e 28: Fragmentos de cerâmica com presença da “crosta preta”. Fotos: Rafael Guedes Milheira e Wagner Souza

Foto 29: aumento de 50X. “crosta preta” sobre a superfície cerâmica.
Foto: Wagner Souza (MAE-USP).

Gráfico 09: Espectro de fluorescência de raios X da pasta cerâmica do fragmento 16.693.
Elaboração: Carlos Appoloni e Sérgio Parreira

Gráfico 10: Espectro de fluorescência de raios X da crosta do fragmento 16.693
Elaboração: Carlos Appoloni e Sérgio Parreira

Tabela 17. Fragmento n° 16.693. Elaboração: Carlos Appoloni e Sérgio Parreira

Elemento	Média 3 pontos pasta cerâmica	Média 3 pontos crosta preta	Aumento percentual em relação à pasta cerâmica
S	X	556	∞
Ca	X	1140	∞
Ti	3627	4489	23,80%
Mn	879	1980	125%
Fe	58284	195487	235%
Ni	9816	11136	13,40%
Cu	583	3562	511%
Zn	385	1264	228%
As	406	1917	372%
Br	965	5223	441%
Sr	3555	10517	196%
Y	1046	3829	266%
Zr	4330	7580	75%

Tabela 18. Fragmento n° 16.676. Elaboração: Carlos Appoloni e Sérgio Parreira

Elemento	Média 3 pontos pasta cerâmica	Média 3 pontos crosta preta	Aumento percentual em relação à pasta cerâmica
S	x	1557	∞
Ca	x	544	∞
Ti	3643	1300	-71%
Mn	4521	981	-78%
Fe	121183	386433	219%
Ni	10332	13961	35%
Cu	1080	1003	-7%
Zn	1301	9731	648%
As	325	600	85%
Br	196	3468	1669%
Sr	4282	2146	-50%
Y	3269	1886	-42%
Zr	6924	3733	-46%

Material cerâmico da margem leste da Feitoria³⁷

Foto 30 a 32 : Potes do tipo *yapepó* com decoração plástica corrugada

Fotos: Wagner Souza (MAE-USP)

³⁷ Ver projeção de bordas e potes da margem leste da Feitoria em anexo 12.

Foto 33: bordas corrugadas
Foto: Wagner Souza (MAE-USP)

Foto 34: bordas corrugado-ung.
Foto: Wagner Souza (MAE-USP)

Foto 35: bordas sem decoração.
Foto: Wagner Souza (MAE-USP)

Foto 36: bordas unculadas
Foto: Wagner Souza (MAE-USP)

Foto 37: bordas digitadas
Foto: Wagner Souza (MAE-USP)

Foto 38: bordas ponteadas
Foto: Wagner Souza (MAE-USP)

Foto 39: bordas engobo interno
Foto: Wagner Souza (MAE-USP)

Foto 40: fragmentos pintados
Foto: Wagner Souza (MAE-USP)

Foto 41: frag. fratura desgastada pelo processo de rolagem na água
Foto: Rafael Milheira

Foto 42: Frag. com madeira incrustada pelo processo pós-deposicional.
Foto: Rafael Milheira

Foto 43: frag. de parede e base com limo pelo processo pós-deposicional.
Foto: Rafael Milheira

Foto 44: frag. de parede com mudança de coloração da superfície externa causada por processo pós-dep.
Foto: Wagner Souza (MAE-USP)

5.1.6. Sítio Guarani PT-01-Sotéia³⁸

✓ Implantação do sítio na paisagem e metodologia aplicada

Através dos trabalhos realizados nos anos de 2005, 2006 e 2007 pudemos estabelecer o seguinte quadro para o sítio PT-01-Sotéia. Trata-se de um sítio multi-componencial, que primeiramente teve uma ocupação indígena Guarani, mas que em meados do século XVIII ou XIX se tornou uma área de ocupação histórica com assentamentos em duas áreas.

Entre os anos de 2002 e 2005 foram realizados trabalhos de coleta de superfície assistemática e sondagens com escavadeira manual. No ano de 2006 foi realizada uma etapa de campo em que foi efetuada coleta de materiais de superfície sistemática com uso de GPS para geo-referenciamento das peças. No ano de 2007 houve a complementação dessa coleta total de fragmentos e escavação de 80 sondagens com pá em níveis artificiais de 10 cm de profundidade e 50 cm de lado, espaçados em 20 metros um do outro, formando um “T” sobre o terreno. O objetivo dessa etapa foi delimitar a dispersão superficial dos materiais e evidenciar possíveis estruturas arqueológicas.

Foram definidas duas áreas de concentração de materiais cerâmicos e líticos no terreno da fazenda Sotéia numa área de dispersão de aproximadamente 150 metros de raio. As sondagens não evidenciaram nenhum tipo de estrutura arqueológica, demonstrando que os materiais do sítio se dispõem na superfície do terreno. Também foi efetuada a medição topográfica para caracterização do terreno e da localização das duas concentrações de materiais.

Não dispomos de datações absolutas para este sítio, visto que os materiais se encontram em superfície, o que impede que tenhamos amostras confiáveis para datações químicas. O sítio PT-01-Sotéia localiza-se na margem leste da Ilha da Feitoria, há aproximadamente 200 metros da margem. O terreno onde se situam os materiais identificados no sítio é caracterizado como uma duna aplainada formada pelo processo de transgressão-regressão das águas da Laguna, a qual sofreu ações de remodelamento pelo processo de ocupação histórica. Sucintamente podemos definir o sítio PT-01-Sotéia como uma área de ocupação em que o processo de formação do sítio sofreu ações antrópicas e naturais pelo processo de ocupação histórica e pela própria dinâmica de remodelamento da duna de areia

³⁸ Ver no anexo 06: croqui de sítio, topografia e delimitação aproximativa do sítio com dispersão de materiais e sondagens.

✓ **Sistematização e descrição dos vestígios arqueológicos³⁹**

✓ **Material cerâmico**

O sítio PT-01-Sotéia se caracteriza pela dispersão superficial de vestígios materiais, sem a ocorrência sub-superficial de vestígios arqueológicos. Os vestígios que predominam no sítio são fragmentos de potes cerâmicos, tendo sido coletados e analisados 168 fragmentos de paredes e 16 bordas, totalizando 184 fragmentos cerâmicos.

³⁹ A sistematização e descrição dos vestígios arqueológicos de todos os sítios estudados são baseadas nas tabelas e gráficos de análise de materiais cerâmicos (apresentadas no item 4.3.1, do capítulo 4) e líticos (apresentadas no anexo 05). Além disso, nos baseamos também nas projeções gráficas dos potes cerâmicos.

Todos os fragmentos cerâmicos demonstram ter sido feitos a partir de roletes de argila e com anti-plástico mineral, caracterizado por grãos de areia quartzosa, havendo um predomínio de areias finas e médias entre 1 e 4 milímetros de espessura. Grãos de quartzo desse tipo compõem o fundo da Laguna dos Patos, lagos e lagoas, rios e córregos da planície Costeira, sendo comumente encontrados na região. Nesse sentido, a análise tradicional da presença de grãos de quartzo na cerâmica, mesmo com uso de lupa binocular, como realizamos, não permite saber se houve a utilização de grãos de quartzo colocados junto à pasta de argila ou se o(s) banco(s) de argila explorados pelos Guarani era(m) rico(s) nesse mineral. No sítio Sotéia, apenas em 4 fragmentos de cerâmica foi identificado chamote (caco moído), porém em quantidade insignificante se comparado com os grãos de quartzo, o que demonstra não ter sido um tipo de anti-plástico utilizado intencionalmente. Consideramos, neste tipo de caso, que a presença de chamote nas vasilhas não seja um ato intencional da oleira, sem ser, portanto, uma escolha tecnológica.

Quanto à decoração e acabamento de superfícies, os fragmentos analisados demonstram se tratar de potes cerâmicos predominantemente lisos, sem qualquer tipo de decoração plástica ou pintada, pois desse montante de materiais analisados apenas 3 peças tinham um acabamento interno revestido com engobo vermelho e apenas 5 peças com decoração plástica, sendo 1 digitada, 1 escovada e 3 corrugadas. Os demais materiais apenas apresentam as superfícies interna e externa alisadas.

Quanto ao tipo de queima, há um predomínio de peças com o núcleo totalmente escuro, demonstrando a ocorrência de queima de cerâmica em atmosfera redutora (111 fragmentos), enquanto que 19 peças apresentam seu núcleo inteiramente queimado deixando sua pasta clara (19 fragmentos). Ademais, 17 fragmentos apresentam pasta com a superfície externa clara e superfície interna escura; 5 fragmentos com superfície externa escura e superfície interna clara e 30 fragmentos com pasta “sanduíche”.

A medição de espessuras dos fragmentos demonstra que os potes do sítio Sotéia são compostos por paredes não muito espessas. Existe um predomínio de fragmentos de 8 a 10 milímetros (80 fragmentos), porém são significativos os índices de espessura entre 6 e 8 (28 fragmentos), 10 e 12 (45 fragmentos) e 12 e 14 milímetros (19 fragmentos).

A projeção do contorno dos potes a partir do desenho de bordas somente pôde ser realizada em dois casos. As vasilhas cerâmicas evidenciadas pelos trabalhos de coleta no sítio Sotéia e projetadas graficamente foram classificadas como do tipo *ñaetá* com diâmetros de borda de 16 e de 32 centímetros cada. Sobre os outros potes não projetados graficamente, pudemos somente medir os diâmetros de bordas, que são: 12, 12, 14, 24 e 36 cm, porém sem sabermos a que tipo de potes correspondem (ver projeções em anexo 13).

Nesse sentido, com base nos dados de medições de espessuras, medições de diâmetros de bordas e projeção gráfica de potes, podemos sugerir que os potes cerâmicos identificados no sítio

Sotéia são de pequeno e médio porte, havendo uma tendência para tipos de potes de uso cotidiano. Não há ocorrência de potes de grande porte como os *cambuchí guaçu* e não parece haver uma preocupação estética tecnológica para além das necessidades práticas dos potes, ou seja, a simplicidade das formas e tratamento de superfície dos potes cerâmicos do sítio Sotéia não demonstra ter havido uma preocupação das oleiras em representar aspectos simbólicos, o que pode estar relacionado com a funcionalidade do sítio, como veremos a seguir.

Foto 49: fragmentos cerâmicos do sítio Sotéia.
Foto: Rafael Guedes Milheira

Foto 50: bordas cerâmicas do sítio Sotéia
Foto: Rafael Guedes Milheira

✓ **Material lítico**

O material lítico do sítio Sotéia, de maneira semelhante ao material cerâmico, é bastante simples no que se refere aos seus tipos. Apenas 27 artefatos líticos foram identificados nas coletas de superfície realizadas em três campanhas diferentes, sendo 11 artefatos brutos de quartzo, 1 polidor de arenito friável e um artefato multifuncional utilizado como lâmina de machado, polidor e afiador em canaleta, feito em arenito friável. Além disso, foram identificadas 2 micro-lascas (uma de calcedônia e uma de quartzo), 3 lascas unipolares (uma de quartzo, basalto e arenito silicificado) e 8 fragmentos de lasca (uma de basalto, três de arenito silicificado e quatro de quartzo).

A maioria das peças nem sequer apresenta qualquer tipo de uso ou trabalho intencional, logo, foram definidas apenas como instrumentos brutos, que nada mais são que matéria prima de quartzo em bloco, sem marcas de lascamento ou polimento.

Foto 51: materiais líticos do sítio Sotéia
Foto: Rafael Guedes Milheira

Foto 52: artefatos brutos
Foto: Rafael Guedes Milheira

Foto 53: lascas de quartzo e arenito silicificado
Foto: Rafael Guedes Milheira

✓ **Funcionalidade do contexto arqueológico**

Os dados apresentados permitem sugerir que o sítio Guarani PT-01-Sotéia seja um acampamento. A composição superficial do sítio e a inexistência de estruturas arqueológicas em superfície ou em sub-superfície demonstram se tratar de um sítio sem uma ocupação muito intensa, caso contrário, os vestígios arqueológicos ocorreriam em maior quantidade e diversidade. A percepção de um sítio com ocupação rápida ou semi-permanente é fortalecida pela análise dos únicos vestígios arqueológicos identificados: o material cerâmico e lítico.

A ocorrência de potes cerâmicos simples, predominantemente sem decorações plásticas ou pintadas, de pequenas e médias dimensões e fabricados para uso cotidiano, são informações que sugerem se tratar de um sítio em que não ocorreram atividades coletivas de agregação social, como moradia permanente, sepultamento de mortos ou atividades ritualísticas. É necessário lembrar também que a ausência de potes do tipo *cambuchí guaçu* é tratada aqui como um indicador de baixa permanência no assentamento.

Além disso, a ocorrência de um conjunto artefactual lítico tecno-tipologicamente simples (algumas lascas e artefatos brutos em sua maioria), classificada aqui como um tipo de indústria expediente, sugere que não ocorreram atividades coletivas de produção horticultora, pois caso houvesse esperaríamos maior variedade tipológica e maior quantidade de peças relativas ao processamento de alimentos e uso agrícola. Nesse sentido, a funcionalidade e a localização do sítio permitem inferir que o mesmo tenha sido ocupado para a captação de recursos lacustres, visto que sazonalmente no verão, espécies marinhas migram para as margens da Feitoria para procriar e desovar, servindo como uma fonte de recursos bastante importante.

5.1.7. Sítio Guarani PT-05-Lagoinha⁴⁰

✓ Implantação do sítio na paisagem e metodologia aplicada

O sítio PT-05-Lagoinha foi identificado pelos trabalhos de levantamento sistemático no ano de 2006. O sítio se localiza na margem noroeste da ilha da Feitoria, há aproximadamente 150 metros da beira da Lagoa Pequena, numa área elevadiça que se caracteriza como uma duna aplainada pelos processos naturais, abrangendo uma área de aproximadamente 20 metros de raio. No ano de 2006, além da identificação do sítio, foi realizada apenas uma coleta de superfície assistemática e registro fotográfico.

Um trabalho sistemático de coleta total de superfície foi realizado no ano de 2007, quando também realizamos trabalhos de sondagens e medições topográficas. Foram escavados 21 poços testes com pá em níveis artificiais de 10 cm e espaçados 10 m um do outro. Da mesma forma que o sítio Sotéia, as sondagens não evidenciaram nenhum tipo de estrutura arqueológica, havendo apenas uma quantidade pequena de materiais cerâmicos e líticos, sem a ocorrência de vestígios faunísticos. Os únicos vestígios materiais pré-históricos identificados em sub-superfície no terreno estavam enterrados junto a restos de lixo de uma casa de um pescador que vive há alguns anos em uma casa de madeira sobre o terreno onde se localiza o sítio.

⁴⁰ Ver no anexo 07: croqui de sítio, topografia e delimitação aproximativa do sítio com dispersão de materiais e sondagens.

Foto 54: Coleta de superfície e sondagens
Foto: Rafael Guedes Milheira

Foto 55: Coleta de superfície e topografia.
Foto: Rafael Guedes Milheira

Foto 56: fragmentos de cerâmica em superfície.
Foto: Rafael Guedes Milheira

✓ **Sistematização e descrição dos vestígios arqueológicos**

✓ **Material cerâmico**

O sítio PT-05-Lagoinha, se assemelha muito ao sítio Sotéia no que se refere às suas características composicionais. Caracteriza-se também por uma dispersão superficial de vestígios materiais, sem a ocorrência de estruturas em superfície e qualquer tipo de vestígios em sub-superfície. Os vestígios que predominam no sítio são fragmentos de potes cerâmicos. Foram coletados e analisados 57 fragmentos de paredes e 11 bordas, totalizando 68 fragmentos cerâmicos. Todos os materiais foram fabricados com uso de roletes e grãos de quartzo de espessura fina e média como anti-plástico. Nesse caso, apenas em um fragmento foi identificado chamote na sua pasta, não sendo um material utilizado como anti-plástico, a exemplo dos materiais do sítio Sotéia.

No que se refere ao tratamento de superfície, os materiais são predominantemente sem decoração, havendo apenas uma peça com engobo vermelho interno e nenhuma peça com decoração plástica. Quanto ao tipo de queima, predominam as peças com pasta totalmente escura, totalizando 46 fragmentos, enquanto que 9 peças apresentam seu núcleo inteiramente queimado, deixando sua pasta clara, 5 fragmentos apresentam pasta com a superfície externa clara e superfície interna escura; 1 fragmentos com superfície externa escura e superfície interna clara e 7 fragmentos com pasta “sanduíche”.

A espessura dos fragmentos indica que os potes são compostos por paredes não muito espessas. Predominam os fragmentos de 8 a 10 milímetros (28 fragmentos), porém são significativos os índices de espessura entre 6 e 8 (24 fragmentos) e 10 e 12 (12 fragmentos). Identificamos no sítio Lagoinha no mínimo 10 potes cerâmicos, tendo sido projetados graficamente apenas quatro deles, os quais são três *ñaetá* (medidas de diâmetros de borda: 12, 16 e 20 cm.) e um *cambuchí-caguâba* (medida de diâmetro de borda 16 cm.) (ver projeções em anexo 14).

Da mesma forma que o sítio Sotéia, não parece haver uma preocupação estética e tecnológica muito acentuada, nem há potes de grande e médio porte. As medições de espessuras e diâmetros de bordas indicam se tratar de potes de pequeno porte e há uma tendência a que os potes sejam de uso cotidiano.

Foto 57: Materiais cerâmicos do sítio Lagoinha.
Foto: Rafael Guedes Milheira

Foto 58: Bordas cerâmicos do sítio Lagoinha.
Foto: Rafael Guedes Milheira

✓ **Material lítico**

O material lítico do sítio Lagoinha é praticamente insignificante no que se refere aos tipos identificados. Apenas 3 peças foram registradas, sendo 2 artefatos modificados com marcas de uso e de queima e um artefato bruto sem marcas de utilização.

Foto 59: Artefatos líticos brutos do sítio Lagoinha. Foto: Rafael Guedes Milheira

✓ **Funcionalidade do contexto arqueológico**

Do ponto de vista funcional, o sítio Lagoinha também deve ser pensado como um acampamento de captação de recursos lacustres pelos mesmos motivos do sítio Sotéia: ausência de

estruturas arqueológicas em superfície e sub-superfície; presença de potes de uso cotidiano de pequenas dimensões e simples no que se refere à tecnologia aplicada no fabrico; pouca dispersão de materiais em superfície; baixa densidade de materiais e simplicidade tecno-tipológica dos materiais líticos.

5.1.8. Sítio Guarani PP-01-Hospital

✓ Implantação do sítio na paisagem e metodologia aplicada

Em 1966 o Prof. Dr. Pedro Ignácio Schmitz e uma equipe de arqueólogos composta pelo arqueólogo Guilherme Naue e pelo Dr. José Proença Brochado identificou um sítio Guarani numa região de dunas há cerca de 400 metros da margem sudoeste da Laguna dos Patos. A escavação no sítio RS-254 ocorreu no terreno de um senhor, morador da localidade, que ia construir um jardim em seu pátio. O método de escavação atendeu às prerrogativas do PRONAPA, sendo realizadas duas quadrículas de 1x1 m, escavadas em níveis artificiais de 10 cm, através das quais foi possível coletar uma série de fragmentos de cerâmica.

De acordo com Prof. Schmitz, o sítio não serviu ao propósito da seriação em função de que foi encontrada na base da escavação uma “tampinha de refrigerante”, logo, o sítio demonstrou ser revolvido e bastante perturbado por ações antrópicas recentes (Schmitz 2005, comunicação pessoal). Nesse caso, a perturbação no registro arqueológico impediu a seriação e o sítio não foi publicado. Ficamos sabendo da existência do trabalho arqueológico nesse sítio através de uma ficha de registro de sítio na 12ª Superintendência do IPHAN em Porto Alegre, onde consta ainda a informação de que no balneário Barro Duro, um outro morador local, haveria encontrado cerâmica com características semelhantes às encontradas no sítio RS-254. Interessados no resgate da informação, procuramos o referido senhor, sem obtermos sucesso.

Com os inícios dos trabalhos de pesquisa referentes ao Projeto de Mapeamento Arqueológico de Pelotas e Região (LEPAARQ – UFPel), recebemos a informação de que materiais arqueológicos haviam sido encontrados por moradores locais na praia do Laranjal numa área de antigas dunas, hoje bastante impactadas, no terreno onde se localiza um hospital geriátrico abandonado e terrenos lindeiros referentes a uma igreja, uma escola infantil e residências domésticas. A informação, de que essa fosse uma possível área de interesse arqueológico, se confirmou quando da doação ao LEPAARQ – UFPel por parte da Sra. Rosa Radke (moradora local), de uma coleção de duas dezenas de fragmentos cerâmicos de origem Guarani. Após essa doação, a equipe do LEPAARQ – UFPel fez uma visita ao local constatando que realmente se tratava de um sítio arqueológico bastante impactado pela urbanização.

Com a comparação das informações de localização do sítio identificado e escavado pela equipe do PRONAPA e da localização dos achados arqueológicos provenientes da comunidade local, percebemos que se tratava do mesmo sítio arqueológico estudado na década de 60. Logo, não se tratava de um sítio recém identificado, mas sim de um sítio arqueológico já registrado no IPHAN, sob número de catálogo: RS-254.

Com a definição que se tratava de um sítio arqueológico a equipe do LEPAARQ-UFPel foi a campo realizar algumas sondagens e coletas de superfície. No entanto, em nenhum ponto foi identificado concentrações de materiais ou estruturas arqueológicas que pudessem potencializar um trabalho arqueológico, ou seja, nada foi identificado no sítio além de uns poucos fragmentos cerâmicos em meio ao lixo e restos de construção depositados no pátio do hospital geriátrico. Neste sentido, nenhum trabalho foi realizado no sítio dada a impactação urbana do mesmo, o que impede qualquer tipo de interpretação quanto à funcionalidade ou permanência do assentamento.

✓ **Intervenções arqueológicas no Sítio Guarani PP-01-Hospital**

Foto 60: ruínas do hospital geriátrico sobre o sítio Guarani. Foto: Rafael Guedes Milheira

Foto 61: fragmento de cerâmica no pátio do hospital. Foto: Rafael Guedes Milheira

5.1.9. Sítio Guarani PSG–17–Las Acácias

✓ **Implantação do sítio na paisagem e metodologia aplicada**

Semelhante ao ocorrido no sítio Hospital, a equipe do PRONAPA identificou e estudou parcialmente um sítio Guarani na margem direita do canal São Gonçalo. Também sobre dunas, o sítio identificado se localiza num antigo campo de tiros do exército de Pelotas. O trabalho de pesquisa se limitou a uma coleta de superfície de fragmentos de cerâmica Guarani sem ter havido publicação dos

dados gerados a partir deste. Da mesma forma, ficamos sabendo da existência desse sítio através de uma ficha de registro de sítio da 12ª Superintendência do IPHAN em Porto Alegre.

No ano de 2003, a equipe do LEPAARQ-UFPel foi convocada a realizar uma consultoria técnica para a Prefeitura Municipal de Pelotas, na área de dunas na margem direita do canal São Gonçalo, aonde vinha sendo construído já há alguns anos um condomínio residencial de luxo em vias de ampliação. Além do impacto ambiental provocado pela construção do condomínio e pela possível ampliação, o mesmo acarretou um impacto arqueológico considerável, já que foi identificado pela equipe de pesquisadores, fragmentos de cerâmica indígena Guarani sobre as dunas que possibilitaram caracterizar o local como um sítio arqueológico. Outro fator de impacto foi a extensa utilização das areias das dunas como área de empréstimo para diversas construções em Pelotas. É de conhecimento público que nos anos 70, 80 e 90 milhares de caçambas de areia foram extraídas do local para pavimentação de estradas e ruas da cidade, bem como para o aterramento do Camping Municipal de Pelotas, entre outras edificações.

Novamente com a comparação da localização dos sítios arqueológicos ficou claro que se tratava do mesmo sítio estudado pelo PRONAPA, só que agora com um impacto sobre as dunas bastante significativo. Em função desse impacto não foi possível realizar um estudo de intervenção intra-sítio que permitisse constituir um conjunto de dados confiáveis. Realizamos no ano de 2007 somente o levantamento sistemático da região de dunas fazendo o reconhecimento de duas áreas de concentração de materiais. Atualmente o terreno onde se localizam as dunas é de propriedade do Sr. Hamilton Moreira, que através da constituição da ONG Tuphauê transformou a área em uma reserva ambiental. Inclusive, é importante ressaltar que a questão da ocupação indígena no local vem sendo tratada pelo Programa de Educação Ambiental da Fundação.

Nessa mesma área de concentração o Sr. Hamilton Moreira, movido pela curiosidade, coletou todos os fragmentos de superfície. Com a nossa visita ao local, o Sr. Hamilton passou ao LEPAARQ-UFPel a guarda dos materiais para o seu estudo. Devido à visível impactação das dunas e do sítio, não foi possível realizar uma campanha de sondagens e escavações, quanto menos de delimitação de área de dispersão de materiais e tamanho do sítio. Além disso, do nosso ponto de vista, a pesquisa arqueológica invasiva seria mais uma atividade que contribuiria para a impactação das dunas e do sítio, dificultando a sua preservação, logo, optamos por não realizar uma nova intervenção.

As interpretações sobre o sítio Las Acácias se dão somente a partir da análise da coleção cerâmica em comparação com as outras coleções dos outros sítios estudados e da sua localização geográfica. Consideramos para isso que a coleta total de fragmentos de superfície do Sr. Hamilton, apesar de ter sido realizada sem o uso de GPS e sem os procedimentos de registro consolidados pela arqueologia, tem potencial de pesquisa e serve para os estudos arqueológicos conforme os nossos objetivos.

✓ **Intervenções arqueológicas no Sítio Guarani PSG-17-Las Acácias**

Foto 62: levantamento nas dunas do sítio Las Acácias. Foto: Rafael Guedes Milheira

Foto 63: identificação de concentração de cerâmicas. Foto: Rafael Guedes Milheira

Foto 64: vista geral das dunas. Foto: Rafael Guedes Milheira

Foto 65: fragmento de cerâmica corrugada em contexto. Foto: Rafael Guedes Milheira

✓ **Sistematização e descrição dos vestígios arqueológicos**

✓ **Material cerâmico**

O material cerâmico analisado do sítio Las Acácias é composto por 194 fragmentos de cerâmica, dos quais 163 são paredes, 30 são bordas e 1 é base. Todas as peças são fabricadas com uso de roletes e têm como anti-plástico principal grãos finos e médios de quartzo, porém, nesse caso, se nota um aumento no percentual de ocorrência de chamote, aparecendo em 24 peças. No entanto, embora haja um aumento quantitativo de chamote no total de peças é insignificante a quantidade de

cacos moídos em cada peça, aparecendo um ou dois caquinhos em cada fragmento analisado, o que demonstra não ser um tipo de anti-plástico intencionalmente utilizado pelas oleiras.

Os fragmentos analisados demonstram se tratar de potes cerâmicos predominantemente lisos. Porém se nota uma preocupação maior com o acabamento de superfície das peças em virtude de que em 22 fragmentos foi identificado polimento interno, bem como há brunidura em uma peça. Além disso, em 28 fragmentos ocorre engobo interno vermelho ou branco e em 5 peças ocorre engobo externo também vermelho ou branco.

Chama atenção também a incidência de decoração pintada, já que seis peças são revestidas com pintura, sendo três delas com pintura vermelha sobre engobo branco e três com linhas finas desenhadas diretamente na superfície da peça. Ainda referente à decoração, é mais significativa também a ocorrência de decoração plástica no conjunto analisado. 83 fragmentos apresentam algum tipo de decoração plástica, sendo 57 corrugados, 20 corrugado-ungulados, 10 ungulados, 6 digitados e 2 peças incisas.

Quanto ao tipo de queima, há um predomínio de peças com o núcleo totalmente escuro, (89 fragmentos), enquanto que 48 peças apresentam seu núcleo inteiramente queimado deixando sua pasta clara. Ademais, 29 fragmentos apresentam pasta com a superfície externa clara e superfície interna escura; 2 fragmentos com superfície externa escura e superfície interna clara e 26 fragmentos com pasta “sanduíche”. Embora haja o predomínio de peças com queima escura, percebe-se uma aproximação entre as queimas deste tipo e daquelas com pasta clara, demonstrando que possivelmente forno aberto e forno fechado tenham sido usados ou que, talvez, tenha ocorrido uma preocupação diferenciada no processo de fabrico das vasilhas cerâmicas.

Quanto à medição das peças, predominam espessuras entre 8 e 10 milímetros (82 fragmentos). Além disso, são importantes os índices de peças com espessura entre 6 e 8 milímetros (37 fragmentos), entre 10 e 12 milímetros (42 fragmentos), entre 12 e 14 milímetros (15 fragmentos) e entre 14 e 16 (10 fragmentos). Nota-se novamente um predomínio de peças com tendência a paredes de potes não muito espessos, mas um aumento no índice de paredes de espessura mais robusta, acima de 14 milímetros.

Quanto ao número mínimo de potes identificados no sítio Las Acácias, ocorrem no mínimo 20 potes cerâmicos, cuja projeção gráfica demonstra a existência de 1 pote do tipo *ñaembé* (com 22 cm de diâmetro de borda), 6 potes do tipo *ñaetá* (com 14, 16, 24, 26, 32 e 38 cm de diâmetro de borda), 10 *cambuchí-caguâba* (com 14, 14, 18, 18, 18, 20, 24, 24, 24 e 28 cm de diâmetro de borda), 2 *yapepó* (com 20 e 32 cm. de diâmetro de borda) e um *cambuchí mboyá* (com 22 cm de diâmetro de borda) (ver projeções em anexo 15).

Novamente nota-se um predomínio de potes pequenos e médios, bem como maioria de potes usados quotidianamente, mas é necessário chamar atenção para a presença do *cambuchí*, que

apesar de não ser de grande porte, é um tipo de pote usado para estocagem de água e produção de alimentos. Logo, é um indicador de atividades coletivas e de permanência.

Além disso, parece haver uma preocupação maior, que nos outros sítios, com a estética e produção tecnológica das vasilhas. Chama atenção o aumento no índice de potes com tratamento de superfície polida ou com decoração plástica e pintada/engobada. Esses potes além de terem uma preocupação maior com a impermeabilização, demonstram haver um interesse maior em representações simbólicas gráficas e moldadas na superfície das mesmas.

Fotos 66 e 67: bordas e coleção cerâmica do sítio Las Acácias. Fotos: Rafael Guedes Milheira

✓ **Funcionalidade do contexto arqueológico**

Com base nos dados apresentados, é possível sugerir que o sítio PSG-17-Las Acácias tenha sido um espaço de assentamento permanente. Essa percepção se dá a partir da sistematização dos dados da análise cerâmica, que demonstra variações nos tipos, quantidade e tratamento de superfície e queima com relação aos sítios litorâneos denominados como acampamentos (Sotéia, Lagoinha e Camping). Além disso, um dado importante é a implantação geográfica do sítio às margens do canal São Gonçalo e a área ampla de dispersão dos materiais em superfície. Em virtude dos processos de impactação do terreno do sítio arqueológico, não foi possível definir a área exata de dispersão nem estruturas arqueológicas, mas com base nas informações orais de ocorrência de materiais é possível entender que se tratava de um assentamento mais denso que os sítios acampamentos litorâneos referidos, sendo talvez uma aldeia litorânea.

5.1.10. Sítio Guarani PS-01-Arroio Sujo

✓ Implantação do sítio na paisagem e metodologia aplicada

Também na margem sudoeste da Laguna dos Patos foi publicado no ano de 1977, no 5º Relatório anual do PRONAPA, a localização de um sítio Guarani nas margens do arroio Sujo e arroio Salgado, que, por sua vez, deságuam na Laguna dos Patos. O estudo do conjunto cerâmico coletado neste sítio, associado ao estudo de outros conjuntos cerâmicos da serra do Sudeste permitiu a constituição da fase Camaquã por Brochado (1974), porém, não foram publicados os dados da pesquisa referente ao sítio nem a localização exata em que foram coletados os materiais.

Através do levantamento arqueológico às margens do arroio Sujo e Salgado foram localizados alguns fragmentos de cerâmica com decoração pintada em vermelho e muito erodidos. A pouca quantidade e dispersão dos materiais não permitiram identificar áreas de concentração de materiais arqueológicos no sítio, pois a impactação da agricultura e urbanização ocorrida na área de localização do mesmo foi muito intensa. Esse sítio somente é estudado do ponto de vista geográfico, já que se localiza na área de contexto litorâneo. Não realizamos nenhum tipo de análise intra-sítio ou estudo de curadoria de coleção cerâmica e, portanto, a sugestão funcional do assentamento fica prejudicada.

✓ Intervenções arqueológicas no Sítio Guarani PS-01-Arroio Sujo

Foto 68 e 69: levantamento na região do arroio Sujo. Destaque para a impactação devido à mudança do curso do arroio para drenagem de plantações de arroz Fotos: André Garcia Loureiro

5.1.11. Sítio Guarani PS-02-Camping⁴¹

✓ Implantação do sítio na paisagem e metodologia aplicada

O sítio Guarani PS-02-Camping se localiza na margem sudoeste da laguna a aproximadamente 100 metros da beira da praia. Seguindo o mesmo procedimento metodológico empregado nos demais sítios, procedemos à coleta de materiais de superfície e sondagens, as quais foram realizadas em três locais (*locus 1 locus 2 e locus 3*). As sondagens foram escavadas em quadras de 50 cm de lado em níveis artificiais de 10 cm, eqüidistantes em 10 m. Dessa forma foi possível realizar 42 poços testes que permitiram delimitar a área de dispersão dos materiais no sítio em 50 metros de raio.

O sítio camping já havia sido pesquisado por um grupo de estudantes do curso de história na década de 90. Esse grupo foi formado sem a coordenação de um arqueólogo profissional, sendo a escavação realizada sem autorização do IPHAN. O resultado foi a coleta de centenas de fragmentos de cerâmica que foram depositados no Instituto Histórico e Geográfico de Pelotas, onde a salvaguarda desejosa de procedimentos adequados de registro e curadoria fez com que as informações de campo fossem perdidas. Atualmente essas peças coletadas estão sob a salvaguarda do LEPAARQ-UFPel, após repasse da guarda, mas com seu potencial de pesquisa bastante limitado em função da ausência de registro e informações de campo.

Com o trabalho de levantamento arqueológico na área litorânea identificamos a presença de dezenas de fragmentos cerâmicos na superfície do Camping Municipal de Pelotas, o que permitiu definir este espaço como um sítio arqueológico. Resolvemos então realizar uma campanha arqueológica, efetuada para avaliar o potencial de pesquisa do sítio, delimitar sua distribuição espacial e identificar possíveis estruturas arqueológicas. Durante as escavações arqueológicas no mês de setembro de 2006, uma reportagem sobre a escavação desenvolvida pela presente pesquisa, veiculada no jornal local (Diário Popular) chamou a atenção de um pesquisador de história, que foi secretário municipal nos anos 80. Esse pesquisador nos levou a informação de que durante o exercício de sua secretaria ele foi o responsável pela reforma do Camping Municipal de Pelotas, onde depositou 2 mil carretas de areia provenientes das dunas do loteamento Las Acácias. Segundo o pesquisador, o material que encontrávamos no sítio não seria original desse local, mas sim das dunas do Las Acácias, onde se situa o sítio PSG-17-Las Acácias.

As sondagens arqueológicas realizadas em três áreas do Camping permitiram evidenciar estruturas arqueológicas em dois pontos do sítio: *locus 1 e locus 2*. No *locus 3* somente foram coletados

⁴¹ Ver no anexo 08: croqui de sítio, topografia e delimitação aproximativa do sítio com dispersão de materiais e sondagens.

materiais em superfície e as sondagens realizadas não permitiram a coleta nem de estruturas nem de materiais arqueológicos.

✓ **Unidade de escavação: *Locus 1***

No *locus 1* foi realizada a escavação de 42 poços de sondagens de 50 cm de lado, em níveis artificiais de 10 cm, eqüidistantes 10 m. Na sondagem 5.30 foi evidenciado um pacote de terra preta/escuro, entre 10 e 30 cm de profundidade, formando uma lente côncava de não mais de 20 cm. de espessura, onde foram identificados materiais arqueofaunísticos e fragmentos de cerâmica associados.

Interessados em evidenciar a camada de terra preta e conhecer melhor o contexto, optamos por ampliar a área de escavação com a abertura de uma quadra de 1 m X 0,50 m na direção sul (quadra 5.30), em que se realizou a plotagem individual das peças, registrando-se a informação espacial tridimensional dos vestígios materiais. A abertura desta quadra configurou uma trincheira de 1,5 m X 0,5 m, em que foi possível verificar que a camada de terra preta teria sido formada por ações de queima de materiais orgânicos, sendo, portanto, uma camada arqueológica de origem antropogênica. Do ponto de vista funcional, essa estrutura se caracteriza como uma área de deposição de refugos, pois não foram encontrados indícios de que se tratasse de uma unidade habitacional nem de qualquer outro tipo de estrutura arqueológica. O conjunto de materiais é composto basicamente por restos ósseos, tratados aqui como vestígios de alimentação, dentre os quais foram identificadas peças carbonizadas e calcinadas, sendo mais um fator que reforça a idéia de deposição de lixo e posterior queima do mesmo, formando a terra preta. O material cerâmico dessa estrutura não totaliza uma dezena de fragmentos e, por isso, não foi realizada análise tecno-tipológica.

✓ **Unidade de escavação: *Locus 2***

Durante a coleta de superfície foi identificado um pote cerâmico enterrado em posição emborcada, cuja base se encontrava aflorando, distando aproximadamente 50 m da estrutura de deposição de lixo do *locus 1*. Para compreender melhor este contexto resolvemos delimitar uma unidade de escavação de 4m² (quadras 11.20, 11.21 – 12.20, 12.21), onde, através de plotagem individual dos vestígios materiais foi possível evidenciar um pote cerâmico do tipo *ñaetá* com decoração escovada.

No interior desta vasilha se encontravam dezenas de fragmentos de outros potes, dando a impressão de que se trata de uma vasilha em que foi colocada uma porção de cerâmicas quebradas e posteriormente abandonada. Além de dezenas de fragmentos de cerâmica, foi coletada também uma amostra de 5 gr. de micro-carvões, a qual foi suficiente para obter uma data radio-carbônica através da

técnica de AMS. A amostra foi então enviada ao Beta Laboratory Inc., sendo registrada com o número 234205. A data obtida para o contexto da caçarola com decoração escovada foi de 380 ± 50 AP, sendo a data calibrada colocada numa faixa temporal mais ampla, situada entre os anos **1450 a 1660 AD ou 500 a 290 AP.**⁴²

Outra questão importante também é a presença de dezenas de fragmentos de fragmentos cerâmicos referentes a outros potes e vestígios arqueofaunísticos associados, formando um contexto em que se articulam vasos cerâmicos e restos de alimentação. Trata-se de 24 vestígios ósseos e dezenas de fragmentos de vasilhas com tratamento de superfície corrugada, corrugada-ungulada e alisada. Estes materiais estavam articulados a uma camada de terra preta, disposta entre a superfície e 20 cm de profundidade, que pode ser de origem antropogênica ou natural, devido a grande quantidade de raízes no contexto.

No que se refere à funcionalidade, o fato de que identificamos uma vasilha do tipo *ñaetá*, (considerada pela literatura arqueológica como uma caçarola que vai ao fogo para preparo de comida), com carvão em seu interior e associada a restos de alimentação e dezenas de fragmentos de outros potes quebrados em seu entorno, nos permite inferir que esse contexto possa ser considerado uma estrutura de combustão. Neste caso, tentando constituir um cenário das atividades que ocorreram no local, podemos imaginar que, num primeiro momento, tenha havido atividades de preparo e consumo de alimentos na caçarola, possivelmente com a utilização de outras vasilhas na cena, utilizadas para preparar e servir os mesmos. Num segundo momento, ocorre o abandono do sítio com a quebra de panelas e deposição dos fragmentos no interior da caçarola, a qual foi ainda emborcada contento os fragmentos em seu interior.

Com a evidenciação de contextos arqueológicos bem definidos e com a data radiocarbônica recuada ao início do contato com o europeu, pudemos chegar à conclusão de que a atividade de deposição de materiais do sítio Las Acácias, como nos foi noticiado, sobrepôs coincidentemente um sítio Guarani já existente. Num outro momento, uma família que acampa no Camping Municipal há pelo menos 20 anos e que, portanto, conhece o local desde sua fundação, nos mostrou os locais onde houve o aterramento dentro do terreno do Camping. Essas informações permitiram distinguir os locais de aterramento (que coincidem com as áreas onde se localizam os materiais em superfície), dos locais sem aterramento (que coincidem, por sua vez, com a área do *locus* 2, onde se encontra a estrutura de combustão). Em função disso, os materiais de superfície do sítio Guarani serão considerados todos como de origem do sítio PSG-17-Las Acácias e, por outro lado, os materiais evidenciados em contexto arqueológico, serão tratados como do sítio PS-02-Camping, nesse caso, a estrutura de deposição de refugos e a estrutura de combustão.

⁴² Ver os dados das datações químicas dos sítios Camping, Totó e Ribes em anexo 22.

✓ Intervenções arqueológicas no Sítio Guarani PS-02-Camping. *Locus 1*

Foto 70: vista panorâmica do sítio Camping *locus 1*. Foto: Rafael Guedes Milheira

Foto 71: escavação de sondagens.
Foto: Rafael Milheira

Foto 72: escavação da estrutura de refugio
Foto: Rafael Milheira

Foto 73: Coleta de superfície.
Foto: Rafael Milheira

**Desenho de perfil estratigráfico com
estrutura de deposição de refugos**
Sítio PS-02-Camping
Locus 1. Quadrículas 5.29 e 5.30
Perfil oeste. Comprimento: 1,50 metros

Camada arqueológica com ocorrência de fragmentos de cerâmica e vestígios fito-faunísticos. Sedimento arenoso composto predominantemente por quartzo. Coloração cinza escuro/preto

Raízes

Vestígios arqueofaunísticos

Escala: 50 centímetros

Camada natural com ocorrência de materiais arqueológicos Sedimento arenoso composto predominantemente por grãos de quartzo. Coloração cinza escuro. Nesta quadra não há materiais representados porque se trata de uma sondagem, em que não foi realizada plotagem individual de peças

Vista horizontal. Dispersão dos materiais arqueológicos
Sítio PS-02-Camping. Locus 1. Quadra 5.29

✓ Intervenções arqueológicas no Sítio Guarani PS-02-Camping. *Locus 2*

Foto 74: vista panorâmica do sítio Camping *locus 2*.
Foto: Rafael Guedes Milheira

Área de escavação da estrutura de combustão

Foto 75: Escavação de pote (*ñæetá*).
Foto: Rafael Guedes Milheira

Fotos 76 e 77: Pote (*ñæetá*) com fragmentos de outros pots dentro. Do interior do pote foi coletada a amostra de carvão para datação por AMS, cuja idade é 380 ± 50 anos BP. Fotos: Rafael Guedes Milheira

**Desenho de perfil estratigráfico da
estrutura de combustão**
Sítio PS-02-Camping
Locus 2. Quadras 11.20/ 11.21/ 12.20/12.21
Perfil sul. Comprimento: 2 metros

Camada natural. Sedimento arenoso
composto predominantemente por
quartzo. Coloração cinza claro

Quadra 11.21

Quadra 11.20

Escala: 50 centímetros

Camada natural com
ocorrência de fragmentos
cerâmicos. Sedimento arenoso
composto predominantemente
por quartzo. Coloração cinza
escuro

Fragmentos cerâmicos.
Destaque para
concentração (pote
ñaetá com fragmentos
de outros tipos de potes
dentro)

Vestígios arqueofaunísticos

Camada arqueológica com ocorrência
de fragmentos de cerâmica e vestígios
faunísticos. Sedimento arenoso
composto predominantemente por
quartzo. Coloração cinza escuro/preto

Vista horizontal. Dispersão dos materiais arqueológicos
Sítio PS-02-Camping Municipal
Locus 2. Quadras 11.20/ 11.21/ 12.20/ 12.21

✓ **Sistematização e descrição dos vestígios arqueológicos**

✓ **Material cerâmico**

Foram analisados os materiais do *locus* 2 do sítio Camping referente à estrutura de combustão, onde foi encontrado o *ñaetá* com decoração escovada, associado a vestígios faunísticos e outros fragmentos de potes cerâmicos. O material cerâmico é composto por 119 fragmentos de cerâmica, dos quais 104 são paredes, 13 são bordas e 2 bases. O rolete foi a técnica principal de fabrico das vasilhas e o anti-plástico principal, novamente são grãos finos e médios de quartzo. Foram identificadas apenas quatro peças com hematita e três peças com chamote e argila em frequências insignificantes se comparado à frequência de grãos de quartzo, o que demonstra não ser um tipo de anti-plástico intencionalmente utilizado pelas oleiras.

O tratamento de superfície com decoração plástica predomina no conjunto cerâmico do sítio Camping. Foram identificados 32 fragmentos de cerâmica corrugada, 30 fragmentos corrugado-ungulado, 3 escovados, 2 digitados e 1 fragmento com incisão. O tratamento de superfície alisado tem uma frequência menos expressiva nesse conjunto cerâmico, havendo 43 fragmentos com alisamento externo e 108 com alisamento interno, das quais 27 são polidas. No que se refere às pinturas, apenas duas peças têm revestimento com pintura externa em linhas vermelhas sobre engobo branco, enquanto 11 fragmentos têm engobo vermelho interno.

Há um predomínio de peças com o núcleo totalmente escuro (84 fragmentos), enquanto que somente 9 peças apresentam seu núcleo inteiramente queimado deixando sua pasta clara. Além disso, 12 fragmentos apresentam pasta com a superfície externa clara e superfície interna escura; 1 fragmento com superfície externa escura e superfície interna clara e 13 fragmentos com pasta “sanduíche”.

As medições das peças apresentam espessuras predominantes entre 8 e 10 milímetros (53 fragmentos). Nesse caso, os índices de espessura mais significativos se dão entre 10 e 12 milímetros (32 fragmentos), 12 e 14 milímetros (14 fragmentos) 6 e 8 milímetros (9 fragmentos) e 14 e 16 milímetros (6 fragmentos). Nota-se novamente um predomínio de peças com tendência a paredes de potes não muito espessos, havendo a tendência a potes de pequeno e médio porte. Essa possibilidade se complementa com os dados de diâmetro de borda apresentados a seguir.

Quanto ao número mínimo de potes foram identificadas 8 vasilhas no sítio. A projeção gráfica dos potes a partir das bordas indica a ocorrência de 1 vasilha do tipo *ñaembé* (com 20 cm de diâmetro de borda), 2 vasilhas do tipo *ñaetá* (com 32 e 36 cm de diâmetro de borda), 2 potes do tipo *cambuchi-caguâba* (com 16 e 20 cm. de diâmetro de borda) e 3 *yapepó* (12, 20 e 22 cm de diâmetro de borda) (ver projeções em anexo 16).

No sítio Camping há um predomínio de potes com dimensões pequenas e médias e maioria de potes usados em atividades quotidianas. Parece também haver uma preocupação com o tratamento de superfície das peças, demonstrada pelo aumento de índices de decoração decorada e pintada, sobrepondo o índice de peças somente alisadas em suas superfícies interna e externa. Nesse sentido, além de parecer uma preocupação maior com a impermeabilização dos potes, parece haver também a intenção de demonstrar elementos simbólicos nas peças.

Foto 78: Fragmentos com decoração plástica.
Foto: Rafael Guedes Milheira

Foto 79: Fragmentos com engobo interno.
Foto: Rafael Guedes Milheira

Foto 80: fragmentos sem decoração plástica.
Foto: Rafael Guedes Milheira

Foto 81: fragmento de *yapepó* pintado.
Foto: Rafael Guedes Milheira

Foto 82: bordas coletadas no entorno do *ñaetá*.
Foto: Rafael Guedes Milheira

Foto 83: pote *ñaetá* reconstituído.
Foto: Rafael Guedes Milheira

✓ **Material lítico**

O material lítico do Camping também é praticamente insignificante quanto à tecnologia. Apenas 5 peças, todas de quartzo, foram coletadas e analisadas, sendo 2 fragmentos de lascas, 2 lascas unipolares e 1 micro-lasca. A pouca quantidade de materiais líticos e a simplicidade tecnotipológica dos mesmos auxilia na interpretação funcional do sítio na medida em que são artefatos que podem ser classificados como de indústria expediente, demonstrando que não foram realizadas atividades de produção horticultora que necessitassem de implementos líticos mais sofisticados.

Foto 84: lascas e artefatos brutos de quartzo.
Foto: Rafael Guedes Milheira

✓ **Funcionalidade do contexto arqueológico**

Através dos achados arqueológicos, pudemos definir que se trata de um sítio em que duas estruturas arqueológicas pontuais foram evidenciadas em contexto: uma estrutura de deposição de refugos e uma estrutura de combustão, em que atividades de produção e consumo de alimentos são percebidas. Não se tratam, porém, de estruturas vestigiais de unidades habitacionais ou outros tipos de estruturas, mas sim de contextos que demonstram eventos relacionados a uma ocupação rápida ou semi-permanente. Essa interpretação se complementa com a sistematização das análises da coleção de vasilhas cerâmicas, pois ficou evidente que os tipos de potes e suas dimensões indicam atividades quotidianas de produção de alimentos com potes de pequenas e médias dimensões relativos a um grupo com demografia baixa.

Com base na localização do sítio, na análise de seu contexto arqueológico e na sistematização dos vestígios materiais é possível inferir que o sítio Camping tenha sido um acampamento destinado à captação de recursos lacustres e caça, articulado ao sítio PS-03-Totó.

5.1.12. Sítio Guarani PS-03-Totó⁴³

✓ Implantação do sítio na paisagem e metodologia aplicada

O sítio PS-03-Totó se localiza na praia do Totó a aproximadamente 50 metros da margem da Laguna dos Patos. Encontra-se numa sutil plataforma de areias quartzosas, formada pelas transgressões e regressões das águas da Laguna. O sítio, localizado na foz do arroio Totó, se encontra numa zona privilegiada do balneário, visto que são disponíveis recursos orgânicos e inorgânicos tanto da Laguna como do arroio. Em meio a mata ciliar do arroio, os grupos habitantes do sítio ainda poderiam desfrutar dos recursos disponíveis da mata de restinga, bem como explorar os campos a 800 m para oeste e os banhados ao longo do arroio Totó, do arroio Pelotas e no Pontal da Barra, onde nasce o canal São Gonçalo a apenas 2 km.

Durante as coletas de superfície e sondagens foi identificado material arqueológico dos dois lados do arroio Totó, demonstrando que este “corta” o sítio. Seguindo o procedimento metodológico padrão do projeto, no mês de março de 2007, realizamos o trabalho de coleta de superfície e prospecções através de sondagens, bem como a escavação de 60 sondagens espaçadas em 20 metros, formando três linhas paralelas de sondagens à beira da praia e perpendiculares ao arroio Totó. Além disso, realizamos a escavação de duas unidades, em que foram identificados contextos arqueológicos com estruturas sub-superficiais.

Através deste procedimento foi possível compreender que se trata de um sítio com uma área de dispersão de materiais bastante ampla e que pode chegar até 200 metros de raio com uma densidade de materiais superior aos outros sítios identificados no litoral até o momento. No espaço que compreende o sítio foram delimitadas três áreas de intervenção intra-sítio (*locus 1, locus 2 e locus 3*).

⁴³ Ver no anexo 09 croqui de sítio, topografia e delimitação aproximativa do sítio com dispersão de materiais e sondagens.

✓ **Unidades de escavação: *Locus 1***

Durante os trabalhos de prospecção identificou-se fragmentos de uma vasilha de grande porte no barranco do arroio Totó, numa distância de aproximadamente 200 m da beira da Laguna dos Patos. Neste local, Resolvemos então realizar a abertura de uma área de escavação de 2 m², com plotagem de todos fragmentos cerâmicos para registro espacial tridimensional dos vestígios materiais (*locus 1*).

Esta escavação permitiu evidenciar fragmentos de cerâmica de uma urna funerária (*cambuchí guaçu*) com decoração pintada em vermelho com linhas geométricas sobre engobo branco. Associados à urna foram escavados dezenas de fragmentos de no mínimo três potes diferentes, os quais são de menor porte no que se refere ao seu tamanho. A urna estava bastante fragmentada e por isso não é possível definir se os outros potes estavam em seu interior, emborcados ou ao redor da mesma, o que teria sido muito interessante se lembrarmos que os sepultamentos em urnas funerárias recebiam, por vezes, acompanhamentos votivos em potes cerâmicos (*cf.* Noelli 1993; Jacobus 1994).

É importante ressaltar que a urna se encontrava totalmente fragmentada, em função de fatores pós-deposicionais, como a ocorrência de raízes e, sobretudo, pelo fato de que o contexto se localizava na barranca do arroio, num declive de quase 45°, fator este que deve ter sido responsável pela desarticulação do contexto e desaparecimento dos restos humanos. Logo, mesmo com a escavação detalhada do contexto, não conseguimos perceber a exata correlação entre os materiais cerâmicos e se havia vestígios humanos no sepultamento, porém, sugerimos que as vasilhas de pequeno porte fizessem parte da estrutura funerária, formando um contexto ritualístico de importância ímpar para o entendimento do sítio arqueológico.

Em função desta acentuada fragmentação das vasilhas cerâmicas, não conseguimos realizar a projeção das mesmas através das regras de projeção de potes a partir da borda. Com isso, o contexto funerário auxilia apenas na definição funcional do sítio, pois se percebe que se trata de um sítio com estruturas arqueológicas em profundidade e com evidência de atividades ritualísticas e coletivas.

Intervenções arqueológicas no Sítio Guarani PS-03-Totó. *Locus 1*

Concentração de fragmentos cerâmicos. Estrutura funerária com fragmentos de outros tipos de potes associados

Fotos 85 a 88: Área de concentração de fragmentos cerâmicos. Estrutura funerária em contexto (urna funerária). Fotos: Rafael Guedes Milheira

✓ **Unidades de sondagens: *Locus 2***

Na segunda área (*locus 2*) foi realizada coleta de superfície total de fragmentos em meio a mata de restinga e a escavação de 60 poços testes de 50 cm de lado, espaçados em 20 m um do outro. Além disso foram escavadas duas trincheiras de 2 m X 0,50 m, em locais com maior quantidade de cerâmica. O *locus 2*, definido como a área de sondagens se situa na porção norte do sítio, no lado oposto do arroio Totó.

Apesar desta grande quantidade de sondagens não foram identificadas estruturas arqueológicas nem materiais em profundidade maior que 20 cm, demonstrando se tratar de ocorrências superficiais. Porém, é importante destacar que materiais cerâmicos ocorreram em quase todos poços testes, sem que se pudesse definir uma área com maior ou menor concentração de materiais que pudessemos entender como estrutura arqueológica.

A importância desta continuidade de materiais num raio de aproximadamente 200 metros se dá porque pudemos compreender que o assentamento tem uma amplitude e densidade maior se comparado aos outros sítios litorâneos, sendo este um dado importante que auxilia na interpretação funcional do sítio arqueológico. Além disso, quando o sítio foi encontrado foram identificadas quatro áreas de concentração de poucos fragmentos cerâmicos. Não sabíamos, portanto, se tratava-se de um sítio com ampla dispersão de materiais ou quatro sítios de pequena amplitude espacial, que caracterizasse a presença de quatro sítios de pequeno porte. Neste caso, as sondagens e coleta de superfície auxiliaram na definição espacial do sítio, sendo um procedimento metodológico que se mostrou bastante eficaz ao propósito.

✓ **Intervenções arqueológicas no Sítio Guarani PS-03-Totó. *Locus 2***

Fotos 89 a 92: Escavação de sondagens e coleta de superfície no *locus* 2.

Fotos: Rafael Guedes Milheira

✓ Unidades de escavação: *Locus* 3

Na terceira área de escavação (*locus* 3) a intervenção intra-sítio se deu em duas campanhas. Em março de 2007 realizamos a escavação de uma área de 4 m² (quadras 2.12, 2.13 - 3.12 e 3.13), localizada na beira do arroio Totó, em que foram identificadas centenas de materiais arqueológicos faunísticos, cerâmicos e líticos, dispostos numa camada de terra escura/preta antropogênica formada pela decomposição de matéria orgânica. O “pacote” de terra preta da estrutura arqueológica segue a topografia do terreno superficial, decaindo em declive na direção do arroio Totó, o qual, por sua vez, avança em direção a unidade de escavação encharcando a área e submergindo parte da estrutura. A escavação seguiu os mesmos procedimentos metodológicos dos outros sítios, em que cada vestígio material foi registrado individualmente no contexto micro-espacial do sítio. Na ocasião, não conseguimos escavar essa unidade de escavação até a base, nem perceber a funcionalidade dessa grande concentração de materiais. Em virtude da indefinição daquela estrutura decidimos realizar uma nova campanha e ampliar a área de escavação.

Na segunda campanha, realizada no mês de junho de 2007, continuamos a escavação das quadras 2.12, 2.13 - 3.12 e 3.13 até a base estéril do contexto, numa profundidade de 1,5 m. Foram coletados ao todo 716 materiais cerâmicos, 139 materiais líticos, 172 vestígios arqueofaunísticos e 24 sementes de jerivá, além de grande quantidade de amostras de carvão.

Entre as amostras de carvão coletadas na estrutura de terra preta, selecionamos uma com 17 gr. que foi coletada na base desta camada, na quadrícula 3.12. A amostra foi enviada também ao Beta Laboratory Inc. e processada através do método radiocarbônico (*standard*), sendo registrada com o número 237665. Esta amostra permitiu se obter a idade de 530 ± 40 AP para o contexto da estrutura de terra preta, sendo que, a data quando calibrada nos dá uma idade situada numa faixa temporal mais ampla, entre os anos **1390 a 1440 AD ou 560 a 510 AP.**⁴⁴

A três metros, no sentido leste, foi escavada uma trincheira de 10 m de comprimento por 0,50 m de lado e 0,75 m de profundidade (quadras 4.9 a 14.9), em que também cada material foi plotado individualmente. Nesta trincheira foram coletados ao todo 335 materiais cerâmicos, 20 artefatos líticos e 45 vestígios arqueofaunísticos. Do ponto de vista físico, a trincheira apresenta uma série de problemas de preservação, pois registramos em várias quadras restos de lixo recente, que foram depositados com a abertura de buracos, além de que identificamos o registro de transgressões e regressões das águas da Laguna e do arroio, marcados por camadas de terra escura que seguem o declive do terreno. Esta constatação, além das evidências materiais de restos de lixo na superfície e em profundidade pôde ser confirmada através de uma data radiocarbônica que realizamos de uma amostra de carvão. Esta amostra se localizava ao redor do esteio e estacas escavados na extremidade norte da trincheira, na quadra 4.9, nos induzindo a pensar se tratar de um contexto arqueológico não perturbado e possível de ser datado com segurança. Pois bem, para nossa surpresa, o carvão era na verdade intrusivo, com a idade de 111.49 A.P. (protocolo Beta 237664) que demonstra se tratar de um fator pós-deposicional causado por ações antrópicas recentes relacionadas ao depósito de lixo recente coletado na quadra 5.9.

Além destas duas áreas de escavação mais amplas, mais cinco quadrículas de sondagens de 50 cm de lado cada foram escavadas em busca da delimitação da estrutura de terra preta e da identificação de possíveis estruturas sub-superficiais ao redor da mesma. Através destas sondagens foi possível identificar um outro ponto (quadra 14.15), em que se encontra a estrutura de terra preta, a 10 m. na direção sul. Esta sondagem também permitiu compreender que a estrutura de terra preta provavelmente se encontra sob a estrada que liga a praia do Barro Duro à comunidade de pesca Z-3, visto que as camadas estratigráficas superficiais desta sondagem se caracterizam como pacotes de aterro e saibro, seguidos da camada de terra preta antropogênica.

⁴⁴ Ver os dados apresentados pelo Beta Laboratory em anexo 22.

Intervenções arqueológicas no Sítio Guarani PS-03-Totó. *Locus 3*

Cerâmica

fauna

Lítico

Vista vertical dos vestígios arqueológicos da estrutura de deposição de refugos. Note-se que há uma distribuição aleatória das peças no contexto, indicando descarte de lixo.

Margem sudoeste da Laguna dos Patos

Margem do Arroio Totó.
Destaque para a declividade do sítio parcialmente submerso no arroio.

Foto 93 : Estrutura de deposição de refugos. *Locus 3*. Foto: Rafael Guedes Milheira

Fotos 94 e 95: Escavação da estrutura de refugos na beira do arroio Totó.

Foto: Rafael Guedes Milheira

Cerâmica

Lítico

fauna

Vista vertical dos vestígios arqueológicos da trincheira. Note-se distribuição aleatória das peças, possivelmente causada pelos processos pós-deposicionais

Fotos 96 e 97: Escavação da trincheira com estruturas arquitetônicas.
Fotos: Rafael Guedes Milheira

Blocos de argila
(*tudju*)

Esteio vertical

Fotos 98 a 100: Blocos de argila, estacas e esteios das estruturas arquitetônicas. Quadras 4.9 e 5.9
Fotos: Rafael Guedes Milheira

Estacas para fixação
do esteio

Esteio horizontal
socado em argila

Sítio PS-03-Totó
Desenhos de perfil estratigráfico. Unidades de escavação. Locus 3

Perfil oeste da trincheira.
Quadras 4.9 - 14.9

Perfil sul da unidade de escavação
Quadras 3.12 e 3.13

Localização da amostra de carvão datada em 530 +/- 40 (Cal AD 1320 - 1350)

Perfil leste da sondagem
Quadra 14.15

✓ **Sistematização e descrição dos vestígios arqueológicos**

✓ **Material cerâmico**

Para sistematização e descrição dos dados sobre o material cerâmico do sítio PS-03-Totó, nos atemos somente aos materiais coletados na estrutura de terra preta, em que foram coletados ao todo 716 vestígios cerâmicos, entre fragmentos e vasilhas semi-inteiras. Optamos por deixar para um segundo momento a análise dos materiais coletados na trincheira e na estrutura funerária por considerarmos contextos arqueológicos específicos que devem receber uma atenção mais detalhada, sob a perspectiva da análise micro-espacial, em que se articularão dados sobre a frequência e localização dos tipos de vasilhas. Apesar disto, realizamos as projeções das vasilhas a partir das bordas, sendo este um dado importante a ser pensado num contexto espacial mais amplo, que diz respeito ao sítio arqueológico e determinados comportamento culturais de produção e consumo e estocagem de alimentos.

As projeções dos potes realizadas a partir das bordas exumadas na referida unidade de escavação indicam se tratar de diferentes tipos de potes, de diferentes dimensões, espessuras e decorações. Foram analisados até o momento 829 fragmentos de cerâmica, sendo 673 paredes, 145 bordas e 11 bases. Todas as peças foram fabricadas com uso de roletes e têm como grãos de quartzo de fine a média granulometria o principal tipo de anti-plástico utilizado (684 fragmentos). Além disso, foram identificadas 143 peças com presença de chamote e apenas 2 delas com a presença de hematita sendo, nesse caso, um tipo de anti-plástico que parece ter sido significativo no conjunto de pelas cerâmicas, embora, é claro, o anti-plástico mineral seja predominante e preferencial em se tratando de escolhas tecnológicas.

Quanto ao tratamento de superfície, o conjunto de peças cerâmicas da estrutura de terra preta do sítio Totó demonstra uma preocupação estética e tecnológica maior que em todos os outros sítios do litoral. 407 peças apresentam algum tipo de decoração plástica, sendo 211 fragmentos com decoração corrugada, 168 corrugado-ungulado, 10 ungulados, 11 incisos, 3 ponteados, 2 acanalados, 1 digitado e 1 escovado. Além disso, 31 peças apresentam revestimento com engobo branco e 74 peças com engobo vermelho, bem como 12 peças com pintura com linhas vermelhas sobre engobo branco e 6 peças com pintura vermelha diretamente sobre a superfície alisada. Das peças sem tratamento plástico ou cromático, caracterizadas pelo tratamento de superfície alisada, 100 peças apresentam brunidura na superfície interna, 93 peças com pilimento interno e 34 com polimento externo, sendo esta uma frequência importante que demonstra intenção de melhor impermeabilização das vasilhas cerâmicas.

A queima das vasilhas não demonstra nenhum tipo de novidade quanto aos índices. Predomina novamente as peças com pasta escura (297 fragmentos), seguida de pasta clara (243

fragmentos), pasta clara externa e escura interna (85 fragmentos), pasta clara interna e escura externa (5 fragmentos) e 199 fragmentos com pasta “sanduíche”.

A medição de espessura dos fragmentos cerâmicos demonstra um predomínio de paredes com 8 a 10 milímetros de espessura (255 fragmentos), mas se nota um índice significativo de peças com espessura entre 10 e 12 milímetros (182 fragmentos), entre 12 e 14 milímetros (89 fragmentos), 14 e 16 milímetros (44 fragmentos), 16 e 18 milímetros (35 fragmentos), 18 e 20 milímetros (19 fragmentos), 20 e 22 milímetros (7 fragmentos), 4 e 6 milímetros (33 fragmentos) e 6 e 8 milímetros (165 fragmentos).

Quanto ao número mínimo de potes, os dados nos mostram que há um mínimo de xx potes cerâmicos no sítio Totó, sendo 4 deles exumados na estrutura funerária do *locus 1* e xx deles exumados no *locus 3*, somando-se aí os materiais coletados na estrutura de terra preta e na trincheira.

Dos 28 potes exumados no *locus 3*, cinco deles foram projetados como do tipo *ñaembé* (com 14, 18, 22, 22, 30 cm de diâmetro de borda), sete como *ñaetá* (com 14, 20, 20, 20, 22, 22, 28 cm de diâmetro de borda), onze como *cambuchí caguâba* (18, 20, 22, 22, 22, 22, 24, 24, 26, 26, 28 cm de diâmetro de borda) e cinco como *yapepó* (12, 18, 20, 22, 22 cm de diâmetro de borda). É necessário lembrar que ainda no *locus 2*, foi escavado um *cambuchí guaçu*, com forma exótica (ver projeções em anexo 17).

No caso do sítio Totó, o conjunto artefactual cerâmico analisado até o momento indica a tendência a potes de todas as dimensões: pequenos, médios e grandes. Há um predomínio de potes com espessuras entre 6 e 8, 8 e 10 e 10 e 12 milímetros, mas é necessário prestar atenção para o surgimento de índices elevados de potes mais finos, entre 4 e 8 milímetros, e, por outro lado, índices não muito elevados, mas significativos por ocorrerem somente neste sítio, acima de 14 milímetros. Complementam-se a esses dados as dimensões de diâmetro de borda, que indicam a ocorrência de potes de diversos tamanhos, mas um predomínio de potes medianos.

Fotos 101 a 103: bordas de potes *cambuchí caguâba* – tipo 1, 2 e 3. Fotos: Rafael Milheira

Fotos 104 e 105: bordas de potes *ñaembé* – tipo 1 e 2. Fotos: Rafael Milheira

Fotos 106 e 107: bordas de potes *ñaetá* – tipo 1 e 2. Fotos: Rafael Milheira

Fotos 108 a 110: bordas de potes *yapepó* – tipo 1, 2 e 3. Fotos: Rafael Milheira

Quanto às formas das vasilhas, a maior parte do conjunto artefactual não apresentou surpresas de contorno. Chamamos atenção apenas para três casos que “fogem um pouco à regra” se compararmos com conjuntos de sítios de outras regiões, porém, é interessante ressaltar que no litoral da Laguna dos Patos, poucos trabalhos foram realizados apresentando a indústria cerâmica Guarani de um ponto de vista tecno-tipológico. Neste sentido, pouco sabemos sobre o estilo regional Guarani da

Laguna dos Patos para que possamos afirmar quais as “normas” ou padrões que regem a produção de vasilhas.

1) **Borda com furo de suspensão:** O primeiro caso não foge ao padrão no contorno, mas tem um ítem na borda cerâmica que chama atenção. Trata-se de um furo de suspensão, não muito usual na cerâmica Guarani, mas bastante comum na cerâmica Vieira, encontrada nos cerritos. Não queremos dizer, com base neste elemento tecnológico, que tenha havido contato entre os grupos, mas queremos sim chamar atenção para que se considere que a presença de furo de suspensão em vasilhas Guarani talvez possa ser um elemento comum, sem que o furo de suspensão seja tratado como um “fóssil guia” ou diagnóstico da tradição Vieira.

Fotos 111 e 112: vasilha semi-inteira 66.03.395+362 do tipo *cambuchí-caguâba* com furo de suspensão na borda. Foto: Rafael Milheira

Projeção 1: vasilha 66.03.395+362 com furo de suspensão na borda. Mais detalhes em anexo 17.

2) **Miniatura de yapepó:** o segundo caso se refere a duas miniaturas de vasilhas do tipo yapepó (uma base e uma vasilha semi-inteira), coletadas entre os materiais da estrutura de terra preta. Miniaturas de vasilhas não são incomuns em sítios arqueológico Guarani e são geralmente tratadas como indicadores de relações de ensino-aprendizagem, visto que as pequenas vasilhas seriam tentativas de confecção elaboradas pelas meninas (La Salvia & Brochado 1989; Jacques 2007)

Esta constatação foi percebida no campo etnográfico por Silva (2000a). Em seu trabalho, entre os Asuriní, a autora comenta que a cerâmica é o ‘símbolo da comida’ e o aprendizado de sua confecção se dá desde muito cedo:

“(...) em minhas diferentes temporadas na aldeia, pude presenciar as meninas e mulheres jovens e menos experientes passarem pelos ensinamentos das mulheres mais velhas. No processo de aprendizagem o domínio das formas do corpo das vasilhas é uma das etapas mais difíceis e implica que sejam elaboradas inúmeras miniaturas das mesmas, para que a jovem ceramistas, através da intensa repetição da sequência produtiva, consiga adquirir os hábitos motores para reproduzir as especificações formais das vasilhas que são extremamente rígidas entre as Asuriní.” (Silva 2000a: 83-84).

Foto 113 e Projeção 02: vasilha semi-inteira 70.03.245. Miniatura de panela do tipo *yapepó*. Mais detalhes em anexo 17. Foto: Rafael Milheira

Foto 114: base de miniatura de panela do tipo *yapepó*. Foto: Rafael Milheira

Além da vasilha em miniatura também foram encontradas quatro bolotas de argila que foram levadas ao fogo e cozidas. Estas bolotas de argila além de representarem atividades de produção de cerâmica, pois são excessos de argila retiradas da vasilha ainda úmida, durante a etapa de aprimoramento da forma, podem ser tratadas também como indicadores de processos de ensino-aprendizagem. Em uma das bolotas são bem claras marcas de ungulação, semelhantes àsquelas

encontradas na superfície de vasilhas com decoração plástica ungulada e em duas bolotas de argila percebemos que houve um amassamento das mesmas resultante da manipulação da argila.

Neste sentido, tratamos estas bolota de argila como indícios de aprendizagem, em que a tentativa de confecção se daria inicialmente com marcas plásticas em bolotas de argila e manuseio das mesmas para o aprendizado da textura ideal. Após esta etapa de aprendizagem com a utilização de pequenas bolotas de argila, um segundo passo seria então a confecção de miniaturas.

Foto 115: bolotas de argila do sítio Totó.
Foto: Rafael Milheira

Foto 116: bolota de argila com marcas de ungulação e amassamento. Foto: Rafael Milheira

Fotos 117 e 118: bolota de argila com marcas de ungulação e amassamento em ambas as faces. Fotos: Rafael Milheira

Fotos 119 e 120: bolota de argila com marca de amassamento em uma das faces. Fotos: Rafael Milheira

3) **Vasilha com flange labial:** na base da estrutura de terra preta encontramos dois fragmentos de borda cerâmica que se encaixam, mas que, a primeira vista não pareciam ser de uma forma muito comum. Na tentativa de projetar o contorno da vasilha percebemos que se tratava claramente de uma forma “exótica”, classificadas desta forma porque fogem aos padrões de formas das vasilhas Guarani comumente registradas.

Trata-se, no caso, de uma vasilha com flange labial que se estende da parte interna do lábio, seguindo horizontalmente até um diâmetro superior ao maior diâmetro do pote. Não conhecemos o diâmetro total do flange, pois o mesmo se encontra fragmentado na sua parte externa, bem como desconhecemos o contorno total de sua forma, porém, seguindo o contorno da peça sugerimos que o pote tenha um formato globular e levemente aberto. Este vasilhame apresenta linhas vermelhas finas como pintura em sua superfície externa, perpendiculares ao flange labial e verticais no sentido da vasilha.

Projeção 03: vasilha 70.03.572 com flange labial. Mais detalhes em anexo 17.

Além desta borda encontrada no sítio PS-03-Totó, uma outra borda semelhante, que remonta a uma vasilha de mesmo tipo foi encontrada no sítio PSGPA-01-Raffi 1, localizado na serra do sudeste (ver anexo 21). Além disso, fora de nossas coleções cerâmicas temos notícias de apenas duas ocorrências de vasilhas deste tipo. No que se refere à vasilha encontrada no sítio Totó, não temos como afirmar se a mesma seria uma urna funerária, como nos dois casos vistos abaixo, pois a encontramos num contexto de deposição de refugos domésticos.

A primeira foi apresentada por Corrêa (2006: 177), se tratando de um vasilhame com contorno fechado, semelhante na borda, mas com pintura geométrica na parte superior do flange em “*linhas pretas entremeadas por pontos sobre fundo branco (...) limitada na borda interna do flange (que coincide com a borda da boca do vasilhame) por três linhas paralelas que aparentemente percorriam toda a borda do vasilhame (...)*”. Esta peça foi encontrada no sítio Teixeira Lopes, em Juiz de Fora-MG, localizado na planície fluvial do Rio do Peixe (tributário da bacia do Paraíba do Sul) e estava associada a um contexto funerário.

Projeção 04: vasilha com flange labial e desenhos geométricos, apresentada em Corrêa (2006: 177).

O segundo caso é apresentado por Simões (1967), o qual apresenta também uma vasilha com flange labial⁴⁵, encontrada no rio Coluene da bacia do rio Xingu. Esta vasilha também estava associada a um contexto funerário, sendo tratada como urna funerária, mas, ao invés de pinturas na superfície, a decoração é incisa, formando também uma composição de linhas retas em um desenho geométrico.

Projeção 05: vasilha com flange labial e incisões, apresentada em Simões (1967: 150).

⁴⁵ Neste caso o autor denomina este tipo de borda como plana incisa (Simões 1967: 150).

✓ **Material lítico**

Além dos materiais cerâmicos, os materiais líticos documentados no sítio chamam atenção não só pela sua quantidade superior, em comparação aos outros sítios litorâneos, mas também pela diversidade artefactual registrada. Analisamos todo material lítico coletado nas escavações do sítio Totó, tanto da unidade de escavação da estrutura de terra preta (estrutura de deposição de refugos domésticos), como da trincheira (onde ocorre a estrutura arquitetônica). Trata-se de um total de 139 artefatos líticos, sendo 55 lascas, micro-lascas e fragmentos de lascas de arenito friável, calcedônia, granito e basalto e 84 instrumentos, sendo 51 artefatos brutos, em sua maioria de arenito friável, 26 afiadores em canaleta de arenito friável, 2 lâminas de machado fragmentadas de basalto, 1 artefato modificado, 2 alisadores em quartzo e 2 núcleos (1 de calcedônia e 1 de quartzo).

Além da diversidade de tipos de artefatos identificados no sítio e, principalmente na estrutura de terra preta, chama atenção os tipos de matéria-prima das peças, visto que são todas de origem distante do sítio, sendo necessário para captação destes recursos deslocamentos acentuados e manutenção de redes sociais de troca de bens materiais. Desta forma, os materiais líticos são indicadores da amplitude do *teko'á do arroio Pelotas* e da relação entre os grupos Guarani da serra com os grupos Guarani do litoral, como vimos no item 4.3.2, capítulo 04.

A análise tecno-tipológica dos artefatos líticos, além de ter demonstrado uma variedade bastante significativa de tipos artefatuais, também evidenciou diferentes formas de uso destes artefatos, indicando especificidades de manuseio e descarte de diferentes matérias prima. A partir da análise realizada pudemos classificar os tipos artefatuais em *indústria de curadoria* e *indústria expediente*, o que diz respeito a estes padrões de uso e descarte e ao investimento para obtenção da matéria prima.

Em primeiro lugar, temos os artefatos que representam um esforço acentuado na manutenção e procura da matéria prima, representativos da categoria de indústria de curadoria. É o caso, por exemplo, das lascas confeccionadas sobre calcedônia, que são de difícil acesso por suas fontes distarem até 200 km. O uso e confecção destas lascas implica em um manuseio adequado e cauteloso, não sendo esperado o desperdício de matéria prima. Logo, notamos que a frequência de lascas unipolares representa a maioria das peças (21 lascas), enquanto que as lascas bipolares são praticamente insignificantes do ponto de vista quantitativo (3 lascas). Estes dados indicam que houve um aprimoramento tecnológico importante para a confecção de instrumentos em calcedônia, pois sabe-se que o lascamento unipolar é mais sofisticado e permite maior controle da debitagem, necessitando, é claro, maior experiência. Por outro lado, o lascamento bipolar necessita menos qualificação, mas, em contrapartida, gera um desperdício maior de matéria prima.

Em segundo lugar, chamamos atenção para os afiadores em canaleta que totalizam 26 peças, os quais indicam que houve o fabrico de artefatos como pontas de projétil, furadores para

atividades de captação de recursos ou, até mesmo, adornos labiais (tembetás) (cf. Noelli 1993). Confeccionados em arenito friável, cujas fontes distam, pelo menos, 65 km do sítio Totó, os afiadores demonstraram estarem altamente explorados, visto que a maioria das peças apresenta sulcos em no mínimo duas faces da peça, quando não ocorre em todas as faces. Desta forma, consideramos que a exploração acentuada das peças se deva à dificuldade em obtenção do arenito, sendo necessário, portanto, utilizar os suportes disponíveis. É importante ressaltar que as plaquetas de arenito não utilizadas como afiadores em canaleta não têm marcas de uso em sua maioria, sugerindo se tratar de matéria prima estocada possivelmente para confecção futura de instrumentos.

Os blocos de quartzo, por sua vez, são as peças classificadas como indústria expediente. Trata-se de blocos, na sua maioria sem alteração térmica ou marcas de uso, disponíveis a distâncias de 30 km. Estas peças são geralmente tratadas pela literatura como suportes para panelas em fogueiras, escoras e aquecedores (Noelli 1993; Soares 2005). Ainda em quartzo, foram coletados cinco seixos de pequeno porte que podem estar relacionados ao processo de manufatura de vasilhas cerâmicas. Estes pequenos seixos de superfície bastante alisada, são reconhecidos como instrumentos utilizados na etapa de alisamento da superfície cerâmica, permitindo, inclusive, dar à cerâmica um polimento brilhoso (Shepard 1985 [1956]).

É importante também ressaltar, que os materiais líticos analisados demonstraram bastante uso, sobretudo aqueles coletados na estrutura de terra preta. As lascas de calcedônia são bastante delgadas e há um grande percentual de fragmentos de lascas. Além disso, os afiadores em canaleta parecem ter sido explorados até a exaustão, visto que têm diversos sulcos, em geral, em todas as suas faces ativas. O grau de exploração das peças é um dado importante para pensarmos a funcionalidade da estrutura de terra preta do sítio, como veremos a seguir.

Fotos 121 e 122 afiadores em canaleta de arenito e lascas de calcedônia. Fotos: Rafael Milheira

Fotos 123 a 125: lâminas de machado de basalto, blocos de arenito e quartzo e seixos de quartzo.
Fotos: Rafael Milheira

Prancha com exemplares de materiais líticos. Sítio PS-03-Totó

✓ **Funcionalidade do contexto arqueológico**

✓ **Estrutura de terra preta do *Locus* 3**

A estrutura de terra preta, caracterizada como um “pacote” de terra antropogênica está associada a centenas de fragmentos de cerâmica, lítico, vestígios arqueofaunísticos e vegetais, compõe um contexto arqueológico bastante importante para o entendimento do sítio arqueológico. Para interpretar esta estrutura arqueológica é necessário levarmos em consideração a análises dos vestígios materiais e a comparação dos dados empíricos.

A frequência de materiais coletados na estrutura de terra preta, com uma área de 4m² é muito superior quantitativamente se comparada com os demais sítios litorâneos. Se compararmos o volume escavado nesta área (3 m³), em que foram coletados 1051 peças, com o volume escavado no sítio Camping, no *locus* 2, onde identificamos a principal estrutura arqueológica neste sítio (área de 4 m² e volume de 2 m³), em que foram coletados 143 peças, fica claro que no sítio Totó foi coletado quase sete vezes mais material, numa área de mesmo tamanho, mas com um volume 1,5 vezes maior. Isto demonstra que a frequência de materiais no sítio Totó é acentuadamente maior que no sítio Camping, o qual, por sua vez, seria o segundo sítio de maior frequência entre os sítios do litoral.

Além disso, do ponto de vista qualitativo, há uma variedade significativa de dimensões de potes, desde vasilhas com espessuras finas com 4 a 10 mm, até vasilhas com espessuras grossas entre 12 e 22 mm que remontam a potes de grandes, médias e pequenas proporções. Assim como há potes de variadas dimensões há também diferentes tipos de potes, desde vasilhas destinadas ao uso cotidiano, que servem para o preparo e consumo de alimentos, como é o caso das caçarolas, panelas, pratos e tigelas, como também vasilhas para o preparo e armazenamento de líquidos, denominadas talhas. Por outro lado, nota-se uma grande variedade de tratamento de superfície das vasilhas, desde superfícies alisadas até decoradas com variadas plasticidades, pinturas e engobos. Isto tudo sugere que estamos lidando com um conjunto artefactual mais sofisticado e diversificado nos aspectos tipológicos e decorativos.

Os materiais líticos registrados na estrutura de terra preta têm um padrão de descarte bastante claro, que diz respeito a sua exploração exaustiva. É o caso, por exemplo, das lascas e fragmentos de lascas que são resíduos de confecção de instrumentos líticos, assim como os núcleos e os afiadores em canaleta. Da mesma forma, as lâminas de machado de basalto, que fragmentadas não poderiam mais ser usuais em sua função primária. Estes materiais, após terem sido utilizados até sua total ou quase total exaustão foram todos depositados como refugos á beira do arroio, juntamente a centenas de outros detritos materiais.

Uma última questão a ser levantada a priori diz respeito a articulação dos materiais no contexto. Não se percebe uma articulação funcional relativa à alguma estrutura arqueológica arquitetônica, de combustão ou mesmo funerária, o que pode ser visto no croqui de distribuição espacial dos vestígios materiais. Levando isto em consideração, o registro arqueológico relativo à estrutura de terra preta pode ser definido sucintamente da seguinte forma: trata-se de um conjunto de fragmentos cerâmicos de diferentes tipos de potes, lascas e instrumentos líticos bastante explorados até a exaustão, restos de alimentação e grande quantidade de carvões. Esses materiais se encontram associados a um “pacote” de terra preta formado pela decomposição de matéria orgânica e combustão de materiais orgânicos, dado este que é atestado pela carbonização e calcinamento de vestígios arqueofaunístico.

Os vestígios arqueofaunísticos, por sua vez, nos trazem um dado importante que nos permite entender um comportamento de limpeza de vestígios orgânicos das áreas de vivenda. Devemos lembrar que na estrutura de terra preta estão presentes também 172 materiais arqueofaunísticos, mas na trincheira, a apenas três metros para o lado foram identificados apenas 45 materiais desta natureza. Como visto no item 4.3.3, capítulo 04, este dado sugere que tenha havido a limpeza da área das casas, sendo a “sujeira” dos restos de alimentação depositada na periferia das mesmas, próxima ao barranco do arroio.

Através dos dados apresentados é possível interpretar a área descrita como uma estrutura de deposição de refugos domésticos, em que os materiais parecem, por sua vez, terem sido “jogados” no terreno de forma aleatória e posteriormente queimados. Esta é uma interpretação interessante se considerarmos que a literatura arqueológica trata as estruturas de terra preta geralmente como vestígios de estruturas arquitetônicas, formadas pela ação antrópica relativa ao descarte de materiais orgânicos e abandono das vivendas. Neste caso, chamamos atenção que esta relação direta: *terra preta X vivendas* deve ser problematizada à luz dos dados empíricos e das possibilidades de que pacotes de terra antropogênica, semelhantes no registro arqueológico podem ser de origem diferenciada (cf. Noelli 1993; Soares 2005).

✓ **Trincheira do Locus 3**

Ao lado da unidade de escavação da estrutura de terra preta realizamos a escavação de uma trincheira de 10 metros por 50 centímetros de lado, perpendicular ao arroio Totó e, portanto, paralela à Laguna dos Patos. Entre os materiais arqueológicos coletados e analisados (cerâmica, lítico e arqueofauna), foram identificadas nessa escavação vários blocos de argila *in natura* que chamavam atenção por aparecerem em vários pontos da escavação. Inicialmente, não conseguimos perceber a

funcionalidade desses blocos de argila, se restos de produção de vasilhas cerâmicas ou talvez blocos depositados pela dinâmica do arroio Totó.

Intrigados sobre a funcionalidade desses blocos de argila no contexto arqueológico recorremos à bibliografia arqueológica, ou melhor dizendo, etnoarqueológica. Segundo Monticelli (1995: 32), a argila é utilizada pelos Guaraní como matéria-prima para confecção de vasilhas e cachimbos cerâmicos, para manufatura de pequenos adornos, como massa para construção de habitações e até como complemento alimentar.

Franz Müller (1989 *apud* Monticelli 1995: 32), comentando sobre as habitações dos Guaraní das parcelas Mbyá (Jeguakava Tenondé), Chiripa (Avá-Guaraní, Apapocuva ou Ñandeva) e Pai-Taviretã (Kaiová), relata que para evitar o vento, o frio e as chuvas, usa-se na parede da paliçada, madeira ou varas (da palmeira) de pindó, e reboco com argila úmida (*tudju*). Essa informação, é confirmada por Susnik, ao indicar que, entre os Mbyá: *‘as paredes (das casas) se hallan revestidas además con gruesas capas de barro, generalmente rojo, debido a la coloración misma de la tierra’* (Susnik s/a *apud* Monticelli 1995: 32).

Ainda segundo a autora supra-citada, o barro para construção das casas é, por vezes, obtido com a abertura de um buraco no chão onde se coloca água. Criando-se um barreiro e pisoteando-o com palha até criar uma pasta. Este barro, produzido artificialmente para produção de casas é chamado *yvy nhamo’u*, que, segundo Garlet (1995) significa ‘fazemos barro da terra’.

A esse barro utilizado para construção de vivendas, os Guaraní chamam de *tudju* ou *tuju*. Montoya (1876: 397 *apud* Monticelli 1995: 33) faz referência ao termo ‘*tuyû*’ como ‘lodo, barro, coisa podre’. Porém, os Mbyá afirmam que a palavra não pertence ao seu dialeto, pois seria um termo usual entre os Guaraní paraguaios. Sendo assim, entre os Mbyá, o barro para construção de casas se denomina *yapó*, termo esse, que segundo Montoya (1876: 163) e Cadogan (1992: 192) significa ‘pantano’ (Monticelli 1995).

“Assim, ‘el suélo, cuidadosamente despojado de toda vegetación, és cobierto con arcilla húmeda o simplemente humedecido y se lo apisiona fuertemente, ya sea con los pies o con el tableador (Yvy petecha) o bien es golpeado como una era’ (Müller 1989: 67).

Garlet (comunicação pessoal 1995) confirmou o fato de que, mesmo atualmente, os Mbyá para prepararem uma nova casa, utilizam terra úmida no piso, seja para elevar cerca de 10 centímetros do nível do solo, seja para corrigir as irregularidades do terreno. Esta terra é então socada com o auxílio de uma tora” (Monticelli 1995: 33-34).

Esta informação permitiu definir que o contexto arqueológico escavado na trincheira do sítio Totó é uma estrutura arquitetônica. Os blocos de argila teriam então sido utilizados como piso para preencher falhas no chão das casas ou, até mesmo, como revestimento das paredes para proteção

do frio, vento e chuva. Essa hipótese se fortaleceu mais tarde com a descoberta de esteios e estacas associados a esses blocos de argila, na quadrícula 4.9. Foram evidenciados um esteio em posição horizontal, no sentido leste-oeste e um outro esteio na posição vertical “socado” dentro de argila, junto a duas pequenas estacas usadas como cunhas para fixá-lo, também fixadas dentro da argila. Não é possível saber se os esteios seriam da parte central ou lateral da casa, nem se seriam de apenas uma habitação ou de duas, pois o esteio em posição vertical, nitidamente teria caído próximo ao outro sendo ou de uma outra parte da casa ou de uma casa próxima.

Além disso, é importante ressaltar que o barro usado para a produção de vivendas (*tudju*) não é o mesmo usado para confecção de vasilhas cerâmicas ou cachimbos. Essa informação se torna importante na medida em que nos conduziu a descartar a possibilidade de pensar os blocos de argila como restos de confecção de vasilhas cerâmicas. Por outro lado, não foram identificadas estruturas de combustão associadas a esses blocos que pudessem ser definidas como fornos de queima de vasilhas, tampouco foram evidenciados roletes e bolotas de argila cozidos junto a esses blocos, que indicassem restos de confecção de potes cerâmicos. Nesse sentido, devido a ausência de estruturas e restos de confecção de vasilhas, interpretamos que o contexto evidenciado na trincheira escavada seja mesmo de estruturas arquitetônicas.

✓ **Funcionalidade do contexto arqueológico**

Para constituir uma interpretação funcional do sítio Totó é preciso relembrar os seguintes fatores: o sítio se situa na margem da Laguna dos Patos e arroio Totó numa área de dispersão de materiais que chega a 200 metros de raio. Do ponto de vista quantitativo foram coletados 1556 vestígios materiais, o que representa uma quantidade muito elevada de materiais se compararmos com os outros sítios arqueológicos estudados. Além disso, é importante lembrar que a coleção de materiais cerâmicos é a mais diversificada, do ponto de vista estilístico e funcional, entre os sítios do litoral, bem como os materiais líticos indicam fabrico de instrumentos para atividades quotidianas.

Além das questões tioplógicas, que indicam um conjunto artefactual mais complexo e sofisticado, se pensarmos em termos funcionais e estilísticos, devemos lembrar que a presença de estruturas arqueológicas como de deposição de refugos, arquitetônicas e funerária sugerem também que o contexto arqueológico seja mais diversificado. Levando estes fatores em consideração, interpretamos que o sítio PS-03-Totó tenha sido uma área de assentamento denso, possivelmente com uma demografia também mais densa que no caso dos outros sítios litorâneos. Sugerimos inclusive que esta ocupação densa esteja associada a uma ocupação permanente, caracterizando uma aldeia litorânea.

Partindo para uma discussão mais ampla, que diz respeito aos aspectos sociais da aldeia, não devemos esquecer que a presença de bolotas de argila com e sem marcas plásticas de manipulação

e vasilhas em miniatura e pequenos seixos de quartzo, são indícios materiais de contextos de ensino-aprendizagem e de atividades de produção cerâmica, os quais, por sua vez, sugerem atividades coletivas que incluem pessoas de idades variadas. As atividades de ensino-aprendizagem envolvem, por um lado, mulheres mais velhas e experientes com relação às técnicas de fabrico cerâmico, e, por outro lado, as meninas e mulheres mais jovens, menos experientes no que se refere a estas técnicas e, portanto, aprendizes (Silva 2000, 2000a; Jacques 2007).

As atividades de produção cerâmica podem ser tanto coletivas como individuais (Shepard 1985 [1956]). Envolve uma cadeia operatória de atividade, em que várias pessoas podem se envolver: desde a coleta do barro, de combustível para o forno, de matéria prima para tinturas, etc. Enfim, um conjunto considerável de indivíduos podem se envolver no processo de produção cerâmica, sendo uma atividade que, assim como a aprendizagem, permite às pessoas compartilharem idéias, valores sociais, visões de mundo. Exige comunicação, sociabilidade, integração e compartilhamento social cotidiano, práticas estas que, pensando na perspectiva cultural Guarani são típicas do contexto da aldeia, pois são práticas que se articulam entre velhos e moços, homens e mulheres, famílias extensas e famílias nucleares, e, até mesmo, entre diferentes aldeias ligadas por laços de parentesco.

Pensando numa relação sistêmica a partir das questões discutidas acima, esta aldeia litorânea estaria relacionada aos demais sítios do litoral, se configurando como o assentamento central, onde habita o conjunto de pessoas em famílias extensas. Esta aldeia seria um ponto chave para o sistema de assentamento no que se refere à questão estratégica, pois podemos interpretar que sua presença no litoral, além de servir como ponto estratégico que visa ao abastecimento de recursos lacustres para o *teko'á*, é ainda um ponto de manutenção da dominação territorial do litoral da Laguna dos Patos, ou seja, uma extensão do território Guarani, cuja extensão se dá desde o litoral até a região serrana.

5.1.13. Cerritos do Valverde

Durante a campanha de prospecções arqueológicas na região do loteamento Las Acácias e Valverde foi identificado um conjunto de Cerritos. Inicialmente foram encontrados 4 sítios através de informações de um morador local e mais tarde, com atividades de prospecção sistemática, mais 12 sítios foram identificados e registrados. Atualmente temos o registro de 16 Cerritos denominados PSG-Valverde 1 a 16.

Os sítios se localizam em torno do banhado do Valverde e pontal da Barra, há não mais de 500 metros do canal São Gonçalo e 1 km da Laguna dos Patos. Não foram realizados até o momento intervenções intra-sítio significativas nos Cerritos, além de algumas sondagens com escavadeira manual para identificação de vestígios arqueológicos.

Em função de os sítios se localizarem, em parte, nos terrenos do loteamento Valverde é preocupante o grau de impactação antrópica recente de seis Cerritos. De acordo com nosso informante local, membros da comunidade do loteamento mineram os sítios em busca de terra preta para comércio e também para coleta de minhocas para pesca, logo, os sítios apresentam buracos em sua porção central com peças arqueológicas e estratigrafia reviradas. Alguns esforços têm sido deslocados no sentido de pensar estratégias de preservação dos sítios que passam pela educação patrimonial e estudo científico do conjunto de sítios.

Em um dos sítios revirados pela impactação antrópica percebemos a ocorrência de fragmentos de cerâmica com decoração tipicamente Guarani. Trata-se de cerâmica com decoração plástica corrugada e escovada coletados assistematicamente nos sítios, que incitam a uma discussão sobre os processos de interação entre os grupos Guarani e cerriteiros (*cf.* Naue, Schmitz e Basile-Becker 1968; Naue et al. 1970; Schmitz 1976; Rogge 2004). No entanto, não iremos aprofundar nesse assunto por não ser este nosso foco da pesquisa.

Foto 126: vista geral do banhado do Valverde, onde se localizam os cerritos. Note-se que os capões de mato na foto, são onde se localizam alguns sítios

Foto: Rafael Guedes Milheira

Foto 127: perfil de um cerrito causado pela impactação de exploração de areia para jardinagem e coleta de minhocas

Foto: Rafael Guedes Milheira

Foto 128: sondagens para identificação de cerritos.
Foto: Rafael Guedes Milheira

Foto 129: cerâmicas e vértebras de peixe expostos
pela impactação antrópica atual. Foto: Rafael Milheira

Mapa com distribuição dos cerritos no banhado do Valverde, às margens da Laguna dos Patos e canal São Gonçalo. Adaptado do Plano Diretor do Município de Pelotas, 2007.

5. 3. Sítios da serra

Até o momento foram identificados 13 sítios arqueológicos na serra do sudeste. A identificação dos sítios foi possível através de prospecções arqueológicas e das informações da comunidade de agricultores locais, que moram e trabalham geralmente nas áreas dos sítios. Realizamos trabalhos arqueológicos apenas em quatro sítios: PSGPA-01-Raffi 1, PSGPA-02-Schwenke 1, PSGPA-03-Rutz e PSGPA-04-Ribes. Os demais foram apenas identificados e registrados,

Na região da Colônia Maciel foram identificados três sítios em topo/meia encosta de morro (denominados por enquanto por Sítio Escultura, Sr. Tico-Tico e Sr. Maneco), circundando o morro Farroupilha, cuja altura o transforma num marco paisagístico importante. Esse morro é uma Área de Preservação Ambiental do município e é ocupado por famílias Guaraní eventualmente, os quais denominam o local de “Capim Verde”. São conhecidos desses sítios alguns fragmentos de cerâmicas e bolas de boleadeiras recolhidos na lavoura pelos agricultores. Não realizamos levantamento intensivo nessa área, por isso a baixa quantidade de materiais identificados, porém, com a realização de atividades intensivas é provável que outros sítios arqueológicos venham a ser identificados. Nosso trabalho nessa área deve ser encarado somente como um diagnóstico de avaliação de potencial arqueológico.

Na região do vale do arroio Andrade e arroio Correntes, (região essa denominada de Rincão do Andrade), localizada do 3º Distrito do município de Pelotas foram identificados 10 sítios Guaraní também através de prospecções e de informações da comunidade local. Os sítios denominados de Magalon 1, Magalon 2, Raffi 1 e Raffi 2, Schwanke 1 e Schwanke 2, Rutz, Fouchi, Dummer e Ribes são localizados em topo/meia encosta de morro, próximos do morro dos Três Cerros, o qual é o maior acidente geográfico, sendo um marco na paisagem local. É importante destacar que o arroio Andrade desagua no arroio Pelotas, principal arroio da região da serra que, por sua vez, deságua na Laguna dos Patos. O arroio Correntes deságua diretamente na Laguna dos Patos, passando pela ilha da Feitoria.

Os sítios se caracterizam por estarem em áreas de agricultura e, por isso, bastante impactados pelo processo histórico de utilização da terra para produção agrícola. Em todos os casos, os agricultores comentaram que há mais de 50 anos os materiais cerâmicos são retirados do terreno por estragarem as enxadas e instrumentos usados na lavoura. Por esse motivo, os agricultores costumam até hoje retirar as peças do terreno e coloca-las em pontos onde os carros atolam nas estradas e em locais de passada de pedestres, sendo os materiais cerâmicos, neste caso, utilizados como material para aterro.

Faremos apenas a descrição de implantação e metodologia dos sítios identificados, priorizando os relatos nos sítios em que foram realizados trabalhos arqueológicos sistemáticos: Raffi 1, Rutz e Schwanke 1 e Ribes. As interpretações referentes à funcionalidade dos sítios fica prejudicada nos sítios em que não foram feitos trabalhos sistemáticos, porém, às percepções de campo e os relatos

dos agricultores, são fatores que somados aos vestígios arqueológicos densos em quantidade e facilmente visíveis no terreno são indicadores que todos os sítios serranos sejam aldeias densamente ocupadas com ocupação permanente.

5.2.1. Sítio Guarani PSGPA-01-Raffi 1

✓ Implantação do sítio na paisagem e metodologia aplicada

O sítio PSGPA-01-Raffi 1 é localizado em topo de morro/meia encosta (ver topografia do setor leste do sítio no anexo 10). Os materiais arqueológicos são facilmente identificáveis no terreno em função de as terras do Sr. Raffi serem lavradas há mais de 70 anos. Segundo o Sr. Raffi, era muito comum encher carroças de boi com fragmentos de cerâmica e pedras que se encontravam na lavoura e jogar na beira de sangas para facilitar a passada de carros. Mesmo com essa forte impactação, ainda é possível encontrar centenas de fragmentos de cerâmica no solo arado. Por outro lado, nas partes não aradas fica inviável realizar coleta de superfície devido às densas matas secundárias que cobrem o local.

Após a identificação do sítio, realizamos uma campanha arqueológica no sítio Raffi 1, no mês de agosto de 2007. Escavamos uma série de sondagens em área de mata densa secundária e em terreno arado, assim como realizamos coletas de superfície geo-referenciada nesses mesmos locais. Fizemos também medições topográficas em uma parcela do sítio, que caracteriza o lado leste do mesmo. As medições topográficas, nesse caso, foram realizadas com uso de estação total, mas ficou prejudicada em função da densa mata na porção central do sítio e pelo pouco tempo que dispúnhamos para desenvolver o trabalho.

As sondagens não evidenciaram nenhum tipo de estrutura arqueológica, mesmo nos locais onde o Sr. Raffi indicou como pontos onde antigamente se encontrava terra preta com muito carvão ou grandes concentrações de cerâmica e materiais líticos. Somente as coletas de superfície deram resultado no que se refere ao registro de vestígios arqueológicos. Foram coletadas 215 peças que analisadas em busca de seus aspectos tecno-tipológicos. Essa coleta superficial permitiu não só identificar vestígios, mas também definir através da dispersão dos materiais no solo, a dimensão espacial do sítio, cuja área ultrapassa 400 metros de diâmetro.

✓ **Sistematização e descrição dos vestígios arqueológicos**

✓ **O material cerâmico**

O material cerâmico do sítio Raffi 1 foi coletado através de coleta de superfície e sondagens. Realizamos a análise de 215 fragmentos cerâmicos, dos quais 195 são paredes e 20 são bordas. A técnica de roletes predomina na cerâmica do sítio e como antiplástico, os grãos de quartzo predominam na pasta cerâmica, porém, é importante chamar atenção para a significativa presença de chamote utilizado como tempero.

Quanto ao tratamento de superfície, 91 peças apresentam decoração plástica, sendo 67 fragmentos com decoração corrugada, 22 corrugado-ungulado e 2 ungulados. Além disso, apenas 5 peças apresentam pintura com linhas vermelhas sobre engobo branco, 2 peças com engobo vermelho e 18 com engobo branco. Das peças sem decoração, caracterizadas pelo tratamento de superfície alisada, 14 peças apresentam brunidura na superfície interna, 17 peças com polimento interno e 6 peça com polimento externo.

A queima das vasilhas demonstra um equilíbrio entre as categorias, o que indica a utilização de forno aberto. Predominam peças com pasta clara (70 fragmentos), seguida de pasta sanduíche (68 fragmentos), pasta escura (57 fragmentos), pasta clara externa e escura interna (15 fragmentos) e pasta clara interna e escura externa (5 fragmentos).

A medição de espessura dos fragmentos cerâmicos demonstra uma tendência a vasilhas de médio e grande porte, já que há um predomínio de peças com 10 a 12 milímetros de espessura (53 fragmentos), seguido de espessuras entre 8 e 10 milímetros (47 fragmentos), 12 e 14 milímetros (33 fragmentos), 14 e 16 milímetros (30 fragmentos), 6 e 8 milímetros (28 fragmentos), 16 e 18 milímetros (5 fragmentos) e 18 e 20 milímetros (3 fragmentos).

A projeção de vasilhas no sítio Raffi foi realizada através de oito bordas cerâmicas, sendo três vasilhas projetadas como do tipo *ñaetá* (com 22, 24 e 30 cm de diâmetro de borda), três como *cambuchí caguâba* (com 22, 22 e 40 cm de diâmetro de borda), uma como *yapepó* (18 cm de diâmetro de borda) e uma borda que remonta a uma vasilha do tipo *cambuchí* com formato exótico, a exemplo da vasilha encontrada no sítio PS-03-Totó (ver projeções em anexo 18).

A cerâmica analisada sugere que tenhamos um conjunto formado por potes de médias e grandes proporções. Há um predomínio de potes com espessuras entre 10 e 12 milímetros, surgindo um aumento importante nas espessuras acima de 14 mm. Complementam-se a esses dados as dimensões de diâmetro de borda, que indicam a ocorrência de potes de diversos potes médios.

✓ **Funcionalidade do contexto arqueológico**

A interpretação funcional sobre o sítio Raffi 1 deverá se explorada mais profundamente com pesquisas futuras, pois os procedimentos de intervenção que realizamos permitem realizar uma incipiente reflexão sobre a questão. Devemos lembrar que o sítio se localiza a aproximadamente 300 m de um arroio sem nome que passa no “pé” do morro onde o mesmo se situa. A dispersão de materiais chega aos 400 m de diâmetro e as informações orais dos proprietários da terra indicam que há décadas atrás havia uma grande densidade de materiais, inclusive com a ocorrência de estruturas arqueológicas. Foram identificadas materiais cerâmicos em superfície que remontam a vasilhas de médio e grande portes, indicando se tratar de um assentamento mais denso. A sistematização destes dados permite interpretar que o sítio Raffi 1 seja uma aldeia, articulada aos demais sítios arqueológicos localizados nos vales do arroio Andrade e arroio Correntes.

✓ **Intervenções arqueológicas no Sítio Raffi 1**

Foto 130: coletas em área lavrada. Sítio Raffi 1.
Foto: Rafael Guedes Milheira

Foto 131: cerâmicas postas em cima da pedra pelo agricultor. Foto: Rafael Guedes Milheira

Fotos 132 e 133: vista do morro dos Três Cerros a partir do Sítio Raffi 1 e sondagens em área lavrada.
Foto: Rafael Guedes Milheira

5.2.2. Sítio Guarani PSGPA-02-Schwanke 1

✓ Implantação do sítio na paisagem e metodologia aplicada

O sítio PSGPA-02-Schwanke 1 também se situa em topo/meia encosta de morro no vale do arroio Andrade. Há mais de 50 anos as terras onde se situa o sítio são lavradas por agricultores da família Schwanke e, por isso, os vestígios arqueológicos foram bastante impactados. Não foram realizadas, nesse caso, sondagens ou medições topográficas. Logo, não foi possível identificar qualquer tipo de estrutura sub-superficial. Somente coletas de superfície geo-referenciada foram realizadas, através da qual, coletamos 197 peças cerâmicas no assentamento.

Chama atenção no sítio, além das peças cerâmicas identificadas, uma estrutura de terra preta de formato circular com um diâmetro de 10 m, que pudemos caracterizar como um fundo de cabana. Nesse sentido, trata-se de uma estrutura arquitetônica recorrente na bibliografia arqueológica (*cf.* Pallestrini & Moraes 1984; Noelli 1993; Assis 1996; Soares 1997, 2005; Carle 2002).

✓ Sistematização e descrição dos vestígios arqueológicos

✓ O material cerâmico

Seguindo os mesmos procedimentos metodológicos, o material cerâmico do sítio Schwanke 1 foi coletado através de coleta de superfície e sondagens. Coletamos e realizamos a análise de 197 fragmentos cerâmicos, entre os quais 182 são paredes e 15 são bordas. Os potes foram confeccionados através da técnica de roletes e predomina na pasta cerâmica do sítio grãos de quartzo como antiplástico, mas, da mesma forma que em todos os sítios da serra, a presença de chamote é muito significativa, sendo evidentemente um tipo de material utilizado consistentemente.

Quanto ao tratamento de superfície, 94 peças apresentam decoração plástica, sendo 79 fragmentos com decoração corrugada, 13 corrugado-ungulado e 2 ungulados. Além disso, apenas 9 peças apresentam pintura com linhas vermelhas sobre engobo branco, 10 peças com engobo vermelho e 21 com engobo branco. Das peças sem decoração, caracterizadas pelo tratamento de superfície alisada, 10 peças apresentam brunidura na superfície interna, 16 peças com polimento interno e 10 peça com polimento externo.

A queima das vasilhas demonstra um equilíbrio entre as categorias, o que indica a utilização de forno aberto. Predominam peças com pasta clara (81 fragmentos), seguida de pasta escura (56

fragmentos), pasta sanduíche (45 fragmentos) pasta clara externa e escura interna (12 fragmentos) e pasta clara interna e escura externa (3 fragmentos).

A medição de espessura dos fragmentos cerâmicos demonstra uma tendência semelhante aos outros sítios da serra, em que ocorrem vasilhas de médio e grande porte, já que há um predomínio de peças com 10 a 12 milímetros de espessura (62 fragmentos), seguido de espessuras entre 8 e 10 milímetros (47 fragmentos), 12 e 14 milímetros (30 fragmentos), 14 e 16 milímetros (25 fragmentos), 16 e 18 milímetros (14 fragmentos), 6 e 8 milímetros (12 fragmentos), 18 e 20 milímetros (3 fragmentos) e 20 e 22 milímetros (3 fragmentos).

A projeção de vasilhas no sítio Schwanke 1 foi realizada através de seis bordas cerâmicas, sendo três vasilhas projetadas como do tipo *ñaetá* (com 20, 22 e 24 cm de diâmetro de borda) e duas como *yapepó* (com 40 e 56 cm de diâmetro de borda). Além dessas peças foi identificada uma vasilha com uma projeção que, a primeira vista, remonta a um pote do tipo *ñâmôpyu*⁴⁶, porém foi classificado como um prato de comer por ter um revestimento interno cromático: *ñaembé* (com 26 cm de diâmetro de borda). A vasilha se caracteriza como uma badeira muito rasa e o que chama atenção nesta vasilha é fato de o revestimento interno receber pinturas em linhas vermelhas e pretas, paralelas entre si tendendo a formas circulares no centro da vasilha. Este tipo de pote chama atenção por não ter sido encontrado nenhum outro nos conjuntos cerâmicos estudados (ver projeções em anexo 19).

A cerâmica analisada sugere que tenhamos um conjunto formado por potes de pequenas, médias e grandes proporções se levarmos em consideração os índices de espessura e as dimensões das vasilhas projetadas. Há um predomínio de potes com espessuras entre 10 e 12 milímetros, surgindo um aumento importante nas espessuras acima de 14 mm.

✓ **Funcionalidade do contexto arqueológico**

A interpretação funcional do sítio Schwanke 1 se torna clara se levarmos em consideração a diversidade de dimensões de pote: pequenos, médios e grandes. Além disso, há a presença importante de uma mancha de terra preta, geralmente tratada como vestígio de unidades habitacionais. A sistematização destes dados permite interpretar que o sítio Schwanke 1 tenha sido palco de vivência de um grupo maior de pessoas, se compararmos com sítios acampamentos, ou seja, podemos entender que o sítio em questão seja uma aldeia, articulada aos demais sítios arqueológicos localizados nos vales do arroio Andrade e arroio Correntes.

⁴⁶ Brochado & Monticelli (1994) e Brochado, Monticelli e Neumann (1990) sugerem que as vasilhas do tipo *ñâmôpyu* seriam torradores de mandioca, utilizados para a produção de farinha. Estas vasilhas têm uma forma de tigela rasa, com a base plana ou levemente arredondada e borda convexa muito sutil. Os torradores se diferenciam das tigelas e pratos de comer quando a mesma for revestida em sua porção interna com tratamentos cromáticos (pinturas e engobos), por serem potes de uso cotidiano em que se processa alimentos, assim como no caso dos *yapepó*.

✓ **Intervenções arqueológicas no Sítio Schwanke 1**

Foto 134: vista geral da área de implantação do sítio Schwanke 1. Foto: Rafael Guedes Milheira

Foto 135: coleta de superfície ao redor da estrutura arquitetônica. Foto: Rafael Guedes Milheira

Foto 136: estrutura arquitetônica caracterizada pela mancha de terra preta no solo. Foto: Rafael Guedes Milheira

Foto 137: fragmentos de cerâmica depositados no pé da árvore pelo agricultor. Foto: Rafael Milheira

5.2.3. Sítio Guarani PSGPA-03-Rutz

✓ **Implantação do sítio na paisagem e metodologia aplicada**

O sítio PSGPA-03-Rutz, situado em topo/meia encosta de morro também é área lavrada pelas atividades agrícolas há mais de setenta anos. Também não foram realizadas sondagens nem medições topográficas e não foi possível identificar nenhum tipo de estrutura arqueológica. Procedemos apenas à coleta de superfície geo-referenciada, totalizando apenas 69 fragmentos cerâmicos. Nota-se, neste sítio, que houve uma impactação bastante acentuada que fez com que as

peças identificadas fossem bastante erodidas e fragmentadas, visto que não se encontra fragmentos grandes de cerâmica, somente pequenos cacos. Estes materiais estão dispersos num diâmetro de aproximadamente 300 metros.

✓ **Sistematização e descrição dos vestígios arqueológicos**

✓ **O material cerâmico**

O material cerâmico do sítio Rutz compõe o menor conjunto entre os sítios da serra que receberam intervenção arqueológica de coleta de superfície. Coletamos e realizamos a análise de 69 fragmentos cerâmicos, entre os quais 62 são paredes e 7 são bordas. Os potes foram confeccionados com roletes e têm grãos de quartzo como principal tipo de antiplástico presente na pasta cerâmica, sendo que a presença de chamote é muito significativa.

Quanto ao tratamento de superfície, 31 peças apresentam decoração plástica, sendo 17 fragmentos com decoração corrugada, 6 corrugado-ungulado, 3 ungulados e 5 escovados. Além disso, apenas 1 peça apresenta pintura com linhas vermelhas sobre engobo branco, 1 peça com engobo vermelho e 3 peças com engobo branco. Das peças sem decoração, não foram identificadas peças com brunidura na superfície interna, somente 7 peças com polimento interno e 1 peça com polimento externo.

A queima das vasilhas demonstra um equilíbrio entre as categorias, o que indica a utilização de forno aberto. Predominam peças com pasta clara (35 fragmentos), seguida de pasta escura (14 fragmentos), pasta sanduíche (13 fragmentos) e pasta clara externa e escura interna (7 fragmentos). Não foram coletadas peças que apresentassem pasta clara interna e escura externa.

A medição de espessura dos fragmentos cerâmicos demonstra uma tendência semelhante aos outros sítios da serra, em que ocorrem vasilhas de médio e grande porte, já que há um predomínio de peças com 10 a 12 milímetros de espessura (24 fragmentos), seguido de espessuras entre 8 e 10 milímetros (10 fragmentos), 12 e 14 milímetros (18 fragmentos), 14 e 16 milímetros (6 fragmentos), 16 e 18 milímetros (6 fragmentos), 6 e 8 milímetros (3 fragmentos) e 18 e 20 milímetros (2 fragmentos).

A projeção de vasilhas no sítio Schwanke 1 foi realizada através de três bordas cerâmicas, sendo duas vasilhas projetadas como do tipo *ñaetá* (com 20 3 28 cm de diâmetro de borda) e uma como *yapepó* (com 22 cm de diâmetro de borda) (ver projeções em anexo 20).

A cerâmica analisada sugere que tenhamos um conjunto formado por potes de médias e grandes proporções se levarmos em consideração os índices de espessura e as dimensões das vasilhas

projetadas. Há um predomínio de potes com espessuras entre 10 e 12 milímetros, surgindo um aumento importante nas espessuras acima de 14 mm.

✓ **Funcionalidade do contexto arqueológico**

O sítio Rutz deverá ser explorado com maiores intervenções arqueológicas para uma interpretação funcional mais segura, porém, propomos aqui, como sugestão, que se trate de uma aldeia de menor porte que as demais aldeias da serra. É necessário lembrar que o sítio sofreu tão forte impactação pela agricultura que seus vestígios são muito esparsos e sutis, dificultando um estudo mais adequado. Levamos em consideração para esta breve interpretação que o conjunto cerâmico mostre uma tendência a potes de médio e grande porte, indicando se tratar de um assentamento mais denso.

✓ **Intervenções arqueológicas no Sítio Rutz**

Foto 138: vista geral e coleta de superfície no sítio Rutz. Foto: Rafael Guedes Milheira

Foto 139: vista geral do sítio Rutz. Ao fundo, vale do arroio Andrade. Foto: Rafael Guedes Milheira

5.2.4. Sítio Guarani PSGPA-04-Ribes

✓ **Implantação do sítio na paisagem e metodologia aplicada**

O sítio PSGPA-04-Ribes, também situado em topo/meia encosta de morro se situa entre o vale do arroio Andrade e o vale do arroio Correntes. Numa primeira visita ao sítio, constatamos a potencialidade do mesmo em função de que na década de 80 ou 90 o Sr. Ribes, enquanto lavrava a terra para o plantio caiu com o arado em um buraco onde estava enterrada uma urna funerária, a qual foi

retirada pelo agricultor. De acordo com nosso informante na região, o Sr. Sérgio Raffi e o atual proprietário do terreno, o Sr. Emilio Ribes, a urna tinha figuras geométricas e foi encontrada sem a sua tampa e sua base. Suas dimensões remontam a uma vasilha bastante grande com mais de 60 centímetros de diâmetro de boca e mais de um metro de altura. Na visita ao sítio foi possível registrar o buraco onde foi feita a escavação da urna funerária. Além disso, identificamos dezenas de fragmentos de cerâmica numa área de dispersão de mais de 250 metros de diâmetro, bem como duas manchas de terra preta, que caracterizam fundo de cabana, ou seja, tratam-se de estruturas arquitetônicas visíveis inclusive através de imagem de satélite. Em função desses achados, consideramos o sítio Ribes como de grande potencial para estudos arqueológicos, visto que a cobertura vegetal predominante no morro e na área do sítio ainda é mata nativa e, de acordo com o proprietário do terreno, é área praticamente intocada.

Avaliado o potencial do sítio, decidimos fazer uma intervenção arqueológica, desenvolvida entre os dias 1º e 3 de março de 2008. Durante esta campanha foi identificada uma outra mancha de terra preta, totalizando três manchas, que são interpretadas como estruturas habitacionais ou estruturas funcionais do assentamento. Foram realizadas sondagens com escavadeira manual, equidistantes em 20 m, cobrindo uma área de 140 m X 80 m da totalidade do terreno, onde se localiza o sítio arqueológico.

Não foram identificados materiais arqueológicos na maioria das sondagens, apenas as sondagens das manchas de terra preta evidenciaram alguns materiais, mas que não pudemos perceber contextos funcionais a partir destes fragmentos. A ausência de materiais nas sondagens deve ser pensada junto ao nítido problema de formação do sítio arqueológico, visto que se percebeu que o terreno é bastante modificado pelo arado que ocorre há mais de 100 anos. Essa percepção foi confirmada pela conversa com o proprietário da terra, que nos contou que o arado ocorre sempre no sentido leste-oeste do terreno, jogando as peças para o trecho oeste do sítio. Esse processo fez com que as peças tivessem um transporte lateral em direção ao oeste do sítio, bem como foi responsável pela remoção de uma camada de aproximadamente 50 cm de terra. Isso também fez com que as manchas de terra preta fossem descobertas e reviradas constantemente impactando o terreno de forma a desconstruir possíveis micro-contextos funcionais dentro das manchas. Ademais, as manchas hoje são menos espessas, tendo sobrado apenas uma camada da base da mesma de aproximadamente 10 cm. Devido a essa impactação do terreno não foi possível coletar materiais carbônicos para datação, visto que a técnica de coivara para desmatamento e plantio era prática tradicional em décadas passadas.

Além das sondagens com escavadeira, realizamos a escavação de três sondagens em quadrículas de 50 cm X 1 m na mancha de terra preta 2 (formato elipsoidal com 10 m de diâmetro) (ver croqui do sítio no anexo 11). Da mesma forma, realizamos a escavação de três sondagens na mancha 3 (formato elipsoidal com 20 m de diâmetro) e nenhuma sondagem na mancha 1 (formato circular com 18 m de diâmetro) por se localizar na área de plantio de milho. Além das sondagens, realizamos coleta

de superfície sistemática, que totalizam 197 materiais cerâmicos e duas lascas de quartzo. Foi priorizada coleta de materiais localizados dentro das manchas de terra preta. É importante ressaltar que no interior das manchas se localizava a maioria dos materiais, demonstrando relação direta entre as unidades de habitação e o descarte dos materiais.

Em função de averiguar possíveis materiais no contexto da urna funerária retirada pelos agricultores há décadas atrás, decidimos escavar o entorno da cova funerária onde se localizava a urna. Abrimos uma área de escavação de 2 m X 2 m em torno do “buraco”, coletando materiais cerâmicos com plotagem individual de peças. Durante as escavações do entorno da cova, identificamos, através de uma “toca de tatu” da parede sul uma outra urna funerária. Nesse caso, resolvemos estender a malha, em vias de escavar e entender este contexto funerário. Foram abertas outras onze quadras de 1 m de lado, totalizando uma área de decapagem de 15 m², em que todos os fragmentos cerâmicos identificados foram coletados com plotagem individual de peças.

Através da decapagem foi possível compreender que se trata de uma estrutura funerária com a ocorrência de duas urnas funerárias. Sobre a primeira não temos muitos dados, em virtude de a mesma ter sido retirada pelos agricultores há décadas atrás. A segunda urna funerária, escavada em nossa campanha arqueológica, estava depositada em sentido vertical, com um pote do tipo *cambuchí guaçu* emborcado, que foi retirado inteiro. A urna funerária também é do tipo *cambuchí guaçu* e teve sua borda quebrada pelo peso da terra, da tampa e pela bioturbação constante, registrada pela presença de raízes e toca de animais. No interior da urna não foi identificado qualquer tipo de vestígio de esqueleto humano. Da mesma forma, não foi identificado carvão que pudesse gerar uma amostra para datação, logo, a única possibilidade de datação foi através da coleta de um fragmento de cerâmica da parede da urna que foi enviado ao Laboratório de Vidros e Datações da FATEC-UNESP e datado através da técnica de Termoluminescência, apontando a idade de 510 ± 70 A.P. (protocolo 1968 do LVD-FATEC) para a urna funerária e seu contexto⁴⁷.

É interessante notar que as duas urnas estavam depositadas num afloramento rochoso de granito. Para a deposição das urnas houve nitidamente um preparo do solo com a retirada de blocos de granito, formando duas covas em que as urnas foram colocadas. Em torno das covas o granito é uniforme formando um tipo de laje, o que indica mesmo que as covas foram preparadas especificamente para a colocação das urnas. Sobre a urna escavada em nossa campanha foi identificada uma série de fragmentos de uma vasilha do tipo *ñaetá* (caçarola) e outros fragmentos de outros tipos de potes, o que sugere algum tipo de atividade simbólica de oferendas ao morto sepultado. Da mesma forma, em torno da urna retirada pelos agricultores identificamos fragmentos de uma vasilha do mesmo tipo, reforçando a idéia de que atividades simbólicas tenham sido realizadas no sepultamento, como era de se esperar inclusive.

⁴⁷ Ver dados da datação realizada pelo Laboratório de Vidros e Datações em anexo 22.

A tampa da urna funerária do tipo *cambuchí guaçu* tem 26 cm de altura X 41,5 cm de diâmetro de boca (ver projeções das vasilhas e decoração no anexo 21). A superfície interna desta vasilha é polida, havendo engobo vermelho no lábio da peça. A superfície externa é revestida com pintura em linhas sinuosas vermelhas sobre engobo branco na porção superior da vasilha e alisamento sem nenhum tipo de decoração na porção inferior. A urna funerária, por sua vez, tem 80 cm de altura X 32 cm de diâmetro de borda e 40 cm de diâmetro máximo (medido na carena da peça). A superfície interna é polida e a superfície externa é revestida na sua porção superior por linhas geométricas vermelhas. Na porção inferior da vasilha não há nenhum tipo de decoração.

✓ **Sistematização e descrição dos vestígios arqueológicos**

✓ **O material cerâmico**

O material cerâmico do sítio Ribes foi coletado nas manchas de terra preta e na estrutura funerária. Entretanto, somente realizamos a análise dos 150 fragmentos cerâmicos coletados nas manchas de terra preta, dos quais 133 são paredes e 17 são bordas. Todas as peças foram confeccionadas com uso de roletes e têm como grãos de quartzo o principal tipo de anti-plástico presente na pasta cerâmica, porém, é importante chamar atenção para a significativa presença de chamote utilizado como tempero.

Quanto ao tratamento de superfície, 82 peças apresentam decoração plástica, sendo 54 fragmentos com decoração corrugada, 23 corrugado-ungulado e 5 ungulados. Além disso, apenas 2 peças apresentam pintura com linhas vermelhas sobre engobo branco. Das peças sem decoração, caracterizadas pelo tratamento de superfície alisada, 6 peças apresentam brunidura na superfície interna, 10 peças com polimento interno e 1 peça com polimento externo.

A queima das vasilhas demonstra um equilíbrio maior entre as categorias, o que indica a utilização de forno aberto. Predominam peças com pasta escura (49 fragmentos), seguida de pasta sanduíche (40 fragmentos), pasta clara (39 fragmentos), pasta clara externa e escura interna (20 fragmentos) e pasta clara interna e escura externa (2 fragmentos). A medição de espessura dos fragmentos cerâmicos demonstra uma tendência a vasilhas de médio e grande porte, já que há um predomínio de peças com 10 a 12 milímetros de espessura (42 fragmentos), seguido de espessuras entre 8 e 10 milímetros (31 fragmentos), 12 e 14 milímetros (28 fragmentos), 14 e 16 milímetros (24 fragmentos), 6 e 8 milímetros (11 fragmentos), 16 e 18 milímetros (10 fragmentos) e 18 e 20 milímetros (4 fragmentos).

Apenas 3 bordas permitiram a projeção de vasilhas no sítio Ribes, sendo uma vasilha projetada como do tipo *ñaetá* (com 30 cm de diâmetro de borda), um como *cambuchí caguâba* (22 cm de diâmetro de borda) e um como *yapepó* (24 cm de diâmetro de borda) (ver projeções em anexo 21).

O conjunto artefactual cerâmico analisado indica a tendência a potes de médias e grandes proporções. Há um predomínio de potes com espessuras entre 10 e 12 milímetros, mas é necessário prestar atenção para o surgimento de índices elevados de potes mais grossos, 14 e 18 milímetros. Complementam-se a esses dados as dimensões de diâmetro de borda, que indicam a ocorrência de potes de diversos de potes médios.

✓ **Funcionalidade do contexto arqueológico**

É importante relembrar, para uma uma interpretação funcional do sítio Ribes, que o mesmo se localiza a aproximadamente 100 m da nascente do arroio Correntes, num topo/meia encosta do morro com uma dispersão de materiais que ultrapassa os 250 m de raio. Foram identificadas três manchas de terra preta, dezenas de materiais cerâmicos em superfície, que remontam a vasilhas de pequeno, médio e grande portes e duas urnas funerárias em um contexto simbólico de sepultamento bem marcado no terreno. Esses dados permitem sugerir que o assentamento do sítio Ribes seja mesmo uma aldeia que faz parte de um conjunto de aldeias próximas entre si.

✓ **Intervenções arqueológicas no Sítio Ribes**

Foto 140: vista geral do sítio e identificação de materiais em superfície dentro da mancha de terra.
Foto: Rafael Guedes Milheira

Foto 141 mancha de terra preta que caracteriza uma estrutura arquitetônica. Foto: Rafael Guedes Milheira

Foto 142: demarcação da trincheira de sondagens dentro da mancha de terra preta 2. Ao fundo topo do Morro dos Três Serros. Foto: Rafael Guedes Milheira

Foto 143: coleta de superfície na mancha de terra preta 1. Foto: Rafael Guedes Milheira

Foto 144: manchas de terra em formato circular que caracterizam estruturas arquitetônicas como fundos de cabanas e localização onde se encontrava a urna funerária escavada. Fonte: Google Earth

Camada de terra preta no topo

Foto 145: sondagens na mancha de terra preta 2. Note-se a camada de 10cm de terra preta no topo da quadra. Foto: Aluisio Alves

Foto 146: sondagens na mancha de terra preta 2. Foto: Aluisio Alves

Localização da urna funerária. Destaque para a evidência da tampa

Cova da urna funerária retirada pelos agricultores

Foto 147: Área de escavação da estrutura funerária
Fotos: Rafael Guedes Milheira

Foto 148: concentração de fragmentos cerâmicos. Pote do tipo *ñaetá* e fragmentos de outros potes sobre a urna funerária.
Foto: Welcsoner Silva

Foto 149: porção superior da urna funerária
Foto: Rafael Guedes Milheira

Foto 150: escavação da tampa da urna funerária.
Foto: Welcsoner Silva

Foto 151: escavação da urna funerária.
Foto: Welcsoner Silva

Foto 152: urna sem a tampa. Detalhe para os fragmentos da borda da urna funerária.
Foto: Rafael Milheira

Foto 153: interior da urna funerária.
Foto: Rafael Milheira

**Vista horizontal. Dispersão dos materiais arqueológicos
Sítio PSGPA-04-Ribes. Quadras de 1 m de lado.**

5.2.5. Sítio Guarani Raffi 2

✓ Implantação do sítio na paisagem e metodologia aplicada

O sítio Raffi 2 se localiza também em topo/meia encosta de morro no vale do arroio Andrade, numa área de dispersão de aproximadamente 400 metros de diâmetro. Não foram realizados trabalhos de coletas, sondagens e medições topográficas no sítio, apenas a identificação de fragmentos de cerâmica e registro fotográfico. Da mesma forma que os sítios já citados, o Raffi 2 se situa em área lavrada há mais de 50 anos e, além disso, encontra-se na área de ocorrência dos materiais cerâmicos uma casa centenária referente ao primeiro período de assentamento histórico da região do Rincão do Andrade. Nesse sentido, o sítio Raffi 2 demonstra uma ocupação pré-histórica dos índios Guarani e uma ocupação histórica que ultrapassa um período de cem anos.

✓ Intervenções arqueológicas no Sítio Raffi 2

Foto 154: vista geral do sítio e identificação de materiais em superfície. Ao fundo a casa centenária.
Foto: Rafael Guedes Milheira

Foto 155: vista lateral da casa centenária e galpão de pedras abaixo. Foto: Rafael Guedes Milheira

5.2.6. Sítio Guarani Schwanke 2

✓ Implantação do sítio na paisagem e metodologia aplicada

O sítio Schwanke 2, situado também em topo/meia encosta de morro, se caracteriza por estar em uma área que atualmente é um laranjal, mas que já foi área de cultivo de outros tipos de produtos agrícolas. Não foram realizados nesse sítio trabalhos de coleta, sondagens ou medições

topográficas. Segundo o Sr. Schwanke, antigamente havia manchas de terra preta e muitas concentrações de materiais cerâmicos que eram retirados para “tapar buracos de estradas”. Não é possível definir a área de dispersão de materiais e a dimensão do sítio em função da falta de visibilidade e da pouca frequência de materiais.

✓ **Intervenções arqueológicas no Sítio Schwanke 2**

Foto 156: vista geral do sítio com plantio de laranjas.
Foto: Rafael Guedes Milheira

Foto 157: conversa com o Sr. Schwanke.
Foto: Rafael Guedes Milheira

5.2.7. Sítio Guarani Dummer

✓ **Implantação do sítio na paisagem e metodologia aplicada**

O sítio Dummer tem a mesma característica de implantação dos outros sítios. Situa-se em topo/meia encosta de morro numa área de lavouras de produção agrícola. Não foram realizados trabalhos de coleta, sondagens ou medições topográficas no sítio e a identificação de materiais ficou prejudicada devido à falta de visibilidade do solo. Nesse caso, fica prejudicada também a possibilidade de definição da área de dispersão de materiais e a dimensão espacial do sítio.

✓ Intervenções arqueológicas no Sítio Dummer

Foto 158: identificação de materiais. Nota-se a dificuldade de visibilidade do solo. Foto: Rafael Guedes Milheira

Foto 159: vista geral do sítio com plantio de milho e morro dos Três Cerros ao fundo. Foto: Rafael Guedes Milheira

5.2.8. Sítio Guarani Fouchi

✓ Implantação do sítio na paisagem e metodologia aplicada

Dos sítios identificados na serra, considera-se o sítio Fouchi o mais impactado de todos. O sítio se localiza entre o vale do arroio Andrade e o vale do arroio Correntes em meia encosta de morro. Foi agressivamente impactado pela construção de casas e da estrada estadual RS-737, conhecida como Federeca, a qual liga a BR-392 ao município de Arroio do Padre. Sem qualquer tipo de trabalho, além da identificação de algumas peças no quintal da Sra. Fouchi, a área de dispersão e a dimensão do sítio fica prejudicada. Porém, conforme informações da Sra Fouchi, ela havia encontrado um pote cerâmico num ponto próximo da estrada e uma vizinha encontrou duas urnas funerárias em outro ponto. Medindo a distância desses dois pontos temos uma área aproximativa do que poderia ser o sítio, medindo em torno de 600 metros de diâmetro.

✓ Intervenções arqueológicas no Sítio Fouchi

Foto 160: vista geral do sítio com as casas e estrada construídas. Foto: Rafael Guedes Milheira

Foto 161: identificação de alguns fragmentos de cerâmica na parada do ônibus. Foto: Rafael Guedes Milheira

5.2.9. Sítio Guarani Magalon 1

✓ Implantação do sítio na paisagem e metodologia aplicada

O sítio Magalon 1 também se situa no vale do arroio Andrade em meia encosta, numa área de dispersão de aproximadamente 600 metros de diâmetro. A área se caracteriza por ser um plantio de milho e não foram realizados trabalhos sistemáticos além da identificação em campo de fragmentos de cerâmica e lítico e registro fotográfico.

✓ Intervenções arqueológicas no Sítio Magalon 1

Foto 162: vista geral do sítio com plantio de milho. Equipe realizando levantamento e identificação de materiais. Foto: Rafael Guedes Milheira

Foto 163: identificação e registro de fragmentos de cerâmica e afiador em canaleta de arenito friável em meio à plantação de milho. Foto: Rafael Guedes Milheira

5.2.10. Sítio Guarani Magalon 2

✓ Implantação do sítio na paisagem e metodologia aplicada

O sítio Magalon se situa também no vale do arroio Andrade em topo/meia encosta de morro numa área de dispersão de aproximadamente 400 metros de diâmetro. Há plantio de milho no local e a terra vem sendo arada há mais de 50 anos. Não foram realizados trabalhos sistemáticos, somente identificação de materiais em campo e registro fotográfico. Foi possível identificar duas pequenas estruturas de combustão, onde se encontram fragmentos de cerâmica associados a um sedimento bastante compactado com cinza e carvões.

✓ Intervenções arqueológicas no Sítio Magalon 2

Foto 164: estrutura de combustão com fragmentos de cerâmica aflorados. Foto: Rafael Guedes Milheira

Foto 165: vista geral do sítio com plantio de milho. Morro dos Três Cerros ao fundo. Foto: Rafael Guedes Milheira

Capítulo 6

Discussão de um modelo regional de ocupação: o contexto sistêmico do *teko'á* do arroio Pelotas

A partir dos dados apresentados ao longo deste trabalho é possível iniciar uma discussão que busca a constituição de um modelo interpretativo baseado na perspectiva sistêmica (cf. Binford 1991 [1983]; Shapiro 1984; DeBlasis & Morales 1995; Dias 2000, 2003). Trabalhamos com o pressuposto de que haja um contexto sistêmico macro-espacial que articularia os sítios arqueológicos enquanto espaços de ocupação com funções específicas e dispostos estrategicamente na paisagem. Neste sentido optamos por interpretações se pautam numa relação intra e inter sítios. Esse contexto macro-espacial pode ser considerado uma área de domínio territorial dos grupos Guaraní, denominada *teko'á*, que consiste no espaço onde as práticas sociais em nível regional se desenvolvem através de seus desdobramentos políticos, religiosos, culturais, ambientais e econômicos.

O *teko'á* pode atingir, segundo Noelli (1993) um raio de 50 km, abrangendo neste espaço vários tipos de ambientes, cujas características físicas e os pontos estratégicos para exploração de seus recursos são mapeados cognitivamente pelos grupos, constituindo as partes do território (ver exemplo etnográfico de mapeamento estratégico do território indígena em Posey 1986 e Fausto 2001). O *teko'á* é constituído por eco-zonas ou diferentes esferas de convívio e atuação cultural, integrando aldeias e sítios para acampamentos de pesca, caça e coleta, assim como as roças e os caminhos entre estes espaços. Conforme Meliá (1987 *apud* Noelli 1993) existem três raios de ação dos grupos indígenas dentro do *teko'á*: a vegetação circundante, a roça e a aldeia. Em nosso trabalho vimos que os acampamentos de pesca são partes importantes na constituição deste território de domínio, os quais se encontram integrados às aldeias como anexos destas.

Trazendo os dados apresentados para a discussão sistêmica do conjunto de sítios Guaraní da área de estudo, podemos inferir que sejam elementos de um *teko'á* que se articula entre a região litorânea e serrana. O *teko'á do arroio Pelotas*, como denominamos o território de domínio estudado, abrangeria então uma área de pelo menos 35 km de raio, havendo duas porções: litoral e serra, que se diferenciam não somente pelo tipo de ambiente, mas também pelo tipo de assentamento e estratégia de dominação territorial. Para entendermos o contexto de ocupação e o domínio territorial numa perspectiva sistêmica é necessária a caracterização de cada porção do *teko'á*.

É importante comentar que o modelo aqui apresentado deve ser entendido como uma hipótese, suporte ou mesmo uma espécie de matriz teórica a ser refinada na medida em que mais dados forem sendo registrados e sistematizados por pesquisas futuras. Este é um primeiro modelo de

ocupação regional Guarani e, como vimos, muitas questões foram levantada, mas nem todas respondidas.

✓ **A porção litorânea do *teko'á do arroio Pelotas***

Para a caracterização da porção litorânea do *teko'á do arroio Pelotas* é importante delinear alguns aspectos que evidenciam a similaridade nas formas do assentamento, buscando-se elementos para o entendimento de um padrão de assentamento litorâneo. Apesar de termos percebido diferenças funcionais dos sítios arqueológicos do litoral é evidente que alguns aspectos são semelhantes e configuram um padrão. Esta interpretação se dá em virtude de diversos fatores:

- ✓ Os sítios litorâneos se caracterizam pela localização muito próximos à laguna, em áreas elevadiças como as paleo-dunas de formação pleistocênica ou pequenas elevações mais recentes, que são vestígios do processo de transgressão e regressão das águas da laguna. Essas áreas de assentamento não ultrapassam os 10 m de altitude e, por serem as áreas mais altas do terreno permitem a visibilidade panorâmica da região litorânea (cf. Carle 2002: 17), sendo este um fator que pode ter influenciado na escolha dos assentamentos. Ao mesmo tempo que dispunham deste controle visual dos arredores eram também vistos, graças a esta posição proeminente, de destaque na paisagem, que permite a constituição de redes de fidelidade entre comunidades pares.
- ✓ No que se refere ao terreno, as terras litorâneas são de fraco potencial para o cultivo agrícola de algumas espécies, em função da formação arenosa da planície costeira se caracteriza por ter um desgaste bastante significativo, limitando a capacidade produtiva⁴⁸ (RadamBrasil 1986).
- ✓ Além disso, estas zonas de dunas fósseis e sutis elevações às margens da Laguna dos Patos são áreas ecótonas, onde ocorrem diversos tipos de recursos orgânicos. Os sítios litorâneos se localizam sempre nos terrenos onde predomina a vegetação de matas de restinga, muito próximos da margem da laguna e não muito distantes das áreas de banhados e campos. Neste sentido, o fato de os sítios se localizarem no interior da mata de restinga, em áreas próximas à laguna e dos arroios de maior vazão, em torno dos banhados e próximos aos campos, garante o abastecimento relativo a uma dieta alimentar equilibrada de animais, peixes e aves que circulam por estas áreas, além de uma série de tipos de frutos, raízes

⁴⁸ Segundo Carle (2002: 19) o terreno arenoso e desgastado, que limita a capacidade produtiva de espécies agrícolas deve ter “originado a constituição de estruturas familiares pequenas na composição da aldeia”. Porém, não encontramos em seu trabalho nenhum argumento de medição demográfica para esta afirmação, sendo, portanto, uma questão que deve ser explorada com mais propriedade científica e menos especulativa.

para alimentação e árvores e juncais para construção de estruturas arquitetônicas e cestaria. A partir destes elementos fica evidente que o padrão de assentamento Guarani no litoral está diretamente relacionado à otimização na captação de recursos orgânicos.

- ✓ O padrão de assentamento litorâneo ainda tem uma outra característica bastante singular que diz respeito à distribuição dos sítios na paisagem. Ao analisar o mapa do anexo 02, nota-se que a distribuição dos sítios arqueológicos Guarani na paisagem é bastante dispersa com distâncias entre 2 e 3 km entre si.

Em linhas gerais percebemos algumas características similares que configuram um padrão de assentamento Guarani no litoral. Mas para entendermos a correlação sistêmica entre os sítios é necessário compreender as particularidades de cada tipo de assentamento: aldeia e acampamento. Estes tipos de assentamentos, além de terem funções diferenciadas têm também características físicas e composicionais também distintas, resultantes das atividades culturais a que se destinaram. Através da análise e sistematização dos dados empíricos de campo e laboratório é possível pensar que, do ponto de vista funcional, os sítios PT-01-Sotéia e PT-05-Lagoinha na Ilha da Feitoria e o sítio PS-02-Camping na margem sudoeste da Laguna podem ser interpretados como sítios acampamento que tiveram uma ocupação rápida ou semi-permanente, voltada para a pesca e/ou coleta de recursos lacustres. Por outro lado, o sítio PS-03-Totó foi considerado uma aldeia litorânea, onde seria ocupado para moradia permanente. Este panorama interpretativo surge a partir de um esquema comparativo relativo aos aspectos composicionais dos sítios acampamento e aldeia:⁴⁹

A) Os sítios acampamento têm uma densidade e dispersão de materiais arqueológicos bastante baixa se comparada à aldeia. Vimos que a aldeia do Totó tem uma densidade de materiais pelo menos 7,5 vezes maior que o sítio Camping, considerado o segundo em índice de densidade no litoral. Além disso, a dispersão dos materiais arqueológicos nos sítios acampamento não ultrapassa o diâmetro de 200 m, enquanto que a aldeia do Totó parece ter uma distribuição de materiais que pode chegar a um diâmetro de 400 m, demonstrado se tratar de um assentamento densamente ocupado e disperso pelo terreno.

B) As coletas de superfície e as sondagens demonstraram claramente que os sítios acampamento se caracterizam por serem de ocorrência superficial, pois não foram identificadas estruturas sub-superficiais ou camadas arqueológicas indicadoras de ocupação mais densa. Somente encontraram-se estruturas arqueológicas pontuais no caso do sítio PS-02-Camping, mas que, a priori, não demonstram um contexto denso de ocupação. Por outro lado, na aldeia do Totó foram identificadas

⁴⁹ O sítio PSG-17-Las Acácias poderia ser interpretado como uma aldeia litorânea devido à grande área de dispersão de materiais arqueológicos. As informações da comunidade local indicam que antigamente, antes da impactação urbana, encontrava-se muita quantidade de potes de vários tipos e dimensões. Apesar dessas informações preferimos manter cautela quanto à definição funcional do sítio, visto que atualmente não encontramos vestígios que permitam definir o sítio como aldeia.

uma estrutura funerária, uma estrutura de deposição de lixo e uma estrutura arquitetônica, inclusive com esteio, estacas e blocos de argila *in natura* (interpretados como *tudju*).

C) A análise dos conjuntos cerâmicos dos sítios acampamento demonstrou que há um predomínio de peças com espessuras entre 8 e 10 mm que remontam a potes pequenos e médios. Essa constatação é reforçada se conjugada com os valores de diâmetros de bordas que indicam que os potes cerâmicos também são de pequeno e médio porte. No sítio Totó, por sua vez, o índice de espessura também tem predomínio entre 8 e 10 mm, mas há uma variação significativa destes índices, surgindo peças mais finas e mais grossas. Da mesma forma, as projeções de potes e os valores de diâmetro de bordas indicam que o conjunto artefactual do sítio Totó é muito variado, havendo grande quantidade de vasilhas de pequeno, médio e grande porte.

D) Os potes cerâmicos dos sítios acampamento são representativos de classes eminentemente funcionais ou utilitárias, utilizadas no cotidiano para preparação de alimento, como as panelas e caçarolas (*yapepó e ñaetá*), tigelas para beber (*cambuchí-caguâba*) e pratos para comer (*ñaembé*). Os potes utilizados para produção de bebidas alcoólicas fermentadas, para rituais funerários e/ armazenamento de água conhecidos como *cambuchí* (talhas) não foram encontrados nesses sítios acampamentos. Este é um dado importante, já que se pode considerar que as talhas são indicadores de permanência nos sítios, pois são potes de difícil transporte, sendo encontrados mais frequentemente em aldeias (Henrickson & McDonald 1983; Shapiro 1984; Rogge 1997, 1999, 2006; Soares 1997, 1999). Além disso, a análise dos aspectos formais e tecno-tipológicos indicou um predomínio de fragmentos de vasilhas sem decoração plástica ou cromática, com acabamento superficial bastante simples, sem nenhum tipo de sofisticação tecnológica aparente, indicando também se tratarem de vasilhas funcionais de uso cotidiano (La Salvia & Brochado 1989).

Por outro lado, o registro material da aldeia do Totó permitiu a identificação de no mínimo duas vasilhas do tipo *cambuchí guaçu* (uma como urna funerária e a outra na estrutura de deposição de lixo, considerada uma talha com forma exótica). Mas, além disso, é importante destacar também que além das talhas foi registrado um conjunto de vasilhas cerâmicas muito variado, em que foram identificados potes de todos os tipos, tanto aqueles utilizados para atividades funcionais quotidianas (*yapepó, ñaetá, cambuchí-caguâba e ñaembé*), como aqueles para fins ritualísticos, produção de bebidas e armazenamento de água (*cambuchí guaçu*). No que se refere ao acabamento das vasilhas, o conjunto cerâmico da aldeia do Totó também indicou uma variação muito importante, em que muitas peças apresentam decorações plásticas e cromáticas, brunidura, polimento, indicando se tratar de um conjunto artefactual tecnologicamente mais sofisticado.

E) Outra questão importante a ser considerada diz respeito aos materiais líticos. A análise dos materiais líticos dos sítios acampamento demonstra que a indústria é expediente, em que o investimento em obtenção de matéria prima não foi muito acentuado, seguindo-se a um baixo

investimento na manufatura dos instrumentos, visto que predominam poucas lascas e blocos de quartzo. No sítio Totó, por sua vez, a análise dos materiais líticos sugere que se trata de uma indústria de curadoria, já que houve um investimento bastante significativo em obtenção de matéria prima (dadas as grandes distâncias das fontes), assim como se percebe que a atividades de manufatura de artefatos líticos foi realizada em vias de otimização destas matérias prima, ou seja, a manufatura dos instrumentos líticos parece ter se dado com cautela, sem haver desperdício exacerbado de matéria prima. O conjunto lítico, além de ser variado em suporte de matéria prima, é também muito mais variado (se comparado aos sítios-acampamento) nos seus aspectos tipológicos e quantitativos, pois identificou-se diferentes tipos de lascas em variados suportes, afiadores em canaleta, fragmentos de lâminas de machado e blocos e seixos de quartzo.

F) A presença de seixos de quartzo, associada à presença de bolotas de argila e miniaturas de vasilhas, registrados no sítio Totó, são indicadores de ocorrência de contextos de produção de vasilhas e contextos de ensino-aprendizagem, caracterizados por serem atividades coletivas que envolvem pessoas de diferentes idades, típicas da vida na aldeia.

Seguindo estes critérios comparativos apresentados acima, correlacionados ao padrão de assentamento, pode-se pensar em um sistema de assentamento Guaraní litorâneo completamente integrado, em que os sítios acampamento, localizados em pontos estratégicos do território de domínio, permitem otimizar a captação de recursos para então abastecer a aldeia central. É importante lembrar que os sítios acampamento estão localizados em áreas em que os recursos lacustres, como camarão, siris e peixes, até hoje, são pescados em maior abundância, são neste caso, “pesqueiros”, mapeados cognitivamente como pontos integrantes do território de domínio, onde é possível explorar os recursos com maior sucesso. Esse é o caso da Ilha da Feitoria, onde se localizam os sítios Sotéia e Lagoinha, em que dezenas de pescadores ocupam a margem leste para pescar camarão e siri no período de veraneio entre os meses de fevereiro e abril (Milheira 2007d). Da mesma forma, no Pontal da Barra, entrada do canal São Gonçalo onde se localiza o sítio Las Acácias, diversas espécies migram para a Lagoa Mirim no verão, sendo um local de pesca abundante.

A aldeia do Totó se localiza num ponto da costa de onde é possível visualizar todos os outros sítios litorâneos. Esse fator permite pensar que a aldeia tenha sido posicionada estrategicamente numa área central, possivelmente para controle territorial e maior facilidade com relação à mobilidade e logística para atividades de exploração ambiental e econômica. A aldeia, nesse caso, é o ponto central, para onde as atividades são voltadas e pode ser interpretado como o local de ocupação aglutinante e de convergência, já que é de onde os grupos se deslocam para atividades específicas nas ecozonas e acampamento anexos e voltam ao fim das atividades. A aldeia é o espaço da vida coletiva, da sociabilização, onde as tradições Guaraní se estruturam e reestruturam a partir do compartilhamento de idéias e de visões de mundo através de gerações.

✓ **A porção serrana do *teko'á do arroio Pelotas***

Um primeiro ponto a ser destacado na caracterização da porção serrana do *teko'á do arroio Pelotas* diz respeito ao padrão de assentamento. Tratamos aqui apenas dos dez sítios arqueológicos Guaraní que foram identificados na unidade D, situada na Serra do sudeste, entre o vale do arroio Andrade e arroio Correntes, os quais apresentam as seguintes características:

- ✓ Os sítios localizados na serra se situam todos em topo/meia encosta de morro íngremes, em alturas que variam de 109 m até 288 m, distando não mais de 500 m das vertentes do arroio Andrade ou de vertentes do arroio Correntes. Percebe-se que os sítios se localizam em torno de grandes marcos paisagísticos em topo de morro/meia encosta, o que leva a pensar que o assentamento possa se dar em função de uma referência na paisagem importante, que é o caso do Morro dos Três Cerros, no vale do arroio Andrade. A mesma constatação se dá sobre o Morro Farroupilha, na Colônia Maciel, que parece ser uma referência paisagística, porém, são necessários mais dados de campo para avançar nesta questão.
- ✓ Todos os sítios identificados se localizam em meio à floresta densa, classificada como Semi-Decidual (RadamBrasil 1986). O terreno onde se distribui este tipo de floresta tem bastante potencial produtivo, permitindo o cultivo de inúmeras espécies agrícolas. Este fato é atestado pela presença histórica de colonos na região, onde ocorre a maior parte da produção agrícola em pequenas propriedades no município. É importante ressaltar que a presença histórica dos colonos também é um dos fatores que vem modificando significativamente a paisagem, inclusive com visíveis impactos sobre o contexto arqueológico.
- ✓ No que se refere aos recursos orgânicos também há uma grande quantidade de espécies de fauna e flora disponíveis ao longo dos vales e matas densas. Embora não tenhamos registrado materiais arqueofaunísticos nos sítios não fica difícil imaginar (ou especular) que o ambiente homogêneo da serra, se comparado ao litoral, disponibilizasse um conjunto faunístico e uma fitoecologia com alto potencial econômico.
- ✓ Diferentemente dos sítios litorâneos, os sítios da serra se apresentam bastante próximos uns dos outros, formando um aglomerado de assentamentos na paisagem (ver mapa arqueológico no anexo 02).
- ✓ Quanto à função dos sítios localizados na serra, todos eles parecem ser aldeias com uma grande distribuição de materiais arqueológicos, sugerindo um alto

índice de densidade de materiais. Para esta interpretação devemos levar em consideração as análises dos vestígios materiais cerâmicos, que indicam sobretudo, a presença de potes de médio e grande porte, com espessuras predominantes entre 10 e 12 mm, surgindo uma frequência significativa de espessuras acima de 14 mm. Trata-se de cerâmicas em que o índice de decoração plástica e pinturas é bastante elevado, além de polimento e brunidura terem sido identificadas nos conjuntos analisados. Outro fator importante é a presença de chamote como tipo de antiplástico, fator que se diferencia dos conjuntos litorâneos, sendo talvez, algum aspecto característico do estilo tecnológico regional.

Constituindo um modelo: discutindo a história de ocupação regional

Ao caracterizar as duas porções do *teko'á do arroio Pelotas* podemos então refletir sobre as relações sistêmicas entre elas. Sugere-se que o principal indicador de que haja relação entre os sítios da serra e do litoral é o material lítico identificado nos sítios litorâneos, cujas matérias prima encontradas indicam que pode haver uma relação entre os dois ambientes em questão. Nos sítios localizados na Ilha da Feitoria foram coletados instrumentos simples, do ponto de vista tecnológico. Esses instrumentos foram confeccionados predominantemente em quartzo, quando não são apenas blocos dessas matérias prima sem marcas de uso. O mesmo padrão se dá no sítio Camping, havendo uma maior quantidade e densidade de vestígios líticos apenas na aldeia do Totó, onde foram encontrados materiais líticos confeccionados em calcedônia, basalto, arenito friável e silicificado, granito e quartzo.

O indicativo da relação litoral/serra nesse caso se dá em função da ausência de fontes dessas matérias primas na margem da Laguna dos Patos. Da mesma forma não são conhecidas cascalheiras nos córregos e arroios que deságuam na Laguna, muito menos afloramentos rochosos que permitissem a exploração em blocos. As fontes das matérias prima utilizadas pelos Guarani do litoral somente são encontradas a partir da região do Escudo Sul-riograndense (40 km) ou mais além, na Depressão Periférica (130 km) e Planato da Serra Geral (200 km).

Sendo assim, pode-se inferir que os grupos Guarani que ocuparam a costa litorânea exploravam diretamente as terras altas para captação de recursos líticos, assim como deveriam manter redes de trocas de bens materiais com os grupos além da serra. Neste sentido, podemos pensar que o *teko'á* ou o domínio territorial Guarani em nível regional, poderia abranger a região litorânea e serrana, atingindo assim ambientes distintos numa área ampla que abrange mais de 35 km de raio, ademais, a

manutenção de redes de troca de bens materiais com outros grupos poderia se dar em distâncias de até 200 km, num raio de ação que se estende além do *teko'á*, alcançando a esfera do *guará*.

Mapa com localização dos sítios arqueológicos no litoral e serra, demonstrando os possíveis contextos regionais a partir do conjunto de sítios e o contexto macro-regional que caracteriza o *teko'á* do arroio Pelotas.

Considerando-se viável esta correlação sistêmica entre o assentamento litorâneo e serrano fica a pergunta: **quais os fatores que estariam envolvidos na estratégia de assentamento Guarani nessas diferentes áreas? Por que os grupos Guarani, assentados na região serrana, teriam ocupado o litoral em busca de novas áreas de moradia?**

Para tentar responder a estas perguntas, é necessário novamente recorrer à bibliografia, de forma a refletir sobre os dados do registro arqueológico de ambas as regiões em comparação com os modelos sugeridos na literatura especializada. Segundo Brochado (1984), os grupos Guarani expandem seu território de domínio lentamente de forma radial a partir de um ponto central. Essa forma de expansão ficou conhecida como “*enxameamento*”, em que o território pode ser dominado ou expandido sob vários modos, como por exemplo, guerras, alianças políticas, fortalecimento das relações familiares, guaranização, *cuñadazgo*, etc. (Noelli 1993, 2004; Assis 1996; Soares 1997).

Vários fatores determinam a expansão territorial, dos quais aqui, listamos alguns que podem estar relacionados ao processo de ocupação da região de estudo. Estes fatores estão relacionados aos aspectos sociais, econômicos, políticos e simbólicos:

- a) As relações de reciprocidade, embasadas na estrutura social de parentesco e alianças políticas que, por um lado, permitem a aquisição de prestígio pelas lideranças, famílias e suas respectivas aldeias e, por outro lado, permitem a continuidade cultural e o modo de ser Guarani (*ñande reko*);
- b) Crescimento demográfico. Fator que gera a divisão de aldeias e força a necessidade da aquisição de novas terras para assentamento;
- c) Pressão populacional causada por grupos inimigos, sejam eles Guarani ou não-Guarani. Nesse caso, trata-se de problemas de fronteiras;
- d) Escassez de recursos ambientais na área de domínio, fator esse que gera a necessidade de adaptação a novas áreas ecológicas;
- e) Esgotamento das terras cultivadas pela horticultura;
- f) A busca da “terra sem males” (*yvy marane’y*);

Todos estes fatores podem ter condicionado o processo de ocupação Guarani na região de estudo. Tentar isolar um desses fatores seria, em primeiro lugar, uma tarefa impossível, senão desnecessária. Impossível pela incapacidade de as técnicas arqueológicas isolarem elementos puramente simbólicos ou puramente econômicos, ambientais ou até mesmo sociais somente a partir do registro material, sem que se caia num determinismo. Em segundo lugar, além de impossível, isolar um fator específico como o principal determinante para entender o processo de expansão seria também uma atividade desnecessária e infrutífera, visto que é na pluralidade e ausência do determinismo, seja ele econômico, social, político, simbólico ou ambiental que se pode buscar um modelo holístico, condizente com o modo de ser Guarani.

No modelo de expansão e ocupação regional em discussão consideramos como hipótese que os assentamentos litorâneo e serrano estejam articulados, fazendo parte de um único território de domínio (*teko'á*), que compreende as terras baixas e as terras altas. Por serem mais antigos; se situarem na área de cobertura vegetal de floresta tropical; em terras de maior potencial agrícola e próximos dos melhores e mais abundante recursos ambientais, considera-se que os sítios do interior constituam o centro do sistema de assentamento. Em contrapartida, os sítios litorâneos, mais recentes, ocupam uma área periférica do território, onde os recursos tradicionalmente explorados pelos grupos Guarani na serra são mais escassos, de forma que possa ter havido um esforço social significativo para a captação

de diferentes recursos litorâneos, havendo inclusive uma adaptação ao ambiente lacustre e a instauração de uma política fronteiriça amistosa com os grupos cerriteiros.

Neste sentido, consideramos que o assentamento litorâneo seja uma extensão do *teko'á*, que comporta o excedente populacional das aldeias mais antigas e centrais do interior. No litoral teríamos sítios com menor densidade populacional que, em consequência, geraria menor densidade de vestígios materiais no registro arqueológico. Essa parece ser a mesma percepção de Soares (1999) ao aplicar seu modelo de organização social e espacial em ocupações do interior do Rio Grande do Sul.⁵⁰

“Os sítios nos vales encaixados (ou em nosso caso, no litoral) por possuírem menor representatividade social, poucas alianças, família extensa pouco numerosa, menor número de vassalos/colaboradores, são ‘jogados’ ou empurrados para as zonas limítrofes do teko'á, em zonas ecológicas menos favoráveis. Um sítio como este deve caracterizar-se por pouca incidência de grandes vasilhames (devido à ausência de grandes festas e baixa densidade demográfica por família), casas menores (menor população), (...) (Lightfoot e Feinman 1982: 64 – 84). (...) Os sítios grandes, ao contrário, apresentam boa quantidade de ‘cacos’ cerâmicos de grande porte (sinal de vasilhas grandes para grandes famílias e festas contíguas ou repetidas), casas de proporções também grandes (que representam as famílias extensas), grandes concentrações de material arqueológico e profundidade das ‘manchas pretas’ que caracterizaria uma longa ocupação do território (Blitz 1993: 80-96).” (Soares 1999: 129).

Um outro fator cultural deve ser levado em consideração, que diz respeito às relações sociais entre as aldeias tanto do litoral como do interior. Propomos, com base nos modelos etnoarqueológicos, que as relações de reciprocidade fossem freqüentes entre os assentamentos de ambas as regiões. Diversas formas de relações de reciprocidade são compreendidas na sociedade Guarani. Soares (1997) discorre sobre algumas delas, como por exemplo, os festins cerimoniais para casamentos e rituais de passagem, convites para trabalho comunal, guerras entre grupos e subsequente apaziguamento que gera ou fortalece alianças, etc. As relações de reciprocidade, além de fortalecerem as relações de amizade, parentesco e alianças, permitem a continuidade cultural e a estruturação do modo de ser Guarani, já que a socialização e a troca cultural são aspectos reforçados constantemente, que se concretizam na língua, cultura material e organização social e espacial.

As relações de reciprocidade são essencialmente coletivas e têm início através de convites (*pepy*, ‘festa, convite’) entre as aldeias seja para uma caça ou pescaria coletiva, seja para abrir uma roça ou para comer e beber em festas comunais. Estas atividades coletivas conhecidas como *potyro* ou *puxirão* estreitam as relações de amizade, parentesco e reciprocidade. Os convites criam e reforçam a

⁵⁰ Note-se que o autor fala de sítios relacionados entre si que se situam em vales. Na presente pesquisa, refletimos sobre a relação sistêmica entre a serra e o litoral, o que configura ambientes distintos do proposto por Soares (2000). Mesmo em se tratando de casos distintos, acreditamos ser válido esse modelo sugerido pelo autor na aplicação da pesquisa em questão.

socialização e a coletividade Guarani, sendo grande a honra do **çooó** – ‘ser convidado’, e ainda maior no ato de convidar: **caruguaçu** – ‘convite para comer’” (Soares 1999: 142). Este convite para comer segue primeiro a disponibilidade da comida, pois da quantidade dependerá a abrangência social do convite da família à região. O primeiro passo é o **caruguaçu amonã** – ‘fazer convite’, que seguirá conforme o evento que está em andamento, fazer uma casa, uma roça ou convite para casamento.⁵¹

Nesse sentido, percebe-se que os convites e as atividades coletivas fortalecem os laços de reciprocidade entre aldeias, sendo um aspecto que amplia o grau de prestígio da aldeia e de suas lideranças. Além disso, as atividades coletivas que geram visitas entre aldeias de um mesmo ou de diferentes **teko’á** são fatores importantes para a sustentação econômica dos grupos. Através dessas visitas, possivelmente acompanhadas de artigos para comercialização ou trocas de presentes, podemos imaginar, no caso do modelo que estamos propondo, que o assentamento litorâneo possa suprir suas necessidades com relação a determinados tipos de materiais ausentes na região praial, como é o caso, por exemplo, do material lítico.⁵²

Levando em consideração estas relações de prestígio social, os sítios serranos podem ser vistos, nesse caso, como a parte do sistema de assentamento mais antiga e tradicional, onde as lideranças tenham maior prestígio social. É a porção do **teko’á** onde habitam os caciques de maior influência regional, os quais determinam ou influenciam significativamente nas escolhas de novos assentamentos, o que origina a expansão do território de domínio. No litoral, por sua vez, seria a porção do **teko’á** mais recentemente ocupada, não se configurando como um espaço tradicionalmente ocupado. Apesar disso, a possibilidade em explorar os recursos lacustres parece ser um fator importante, que talvez tenha influenciado na escolha deste local para a expansão do assentamento. Com a exploração destes recursos uma nova rede de troca de bens materiais surge, integrando o litoral e a serra, o que faz com que a porção litorânea do território passe a ter fundamental importância no sistema de assentamento, surgindo assim novas lideranças, que, por sua vez, dão continuidade ao processo de expansão aumentando seus domínios em torno da Laguna dos Patos, estabelecendo novas relações de contato e fronteiras com os grupos Guarani e não-Guarani, como os cerriteiros.

O padrão de distribuição e as datas dos sítios arqueológicos são elementos que devem ser considerados também para a proposição deste modelo. Ao analisarmos o mapa de distribuição dos sítios, fica claro que a porção serrana do território de domínio tem um padrão de distribuição dos sítios arqueológicos bastante aglomerados, formando *clusters* densos na paisagem. Este padrão de distribuição de sítios, verificado na serra do sudeste, está de acordo com o padrão de assentamento esperado para sítios Guarani em paisagens com relevo, zonas de interflúvio e em meio a florestas

⁵¹ “Em nível de **teko’á**, podendo talvez ser expandido ao **guará**, a honra de ‘comer no mesmo prato’ e seu papel social podem ser percebidos nos convites mais abrangentes, no caso em que se convidam outras aldeias para os festins de cauinagens, rituais antropofágicos e outras festas que envolvem excedente de produção agrícola.” (Soares 1997: 145).

⁵² Por outro lado, imagina-se que materiais litorâneos, ausentes na região serrana, poderiam ser cambiados da mesma forma, porém, não podemos avançar nesse aspecto em função da falta de vestígios indicativos dessa relação.

tropicais. Os sítios se localizam em topo de morro e meia encosta, em confluência de rios e arroios muito próximos uns dos outros (ver, por exemplo: Schmitz 1985, 2006 [1967]; Noelli 1993, 2004; Rogge 1995-1996; Dias 2003; Soares 1997, 1999; Fausto 2001). Esta é, portanto, uma forma tradicional de ocupação do espaço, em que a expansão vai se dando em duas escalas de tempo e espaço:

Uma escala de ocupação de um amplo espaço, que se dá de forma lenta e gradual, na medida em que se estabelece o sistema de expansão do território Guarani por “enxameamento” para novos ambientes, ampliando, por sua vez, o território de domínio. Esse processo pode se dar através de várias gerações em escalas espaciais ainda não medidas pela arqueologia. Nessa escala, novos territórios são acoplados ao território conhecido. Novas regiões vão sendo conhecidas e mapeadas ao longo do tempo, novas áreas de captação de recursos vão sendo exploradas e uma nova constituição cognitiva do espaço vai sendo construída. Durante o processo de reconhecimento e dominação do território, grupos de menor prestígio, com lideranças menos influentes, vão sendo “empurrados” e, na medida em que o espaço vai se tornando conhecido e tradicional, a ocupação tende a se tornar mais densa e mais importante dentro do sistema de assentamento (Soares 1997).

Dentro deste processo de expansão ampla e lenta, ocorre uma expansão em uma outra escala mais rápida e com menor amplitude espacial. Isto se dá quando ocorre o abandono das aldeias, ocupando-se novas aldeias dentro do território ou mesmo retornando-se para as aldeias antigas. Este processo se desencadeia em média, dentro de 3 a 5 anos, mas pode se dar a qualquer momento, por motivos variados.⁵³ As trajetórias de “idas e vindas” dentro do território de domínio, relativas à ocupação e reocupação de aldeias não pode ser medida em nosso trabalho pela ausência de datações de todos os sítios da serra, mas, sugerimos como hipótese, que tenha se dado de forma “centrípeta”, assim como proposto por Schmitz (1985) para os sítios no vale do Médio e Alto Jacuí – RS. Entretanto, diferentemente do modelo de Schmitz (1985), que considera apenas a presença de uma ou duas aldeias movimentando-se no território, consideramos que possamos estar frente a um sistema multi-aldeão, que se caracteriza pela fragmentação política das lideranças em mais de uma aldeia, mas ainda assim, com a manutenção da unidade sociológica, que caracteriza o sistema de assentamento (Fausto 2001). Este sistema de ocupação territorial “centrípeto” sugere a ocupação e reocupação do mesmo espaço ao longo de gerações em uma situação de “circunscrição social e territorial” (*cf.* Fausto 2001; Lima & López Mazz 1999-2000), em que a unidade sociológica se mantém coesa, gerando a manutenção das relações de reciprocidade e privilégios nas aldeias e entre elas, a partir da permanente interação social, política, econômica e cultural. É, portanto, a partir da “circunscrição social” e da manutenção de redes de relações de reciprocidade que se mantém a estrutura social, o modo de ser Guarani (*ñande reko*), bem

⁵³ Segundo Fausto (2001), este tipo de deslocamento é classificado como de média distância, implicando no abandono de aldeias e roças e a mudança para longe, mas dentro de uma região plenamente conhecida. O abandono das aldeias dos Parakanãs orientais, segundo o autor, se dá em média dentro de 3 anos e podem ocorrer por razões mais variadas, desde a morte de crianças, ataque de inimigos, conflito interno, ausência de roça, até a presença exagerada de pulgas.

como comenta Noelli (2004: 24): *“Las redes regionales y la estructura política y social de alianzas, sostenidas por el intercambio permanente, explica la reproducción constante da la cultura material y otros rasgos del ñande reko Guarani”*

Este modelo de interpretação pode ser pensando para entendermos o processo de ocupação litorâneo e a ocupação na serra. Entendemos que o processo de expansão territorial tenha se dado de forma “radial” do centro do assentamento (Serra do Sudeste) para a periferia (litoral). Esta percepção se dá em função de que o padrão de distribuição das aldeias na serra sugere uma situação de “circunscrição social e territorial”, indicando se tratar de um sistema de assentamento tradicional e antigo, o que é comprovado pela data do sítio PSGPA-04-Ribes, com idade de 510 ± 70 A.P. Por outro lado, no litoral, o padrão de distribuição dos sítios demonstra uma situação de contemporaneidade e mais recente implantação, relativa ao reconhecimento e início da dominação do território. Novas áreas vão sendo ocupadas lenta e gradualmente, permitindo pensar no litoral como um território que vai sendo anexado ao território de domínio Guarani, o que é indicado também pelas datações dos sítios do litoral (Sítio PS-03-Totó, com idade de 530 ± 40 AP e Sítio PS-02-Camping, com idade de 380 ± 50 AP). Ao mesmo tempo em que ocorre este deslocamento “radial” do interior para a periferia, consideramos que os deslocamentos “centrípetos”, referentes à ocupação e reocupação das aldeias do interior sejam constantes, garantindo a permanência de redes sociais de reciprocidade e, por conseguinte, mantendo a estrutura social e o modo de ser Guarani.

Inclusive este sistema de expansão centro/periferia pode ser considerado também em nível mais amplo, abrangendo todas as áreas de ocupação Guarani no estado do Rio Grande do sul. Sabemos que grande parte do estado foi ocupada pelos grupos Guarani, pois, com exceção da região da campanha e dos campos do nordeste do estado, todas as outras regiões foram dominadas Noelli (2004). Sabe-se que estes grupos tiveram deslocamentos expansionistas de norte para sul e de leste para oeste, seguindo as regiões de várzeas férteis dos médios e grandes afluentes dos Rios Uruguai, Ijuí e Jacuí (Rogge 2004). As datações nestas regiões chegam até 1800 A.P., no centro do estado e até 1300 e 1000 A.P., em diferentes locais (Noelli 2004).

Num segundo momento de expansão territorial, as populações Guarani se voltaram para a região da Serra do Sudeste, por volta de 500 AP. (como indicado pela data do sítio PSGPA-04-Ribes) e, num terceiro momento, passam a ocupar as regiões das lagoas e lagunas do litoral do estado, o que se deu em torno de 900 A.P. (Noelli 1999-2000; Rogge 2004; Schmitz 2006 [1967]), até a colonização européia, quando este quadro muda radicalmente em função de todo impacto etnocida que a colonização causou sobre as populações indígenas: doenças contagiosas, escravização, matança, descaracterização cultural, roubo de terras etc. (Brochado 1984; Schmitz 2000, 2006 [1967]; Noelli 1993, 1999-2000, 2007).

As datas de ocupação do litoral como um todo demonstram uma ocupação tardia, mas sugerem um processo articulado, entre assentamentos de diferentes regiões, em busca de novos territórios de domínio. Nota-se isto através da sistematização de datas químicas de sítios Guarani ao longo do litoral, que demonstram que este processo de expansão, que parte das terras altas do interior em direção às terras baixas do litoral tenha se dado num mesmo horizonte cronológico. Neste sentido, as datas do Sítio PS-02-Camping e PS-03-Totó vêm a reforçar que o processo de ocupação Guarani da região lagunar tenha se dado num período já relativamente próximo da colonização européia no Brasil, tendo sido barrado pelas atividades etnocidas desta. Sobre isso, é importante destacar que se trata de um processo de longa duração de interesse e estratégia de dominação territorial, por parte dos grupos Guarani, em ocupar o litoral, visto que esse processo se deu num período de mais de 500 anos em que os grupos passaram a ocupar a borda da Laguna dos Patos. Quando se dá a chegada dos europeus, as sociedades indígenas Guarani já estavam estabelecidas na zona litorânea, em pleno processo de articulação inter-cultural e expansão territorial. Logo, considerar que esse processo é recente e teve como fator original a colonização e a exploração européia no interior do estado, como querem alguns historiadores, seria desconsiderar todo um cabedal de informações arqueológicas e etnológicas constituídas nos últimos 40 anos.

CONCLUSÃO

Como concluir um trabalho de arqueologia? Como saber quais os limites da pesquisa, onde ela começa e onde termina, sobretudo quando se trata de uma pesquisa de Arqueologia Regional? Com estes questionamentos em mente, partimos do princípio de que concluir, em nosso caso, não significa finalizar e por mais que isto pareça paradoxal, cremos que seja uma atitude possível. A conclusão do trabalho é apenas o término de uma etapa da pesquisa, mas não o final da pesquisa em si, pois certamente surgirão destas páginas muitas perguntas a serem exploradas.

Não concluímos porque a pesquisa não se limita a esta dissertação. O Laboratório de Ensino e Pesquisa em Antropologia e Arqueologia da Universidade Federal de Pelotas, através do Projeto de Mapeamento Arqueológico de Pelotas e Região, deverá ainda nos próximos anos dar continuidade aos trabalhos de campo em busca de mais dados sobre a história indígena regional, não somente de grupos Guarani, mas também de outras populações indígenas.

Neste sentido, na conclusão deste trabalho objetiva-se apresentar uma série de problemas de pesquisa que não foram desenvolvidos aqui ou que foram desenvolvidos sem a devida profundidade, visto que não houve possibilidades em se explorar todas as questões que surgiram através dos dados arqueológicos. Muitas questões foram conscientemente deixadas de lado, primeiro por não se enquadrarem nos objetivos específicos da pesquisa e segundo pelo limite de tempo, porém, ficam aqui como sugestão para futuros estudos. Elencamos apenas dez problemas de pesquisa bastante amplos que poderão nortear pesquisas futuras:

1) Inicialmente chamamos atenção para a necessidade de se desenvolver prospecções em outras áreas do município de Pelotas e região, em busca de novos sítios arqueológicos, tanto na região litorânea como serrana. Compreendemos que o panorama de ocupação regional Guarani foi apenas parcialmente constituído e somente novas pesquisas de campo, referentes ao mapeamento de sítios arqueológicos, poderão trazer novos dados que ampliem este panorama.

2) Além do panorama de ocupação, relativo à existência de sítios arqueológicos em determinadas áreas, nota-se que o horizonte cronológico também é incipiente, pois as três datas conseguidas (duas para sítios litorâneos e uma para um sítio da serra), apenas são referências temporais que norteiam o contexto de ocupação.

2) Em se tratando especificamente dos sítios arqueológicos identificados e estudados, não conseguimos desenvolver todo potencial de pesquisa do registro arqueológico documentado nas escavações. A principal questão que chamamos atenção é a necessidade em se ampliar a área de escavação de cada sítio arqueológico, para que sejam documentadas outras estruturas arqueológicas, permitindo complexificar os conceitos apresentados e discutidos em nosso trabalho. Além disto, vários sítios arqueológicos identificados não foram escavados, nos quais as intervenções arqueológicas se

limitaram ao registro e descrição da implantação na paisagem ou à coleta de superfície e limitadas sondagens para delimitação da distribuição espacial do sítio.

3) Especificamente sobre o sítio PS-03-Totó, considerado uma aldeia, acredita-se que a ampliação da área de escavação trará uma série de dados sobre as estruturas arqueológicas arquitetônicas no litoral, o que seria um tipo de informação importante, na medida em que são escassas informações contextuais micro-espaciais documentadas *in situ*. No registro arqueológico do sítio Totó, os materiais cerâmicos da trincheira não foram analisados; não foi realizada identificação de que tipo de madeira compõe o esteio e as estacas da quadra 4.9; não identificamos devidamente os processos pós-deposicionais naturais que interagiram no sítio, visto que as águas da laguna e do arroio Totó influenciaram significativamente no registro arqueológico; não registramos com propriedade a estrutura de terra preta (onde ela começa e onde termina? Qual seu tamanho? Ela é elíptica, circular ou irregular?).

4) Sobre as análises em materiais arqueológicos, considera-se necessária a ampliação da área de escavação dos sítios do litoral para coleta de materiais arqueofaunísticos, que permitam ampliar as amostras, visto que as mesmas são muito limitadas e permitem apenas constituir um *insight* sobre a dieta e consumo, assim como permitem ter uma breve noção das questões adaptativas dos grupos Guaraní aos recursos litorâneos.

5) O material lítico, por sua vez, deverá ser analisado em busca de traços tecnológicos com uso de microscopia ótica para identificação de questões, como por exemplo, marcas de uso e marcas de reavivamento de gume. Além disso, o material lítico deve ser analisado a partir da perspectiva da cadeia operatória de produção, em que se articulam mapeamento e investimento para obtenção de matéria prima, produção, uso e descarte dos materiais. Um trabalho mais aprofundado da identificação e descrição das fontes de matéria prima discutidas em nosso trabalho deverá ser feita com mais propriedade, visto que apenas apresentamos uma discussão inicial, em busca da compreensão espacial do *teko'á do Arroio Pelotas*.

6) A análise tecno-tipológica em materiais cerâmicos deverá também ser aprofundada. Sugerimos que um estudo em busca da variabilidade regional litorânea deverá ser realizado, visto que algumas formas exóticas de vasilhas foram registradas, assim como decorações diferentes também foram percebidas. Aspectos produtivos da cerâmica não foram abordados em sua totalidade e percebemos uma variabilidade de tipos decorativos como distintos corrugados, incisões e digitações na superfície cerâmica. Não foi realizada uma correlação entre tipos de decoração pintada ou plástica e determinados tipos de vasilhas, dado que seria de extrema importância em busca de um estudo de variabilidade

regional, assim como não realizamos a correlação entre tipos de anti-plásticos e determinados tipos de potes.⁵⁴

7) Ainda com relação à análise cerâmica, sugerimos um trabalho de arqueometria, que vise à identificação dos componentes químicos da pasta cerâmica dos conjuntos coletados em conjunto com a identificação de bancos de argila. A comparação da pasta cerâmica com a composição química da argila destes bancos poderia então trazer informações relativas à territorialidade e a escolhas tecnológicas sobre quais fontes de matéria prima são usadas e quais não usadas.

8) No que se refere aos cerritos, conseguimos identificar 16 sítios deste tipo na região do banhado do Valverde que demonstram um potencial de pesquisa bastante importante deste complexo arqueológico. Em nosso trabalho não foi objeto de pesquisa o estudo destes cerritos, entretanto, colocamos como sugestão o estudo aprofundado destes sítios para o entendimento do processo de ocupação indígena regional dos grupos cerriteiros numa perspectiva sistêmica, questão esta estudada com maior propriedade por Schmitz (1976) e esquecida nos anos subseqüentes.

9) Por uma questão de delimitação do objeto de pesquisa, optamos em nos debruçar somente ao estudo da ocupação Guarani. Desta forma, não abordamos a questão dos fenômenos de fronteira, discutida em Naue, Schmitz e Basile-Becker (1968), Naue et al. (1970), Schmitz (1974) e Rogge (2004); os quais propõem que tenha havido um processo de interação entre os grupos Guarani e construtores de cerritos.

10) Uma outra questão importante a ser desenvolvida diz respeito à história Guarani no período colonial, pois, é desconhecido pela historiografia, o papel das sociedades Guarani neste período: os conflitos étnicos e belicosos, o impacto da colonização sobre as populações Guarani, os aspectos de depopulação e interação com a sociedade não indígena. Sugerimos que a leitura de fontes escritas como jornais e documentos oficiais deverão trazer à luz algumas informações sobre estas questões, já que, se sabe que as populações indígenas foram, ao menos em parte, absorvidas pelo processo colonizatório enquanto grupos marginalizados. Sabe-se que a história indígena da região sul do Rio Grande do Sul foi silenciada e “esquecida”. Neste caso, cabe aos arqueólogos, antropólogos e historiadores retomarem o estudo desta memória indígena, denunciando, por um lado, as práticas etnocidas do processo colonizatório e, por outro lado, rediscutindo a historiografia que silenciou ao longo de quase dois séculos a história indígena.

⁵⁴ Como exemplo, chama-se atenção para uma possível relação entre a presença de chamote em vasilhas do tipo *cambuchí-caguâba*. Esta constatação não foi medida, mas sugere uma escolha tecnológica específica relativa a um determinado tipo de pote.

BIBLIOGRAFIA

- ARAUJO, Astolfo Gomes de Mello. *Teoria e Método em Arqueologia Regional: Um estudo de caso no Alto Paranapanema, Estado de São Paulo*. São Paulo: USP. (Tese de doutorado), 2001.
- ASHMORE, Wendy & KNAPP, Bernard A. "Archaeological Landscapes: Constructed, Conceptualized, Ideational". In: ASHMORE & KNAPP (ed). *Archaeologies of Landscape*. USA: Blackwell Publishers Ltd, 1999. p. 1-32.
- ASSIS, Valéria S. de. *Da Espacialidade Tupinambá*. Porto Alegre: PUCRS. (Dissertação de mestrado), 1996.
- ASSIS, Valéria S. de. & GARLET, Ivori. Subsídios históricos e etnográficos para uma etnoarqueologia Mbyá-Guarani. *Revista de História Regional*. v. 1. n° 7, 2002. p. 207-213.
- BASILE-BECKER, Ítala Irene. "O que sobrou dos índios pré-históricos do Rio Grande do Sul", In: KERN, Arno Alvarez (org). *Arqueologia Pré-Histórica do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992. p.331-356.
- BASILE-BECKER, Ítala Irene. *Os Índios Charruas e Minuanos na Antiga Banda Oriental do Uruguai*. São Leopoldo: Unisinos, 2002.
- BENTO, Cláudio Moreira. Município de Canguçu-RS: formação histórica. Capturado em junho de 2007. <http://www.resenet.com.br/ahimtb/cangucu.htm>
- BERTALANFFY, Ludwig Von. *Teoria Geral dos Sistemas*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1973.
- BINFORD, Lewys R. Archaeology as Anthropology. *American Antiquity*. v. 28 (2), 1962. p. 217-225.
- _____. Smudge Pits and Hide Smoking: The Use of Analogy in Archaeological Reasoning. *An Archaeological Perspective*. New York and London: Seminar Press, 1972. p. 31-51.
- _____. Organization and formation process: looking at curated technologies. *Journal of Anthropological Research*. 35 (3), 1979.
- _____. Em busca do Passado. s.l.: Europa-América, 1991 [1983].
- _____. Willow smoke and dog's tails: hunter-gatherer settlement systems and archaeological site formation. *American Antiquity*, 45 (1), 1980. p. 4-20.
- BRENTANO, Cláucia; ROSA, André Osório e SCHMITZ, Pedro Ignácio. Uma abordagem zooarqueológica do sítio RS-LC-97. *Pesquisas*. n° 63. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas, 2006. p. 203 – 218.
- BROCHADO, José Proença. Migraciones que difundieron la tradición alfarera Tupiguarani. *Relaciones-Sociedad Argentina de Antropología*. Nova Série, Buenos Aires, VII, 1973. p. 7-39.
- _____. Pesquisas Arqueológicas no Escudo Cristalino do Rio Grande do Sul (Serra do Sudeste). *Publicações Avulsas do Museu Paraense Emilio Göeldi*. n° 26 (PRONAPA 5). Belém: MPEG, 1974. p. 25-51.

- _____. *An Ecological Model of the Spread of Pottery and Agriculture Into Eastern South America*. Carbondale: University of Illinois at Urbana-Champaign. (Tese de doutorado), 1984.
- _____. Expansão dos Tupi e da cerâmica da Tradição Policrômica amazônica. *Dédalo* 27, 1989. p. 65-82.
- _____. What did the tupinambá cook in their vessels? An humble contribution to ethnographic analogy. *Revista de Arqueologia da Sociedade Brasileira de Arqueologia*. v. 6, 1991. p. 40-89
- BROCHADO, José J. J. P.; MONTICELLI, G. e NEUMANN, E. Analogia etnográfica na reconstrução gráfica das vasilhas Guarani arqueológicas. *Veritas* v. 35, nº 104, dez. 1990. p. 727-743.
- BROCHADO, José J. J. P & MONTICELLI, G. Regras práticas na reconstrução gráfica das vasilhas de cerâmica Guarani a partir dos fragmentos. *Estudos Ibero-americanos*. Porto Alegre. v. XX, nº 2, dez. 1994. p. 107-118.
- CARLE, Miriam B. Investigação arqueológica em Rio Grande: uma proposta da ocupação Guarani pré-histórica no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: PUCRS. (Dissertação de mestrado), 2002.
- COSTA, Cristiane Oliveira da & CARLE, Miriam B. Análise do Material Cerâmico Guarani de Povo Novo, Rio Grande/RS. *Histórica*. nº 3, 1998. p. 33-44.
- CERQUEIRA, Fábio Vergara; MILHEIRA, Rafael Guedes e LOUREIRO, André Garcia. Arqueologia da Laguna dos Patos no âmbito do Projeto de Mapeamento Arqueológico de Pelotas e Região. *CD de Anais do VII Encontro Regional de História da ANPUH – RS*. Caxias do Sul, 2006.
- CERQUEIRA, Fábio Vergara. & LOUREIRO, André Garcia. Relatório do Mapeamento Arqueológico de Pelotas e Região (Atividades desenvolvidas entre março/2002 e fevereiro/2003). *Cadernos do LEPAARQ*. v. 1, nº.1, 2004. p. 87-108.
- CORRÊA, Ângelo Alves. Variabilidade do registro arqueológico no sítio Teixeira Lopes, Juiz de Fora-MG. In: OLIVEIRA, Ana Paula de Paula Lourdes de (org.). *Arqueologia e Patrimônio da Zona da Mata Mineira*. Juiz de Fora: Editar, 2006. p. 169-180.
- DA SILVA, Graciele O. Silva & ROSA, André Osório. Restos faunísticos do sítio RS-LC-82: uma pequena amostra. *Pesquisas*. nº 63. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas, 2006. p. 219-222.
- DAVID, Nicholas & KRAMER, Carol. Teorizando a Etnoarqueologia e a Analogia. *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre. ano 8. nº 18, 2002. p. 13-60.
- DEBLASIS, Paulo. A. D.; MORALES, W. F. Analisando sistemas de Assentamento em âmbito local: uma experiência com *full-coverage survey* no Bairro da Serra. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia* v. 5. São Paulo: USP, 1995. p. 125 – 143.
- DIAS, Adriana Schmidt. “Um Projeto para a Arqueologia Brasileira: Breve Histórico da Implementação do PRONAPA”. *Revista do CEPA*. Santa Cruz do Sul, 19 (22), 1995. p. 25-39.

- _____. A questão da variabilidade na obra de Lewis R. Binford e sua contribuição para a construção de uma teoria arqueológica. *Revista do Cepa*: UNISC. v. 24. n° 31, 2000. p. 7-42.
- _____. *Sistemas de Assentamento e Estilo Tecnológico: Uma Proposta Interpretativa para a Ocupação Pré-Colonial do Alto Vale do Rio dos Sinos, Rio Grande do Sul*. São Paulo: USP. (Tese de doutorado), 2003.
- FAUSTO, Carlos. “Fragmentos de História e Cultura Tupinambá. Da etnologia como instrumento crítico de conhecimento etno-histórico.” In: CUNHA, Manuela Carneiro da (Org.). *História dos Índios no Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras, 1992. p. 381-396.
- _____. *Inimigos Fiéis. História Guerra e Xamanismo na Amazônia*. São Paulo: EDUSP, 2001.
- FREITAS, Sabrina Escobar. *Arqueologia da região do município de Rio Grande, litoral sul do Rio Grande do Sul, Brasil: perspectivas e considerações sobre o estudo dos pescadores-caçadores-coletores e horticultores*. Porto Alegre: PUCRS. (Dissertação de mestrado), 2005.
- FISH, S. K. & KOWALEWSKI, S. A. (eds.). *The Archaeology of Regions. A Case for Full-Coverage Survey*. Washington: Smithsonian Institution Press, 1990.
- FISH, Susane. “Conclusions: the Settlement Pattern Concept from an American Perspective”. In: BRIAN, R. B. & FEINMAN, G. M. (ed.) *Settlement Pattern Studies in the Americas*. Washington: Smithsonian Institution Press, 1999. p. 203-208.
- GONZALEZ, Manuel & MILHEIRA, Rafael Guedes. Reinterpretando o zoomorfo de tubarão da Coleção “Carla Rosane Duarte Costa”. *Cadernos do LEPAARQ*. v. II, n° 4, 2005. p. 87-98.
- GOULD, Richard & JO WATSON, Patty. A Dialogue on the Meaning and Use of Analogy in Ethnoarchaeological Reasoning. *Journal of Anthropological Archaeology*. v. 1. n° 4, 1982. p. 355-381.
- HENRICKSON Elizabeth & McDONALD, Mary. Ceramic form and function: an ethnographic search and an archaeological application. *American Anthropologist*. v. 85, n° 3, 1983. pp. 630-643.
- HECKENBERGER, Michael & FRANCHETTO, Bruna (org.). *Os Povos do Alto Xingu. História e Cultura*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001.
- HECKENBERGER, Michael. Estrutura, história e transformação: a cultura xinguna na *longue durée*, 1000-2000 d.C. In: HECKENBERGER, M. & FRANCHETTO, B. (org.). *Os Povos do Alto Xingu. História e Cultura*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001. p. 21-62.
- HODDER, Ian. *Interpretación en Arqueología*. Barcelona: Crítica, 1988 [1986].
- HODDER, Ian & ORTON, Clive. *Análisis Espacial en Arqueología*. Barcelona: Crítica, 1990.
- JACOBUS, André Luiz. *Vasilhas cerâmicas guarani arqueológicas em estruturas funerárias*. Porto Alegre: PUCRS. (Monografia), 1994.

- _____. Uma proposta para a práxias em zooarqueologia do neotrópico: o estudo de arqueofaunas do abrigo Dalpiaz (um sítio de caçadores-coletores na Mata Atlântica). *Revista do Cepa*. v. 28, nº 39. Santa Cruz do Sul: UNISC, 2004. p. 49-110.
- KASHIMOTO, Emillia & MARTINS, Gilson Rodolfo. *Uma longa história em um grande rio. Cenários arqueológicos do Alto Paraná*. Campo Grande: Ed. Oeste, 2005.
- KERN, Arno Alvarez. O Sítio Escola Internacional do Pós-graduação em História PUCRS. *Revista de Arqueologia da Sociedade de Arqueologia Brasileira*. São Paulo: SAB. v. 2. nº 8, 1994-1995. p. 89-98.
- LA SALVIA, Fernando & BROCHADO, José J. J. P. *Cerâmica Guarani*. Porto Alegre: Posenato & Cultura, 1989.
- LIMA, Tânia Andrade & LÓPEZ MAZZ, José. La emergencia de complexidad entre los cazadores recoletores de la costa atlántica meridional sudamericana. *Revista de Arqueologia Americana*. Instituto Panamericano de Geografía e História. nº 17, 18, 19, 1999-2000. p. 130-175.
- LOUREIRO, André Garcia. *Sítio PT-02-Sotéia: Análise dos Processos Formativos de um Cerrito na Região Sudoeste da Laguna dos Patos/RS*. São Paulo: USP. (Dissertação de mestrado), 2008.
- MAUHS, Julian & MARCHIORETTO, Salete. Formações vegetais do litoral central. *Pesquisas*. nº 63. São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisas, 2006. p. 115-122.
- MÉTRAUX, Alfred. O Índio Guarani. *HandeBook of South American Indians - The tropical forest tribes*. Smithsonian Institution Washington. v.3. Traduzido por Dante de Laytano, 1948.
- MEGGERS, Betty J. & EVANS, Clifford. *Como Interpretar a Linguagem da Cerâmica, manual para arqueólogos*. Washington, D.C.: Smithsonian Institution, 1970.
- MILHEIRA, Rafael Guedes. *Algumas Possibilidades Interpretativas. Reflexões a partir de uma Coleção Lítica do LEPAARQ-UFPEL*. Pelotas: UFPel. (Monografia), 2005.
- _____. Arqueologia Guarani no Sudoeste da Laguna dos Patos: Problemas e Perspectivas. *Caderno de Resumos do V Encontro do Núcleo Regional sul da Sociedade de Arqueologia Brasileira*. Rio Grande: FURG, 2006.
- _____. Território e Estratégia de Assentamento Guarani na Planície Sudoeste da Laguna dos Patos e Serra do Sudeste-RS: Discussões e Resultados Preliminares. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*. São Paulo: MAE-USP. 2007a. p. 455-458.
- _____. Em busca de um contexto regional de ocupação guarani na margem sudoeste da Lagoa dos Patos. *Anais do XIV Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira*. Florianópolis: UFSC, 2007b.
- _____. Discussão sobre os modelos interpretativos das esculturas sambaquieiras do Brasil e Uruguai. *Anais do XIV Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira*. Florianópolis: UFSC, 2007c.

- _____. “Na Boca da Lagoa”. Uma reflexão etnoarqueológica das atividades de pescadores na Ilha da Feitoria, Pelotas-RS. *Revista do CEPA*, 2007d. (No prelo).
- MILHEIRA, Rafael Guedes; APPOLONI, Carlos R. & PARREIRA, Paulo Sérgio. Estudo Arqueométrico em Análise de Cerâmica Arqueológica Indígena Guarani Através da Técnica de Fluorescência de Raios X (EDXRF). *Resumos do 1º Simpósio Latino-americano sobre Métodos Físicos e Químicos em Arqueologia, Arte e Conservação de Patrimônio Cultural*. São Paulo: Sociedade Brasileira de Física, 2007.
- MIURA, Adalberto. *Mapa Geológico do Estado do Rio Grande do Sul*. EMBRAPA, 2003.
- MONTEIRO, John Manuel. “Os Guarani e a História do Índio Meridional, Séculos XVI-XVII.” In: CUNHA, Manuela Carneiro da (Org.). *História dos Índios no Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras, 1992. p. 475-500.
- MONTICELLI, Gislene. Vasilhas Cerâmicas Guarani: um resgate da memória entre os Mbyá. Porto Alegre: PUCRS. (Dissertação de mestrado), 1995.
- MORAIS, José Luis de. A Arqueologia e o fator Geo. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*. São Paulo: USP, 1999. p. 3-22.
- _____. Tópicos de Arqueologia da Paisagem. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*. São Paulo: USP, 2000. p. 3-30.
- _____. Arqueologia da Região Sudeste. *Revista da USP*. nº 44, 1999-2000. p. 194-217.
- MORALES, Walter Fagundes. 12.000 anos de ocupação: Um estudo de Arqueologia Regional na Bacia do Córrego Água Fria, médio curso do Rio Tocantins. São Paulo: USP. (Tese de doutorado), 2005.
- NAUE, Guilherme; SCHMITZ, Pedro Ignácio e BASILE-BECKER, Ítala I. Sítio arqueológicos no município de Rio Grande. *Pesquisas-Antropologia*. nº 18. Instituto Anchieta de Pesquisas: UNISINOS, 1968. p. 141-152.
- NAUE, Guilherme et al. Novas perspectivas sobre a arqueologia de Rio Grande-RS. *Revista do Instituto de Pré-história*. São Paulo: USP, 1970. p. 91-122.
- NAUE, Guilherme. Dados sobre o estudo dos cerritos na área meridional da Lagoa dos Patos, Rio Grande, RS. *Veritas*, v. 71, 1973. p. 246-269.
- NIMUENDAJÚ, Curt Unkel. As lendas da criação e destruição do mundo como fundamentos da religião dos Apapocúva-Guarani. Tradução de EMMERICH, Charlote & VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. São Paulo: HUCITEC-EDUSP, 1987 [1914].
- NEVES, Eduardo Góes. Twenty years of amazonian archaeology. *Antiquity*. Cambridge: University Press. v. 72, nº 277, 1998. p. 625-632.

- NOELLI, Francisco Silva. *Sem Tekohá não há Tekó (em busca de um modelo etnoarqueológico da subsistência e da aldeia Guarani aplicada a uma área de domínio no delta do Jacuí-RS)*. Porto Alegre: PUC-RS. (Dissertação de mestrado), 1993.
- _____. Por uma revisão das hipóteses sobre os centros de origem e rotas de expansão Pré-históricas dos Tupi. *Estudos Ibero-americanos*. Porto Alegre: PUCRS. v. XX, nº 1, julho 1994. p. 107-135.
- _____. Distâncias entre as áreas de captação de recursos líticos e o sítio arqueológico do arroio do Conde, Rio Grande do Sul. *Revista do Cepa*. v. 21, nº 26. Santa Cruz do Sul: UNISC, 1997. p. 113-131.
- _____. The Tupi: explaining origin and expansions in terms of archaeology and of historical linguistics. *Antiquity*. Cambridge: University Press. v. 72, nº 277, 1998. p. 648-663.
- _____. A ocupação humana na região sul do Brasil: arqueologia, debates e perspectivas – 1872/2000. In: *Revista da USP*. São Paulo: USP. nº 44, 1999-2000. p. 218-269.
- _____. La distribución geográfica de las evidencias arqueológicas Guaraní. *Revista de Indias*. Madrid. v. LXIV, nº 230, enero-abril 2004. p. 17-34.
- _____. José Proença Brochado: vida acadêmica e idéias sobre o passado dos povos Tupi. In: Prous. A & LIMA, T. A. (org.). *Os ceramistas Tupiguarani*. IPHAN, 2008. (no prelo).
- NOELLI, Francisco Silva & BROCHADO, José Proença. O Cauim e as Beberragens dos Guarani e Tupinambá: Equipamentos, Técnicas de Preparação e Consumo. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*. São Paulo: USP, 1998. p. 117-128.
- NOELLI, Francisco Silva; MOTA, Lúcio T. e SILVA, Fabiola A. Pari: Armadilhas de Pesca no Sul do Brasil e a Arqueologia. Anais da VIII Reunião Científica da PUCRS, Coleção Arqueologia v. 2. nº1. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995. p. 435-446.
- NOELLI, Francisco Silva & FERREIRA, Lúcio Menezes. A Perspectiva da teoria da degeneração indígena e do colonialismo nos fundamentos da arqueologia brasileira. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*. v. 4, 2007. p. 1239-1264.
- OLIVEIRA, Kelly de. Um sítio de pesca na margem ocidental da lagoa dos Patos: RS-RG-48. *Pesquisas*. nº 63. São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisas, 2006. p. 307-336..
- ORTON, Clive; TYERS, Paul e VINCE Alan. *Pottery in Archaeology*. London: University Press, Cambridge, 1993.
- PALLESTRINI, Luciana & MORAIS, José Luis de. Prassévichus: aldeia pré-histórica no Município de Itaberá, SP. *Revista do Museu Paulista, Nova Série XXIX*, 1984. p. 151-167.
- PERNIGOTTI, Oscar & ALMEIDA, Áureo Nunes de. *Depósitos Arqueológicos do Município de Rio Grande*, 1961. (Mimeo)

- PESTANA, Marlon Borges. *A Tradição Tupiguarani na Porção Central da Planície Costeira do Rio Grande do Sul, Brasil*. São Leopoldo: UNISINOS. (Dissertação de mestrado), 2007.
- POSEY, Darrel A. “Manejo da Floresta Secundária, Capoeiras, Campus e Cerrados (Kayapó)”. In: *Suma Etnológica Brasileira V. 1 – Etnobiologia*. Rio de Janeiro, 1986. p. 173-188.
- RADAM BRASIL. Levantamento de Recursos Naturais da secretaria do Planejamento da Presidência da República. IBGE. v. 33, 1986.
- REBELLATO, Lílian. *Interpretando a variabilidade cerâmica e as assinaturas químicas e físicas do solo no sítio arqueológico hatahara – AM*. São Paulo: USP. (Dissertação de mestrado), 2007.
- REDMAN, Charles. Multistage fieldwork and analytical techniques. *American Antiquity*. 38 (1), 1973. p. 61-79.
- RENFREW, Colin & BAHN, Paul. *Archaeology. Theories, Methods and Practice*. USA: Thames and Hudson Ltd, 1991.
- RIBEIRO, Pedro A. Mentz et al. *A Ocorrência de Zoólitos no Litoral Centro e Sul do Rio Grande do Sul, Brasil*. Rio Grande: FURG, 2002.
- RIBEIRO, Pedro A. M. & CALIPPO, Flávio Rizzi. “Arqueologia e História Pré-colonial”. In: Tagliani et al. *Arqueologia, História e Socioeconomia da Restinga da Lagoa dos Patos. Uma contribuição para o conhecimento e manejo da reserva da biosfera*. Rio Grande: FURG, 2000. p. 13-40.
- RIBEIRO, Pedro A. M. et al. Levantamentos Arqueológicos na Porção Central da Planície Costeira do Rio Grande do Sul, Brasil. *Revista de Arqueologia da Sociedade de Arqueologia Brasileira*. v. 17, 2004. p. 85-100.
- ROBRAHN-GONZALEZ, E.M. *A Ocupação Pré-Colonial do Vale do Ribeira de Iguape, SP: Os Grupos Ceramistas do Médio Curso*. São Paulo: USP. (Dissertação de mestrado), 1988.
- ROGGE, Jairo Henrique. As teorias adaptacionistas e o estudo de grupos horticultores - A tradição tupiguarani no médio rio Jacuí. *Anais da VIII Reunião Científica da PUCRS. Coleção Arqueologia*. Porto Alegre: EDIPUCRS. v. 1. nº 1, 1995-1996. p 245-254.
- _____. Função e permanência em assentamentos litorâneos da tradição tupiguarani: um exemplo do litoral central do Rio Grande do Sul. *Anais do IX Encontro da Sociedade de Arqueologia Brasileira*. Rio de Janeiro, 1997.
- _____. Assentamentos litorâneos da tradição tupiguarani: Projeto Quintão. *Revista do CEPA*. v. 23, nº 29. Santa Cruz do Sul: UNISC, jan/jun 1999. p. 215-217.
- _____. *Fenômenos de Fronteira: Um Estudo das Situações de Contato entre Portadores das Tradições Cerâmicas Pré-históricas no Rio Grande do Sul*. São Leopoldo: UNISINOS. (Tese de doutorado), 2004.
- _____. O Material Cerâmico dos Sítios do Litoral Central. *Pesquisas*. nº 63. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas, 2006. p. 179-192.

- ROSA, Mario. *Geografia de Pelotas*. Pelotas: UFPEL, 1985.
- ROSA, André Osório. A fauna do litoral central do Rio Grande do Sul. *Pesquisas*. nº 63. São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisas, 2006a. p. 123-133.
- _____. Caçadores de cervídeos no litoral central: o sítio RS-LC-96. *Pesquisas*. nº 63. São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisas, 2006b. p. 223 – 248.
- _____. Análise preliminar dos restos faunísticos do sítio RS-LC-80: uma ocupação Tupiguarani. *Pesquisas*. nº 63. São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisas, 2006c. p. 249-258.
- RYE, Owen S. *Pottery Technology. Principles and Reconstruction*. Washington D.C.: taraxacum, 1981.
- SANTOS, Silvio Coelho dos. Notas sobre a construção da antropologia no Brasil. *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre: UFRGS. ano 3, nº 7, outubro de 1997. p. 62-69.
- SAHLINS, Marshall. *Ilhas de História*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990 [1985].
- SCATAMACCHIA, Maria Cristina Mineiro. *A Tradição Policrômica no Leste da América do Sul Evidenciada pela Ocupação Guarani e Tupinambá: Fontes Arqueológicas e Etno-históricas*. São Paulo: USP. (Tese de doutorado), 1990.
- SCHIAVETTO, Solange Nunes de Oliveira. *A Arqueologia guarani. Construção e desconstrução da identidade indígena*. São Paulo: ANNABLUME editora, 2003.
- SCHIFFER, Michael B. Archaeological Context and Systemic Context. *American Antiquity*. v. 37, nº 2, 1972. p. 156-165.
- _____. *Formation Processes of the Archaeological Record*. Albuquerque: University of New Mexico Press, 1987.
- SCHMITZ, Pedro Ignácio. Paradeiros Guarani em Osório (Rio Grande do Sul). *Pesquisas*. nº 2. São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisas, 1958. p. 113-141.
- _____. (org.) *Pré-história do Rio Grande do Sul. Documentos*. nº 5. São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisas, 2006 [1967].
- _____. *Sítios de pesca lacustre em Rio Grande, RS, Brasil*. São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisas. (Tese de Livre Docência), 1976.
- _____. Território de domínio em grupos Tupi-Guarani. Considerações sobre o médio e alto Jacuí, RS. *Boletim do MARSUL*. nº 3. Taquara, novembro de 1985. p. 45-52.
- _____. “O Guarani: História e Pré-história” In: TENÓRIO, Maria Cristina (Org.). *Pré-história da Terra Brasilis*. UFRJ, 2000. p. 285-292.
- _____. (Org.). A ocupação Pré-histórica do litoral meridional do Brasil. *Pesquisas*. nº 63, 2006.
- SHAPIRO, Gary. Ceramic vessels, site permanence and group size: a mississippian example. *American Antiquity*. v. 49, nº 4, 1984. p. 696-712.

- SHEPARD, Anna O. *Ceramics for the Archaeologist*. Washington D.C.: Carnegie Institution of Washington, 1985 [1956].
- SILVA, Fabíola Andréa. *A Tecnologia e seus Significados. Um Estudo da Cerâmica dos Asuriní do Xingu e da Cestaria dos Kayapó-Xikrin sob uma Perspectiva Etnoarqueológica*. São Paulo: USP. (Tese de doutorado), 2000.
- _____. Produção e Uso da Cultura Material e a Formação do Registro Arqueológico: o Exemplo da Cerâmica dos Assurini do Xingu. *Revista do CEPA*. v. 24, nº 32. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000a. p. 59-110.
- SILVA, Fabiola A., APPOLONI, Carlos et al. A arqueometria e a análise de artefatos cerâmicos: um estudo de fragmentos cerâmicos etnográficos e arqueológicos por Fluorescência de Raios X (EDXRF) e Transmissão Gama. *Revista de Arqueologia da Sociedade de Arqueologia Brasileira*. v. 17, 2004. p. 41-62.
- SIMÕES, M. F. Considerações preliminares sobre a arqueologia do Alto Xingu. *Publicações Avulsas do Museu Paraense Emílio Göeldi*, (PRONAPA 1). Belém: MPEG, nº 6, 1967. p. 129-44.
- SOARES, André Luis R. *Guarani. Organização Social e Arqueologia*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997.
- _____. Horticultores Guaranis: Modelos, Problemáticas e Perspectivas. *Revista do CEPA*. v. 23, nº 30. Santa Cruz do Sul: UNISC, 1999. p. 103-141.
- _____. Arqueologia, história e etnografia: o denominador guarani. *Revista da Sociedade de Arqueologia Brasileira*. São Paulo: SAB. nº 14-15, 2001-2002. p. 97-114.
- _____. *Contribuição para a Arqueologia Guarani*. São Paulo: USP. (Tese de doutorado), 2005.
- STADEN, Hans. *A verdadeira história dos selvagens, nus e ferozes devoradores de homens*. São Paulo: Martins Claret, 2007 [1557].
- SUSNIK, Branislava. *Los Aborígenes del Paraguay. Etnohistoria de los guaraníes. Época colonial*. Assuncion: Museo Etnográfico Andres Barbero. Tomo II, 1979-1980.
- TERMINOLOGIA Arqueológica Brasileira para a Cerâmica. 2ª ed. *Cadernos de Arqueologia*. Paranaguá, ano 1. nº 1, 1976.
- TOMAZELLI, Luiz José & VILLWOCK, Jorge Alberto. “O Cenozóico no Rio Grande do Sul: Geologia da Planície Costeira”. In: HOLZ, Michael e De Ros, Luiz Fernando (ed.). *Geologia do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: CIGO/UFRGS, 2000.
- TRIGGER, Bruce G. *História do Pensamento Arqueológico*. São Paulo: Odysseus, 2004 [1989].
- ULGUIM, Priscilla Ferreira e MILHEIRA, Rafael Guedes. Análise de vestígios zooarqueológicos em dois sítios Guarani litorâneos: PS-02-Camping e PS-03-Totó, Pelotas – RS. *Caderno de Resumos do XIV Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira*. Florianópolis: UFSC, 2007

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Histórias Ameríndias. *Novos Estudos*: CEBRAP. n° 36, 1993. p. 22-33.

_____. Etnologia Brasileira. In: MICELI, Sérgio (org.). *O que ler na ciência social brasileira (1970-1995)*. Brasília: Sumaré/ANPOCS, v. 1: Antropologia, 1999. p. 109-223.

_____. *A Inconstância da Alma Selvagem*. São Paulo: COSAC & NAIFY, 2002.

WAGNER, Gustavo. *Ceramistas pré-coloniais do litoral norte do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: PUCRS. (Dissertação de mestrado), 2004.